

Aline Pinto

# Cadê? Achou!

Educar, cuidar e brincar na  
ação pedagógica da Creche

LIVRO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL  
0 A 3 ANOS E 11 MESES  
CRECHE

  
EDITORA  
POSITIVO

# Cadê? Achou!

Educar, cuidar e brincar na  
ação pedagógica da Creche

LIVRO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

0 A 3 ANOS E 11 MESES

**CRECHE**

## **Aline Pinto**

É graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (2003), com especialização em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas Curitiba (2004). Foi professora, pedagoga e diretora de escolas e centros municipais de Educação Infantil no município de Curitiba, Paraná. Atuou como editora de livros para a Educação Infantil e como assessora pedagógica em várias regiões do país. É autora de materiais didáticos com ênfase em formação de professores e familiares de crianças em creche. Ministra oficinas, cursos e palestras em creches e pré-escolas municipais e particulares de todo o Brasil.

## **Ilustrações**

Aisha Valentina Cardoso Coimbra dos Santos, Antonio Rodenbuch Nicolazzi, Arthur Dumont Petry, Beatriz Del Vecchio Lima Dalcin, Caetano Moraes Pessoa, Felipe Fassina Hummig, Fernanda Barreto Pinto, Francisco Amorim Rocha, Francisco Del Vecchio de Lima Dalcin, Gabriela Esmanhoto Kaminski, Isabelle Andrade Cabral, Joaquim Moraes Pessoa, Julia Dumont Petry, Laura Munhoz Jordão, Luisa Esmanhoto Stival, Maite Moraes Ansiutti, Maria Luiza Amorim Rocha, Maria Luiza Pinto Vianna, Nicolas Lüders Castellar Bonato, Norton Frehse Nicollazi Neto, Rosa Simon Franco, Theo Pospissil Jacinto, Victor Ido Sabino



1ª edição  
Curitiba – 2018

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)  
(Maria Teresa A. Gonzari / CRB 9-1584 / Curitiba, PR, Brasil)

P659 Pinto, Aline.  
Cadê? Achou! : educar, cuidar e brincar na ação pedagógica da Creche : 0 a 3 anos e 11 meses : livro do professor de educação infantil, creche / Aline Pinto ; ilustrações Aisha Valentina Cardoso Coimbra dos Santos ... [et al.] - Curitiba : Positivo, 2018.  
: 18

ISBN 978-85-467-2057-6

1. Educação pré-escolar. I. Santos, Aisha Valentina Cardoso Coimbra dos. II. Título.

CDD 372.3

**Cadê? Achou! – Educar, cuidar e brincar na ação pedagógica da Creche**

© Autoria – Aline Pinto

© Projeto gráfico – Fabíola Castellar

© Capa – Fabíola Castellar

© Ilustrações – Aisha Valentina Cardoso Coimbra dos Santos, Antonio Rodenbuch Nicolazzi, Arthur Dumont Petry, Beatriz Del Vecchio Lima Dalcin, Caetano Moraes Pessoa, Felipe Fassina Hummig, Fernanda Barreto Pinto, Francisco Amorim Rocha, Francisco Del Vecchio de Lima Dalcin, Gabriela Esmanhoto Kaminski, Isabelle Andrade Cabral, Joaquim Moraes Pessoa, Julia Dumont Petry, Laura Munhoz Jordão, Luiza Esmanhoto Stival, Maite Moraes Anselutti, Maria Luiza Amorim Rocha, Maria Luiza Pinto Vianna, Nicolas Lüders Castellar Bonato, Norton Frehse Nicolazzi Neto, Rosa Simon Franco, Theo Pospisil Jacinto, Victor Ido Sabino

Direitos de publicação

© 2018 – Editora Positivo Ltda.

Presidente: Ruben Formighieri

Diretor-Geral: Emerson Walter dos Santos

Diretor Editorial: Joseph Razouk Junior

Gerente Editorial: Júlio Röcker Neto

Gerente de Arte e Iconografia: Cláudio Espósito Godoy

Supervisão Editorial: Jefferson Freitas e Sílvia Eliana Dumont

Coordenação Editorial: Luiz Lucena

Consultoria: Larissa Kautzmann

Edição: Therita Franzini Capelari e Marliana Bordignon

Revisão: Vanessa Schreiner

Supervisão de Iconografia: Janine Perucci

Pesquisa Iconográfica: Juliana de Cássia Câmara e Susan Rocha de Oliveira

Supervisão de Arte: Elvira Fogaça Cika

Edição de Arte: Rafaelle Moraes

Editoração: Linau Blind Ribeiro

Engenharia de Produto: Solange Szabelski Druzczak



Todos os direitos reservados à Editora Positivo Ltda.

Rua Major Heltor Guimarães, 174 – Seminário

80440-120 – Curitiba – PR

Site: [www.editorapositivo.com.br](http://www.editorapositivo.com.br)

Fale com a gente: 0800 723 6568

Impressão e acabamento: Gráfica e Editora Posigraf Ltda.

Rua Senador Accioly Filho, 500

81310-000 – Curitiba – PR

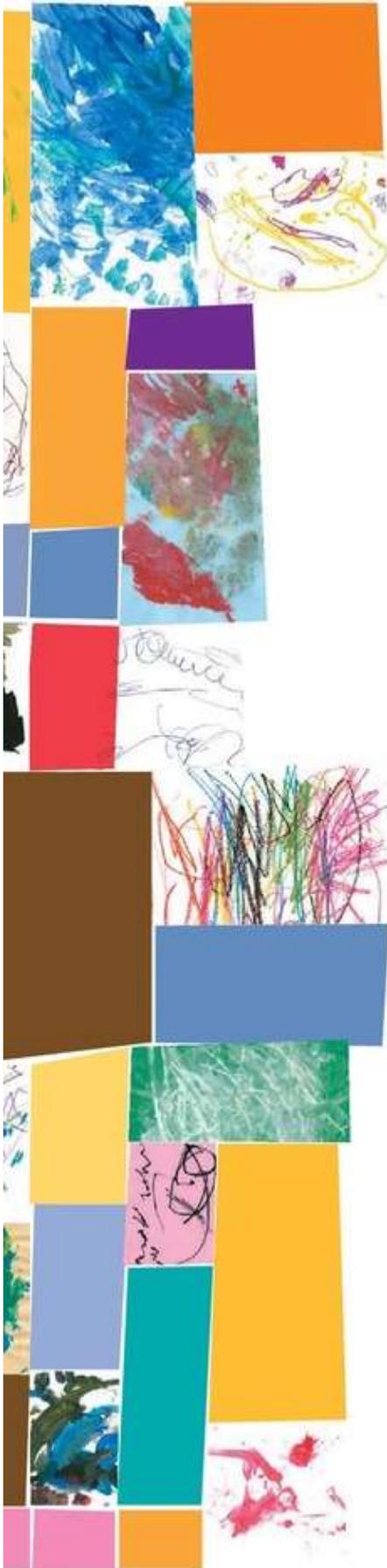
E-mail: [posigraf@positivo.com.br](mailto:posigraf@positivo.com.br)

CNPJ: 75.104.422/0008-82

2018

  
**EDITORA  
POSITIVO**





# Professor,<sup>1</sup>

Este livro pretende contribuir para o desenvolvimento de conhecimentos práticos, alicerçados em uma base teórico-crítica. Almeja, ainda, auxiliá-lo na busca de soluções para os desafios que se descortinam diariamente, reafirmando a importância da integração entre educar e cuidar.

As crianças de 0 a 3 anos e 11 meses apresentam inúmeras características peculiares. A aprendizagem delas se dá de forma muito rápida, principalmente por meio da observação, da imitação, de brincadeiras e da interação. Nesse sentido, a sua intencionalidade, mediação e postura serão imprescindíveis para que os bebês<sup>2</sup> e as crianças pequenas encontrem na creche a oportunidade de viver a infância com todo o encantamento próprio dessa fase.

Os conhecimentos aqui apresentados serão somados aos seus esforços para a construção de um currículo centrado na criança cidadã, em que prevalece o respeito ao desenvolvimento, à cultura da infância, ao percurso criador e ao protagonismo infantil.

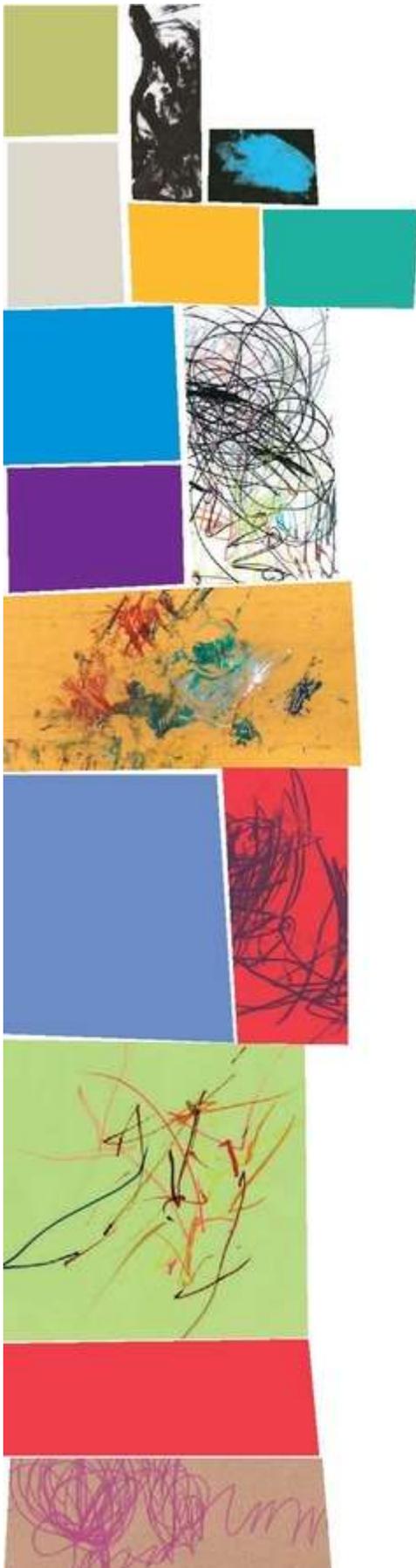
Assumimos, assim, um compromisso ético com a educação de qualidade e com uma sociedade mais justa e igualitária, uma vez que estamos trabalhando com o grande elemento capaz de operar mudanças, foco de toda e qualquer transformação social: a criança!

Bom trabalho a todos.

A autora.

<sup>1</sup> Usamos o termo "professor" para nos dirigir a todo profissional que exerce a função de educar e cuidar de crianças de 0 a 3 anos e 11 meses, pois, seguindo a orientação expressa na Lei nº. 9.394/96, todo profissional que trabalha com a Educação Infantil deve ter formação mínima em Magistério, nível médio.

<sup>2</sup> A ideia biológica não deve ser a única referência para definir quem são os bebês. Culturalmente, crianças com capacidade de andar e falar, mesmo por meio de palavras isoladas e frases não conectadas, deixam de ser bebês. Por isso, nesta obra, vamos considerar como bebês as crianças do nascimento até 1 ano e 6 meses. Depois disso, elas passarão a ser chamadas de "crianças pequenas". Em alguns momentos, quando tratamos de bebês e crianças pequenas, usamos apenas a nomenclatura "crianças".



## Seções e ícone

As seções criadas para esta obra direcionam a leitura para que as ações e as intenções do professor leitor tornem-se mais explícitas.

### *Sinal de alerta*

Indica cuidados que devem ser tomados com os bebês e as crianças pequenas.

### *Você sabia?*

Apresenta textos que extrapolam temáticas abordadas no livro, a fim de ampliar o repertório docente.

### *Para refletir*

Sinaliza questionamentos importantes que conduzem a possíveis intervenções no dia a dia da creche.

### *Possibilidades práticas*

Visa aplicar a teoria no cotidiano da creche, principalmente por meio de sugestões de trabalho.

## Seções e ícone exclusivos dos Capítulos 2 e 3

### *Recepção: momentos de muita atenção*

Direciona as ações necessárias para organizar a recepção dos bebês e das crianças pequenas na sala de referência.

### *Musicalizar e brincar*

Aponta a utilização da música, do som e/ou do silêncio como elementos norteadores da proposta.

### *Estica, dobra e puxa*

Orienta o trabalho com o corpo, por meio de gestos e movimentos (com e sem locomoção), dentro ou fora da sala de referência.

### *Pirlimpimpim, conte para mim*

Direciona a leitura, a contação e a dramatização de histórias, músicas, versinhos e parlendas. Também propõe a confecção de livros e álbuns para que os bebês e as crianças pequenas os apreciem e os explorem.

### *Meleca na mão é pura diversão*

Indica o trabalho com traços, cores e formas no que se refere à exploração e à produção com riscantes, ferramentas e suportes diversos.

### *1, 2, 3 e já*

Propõe o trabalho com espaços, tempos, quantidades, relações e transformações de maneira lúdica.

### *Espelho, espelho meu*

Orienta o trabalho de construção da consciência corporal e da identidade mediante o uso do espelho e a interação com os pares.

### *Relaxar e aproveitar, é só começar*

Orienta as propostas de relaxamento e descanso.

 Indica o tempo aproximado para a realização de uma sequência didática, sempre reafirmando o aspecto de que cada criança tem seu ritmo de aprendizagem e desenvolvimento.





# Sumário

## CAPÍTULO 1

### *Referências para a ação docente* ..... 8

- 1.1 Trajetória histórica das creches:  
proposições legais e conceito de criança ..... 9
- 1.2 Desenvolvimento infantil:  
atenção integral e integrada à criança ..... 18
- 1.3 Espaços, tempos e materiais:  
elementos fundamentais no organizar ..... 37
- 1.4 A centralidade do brincar no cotidiano da criança ..... 61
- 1.5 Educar, cuidar e incluir: a urgência de um novo olhar ..... 72
- 1.6 Família e creche: ação compartilhada que beneficia ..... 88
- 1.7 Planejamento e avaliação ..... 100
- 1.8 A postura do professor na creche:  
uma constante reflexão ..... 111
- 1.9 Currículo: é hora de integração ..... 117

## CAPÍTULO 2

### *Sequências didáticas:*

#### *O a l a m a e 6 meses* ..... 130

- 2.1 Fui morar numa casinha –  
o brincar entre o esconder e o revelar ..... 131  
Casa, casinha, casarão: quanta diversão! ..... 132  
Abriu, fechou, fechou, abriu, fechou: de novo! ..... 139  
*Olé, olé:* vamos brincar de se esconder! ..... 148

- 2.2** O que é que tem no cesto do neném?  
Descoberta, exploração e diversão! ..... 157
- O que é que tem no cesto do neném?  
Texturas, muitas texturas ..... 159
- O que é que tem no cesto do neném?  
Barulhos, sons e silêncio, *shhhhh!* ..... 166
- O que é que tem no cesto do neném?  
Cores e sabores, *eba!* ..... 174
- O que é que tem no cesto do neném?  
Cheirinhos e *atchins!* ..... 179

### CAPÍTULO 3

#### *Sequências didáticas:*

*I ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses* ..... 190

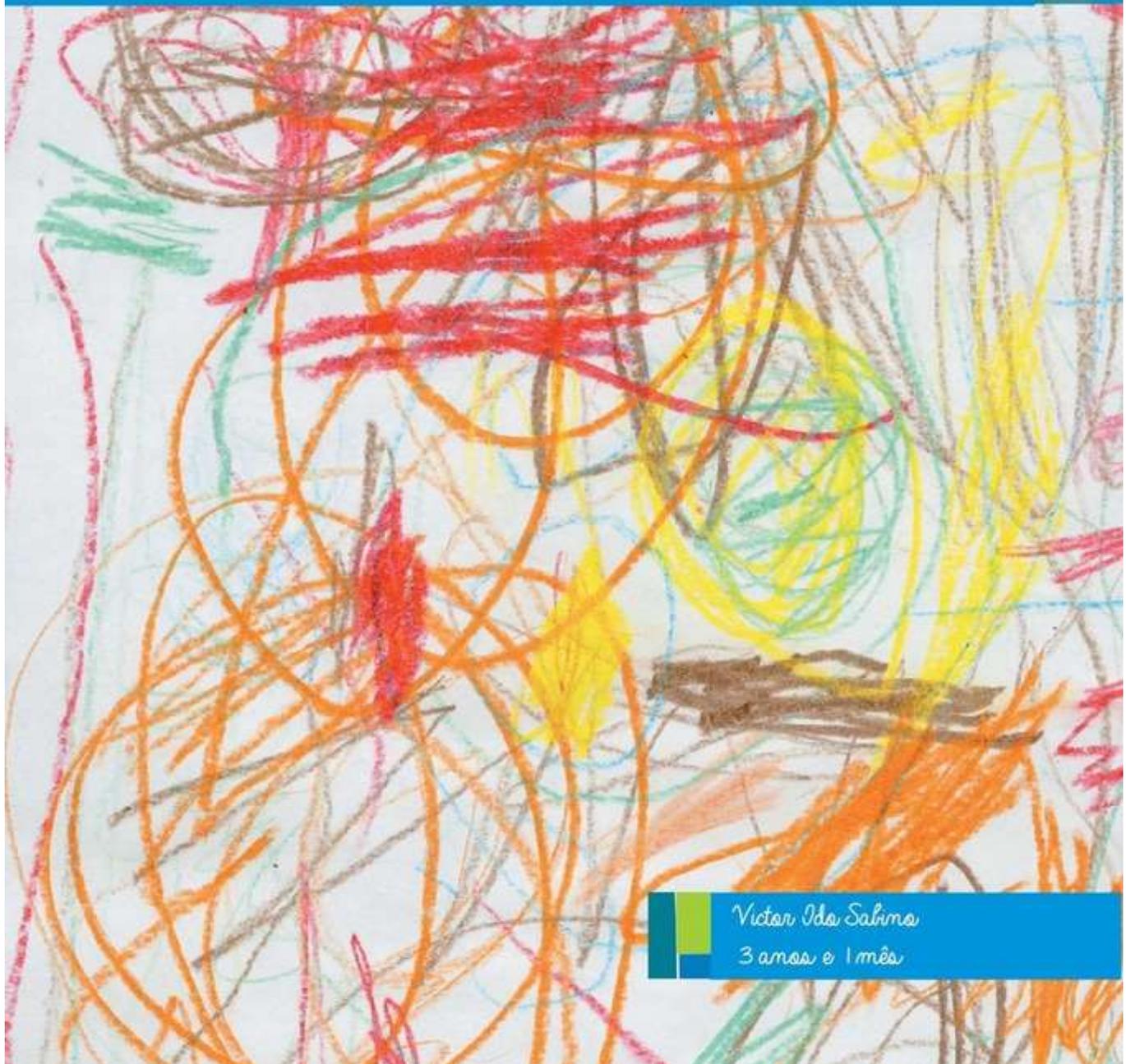
- 3.1** O brincar e as descobertas do olhar ..... 191
- Cabeça, ombro, joelho e pé! ..... 192
- Click, click, zoom!* ..... 207
- Visão e diversão: ação! ..... 214
- 3.2** Terra, ar, fogo e água:  
elementos essenciais para o brincar ..... 227
- Terra: brincadeira à vista! ..... 228
- Ar: inspire e expire, antes que  
a brincadeira termine! ..... 238
- Fogo: a brincadeira vai esquentar,  
mas sem perigo de se queimar! ..... 251
- Água: *xuê, xuá*, não deixe a brincadeira "acabá"! ..... 258

REFERÊNCIAS ..... 279



# CAPÍTULO 1

*Referências para a ação docente*



*Victor Ido Sabino  
3 anos e 1 mês*

## 1.1 Trajetória histórica das creches: proposições legais e conceito de criança

### Saiba

Saiba: todo mundo foi neném  
Einstein, Freud e Platão também  
Hitler, Bush e Sadam Hussein  
Quem tem grana e quem não tem

Saiba: todo mundo teve infância  
Maomé já foi criança  
Arquimedes, Buda, Galileu  
e também você e eu

Saiba: todo mundo teve medo  
Mesmo que se ja segredo  
Nietzsche e Simone de Beauvoir  
Fernandinho Beira-Mar

Saiba: todo mundo vai morrer  
Presidente, general ou rei  
Anglo-saxão ou muçulmano  
Todo e qualquer ser humano

Saiba: todo mundo teve pai  
Quem já foi e quem ainda vai  
Lao Tsé Moisés Ramsés Pelé  
Ghandi, Mike Tyson, Salomé

Saiba: todo mundo teve mãe  
Índios, africanos e alemães  
Nero, Che Guevara, Pinochet  
e também eu e você

ANTUNES, Arnaldo. Saiba. Intérprete: Adriana Calcanhoto. In: CALCANHOTO, Adriana. *Partimpim*. Brasil: Sony, p2004. 1 CD digital, estéreo. Faixa: 10.  
SAIBA – Arnaldo Antunes – 100% Rosa Celeste (Universal MGB).  
ROSA CELESTE EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS/UNIVERSAL MUSIC PUBLISHING MGB BRASIL LTDA.

Sim, todos nós, adultos de hoje, fomos crianças. Mas isso não significa que tivemos as mesmas oportunidades e experiências. A infância está intimamente relacionada ao contexto em que as crianças estão inseridas e à maneira como a família e a comunidade compreendem esse período da vida.

A seguir, abordaremos brevemente a trajetória das creches e as concepções de infância e de criança.



Crianças brincam com bola, em 1970



## Mudanças, quantas mudanças

A nossa sociedade passou e passa por profundas transformações, o que não é novidade. No âmbito da família, houve mudanças desde a composição até o papel assumido pelos integrantes, quando a função dos pais, muitas vezes, passou a ser exercida por avós e outros responsáveis. Há mudanças constantes na velocidade da informação, nos meios de comunicação, na alimentação, no tipo de diversão infantil, na educação e em tantas outras esferas.

É de se esperar, então, que o tratamento dado à criança seja diferente à medida que a sociedade sofre mudanças. Durante muito tempo, os bebês foram considerados seres frágeis, incapazes e imaturos. Hoje, pesquisas atestam que eles são indivíduos com grande potencial no campo da cognição e das relações sociais. Ou seja, a criança "desde pequena não só se apropria de uma cultura, mas o faz de um modo próprio, construindo cultura por sua vez" (OLIVEIRA, 2010b, p. 5).

Portanto, a diferença que percebemos entre as crianças de hoje e as de antigamente pode ser entendida porque são seres históricos inseridos em uma sociedade na qual partilham e constroem determinada cultura.

É fato que convivemos com uma situação alarmante de encurtamento da infância. São vários os fatores determinantes, entre os quais: a influência da mídia, a situação de marginalidade infantil, o trabalho precoce e os abusos que não correspondem à infância que idealizamos.

Infelizmente, não basta o direito à infância estar garantido em papel, em lei, pois as incoerências entre o escrito, o dito e o feito são assustadoras. E é esse o cenário em que devemos pensar e realizar a educação das crianças de hoje. Ou seja, precisamos entender o contexto e, ainda, como chegamos a ele.

Para percorrer esse caminho, a história nos ajudará a compreender a função social exercida pela creche. Precisamos, também, contextualizar nossas ações: Quem foi e quem é essa criança, sujeito de direitos, entre os quais, frequentar um espaço que alie educação, cuidado e intencionalidade?

## Jornada histórica da creche

A creche já foi um espaço de cuidados, com o direito da mãe trabalhadora sobreposto ao da criança. O atendimento infantil, geralmente público ou filantrópico, era focado na guarda, e não na educação, privilegiando os aspectos de higiene, alimentação e saúde das crianças.



Atendimento infantil realizado na Comunidade Vila Prudente, São Paulo, em 1978



Para completar o cenário, existiam (ou será que ainda existem?) as “escolinhas”: espaços privados nos quais as crianças eram preparadas para o antigo ensino primário, que funcionavam meio período, mas somente para os que pudessem pagá-las.

E assim foi estabelecida a inadmissível fragmentação entre a educação e o cuidado. O cuidado era para a classe dos trabalhadores, que necessitavam de um espaço em que seus filhos fossem “guardados”, assegurando-lhes o bem-estar apenas físico. Para as famílias com melhor condição financeira, a escolha era certa: um espaço para preparar e – por que não? – antecipar os conhecimentos das letras e dos números.

A primeira iniciativa legal para ajustar essa situação foi a Constituição Federal de 1988, que, atendendo aos anseios da sociedade, especialmente do movimento de mulheres, definiu como dever do Estado a garantia da oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade para crianças de 0 a 6 anos. Isso foi um marco, preconizando a ideia da criança cidadã, sujeito de direitos, e rompendo com o entendimento da função da creche apenas como alternativa pública ou filantrópica para suprir as necessidades maternas.

Em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ratificou a concepção de criança cidadã e, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) consolidou a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica – um direito da criança.

Outros avanços impulsionaram o Ministério da Educação (MEC), como a produção da Política Nacional de Educação Infantil, em 1994, e a promulgação de suas diretrizes. Entre os princípios básicos estabelecidos pelo MEC para as instituições de Educação Infantil, são relevantes: a ênfase na promoção do desenvolvimento da criança; as interações e a cooperação como forma de aprender e se relacionar, com destaque para a autoestima e a identidade; e o respeito à diversidade de expressões culturais e ao brincar como modo privilegiado de aprendizagem e desenvolvimento.

A defesa pela infância, a promoção dos direitos da criança e a necessidade de ampliar a oferta de atendimento com qualidade na Educação Infantil deram impulso para a produção de outro documento: *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*, publicado em 1995 e reeditado em 2009.

Mesmo com todos esses avanços legais, permanecia a necessidade de materiais de apoio para a discussão das questões político-educacionais e de caráter pedagógico da Educação Infantil. Assim, entre 1998 e 1999, foram publicados dois documentos com a finalidade de orientar, regulamentar e normatizar o trabalho nessa etapa da educação: Referencial curricular nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e Resolução CNE nº 1/99.

### Você sabia?

Em 1862, Emilia Erichsen criou o primeiro jardim de infância público, em Castro, Paraná. Em 1896, foi criado o jardim de infância da Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo.



Caetano Moraes Pessoa

1 ano e 8 meses



O RCNEI contribuiu com reflexões para os profissionais que atuavam diretamente com crianças de até 6 anos, em sala de referência ou mesmo na coordenação e na direção das instituições de Educação Infantil; ampliou a discussão sobre as concepções de criança e de educação, o perfil e a formação profissional e os objetivos dessa etapa; destacou a indissociabilidade entre o cuidar e o educar; e trouxe as especificidades para a atuação com crianças pequenas.

Em função do trabalho com os eixos, o RCNEI foi interpretado como sinônimo de organização curricular obrigatória. Isso não estava entre as suas intenções, porém pode ter ocorrido porque, desde a LDB, o sistema público e os estabelecimentos educacionais desfrutavam de autonomia para elaborar sua proposta pedagógica, incluindo a organização curricular.

Somente com a Resolução CNE nº 1/99, amparada pelo Parecer CNE nº 22/98, as primeiras Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) ficaram estabelecidas, orientando a organização das propostas pedagógicas de cada instituição educativa por meio do estabelecimento de três fundamentos norteadores: princípios éticos (valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidade e singularidade), princípios políticos (valorização dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática) e princípios estéticos (valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade das manifestações artísticas e culturais).

Estabeleceram, ainda, a importância da identidade da própria unidade educacional e de seus agentes (crianças, famílias, professores e outros profissionais); a necessidade de promover práticas de educação e cuidados visando à integração entre os aspectos físico, emocional, afetivo, cognitivo, linguístico e social das crianças nas especificidades da pequena infância; e a construção de conhecimentos e valores pelas crianças, por intermédio de atividades intencionais, estruturadas e livres, integrando as diversas áreas de conhecimento e os aspectos da vida cidadã.

Em relação à avaliação, as DCNEI explicitavam que cada unidade educacional deveria organizar as próprias estratégias, desvinculadas da questão de reter as crianças na Educação Infantil ou promover o ingresso para o Ensino Fundamental.

Pautado pelo princípio da equidade, o MEC publicou, em 2006, o documento *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação*, que traz um preceito essencial: orientar os municípios sobre como investir na Educação Infantil. O documento veio acompanhado da publicação *Parâmetros Nacionais de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil*, que indica adaptações, reformas e construções de instituições de Educação Infantil. E, nessa mesma linha, o documento *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil*, que possibilitou às instituições avaliar conquistas e necessidades de investimento.

Nesse mesmo ano, ocorreu uma mudança significativa no cenário educacional: a promulgação da Lei nº 11.274/06, estabelecendo que o Ensino Fundamental passava a ter nove anos de duração, o que promoveu a inclusão das crianças de 6 anos de idade no Ensino Fundamental e alterou a idade-limite para a frequência à Educação Infantil (Emenda Constitucional nº 53/06). Houve, ainda, a obrigatoriedade

Para saber mais sobre a avaliação de bebês e crianças pequenas, avance para o item 1.7.



de matrícula para uma faixa maior da Educação Básica (Emenda Constitucional nº 59/09), dos 4 até os 17 anos de idade, o que implica a frequência compulsória à pré-escola (4 e 5 anos) e ao Ensino Médio (14/15 a 17 anos), com implementação progressiva até 2016.

À luz da concepção da criança como sujeito social, cidadã de direitos e produtora de cultura, começou-se a delinear um novo capítulo na história da Educação Infantil, no qual a criança finalmente é protagonista. Tal conceito aquece o debate sobre o planejamento curricular, que precisa considerar a criança o centro do processo, bem como sobre a organização espacial e temporal, a fim de assegurar intervenções pedagógicas enriquecedoras.

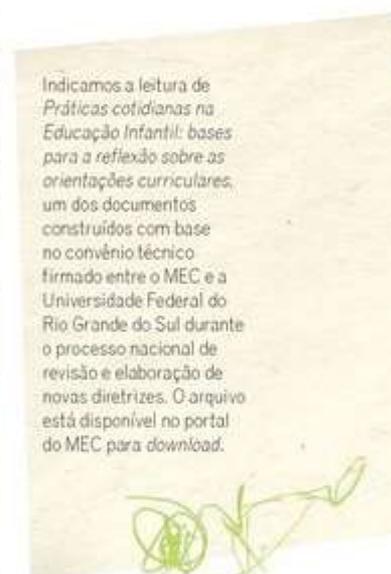
A discussão sobre a promoção do desenvolvimento integral aprimora o olhar para a indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural na pequena infância. Também ressalta a necessidade de assegurar o respeito, a valorização, a participação e o diálogo cotidiano com as famílias, estabelecendo relação com a comunidade local, efetivada por meio da gestão democrática da instituição e da rede pública de educação.

Marcado por mudanças essenciais no conceito de criança e na função sociopolítica dessa etapa educativa, o cenário evidenciou a necessidade de uma revisão das DCNEI. Assim, o MEC e a Secretaria de Educação Básica promoveram um amplo debate sobre o currículo para essa modalidade educacional e, então, a partir da interlocução com a sociedade, são elaborados pelo Conselho Nacional de Educação os seguintes documentos: Parecer nº 20, aprovado em 11 de novembro de 2009, com a revisão das Diretrizes, e Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – documento em vigência.

As atuais diretrizes destacam o reconhecimento das especificidades etárias e das singularidades na pequena infância e a importância da promoção de interações tanto entre crianças de mesma idade como de diferentes idades. Isso se efetiva no momento em que as instituições começam a romper as barreiras etárias e a garantir movimentação e deslocamento amplos nos espaços internos e externos às salas e à instituição.

A defesa de que toda criança tem o direito de conviver, aprender e se desenvolver é enfatizada, bem como a preocupação com a garantia do respeito e o combate a qualquer forma de discriminação e preconceito, com destaque à:

- acessibilidade pelas crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação a espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções;
- garantia de abordagem das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e americanos, por intermédio do reconhecimento, da valorização e do respeito a essas culturas, bem como de combate ao racismo e à discriminação;
- proteção contra qualquer forma de violência e negligência com as crianças, seja no interior da instituição, seja praticada pela família;
- autonomia dos povos indígenas na escolha dos modos de educação de suas crianças de 0 a 5 anos de idade.



Nessa perspectiva, não é possível conceber o currículo como mera listagem de conteúdos nem promover a adequação ou artificializar a estrutura curricular de outras etapas da escolarização para a Educação Infantil. De acordo com o Parecer nº 20/09 do Conselho Nacional de Educação:

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico. Tais práticas são efetivadas por meio de relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e outras crianças, e afetam a construção de suas identidades. (BRASIL, 2009b, p. 6)

As DCNEI explicitam que, na organização da proposta curricular, as práticas pedagógicas devem ter as interações e as brincadeiras como eixos norteadores. As vivências na Educação Infantil "devem possibilitar o encontro pela criança de explicações sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesma enquanto desenvolve formas de agir, sentir e pensar" (BRASIL, 2009c, p. 14).

As diretrizes definem, também, o currículo como um conjunto de práticas que possibilite a articulação de experiências e saberes das crianças com os conhecimentos produzidos pela humanidade. Portanto, o currículo precisa ser entendido como o cotidiano em ação.

Para validar essa intenção, em 2015, o MEC publicou a versão preliminar da Base Nacional Comum Curricular (BNCC); em 2016, a segunda versão desse documento e, em 2017, a terceira. A BNCC é um documento de caráter normativo que orienta a construção das propostas curriculares para a Educação Básica no Brasil. No capítulo referente à etapa da Educação Infantil, estão elencadas experiências a serem planejadas, ofertadas e efetivadas com as crianças, de forma a assegurar direitos de acesso ao patrimônio artístico, cultural, ambiental, científico e tecnológico.

O conceito de experiência de aprendizagem traduz o contexto de vida, compreende a convivência, as relações, a brincadeira, a troca de ideias, o cuidar de si, do outro e do ambiente, as inquietações, a cultura e as descobertas do meio.

Assim, Giussani (2000, p. 23) afirma que:

o que caracteriza a experiência não é tanto o fazer, estabelecer relações com a realidade como fato mecânico; [...] o que caracteriza a experiência é compreender uma coisa, descobrir-lhe o sentido. A experiência implica, pois, a inteligência do sentido das coisas.

A ideia central da Educação Infantil na atualidade, portanto, é propor experiências significativas pelas interações e brincadeiras, rompendo também o desenvolvimento de práticas pedagógicas aligeiradas e a organização rígida do tempo, que não permite às crianças estabelecer relações, investigar e construir sentidos.

Outro aspecto a ser considerado com o avanço das discussões oriundas das legislações citadas é referente ao termo "creche", que foi redefinido como a etapa da Educação Infantil que atende crianças de 0 a 3 anos de idade, independentemente da classe social ou do regime de funcionamento a que estiver atrelada.



Outro avanço que merece destaque é a aprovação do Plano Nacional de Educação, em 25 de junho de 2014, o qual, entre outras metas, previu: "Meta 1: universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE".

Leia mais sobre a BNCC no item 1.9.



No entanto, percebe-se certo preconceito no uso do termo. Alguns familiares preferem dizer que o filho vai para a "escolinha", enquanto profissionais utilizam subterfúgios na nomenclatura para não afirmar que trabalham em uma creche. É preciso debater a ressignificação do termo – atribuir novo significado, considerando uma mudança de sua visão de mundo.

Por isso, este livro pretende enaltecer a nomenclatura "creche", utilizada para se referir a toda e qualquer instituição que ofereça educação e cuidados às crianças de 0 a 3 anos de idade.

## A criança na história: quanta história

Quantos profissionais não reproduzem, ou já reproduziram, comportamentos de suas mães e avós com a intenção de acalmar e cuidar dos pequenos? Em quantas situações "sem solução" os professores acabam recorrendo aos ensinamentos transmitidos de geração em geração, baseados na cultura, no automatismo e na emergência?

Se a opção for por uma proposta pedagógica crítica, reflexiva, consciente e de qualidade, voltada para a integração entre educação e cuidado, não podemos ser meros reprodutores de ideologias e crenças. Até porque temos de considerar a diversidade cultural existente entre as famílias de nossos pequenos. Ou seja, o que é aceito por uma família pode ser condenado por outras, em virtude, por exemplo, de questões culturais ou religiosas.

Defende-se, assim, que as ações dos docentes e dos demais profissionais que atuam nas creches devem se embasar em fundamentos teóricos, práticos, metodológicos e intencionais, para que, dessa maneira, possam argumentar e se posicionar enquanto profissionais da Educação.

## As múltiplas facetas da infância

Quantos comportamentos e quantas ações foram reproduzidos por séculos na educação das crianças e, hoje, são considerados verdadeiros absurdos?

Educar e cuidar de criança é realmente uma tarefa complexa, a qual inicia com a compreensão da larga definição de criança e de infância.

Para efeito da lei, o Estatuto da Criança e do Adolescente determina que criança é a pessoa de até 12 anos de idade incompletos. Genericamente, podemos afirmar, então, que a infância compreende a fase da vida que vai do nascimento à adolescência.

Quantas especificidades, características, fases e emoções cabem em 12 anos? Muitas. Principalmente se considerarmos a velocidade sem igual em que as transformações físicas, biológicas, psicológicas e sociais acontecem nessa etapa da vida.

São várias as concepções, teorias, discussões e áreas do conhecimento que estudam, analisam, constroem e desconstruem a concepção acerca da infância e da criança atual (destacamos a relevância dos recentes estudos da Sociologia da Infância). Por isso, são várias também as divergências, as incompreensões e as inquietações.



 Você sabia?



Pontos centrais dessa obra, escrita pelo renomado pesquisador estadunidense William A. Corsaro, são as relações construídas de forma coletiva pelas crianças entre si e com os adultos e o modo como a cultura é compartilhada, reproduzida e recriada em tais vínculos.

CORSARO, William A.  
*Sociologia da infância*. Tradução de  
Lia Gabriel Regis Reis. 2. ed. Porto  
Alegre: Artmed, 2011.



## Você sabia?

Concepção de criança de acordo com as DCNEI:

"Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva; brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura" (BRASIL, 2009e).

Indicamos o documentário *Infância negada*, quarto episódio da série *O começo da vida*, com direção de Stela Renner, de 2016. O episódio, disponível na internet, aborda o fato de que nem sempre as famílias conseguem oferecer um ambiente adequado para seus filhos, mesmo quando assim o desejam. O documentário traz à tona a necessidade de políticas públicas voltadas também para os adultos responsáveis, no intuito de qualificar a vida de bebês e crianças.

Pediatras, pedagogos, psicólogos, sociólogos, antropólogos e outros especialistas deparam-se com um grande desafio: não basta descrever as fases do desenvolvimento infantil, é preciso percebê-las em constante mudança e adaptação. Com isso, tentam responder à grande questão da atualidade: Afinal, quem é a criança? Se formos lançar mão das teorias educacionais, perceberemos que, ao longo da história, essa criança foi concebida de diferentes maneiras – ora era vista como tábula rasa (com a mente como um papel branco, desprovida de todos os caracteres), ora como adulto em miniatura, ou ainda como um ser frágil, inocente e sem domínio da realidade.

A criança é síntese do momento histórico, político, cultural e social em que vive.

[...] não existe algo como a criança ou a infância, um ser e um estado essencial esperando para ser descoberto, definido e entendido, de forma que possamos dizer a nós mesmos e aos outros, "o que é a criança? O que é a infância?" Em vez disso, há muitas crianças e muitas infâncias, cada uma construída por nossos entendimentos da infância e do que as crianças são e devem ser. (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 63)

Toda essa discussão torna-se distante, inócua, fria, fácil de ser decorada e repetida como jargão, se não compreendemos que criança é essa, quem é esse cidadão de direitos que passa a compartilhar de um contexto de vida coletiva ao iniciar na Educação Infantil.

Relembrar a própria infância pode ser difícil para alguns, ou até mesmo doloroso, mas ajuda a perceber quão complexa e determinante é essa fase ao longo da vida de uma pessoa (e você pode influenciar, e muito, nesse aspecto).

Comece pensando na trilha sonora que o embalava. Você lembra os sons, as músicas, uma cantiga ensinada por um parente? Agora pense nos cheiros, nos aromas da infância. Uma fruta fresca colhida do pé, a comida feita no fogão a lenha ou na panela de ferro ou, simplesmente, feita por alguém especial.

Quais eram a brincadeira e o brinquedo preferidos? Como era o espaço destinado para brincar? A liberdade para correr, pular muros, subir em árvores e nadar em rios está registrada em sua memória?

Lembre-se, ainda, dos amigos, das experiências, do primeiro professor.

Mas talvez nenhum desses sentimentos tenha habitado a sua infância. Então, quem sabe o medo, a angústia, a perda, a fome, o suor do trabalho forçado? A violência, o vício, o abandono?

Ou, ainda, esse momento chamado infância pode nem ter sido registrado em sua memória, pois não foi permitido vivê-lo enquanto descoberta e experiência.

Muitos são os sentimentos que só se fazem evidentes no universo adulto, mas, com certeza, estiveram e estão presentes em algum lugar da nossa e da infância de muitas crianças.

Exercer o Magistério exige despir-se de preconceitos. Um deles, sobre o qual pouco se fala, pois não faz menção a cor, etnia ou religião, é este "pré-conceito": a ideia da criança idealizada.

Infelizmente, nem toda infância é regada pelo lúdico e pela afetividade. A inocência e a fantasia na vida de muitas crianças não são tão óbvias assim, pois, por



vezes, elas são forçadas a crescer, porque nem toda família tem espaço para a fantasia, a imaginação e a brincadeira.

As crianças reais estão inseridas em diferentes contextos socio-culturais, os quais precisam ser lidos pelos professores. Crianças indígenas, ribeirinhas, quilombolas, do campo, de grandes metrópoles, de pequenas cidades, do sertão e do litoral, enfim, são advindas de concepções diversas do que é e de como viver a infância.

#### **SOBRE A INFÂNCIA INDÍGENA**

Zoia e Peripolli (2010) advertem para a necessidade de transpor o senso comum de que todos os indígenas são iguais, pois há distintas culturas e formas de viver. Todavia, afirmam que há uma estreita aproximação na forma como as populações indígenas concebem a infância, a criança e a educação.

A concepção de infância ligada à ideia de liberdade é bastante forte nas populações indígenas em geral e está vinculada à maneira como as crianças são percebidas pela comunidade; como sendo alguém que tem o direito de permanecer em todos os lugares da aldeia, pois este é o seu momento de interagir e aprender com os demais membros do seu grupo de convívio.

Dessa forma, afirmamos, a aprendizagem numa comunidade indígena acontece em todos os lugares, a pedagogia é regida pelo princípio de que todos educam todos. O processo educativo acontece comunitariamente nas atividades que são realizadas na aldeia. É de responsabilidade da comunidade a transmissão dos saberes tradicionais do povo para as futuras gerações. Nesse processo, entende-se que a escola não é o único espaço de transmissão dos conhecimentos, de aprendizagem. A comunidade possui uma sabedoria, a qual precisa ser socializada com as crianças e os adultos são responsáveis pela formação da identidade coletiva. (ZOIA; PERIPOLLI, 2010, p. 14-15)

É urgente perceber que essa criança real, sob sua proteção, cuidado e educação, tem uma oportunidade singular: a de frequentar um espaço que pode resgatar e preservar (ou privar e ignorar) a vivência da infância.

Corroborando esse debate, a concepção apresentada e defendida neste livro é a de criança cidadã, "sujeito ativo que interage com o mundo por meio da brincadeira e principalmente como alguém com direito de viver a sua infância" (OLIVEIRA, 2010b, p. 119).

#### **Sinal de alerta**

Tendo como função garantir o bem-estar, assegurar o crescimento e promover o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças de Educação Infantil sob sua responsabilidade, o documento *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil* atribui aos professores de Educação Infantil o dever de encaminhar "a seus superiores, e estes aos serviços específicos, os casos de crianças vítimas de violência ou maus-tratos" (BRASIL, 2006d, v. 2, p. 39). Se você suspeita ou tem confirmação de qualquer situação que viole os direitos infantis, utilize o Disque 100. A ligação é gratuita e o sigilo de identidade é garantido.



Para saber mais sobre a postura do professor na creche, leia o item 1.8.



Crianças brincam em lagoa no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, em 2010





## 1.2 Desenvolvimento infantil: atenção integral e integrada à criança



Bebê em movimentação livre.

Se os teus pés  
Não encostam o chão  
Usa teu joelho  
Mira no espelho  
Sabe que ir pra além  
Terá de ir de mão em mão

CASTRO, Vinicius. *Aos teus pés*. Intérprete: Grupo CRIA. In: Grupo Cria. Brasil. Disponível em: <<https://soundcloud.com/grupocria>>. Acesso em: 27 set. 2017.

Letra de Vinicius Castro para a música de Fernando Ferraz, gravada pelo Grupo CRIA.

Rolar, pôr o pé na boca, sentar, engatinhar, ficar em pé, caminhar, falar, comer, brincar, correr, cantar, dançar... tantas conquistas em tão pouco tempo, não é mesmo?

Muitos bebês começam na creche com 3, 4 ou 5 meses. Isso significa que iniciam sua vida na Educação Infantil muito cedo. Para que você, professor, possa organizar da melhor forma suas ações com os bebês e as crianças pequenas, é fundamental compreender o desenvolvimento infantil.

### Uma caminhada que faz a diferença

É reconhecido que favorecer o desenvolvimento saudável da criança nos três primeiros anos de vida, incluindo a gestação, dá condições ao indivíduo de, no futuro, lidar com complexas situações cotidianas e colaborar para uma sociedade harmônica e acolhedora.

A creche deve proporcionar um ambiente seguro, acolhedor, desafiante, com pessoas comprometidas e interessadas, que possam apoiar os pequenos em suas descobertas, explorações e aprendizagens. Isso porque o entorno, somado à atuação do professor, terá peso no processo de desenvolvimento físico, cognitivo, motor, social, afetivo e cultural deles.



Vários são os recursos necessários para que o desenvolvimento integral e saudável ocorra, mas o fundamental é a disponibilidade em aceitar essa criança como ela é. Para isso, é preciso conhecê-la, percebê-la, escutá-la, entendê-la e valorizá-la. Assim, a creche vai configurar um ambiente favorável, de qualidade e de referência para os pequenos.

Os bebês, ao nascerem, necessitam da ação do adulto para sobreviverem, mas conquistam gradativamente sua independência. É importante dar tempo e condições para que se desenvolvam no próprio ritmo. Ao professor, cabe um olhar atento para oferecer as melhores condições para isso. Percebe-se que há adultos que, por vezes, querem antecipar algumas etapas. Um exemplo é colocar um bebê sentado quando este ainda não tem sustentação muscular para manter tal postura, enquanto o ideal é oferecer condições para que ele tenha liberdade de se movimentar, rolar e ir, aos poucos, explorando as potencialidades do seu corpo.

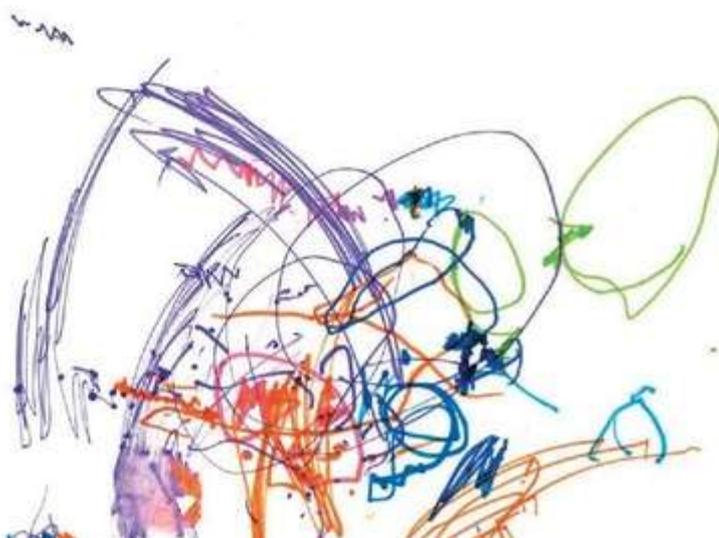
A seguir, vamos comentar algumas etapas do processo de desenvolvimento de qualquer indivíduo. Conhecê-las é um passo importante para oferecer aos pequenos um terreno fértil para aprendizagens sólidas e significativas. Para fins didáticos, serão apresentadas separadamente; no entanto, sabemos que o desenvolvimento de toda criança deve ocorrer de modo integral e integrado.

## Desenvolvimento físico

Ao tratar do desenvolvimento físico, referimo-nos, de modo geral, às alterações corporais ao longo dos anos.

O crescimento dos bebês acontece de forma muito rápida. Em três meses de vida, já estão com quase o dobro do seu peso; ao completar seu primeiro aniversário, esse peso triplica, e 40% de toda a energia do seu corpo dedica-se ao ato de crescer.

O desenvolvimento físico parece acontecer com muita naturalidade na infância, porém vale lembrar que alguns fatores desempenham importante papel para sua efetivação: a hereditariedade, os hormônios, o ambiente e a nutrição.



### Você sabia?

O filme *O começo da vida* iniciou um movimento pela causa da primeira infância para mostrar a importância dos primeiros anos de vida na formação de cada indivíduo.

Sinopse: "Um dos maiores avanços da neurociência é ter descoberto que os bebês são muito mais do que uma carga genética. O desenvolvimento de todos os seres humanos encontra-se na combinação da genética com a qualidade das relações e do ambiente. *O começo da vida* convida todos a ser um agente de mudança na sociedade ao questionar: Estamos cuidando bem dos primeiros anos de vida, que definem tanto o presente quanto o futuro da humanidade?"

O COMEÇO DA VIDA. Sinopse.  
Disponível em:  
<<http://ocomecodavida.com.br>>.  
Acesso em: 24 set. 2017.

Laura Munhoz Jordão  
3 anos e 1 mês



## Sinal de alerta

Os acidentes se configuram como séria questão de saúde pública, sendo a principal causa de morte na faixa de 1 a 14 anos no Brasil. Anualmente, cerca de 4,5 mil crianças morrem e outras 122 mil são hospitalizadas. Estimativas mostram que, a cada morte, outras quatro crianças ficam com sequelas que vão gerar, provavelmente, consequências emocionais, sociais e financeiras a essa família e à sociedade. De acordo com o Ministério da Saúde, R\$ 83 milhões são gastos na rede do Sistema Único de Saúde (SUS). Que tal fazer uma campanha paralela com os familiares das crianças que estão na sua sala de referência, sugerindo a prevenção de acidentes? Essas e outras informações para a campanha, como dicas de prevenção, cuidados específicos, escolha de brinquedos, você encontra no site de ONG Criança Segura. Disponível em: <[www.criancasegura.org.br](http://www.criancasegura.org.br)>. Acesso em: 20 set. 2017.



O grande desafio das políticas públicas atuais é propiciar um crescimento saudável para nossas crianças. Mas como? Entre as várias ações possíveis, estão combater a subnutrição, oferecendo acesso à alimentação de qualidade nas creches e nas escolas públicas, erradicar as doenças infantis, por meio do Programa Nacional de Imunização, e fazer campanhas efetivas para a prevenção de acidentes e contra maus-tratos (e qualquer outro tipo de violência) e trabalho infantil.

### COMO POSSO COLABORAR PARA A MELHORIA DA SAÚDE DAS CRIANÇAS NO MUNDO?

A sugestão é começar com os bebês e as crianças pequenas matriculadas na creche em que trabalha. Veja como:

- verifique se a água usada para beber é filtrada. Caso não seja, torne possível a fervura da água antes de consumi-la;
- certifique-se de que os alimentos ingeridos foram higienizados adequadamente. No caso de carnes e leguminosas, dê preferência aos alimentos cozidos;
- garanta que a lavagem das mãos das crianças aconteça constante e corretamente;
- avise os responsáveis pela criança se houver alteração no comportamento dela;
- só ofereça brinquedos previamente higienizados.

Algumas organizações estão trabalhando para que toda a população infantil seja vacinada e tenha condições de se desenvolver saudavelmente. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) uniram-se para criar a Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância (Aidpi), a fim de combater as cinco principais causas de morte em crianças atualmente: pneumonia, diarreia, sarampo, malária e subnutrição.

É desafiador, mas estabelecer a parceria com os responsáveis por essas crianças que estão na creche é tarefa primordial e de sua responsabilidade. Para gerar mudanças no comportamento dos familiares, é preciso que sua atuação seja comprometida com o desenvolvimento físico infantil. A mudança também depende de você.

## Desenvolvimento cognitivo

Por via de regra, quando falamos em cognição e/ou conhecimento, estamos nos referindo à prática de vida e a todas as experiências consequentes, entre elas, desenvolver e usar a inteligência.

Inteligência é a "capacidade geral da mente, que envolve raciocínio, planejamento, solução de problemas, pensamento abstrato, compreensão de ideias complexas e aprendizagem" (PINTO, 2006, p. 71).



Os primeiros anos de vida são essenciais para o desenvolvimento cognitivo. As mudanças que ocorrem nesse período são extraordinárias; porém mais impressionantes são aquelas ocorridas no cérebro e no sistema nervoso infantil.

Todas as impressões causadas por um estímulo externo, como o sorriso, o olhar e os sinais de irritação, refletem o funcionamento do cérebro; tudo o que as crianças aprendem é armazenado nele.

Avanços na neurociência, biologia molecular, epigenética, ciências sociais vêm mostrando que durante o processo de desenvolvimento, começando pela vida intrauterina, o cérebro é influenciado por condições ambientais. Isso inclui modo de criação, cuidado e estímulos que o indivíduo recebe. O funcionamento cerebral depende da passagem rápida e eficiente de sinais de uma região do órgão a outra. Os neurônios fazem conexões sinápticas entre si. Esses processos, essenciais para o aprendizado, unem-se para formar os circuitos neurais.

Quando uma criança interage com o meio, novos estímulos transitam por esses caminhos, implicando um aumento rápido na produção das sinapses durante os três primeiros anos de vida. (CYPEL, 2011, p. 20)

É por esse motivo que a criação e o cuidado nos primeiros anos de vida têm um impacto crucial na capacidade de aprendizado e no controle emocional. Ou seja, a maneira como familiares, cuidadores e profissionais das creches vão se relacionar com os bebês e as crianças pequenas e a forma como conduzirão a mediação dos pequenos com o ambiente podem afetar diretamente os circuitos neurais.

Em função disso, reafirma-se o compromisso do ambiente da creche em proporcionar relações estáveis, estimulantes e protetoras, para que as crianças possam desenvolver aprendizagens efetivas.

## **O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de linguagem**

Toda expressão do corpo capaz de comunicar é considerada linguagem. O gesto, o movimento, o desenho, a dança, o choro, entre outras manifestações infantis, podem ser considerados linguagens.

O choro é a primeira linguagem e a primeira forma de comunicação com o outro. A prioridade está em aprender a interpretar os vários tipos de choro que o bebê expressa para saber o significado de cada um. Para isso, é necessário criar vínculo afetivo entre os pares. Muitas vezes, o choro substitui as palavras para expressar sentimentos. Nesse caso, ele se torna a linguagem desses sentimentos.

Uma das conquistas mais extraordinárias do ser humano é a aquisição da linguagem verbal, que acontece quando a criança consegue nomear o que deseja. Na maioria das vezes, ela passa a substituir o choro porque consegue expressar sua necessidade por meio da fala, ampliando sua autonomia.

Bebê expressando sentimento por meio do choro





Interação entre bebê e adulto de referência

### Sinal de alerta

"Estudo feito com 329 crianças entre 2 e 24 meses mostra que a televisão nos primeiros anos de vida atrapalha os processos de aprendizado da **linguagem verbal**.

Os pesquisadores da Universidade de Washington, nos EUA, provaram que, quanto mais horas a criança fica em frente à TV, menos aprende a falar ou até mesmo a se comunicar. Isso porque os pais os colocam para assistir a programas infantis e esquecem da interação, fundamental para o desenvolvimento cognitivo dos pequenos."

ALENCAR, Marília. TV atrapalha a linguagem verbal das crianças. *Revista Saúde*. Disponível em: <<http://revistavivasaude.uol.com.br/clinica-geral/tv-atrapalha-a-linguagem-verbal-das-criancas/3633/#>>. Acesso em: 27 dez. 2017.



Por isso é importante oportunizar aprendizagens significativas, que possibilitem às crianças transformar os seus sentimentos em fala.

Evidências científicas revelam que o bebê, ainda no útero, contata o mundo pela audição. Quando nasce, percebe-se envolvido por sons – todos falam ao seu redor e ele absorve a comunicação. Nessa fase, o bebê precisa comunicar que está com fome, sono, dor, medo, ou irritado, sentindo falta do adulto de referência, desconfortável com as fraldas molhadas, entre outras possibilidades de sentimentos e sensações. Então vem o choro.

Aproximadamente a partir do segundo mês de vida, o bebê emite sons classificados como arrulhos, que são a base da linguagem a ser adquirida no decorrer do tempo. Os arrulhos, a princípio, são somente sons de vogais; os sons de consoantes vão aparecendo aos poucos.

Mais ou menos aos 4 meses, dá-se início ao balbúcio, um som longo, que combina vogais e consoantes e deixa todos os adultos completamente encantados. Emitir sílabas específicas é o próximo passo para o aprendizado da linguagem.

Por volta dos 8 meses, os sons mais complexos começam a aparecer. Os bebês tentam imitar os adultos à medida que são incentivados por meio da interação – olhar, sorriso, toques etc. Assim, podemos afirmar que a interação não verbal também tem um papel importante no desenvolvimento e no aprendizado infantil.

Para o psicólogo bielorusso Lev Vygotsky, a princípio, o pensamento e a fala não têm elo, é com a evolução do pensamento e da fala que surge uma conexão, dando condições para que se modifiquem e se desenvolvam (LA TAILLE, 1992).

Segundo sua teoria, o pensamento da criança pequena, inicialmente, evolui sem a linguagem. Os primeiros balbúcios acontecem como uma forma de comunicação ainda sem ligação com o pensamento. Para Vygotsky, já nos primeiros meses, percebe-se a função social da fala do bebê (quando tenta atrair a atenção de um adulto por meio de sons variados).

Ele ainda classifica de **pensamento pré-linguístico** e de **linguagem pré-intelectual** o processo de desenvolvimento ocorrido com a linguagem e o pensamento até por volta dos 2 anos de idade. A partir de então, surge o que o autor chama de **pensamento verbal** e **fala racional**, em que a criança percebe que cada objeto tem um nome próprio e que a sua fala corresponde à ação do intelecto.

Outra importante contribuição deixada por Vygotsky é a constatação de que o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pelas experiências socioculturais da criança.



Por isso, o professor deve assumir um papel interativo diante das crianças. Conversar corretamente, usando um tom de voz agradável, ajudará a despertar nos pequenos o interesse em falar e ser compreendido.

Estudos comprovam que, para uma criança pequena, não são somente as palavras que têm significado. A expressão dos sentimentos, a postura, o tom de voz, o olhar e o semblante que acompanham as palavras também causam efeitos.

Geralmente por volta do primeiro ano de vida, o bebê já pronuncia algumas palavras e, aos 2 anos, começa a juntá-las para dar significação aos seus desejos e sentimentos. Aos 3 anos, tem a oportunidade de se comunicar totalmente por meio da linguagem verbal, desde que seu aparelho fonador mostre condições para tal.

As questões emocionais, bem como a resposta antecipada do adulto ao "tentar adivinhar" constantemente o que a criança necessita, também interferem na aquisição e no desenvolvimento da fala.

Percebemos que a questão sociocultural é intrínseca ao desenvolvimento da fala. Portanto, não perca a oportunidade de fazer da sala de referência um ambiente articulador de grandes possibilidades. Será por meio das linguagens que a criança terá contato com o outro, acesso a descobertas vindouras e muitas oportunidades. Divirta-se com elas!

## O pensamento no desenvolvimento cognitivo

O pensamento é visto como um conjunto de significados que atribuímos à vida e a tudo que está relacionado a ela. Construído paulatinamente, depende de muitas variáveis e tem a capacidade de criar e sustentar mecanismos, de utilizar os mais diversos recursos e de recriar possibilidades, modificando a realidade e a história do ser pensante, dando lugar à existência de cada um.

Toda criança precisa de oportunidades para descobrir e aprender a usar a inteligência. Trata-se de uma conquista diária, em que o esforço individual e a relação com os seus pares darão sustentação, interferindo, fortalecendo ou enfraquecendo as estruturas mentais.

Jean Piaget possibilitou grandes descobertas na área do desenvolvimento infantil com observações e estudos de seus filhos, diferentemente de outros biólogos, que pautavam suas pesquisas, até então, por teoria e cobaias animais.

Na década de 1920, Piaget afirmou que crianças compreendem o mundo pelas experimentações, que são aguçadas pela curiosidade inata. Afirmou, ainda, que elas criam as próprias teorias sobre as experimentações vivenciadas. Por meio de esquemas mentais, elas compreendem o mundo.

### Sinal de alerta

Os bebês aprendem a falar conforme estabelecem relações com as pessoas. O professor é uma poderosa referência de linguagem verbal e gestual. A fala precisa ser afetuosa com as crianças. Todavia, alguns adultos acabam limitando as possibilidades de ampliação de vocabulário das crianças quando utilizam um número reduzido de palavras ou as pronunciam de forma incorreta. Evite talibitales ao falar com o bebê! Converse de forma afetiva, porém correta!



Bebês no processo de interação



- 
- 
- 



Criança pequena explorando um riscante para produzir marcas

© iStock/Getty Images

- O que são esquemas mentais?

São os conhecimentos baseados e adquiridos em ações executadas pelos pequenos.

Pense em atos simples do bebê: sugar e agarrar. Primeiramente, essas ações acontecem por reflexo (como você verá no texto sobre o desenvolvimento motor). Mais tarde, as mesmas ações são projetadas pela intencionalidade e acontecem pela transferência, por exemplo: os bebês percebem que, se podem sugar o seio e agarrar um paninho, poderão também executar a ação de sugar e agarrar outros "objetos". Fácil, não?

Seguindo a teoria de Piaget, outra estrutura dominante para o processo do desenvolvimento mental são os relacionamentos funcionais ou conceituais que acontecem de acordo com a função de cada ação.

- Mas o que são relacionamentos funcionais?

São estruturas que se formam, geralmente, em idade pré-escolar. Dessa forma, as crianças pensam que boneca, carrinho, bola e chocalho "são coisas usadas para brincar", assim como tênis, meia, camiseta e blusa "são coisas usadas para vestir". Ao longo do tempo, essas categorias vão passando para a etapa do abstrato e, quando as crianças chegam à adolescência, conseguem apropriações mais elaboradas, como pensar "droga e velocidade ao volante" na categoria de "complicações graves".

O desenvolvimento mental das crianças, segundo Piaget, acontece em forma de esquemas. O primeiro deles é o esquema das ações; depois, surge o esquema que utiliza funções e conceitos; e somente mais tarde acontecem os esquemas abstratos.

Cada esquema de ação passa por dois processos distintos: acomodação e assimilação. É por esses processos que a criança codifica, decodifica, recria, experimenta e vivencia suas ações.

A acomodação possibilita ao bebê a percepção de que seu esquema de ação (agarrar um chocalho) funciona em outras circunstâncias (agarrar outras coisas além do chocalho: bola, cubos, potes e outros objetos pequenos).

Robert Kail (2004, p. 143) esclarece essa temática afirmando que:

A assimilação e a acomodação são fáceis de entender se você lembrar a ideia de Piaget de que bebês, crianças e adolescentes criam teorias para entender o mundo ao seu redor. O bebê cuja teoria é a de que os objetos podem ser levantados com uma mão descobre que sua teoria é confirmada quando tenta levantar objetos pequenos, mas fica surpreso quando tenta levantar um gigantesco boneco de pelúcia. O resultado inesperado força o bebê, como um bom cientista, a rever a sua teoria para incluir essa nova descoberta.



Os processos de acomodação e assimilação, em geral, acontecem naturalmente. As crianças assimilam as experiências aos esquemas existentes e, às vezes, precisam acomodá-los para se adaptar a novas experiências.

Quando esse equilíbrio é interrompido, a criança percebe que seus esquemas não são mais apropriados; então, ela entra em desequilíbrio. Para se reorganizar, entra em ação a equilibração. As normas ultrapassadas de pensar são substituídas por novos esquemas, agora mais adiantados, que darão conta das novas práticas adquiridas. Essas mudanças renovadoras do pensamento ocorrem três vezes ao longo de nossas vidas, dividindo-as em quatro estágios correspondentes.

O quadro a seguir demonstra o estágio em que a criança da sala de referência pode se encontrar, a idade aproximada (lembrando mais uma vez que nada acontece mecanicamente e que cada criança tem o próprio tempo) e as principais características de cada estágio.

Classificação do estágio	Idade aproximada	Especificidades de cada estágio
Sensório-motor	Do nascimento aos 2 anos	Reflexos inatos. O bebê explora o mundo pela coordenação das percepções sensoriais e de atividades motoras.
Pensamento pré-operatório	De 2 a 6 anos	A linguagem com os outros e consigo mesmo aparece. O importante é o objeto concreto; é agindo sobre ele que a criança o compreende.
Pensamento operatório concreto	De 7 a 11 anos	As operações lógicas são entendidas e aplicadas às experimentações vividas aqui e agora.
Pensamento operatório formal	Da adolescência em diante	Situações hipotéticas, pensamentos abstratos e raciocínio dedutivo já fazem parte de seus pensamentos.



### Você sabia?

Henri Wallon (1879-1962), médico, psicólogo e filósofo francês, reforça a premissa de que o pensamento infantil é construído pela participação "sinerética" da família, do professor ou de outra criança mais velha, de maior convivência com a criança. Ou seja, o outro "empresta" à criança sua forma de pensar, organizar, selecionar e relacionar elementos, assim como de levantar hipóteses até que ela mesma o faça com autonomia. Sua teoria nos mostra mais uma vez a importância do meio sociocultural no qual o bebê está inserido para a construção dos conhecimentos.

## Desenvolvimento motor

Quando pensamos em desenvolvimento motor, logo nos vêm à mente os movimentos coordenados dos músculos e dos membros do nosso organismo. Porém é importante lembrar que é no mecanismo motor que teremos a resposta das operações mentais; nada se faz com o corpo se não passar antes pelo sistema nervoso. É possível comparar nosso corpo a uma tela de vídeo; é por meio desse vídeo que se constata o que já acontece nas representações mentais. Portanto, frisamos a





Lee Zemanek / iStock

Bebê brincando em espaço externo da creche.

necessidade de direcionar um olhar atento à criança pela qual estamos responsáveis, pois ela demonstra, por meio do corpo, suas necessidades, angústias, seus desejos, suas alegrias, enfim, todos os sentimentos e as sensações experimentadas.

Antes mesmo de começar a usar o mecanismo motor, os bebês são dotados de reações inatas, que são desencadeadas por um estímulo específico – o reflexo.

Os reflexos têm funções específicas, entre elas, preparar o caminho para obter nutrientes (sugar), proteger o recém-nascido dos perigos do meio ambiente (retirar o pé quando sua sola encontra algo pontiagudo) e embasar modelos superiores da atividade motora (andar = mais tarde, correr).

O quadro da página seguinte exemplifica alguns reflexos que acontecem nos bebês. Lembre-se de que as fases cronológicas são apenas referências. Respeite o tempo e o ritmo de aprendizagem de cada um!

*Aisha Valentina Cardoso  
Caimbra dos Santos  
2 anos e 8 meses*



Imagem	Denominação científica	Resposta	Aparece	Desaparece
	Sucção	Sucção aos estímulos ao redor da boca	Ao nascer	+ ou - 2-3 meses
	Quatro pontos cardiais ou rotação	Desvio da boca (cima, baixo e lados)	Ao nascer	+ ou - 2-3 meses
	De Moro ou do susto	Movimento repentino de abertura dos braços, dedos das mãos, esticando as pernas, como um susto	A partir do 7º mês de gestação	+ ou - 4 meses
	Preensão palmar ou de agarrar	Fecha a mão ao toque na sua palma	Ao nascer	+ ou - 3 meses
	Preensão plantar	Contração dos dedos do pé ao ser estimulado na sola do pé	Ao nascer	+ ou - 8 meses
	Marcha automática	Anda quando seus pés tocam o chão	Ao nascer	4 meses
	Babinski	Quando a sola do pé é estimulada, os dedos se distendem	Ao nascer	+ ou - 2-3 meses
	Piscar	Fechamento dos olhos na presença de luz ou barulho forte	Ao nascer	Não desaparece



Ao longo dos primeiros anos de vida, muitos reflexos desaparecem, ao mesmo tempo que aparecem as reações (incluindo alguns atos reflexos); estas, sim, permanecem em muitas situações cotidianas.

Observe, a seguir, o quadro com as principais reações nos bebês.

Imagem	Denominação científica	Reação	Data provável
	Óptica de retificação	Acompanhamento com os olhos ao estímulo recebido	2 meses
	Labirintica de retificação	A cabeça acompanha o movimento do tronco	2 meses
	Extensão de proteção para membros superiores	Estende os braços para a frente como proteção ao corpo	A partir de 6 meses
	Extensão de proteção para membros superiores	Estende os braços para os lados como proteção ao corpo	A partir de 8 meses
	Equilíbrio	Postura de sentar	A partir de 6 meses
	Equilíbrio	Engatinhar	A partir de 8 meses
	Equilíbrio	Postura ajoelhada	A partir de 11 meses
	Equilíbrio	Postura em pé	A partir de 12 meses
	Equilíbrio	Postura de andar	A partir de 13 meses



Ao refletir sobre esses processos, percebe-se quão importante é o desenvolvimento motor na vida de uma criança. Ela nasce quase imóvel, totalmente sujeita às vontades de um adulto e, aos poucos, consegue vencer desafios que a fazem cada vez mais independente.

Estar deitado no berço dá ao bebê possibilidades de vislumbrar o teto e as laterais quando vira a cabeça de um lado para o outro (se o berço está com os protetores laterais, ele enxergará somente o tecido com os enfeites).

O alcance de sua visão muda quando fica sentado, mas ainda não tem a possibilidade de buscar aquele objeto que o atrai. Quando começa a engatinhar, seu campo de visão muda novamente, e as condições de chegar perto do objeto desejado já é uma realidade.

A partir do engatinhar e dos primeiros passos, ninguém segura mais o bebê. Tudo o que vê e lhe chama a atenção, seja pelo som, pelo movimento ou pela cor, será alvo de perseguição.

O desenvolvimento motor exige também o desenvolvimento de várias habilidades organizadas e reorganizadas mentalmente em função da tarefa específica que lhe é pedida. Para andar, por exemplo, o bebê precisa de equilíbrio para se manter em pé e de movimentos de cada membro do corpo durante a caminhada; precisa perceber o ambiente com todos os obstáculos que ele oferece, ter necessidade ou querer se deslocar, e assim por diante.

É importante frisar que a criança é única e, por essa razão, não devemos compará-la às outras. Cada uma tem o próprio tempo de descoberta e amadurecimento para que o desenvolvimento aconteça. Toda criança é especial por suas conquistas ao longo dessa caminhada.

## Desenvolvimento social

O desenvolvimento social inicia antes mesmo do nascimento. Um exemplo é a escolha do nome – reflexo da cultura, da história familiar e da expectativa que se tem sobre o bebê. Em uma estrutura familiar, a criança é vista e descrita com os olhos de quem a vê, sente e a intitula (exemplos: "Essa criança é um anjo. Não chora pra nada!" ou "Essa criança não para quieta. Não sei mais o que fazer!"). Por essa razão, precisamos aguçar nossa percepção para descobrir de que forma cada criança da sala de referência é vista na dinâmica familiar e na própria sala.

Por outro lado, quando pensamos em descrever o desenvolvimento social das crianças, traçamos uma linha imaginária que vai desde as interações dessa criança com outras crianças ou pessoas adultas até a relação direta ou indireta que ela tem com o meio em que vive.



Bebê deitado no berço apreciando o móble

### Sinal de alerta

A comercialização de andadores infantis está proibida no Brasil e é desaconselhada pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Os aparelhos são responsáveis por um grande índice de acidentes infantis, como traumatismos e até mortes.

Outro aspecto negativo da utilização de andadores é que eles atrapalham o desenvolvimento infantil. Isso ocorre porque as crianças, quando se deslocam, não apoiam os pés no chão, o que compromete o desenvolvimento muscular de tornozelos, pés, pernas e até mesmo da coluna.

Por isso, lugar de criança que ainda não apresenta autonomia para andar é no chão! A livre movimentação para rolar, virar, arrastar, sentar, engatinhar e ficar em pé é a base para a conquista dos primeiros passinhos.





Adulto de referência segurando bebê

Quando chega à creche, é bastante comum e esperado que a criança apresente um comportamento egocêntrico, exigindo toda a atenção possível para si. Isso ocorre porque, a partir do momento em que começa a frequentar a creche, ela precisa esperar os colegas para se deslocar até o parque, até o refeitório ou a outros lugares específicos, assim como precisa esperar a vez até que um objeto que lhe interesse passe por outras crianças e chegue às suas mãos. Será preciso aprendizado, um processo de interação que se constrói a cada dia, no qual se conhece os seus direitos e os de seus colegas, chegando à compreensão dos limites sociais construídos no meio em que está inserida.

Na creche, a criança conhece muitas outras crianças e há somente alguns professores para atender todas ao mesmo tempo; depara-se com regras, limites, tempo e comportamentos definidos para certas situações que, até bem pouco tempo, não existiam em seu contexto e agora lhe são cobrados. Será mediante o processo da socialização que as crianças obterão modelos, bases, normas, valores e conhecimentos da sociedade a que pertencem.

Realmente não é um processo fácil. Mas, se os professores souberem conduzi-lo, será cheio de aprendizados e descobertas maravilhosas.

#### Antes da creche

A família é a primeira instituição social da qual a criança faz parte. E, como veremos no item 1.6, o modelo de família, hoje, apresenta diferentes maneiras de organização. O importante não é definir a estrutura familiar na qual a criança está inserida, mas, sim, identificar as pessoas adultas que são sua referência.

Na família, o bebê encontra “parcerias necessárias ao seu desenvolvimento e as primeiras negociações com o outro – pais e irmãos –, num espaço de socialização que lhe permitirá assimilar valores e, no futuro, inserir-se em outros grupos sociais” (PINTO, 2006, p. 9).

A convivência que a criança estabelece com a família lhe trará condições de auxílio, amparo e respostas às suas necessidades. Essas experimentações tornam-se pontos primordiais para o contato com outros seres humanos. Os professores da creche também servirão de referência e, portanto, sua interação com a criança vai gerar aprendizado para futuros relacionamentos.

Será pela consolidação das relações que acontecerá o jogo de espelhos, uma organização interna em que o bebê se espelha no outro para se identificar, reconhecer-se e diferenciar-se.



Avós cuidando do neto



## Na creche

As relações sociais têm uma ligação muito forte com as relações afetivas e as experiências de vida. Quando a família opta, geralmente por necessidade, em deixar seus pequenos na creche, nem sempre percebe quão importante é esse espaço para o desenvolvimento social da criança.

No entanto, a creche oportuniza condições de identificação, reconhecimento e diferenciação como ser humano. Estar nela pode fazer bem, e muito, ao desenvolvimento social da criança.

Os bebês poderão estar em um mesmo espaço, porém cada um interessado no seu objeto (ou pessoa), em brincadeiras paralelas. Aproximadamente aos 6 meses, eles começarão a mudar de comportamento, tocando-se ou puxando roupas, e o processo de participação e interação grupal vai acontecendo aos poucos.

## Momentos difíceis

Os contatos e os relacionamentos infantis serão fatores determinantes para a descoberta do outro e de si mesmos. Por meio de novos desafios e oportunidade para vencê-los, a criança poderá criar alternativas, fazer trocas e buscas que a ajudarão a dar conta de si, das situações e de seu desenvolvimento.

Um outro momento muito importante e que pode gerar um grande estresse para você e para a criança e seus familiares é a separação física dela de seu adulto de referência na hora de ficar na creche. Tal ocasião delicada exige segurança e tranquilidade. Seguem algumas considerações para tanto:

- O que fazer se o bebê chorar quando deixado na creche?

Segundo Donald Winnicott, pediatra e psicanalista britânico, o uso de um objeto transicional pode ajudar muito nessa situação.

- O que é um objeto transicional?

Trata-se de um objeto de estimação da criança, usado no espaço de casa ou com a pessoa de referência. Uma chupeta, um paninho (o famoso "cheirinho") ou um bichinho de pelúcia que ela manuseia com carinho nas horas mais conturbadas (sono, separação). Winnicott explica que tal objeto ajudará o pequeno a se desligar da pessoa, pois acabará fazendo a transferência da relação de afeto da pessoa para o objeto. Por isso, recomenda-se o uso de objetos de apego principalmente nas primeiras semanas delas na creche.



Bebês interagindo entre si e com o adulto de referência, explorando o espaço e os brinquedos





Lembre-se sempre de higienizar as almofadas, os cobertores ou qualquer outro objeto de apegos.



Bebê usando chupeta

Para facilitar o acolhimento dos bebês, converse com os familiares sobre a utilização dos objetos de apegos, solicitando-lhes o envio do travesseirinho, da coberta ou de outro objeto que "acalme" os bebês.

Se a preocupação for o fato de o bebê se apegar e não querer desgrudar do objeto, fique tranquilo, pois, assim que ganharem confiança e se sentirem seguros na sala de referência, estarão ávidos por explorar as novidades e nem se lembrarão do objeto de apegos.

#### O USO DA CHUPETA PODE SER PERMITIDO NA CRECHE?

"É errado os educadores proibirem que os pequenos chupem chupeta. Não há motivo para isso", explica Maria Paula Zurawski, mestre em Educação, formadora em projetos de capacitação em redes públicas e particulares e professora de pós-graduação em Gestão Pedagógica e Formação em Educação Infantil. O objeto desempenha um papel importante na adaptação dos pequenos quando eles começam a frequentar a creche porque é útil para preencher a falta dos pais, funcionando como uma lembrança da casa enquanto o vínculo com o educador e com as outras crianças não for estabelecido plenamente.

CRECHE: sete respostas para as dúvidas mais comuns sobre a chupeta. *Nova Escola*, São Paulo, p. 49, maio 2010.

Será preciso usar o bom senso para estipular o tempo de uso da chupeta. A sua interação com essa criança é fundamental. Ela precisa se perceber aceita, segura e amada, estabelecendo uma relação de qualidade de maneira que possa suprir não só as necessidades físicas e biológicas, mas, principalmente, as afetivas e, conseqüentemente, as cognitivas.

Na creche, a criança encontrará situações específicas para aprender regras, limites e trocas, por meio de brincadeiras e interações. O planejamento e a intencionalidade do professor atuam em favor do desenvolvimento social dos pequenos.

A seguir, estão elencados os principais comportamentos e conquistas durante o processo de desenvolvimento social infantil. Lembrando mais uma vez que cada criança tem seu ritmo.

#### 0 a 3 meses:

- ainda percebe seu corpo como extensão do corpo de sua mãe;
- identifica, aos poucos, as diferenças entre objetos e pessoas;
- esforça-se para sustentar a cabeça.



#### 4 a 6 meses:

- demonstra curiosidade por outras crianças;
- simpatiza mais com seres humanos do que com objetos;
- reage negativamente às mudanças bruscas no cotidiano;
- sorri quando falam com ela.

#### 7 a 9 meses:

- manifesta alegria com as brincadeiras de perdeu/achou;
- apresenta preferência por alguém;
- assusta-se com situações desconhecidas;
- demonstra carinho com apertos e esfregões no rosto da pessoa que ama.

#### 10 meses a 1 ano:

- percebe que não faz mais parte do corpo de sua mãe;
- corresponde aos pedidos de beijos, tchau e bater palmas;
- repete situações em que recebeu incentivo positivo;
- procura pessoas conhecidas com o olhar.

#### 1 ano e 1 mês a 1 ano e 6 meses:

- apresenta preferência em estar acompanhado nas brincadeiras;
- testa os adultos para saber até onde pode ir;
- aprecia a companhia de outras crianças;
- entende o que lhe falam, mas nem sempre faz o que lhe pedem.

#### 1 ano e 7 meses a 2 anos:

- repete comportamentos, tornando a imitação cotidiana em suas brincadeiras;
- mostra quando gosta ou não de estar em lugares diferentes;
- interage com pessoas e crianças mais próximas;
- demonstra preferência pelos brinquedos de outras crianças.

#### 2 anos e 1 mês a 2 anos e 11 meses:

- torna-se um ser falante;
- testa os adultos à sua volta com birras;
- impõe suas vontades;
- entende que suas escolhas e atitudes não aprovadas pelos adultos terão consequências;
- veste-se com supervisão.



Bebê expressa carinho tocando o rosto do adulto de referência



Criança pequena fazendo birra





Francisco Amorim  
Recha  
3 anos e 9 meses

### 3 anos a 3 anos e 11 meses:

- conversa para trocar ou emprestar brinquedos, podendo, ainda, apresentar dificuldade na partilha;
- imita os adultos de sua convivência;
- apresenta necessidade de afirmação e independência;
- recusa com frequência as propostas dos adultos, utilizando muito o "não" como resposta;
- responde de maneira solidária a pessoas machucadas ou tristes;
- aprecia brincar com outras crianças;
- pode manifestar sentimentos de egocentrismo;
- apresenta interesse em saber o nome dos pais, irmãos, avós e outros parentes próximos.

A criança descortinará um mundo agradável e acolhedor para viver mediante a qualidade das trocas entre ela, a família, outras crianças e pessoas adultas à sua volta, ampliando, assim, suas outras conquistas no que diz respeito às características afetiva, cognitiva, motora e física.

## Desenvolvimento afetivo

Quando pensamos no desenvolvimento afetivo das crianças, referimo-nos a todas as possibilidades de trocas e manifestações afetivas em forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhadas de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza. A importância dessas trocas é indiscutível para a qualidade dos futuros envolvimento.

### NOSSAS CRIANÇAS TÊM DIREITO A EXPRESSAR SEUS SENTIMENTOS

- Nossas crianças têm direito à alegria e à felicidade
- Nossos meninos e meninas têm direito a expressar tristeza e frustração
- Procuramos ensinar meninos e meninas como expressar e lidar com seus sentimentos e impulsos
- Procuramos sempre enfrentar as reações emocionais das crianças com carinho e compreensão
- Procuramos sempre entender as reações das crianças e buscar orientação para enfrentar situações de conflito
- O bem-estar físico e psicológico das crianças é um de nossos objetivos principais
- Ajudamos as crianças a desenvolver sua autonomia
- Sempre conversamos com as crianças sobre suas experiências em casa e no bairro
- Nossas crianças podem, sempre que querem, procurar e ficar perto de seus irmãozinhos que também estão na creche
- Nossas crianças expressam seus sentimentos através de brincadeiras, desenhos e dramatizações



- A manifestação de preconceitos de raça, sexo ou religião nos mobiliza para que procuremos incentivar atitudes e comportamentos mais igualitários na creche.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenadoria de Educação Infantil. *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. Brasília, 2009. p. 25.

### Amamentação

É na amamentação que o bebê tem a oportunidade de perceber o olhar de quem o amamenta. Além de físico, o ato de amamentar é profundamente emocional. É por meio do olhar da mãe que o bebê se vê. Esse olhar lhe dará segurança ou não, a certeza de ser desejado ou não; ou seja, seus sentimentos dependem da linguagem desse olhar.

Tudo aquilo que faz parte desse momento especial, como o cheiro (reconhecido quase imediatamente após o contato com o seio da mãe), o carinho e o aconchego, torna-se um registro para ser usado em uma futura estrutura psíquica fortalecida.

O mesmo acontece no caso da mamadeira, quando o olhar de quem lhe oportuniza esse objeto tem a mesma função do olhar da mãe ao amamentar, desde que essa criança se sinta desejada e amada pelo adulto que representa o papel da mãe.

Geralmente, esse momento único cabe à mãe biológica; mas sabemos que, por inúmeros motivos, outra pessoa pode cumprir esse papel. Estamos nos referindo àquela pessoa adulta que "adota" (literalmente ou não) a criança, dando-lhe calor, afeto e proteção.

### O papel do professor nesse contexto

Quando as crianças vão para a creche e se veem longe da família, sentem-se inseguras e desprotegidas. Nesse momento, abre-se um caminho para o início de um relacionamento afetivo forte que poderá ser estabelecido com o professor. Os comportamentos de acolhimento, tolerância, envolvimento, valorização e proteção do adulto diante da criança transmitem tranquilidade e segurança. Todas essas ações são demonstradas por meio do tom de voz, do contato físico, da proximidade e do olhar – um admirável recurso, tão óbvio, humano e necessário.

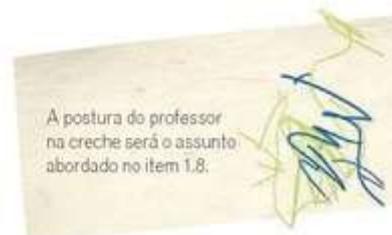
Segundo Bowlby (MOYLES, 2010), as crianças refletem aquilo que experimentam enquanto bebês; portanto, se vivenciarem desde cedo a confiança e a empatia, serão crianças que saberão interagir com segurança e habilidade na idade pré-escolar. No entanto, se as primeiras experiências afetivas não forem bem-sucedidas, mais tarde encontrarão problemas nas interações. É evidente que o vínculo entre a criança



Bebê sendo amamentado

### Você sabia?

"A amamentação, quando praticada de forma exclusiva até os 6 meses e complementada com alimentos apropriados até os 2 anos de idade ou mais, demonstra grande potencial transformador no crescimento, no desenvolvimento e na prevenção de doenças na infância e na idade adulta. As evidências científicas comprovam que o leite materno proporciona um melhor desenvolvimento infantil" (CYPEL, 2011, p. 24).



A postura do professor na creche será o assunto abordado no item 1.8.





### Para refletir

- Pensando em uma experiência em que o vínculo afetivo tenha sido um fator importante para o desenvolvimento das crianças, como você descreve sua relação afetiva com elas?



e o adulto de referência trará a ela a segurança e a confiança tão necessárias para a credibilidade em outras pessoas adultas.

Os bebês percebem quando suas necessidades são prontamente atendidas e acabam desenvolvendo um modelo interno a respeito da disponibilidade e da receptividade dos adultos no seu cotidiano.

É imprescindível o estabelecimento de vínculo entre o professor e a criança. O afeto é o principal ingrediente para que o vínculo seja instituído entre quaisquer pares. Uma ação (nesse caso, com afeto) dará motivos para que a criança responda por meio de outra ação também afetuosa. Ou seja, a resposta positiva ou negativa muito dependerá das sensações anteriores.

## Considerações finais

Depois de conhecer as principais características acerca do desenvolvimento das crianças, fique atento aos seguintes comportamentos infantis que refletem os principais sinais de alerta na fase de 0 a 3 anos e 11 meses:

- apresenta dificuldade em acordar, mesmo na presença de sons variados;
- demonstra agitação e sono interrompido;
- segura ou protege as orelhas com frequência;
- aumenta, sempre que pode, o volume dos objetos (TV, rádio) para escutar;
- demonstra dificuldade na percepção de sons fortes (como uma buzina);
- coloca objetos muito próximos aos olhos;
- apresenta olhos irritados: vermelhos, com secreção ou lacrimejantes;
- há suspeita de estrabismo;
- reclama de dores de cabeça com frequência;
- aperta os olhos ou franze a testa ao focalizar algo que lhe interessa;
- cai seguidamente, demonstrando constante falta de equilíbrio;
- apresenta alguma parte de seu corpo imóvel;
- produz muita secreção nas orelhas;
- manifesta falta de atenção ao que lhe é ofertado e ao que há na sala de referência;
- corresponde com dificuldade ou não corresponde aos sorrisos;
- mostra dificuldade em manter contato visual com as pessoas;
- sente muita dificuldade ao tentar pegar os objetos;
- demonstra atraso no surgimento da linguagem;
- apresenta dificuldade na interação com as demais crianças ou se isola.

Se você perceber um ou mais desses sinais, tome as providências cabíveis, repassando o caso à Coordenação e/ou Direção para que os encaminhamentos necessários sejam realizados.

Entender o processo de desenvolvimento dos pequenos não é uma tarefa fácil; por isso são necessários o estudo, o interesse e a disposição para cada vez aprender mais.





### 1.3 Espaços, tempos e materiais: elementos fundamentais no organizar

Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão, é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno: é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar. O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar, é barulho forte, forte demais ou pelo contrário, silêncio, é tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor... O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono, desde quando, com a luz, retornamos ao espaço.

(BATTINI apud ZABALZA, 1998, p. 231)

#### Espaço: definições necessárias

Para a criança, o espaço é o que a vitaliza, o que lhe abre ou não possibilidades de estar em relação com ela mesma, com os outros seres, com os elementos e com o próprio mundo.

Se as crianças permanecem muitas horas durante o dia na creche, bem como na sala de referência, como deve ser esse espaço? Precisa ser agradável, flexível, acolhedor, desafiador e proporcionar o brincar, a interação, a segurança e, ainda, potencializar o desenvolvimento integral infantil.

Quando ficamos muito tempo em determinado espaço, acabamos viciando o nosso olhar e não percebemos os detalhes, as potencialidades e os limites do local. Para que um espaço se configure como propulsor do desenvolvimento infantil, é necessário que seja pensado e organizado para isso.

Para começar essa reflexão, solicitamos a você que pare um instante e se lembre da sua sala de referência. Como ela está organizada hoje? Pense nas cores das paredes, nas mobílias, nos brinquedos... Tente se recordar de todos os detalhes que a compõem.



Bebê explorando a tentativa da postura em pé





### Para refletir

1. De que você mais gosta na sala de referência onde atua? Por quê?
2. Qual cheiro lhe vem à memória?
3. A iluminação é agradável? As janelas permitem às crianças visualizar o lado externo e garantem uma boa ventilação?
4. Que som vem à sua mente? Choro? Risadas? Cantigas?
5. Se puder mudar algo, o que mudará? O que tirará? O que acrescentará?
6. Como as crianças ocupam esse espaço? Que cantinho mais apreciam?
7. Como você se sente nesse espaço? Você acredita que as crianças se sentem da mesma maneira?
8. Como as paredes são ocupadas? As produções das crianças estão presentes?
9. As crianças têm autonomia e livre acesso a brinquedos e outros materiais? Como eles estão organizados?
10. Pense em uma palavra e uma imagem que definam a sua sala.



### ☞ Você sabia?

O trabalho de Maria da Graça Souza Horn, renomada teórica brasileira, é uma referência no estudo das possibilidades e dos limites da organização dos espaços da Educação Infantil. Para conhecer mais o trabalho da autora, sugerimos a leitura da obra *Brincar e interagir nos espaços da escola infantil*, da editora Pense, que aprofunda o conceito do espaço como um parceiro pedagógico.



Esperamos que você, professor, já se sinta muito bem nesse espaço e que deseje estar nele; no entanto, é importante refletir: Como os bebês e as crianças pequenas se desenvolvem nesse espaço? E se revirmos e ampliarmos as experiências e os desafios, eles se desenvolverão de maneira diferente?

Se você respondeu "sim" para a última questão, é preciso pensar em mudanças conscientes que busquem um espaço que liberte, que seja pensado, concebido, organizado e concretizado com foco na intencionalidade educativa e nas especificidades infantis.

Pensar o espaço da creche atravessa as quatro paredes de uma sala e os elementos nela existentes, até porque esse espaço é composto, em primeiro lugar, de pessoas que se encontram, socializam entre si (ou não) e se "experimentam"! As relações que se estabelecem nesse espaço criam o clima do ambiente, que pode ser agradável ou não. Assim como o espaço, o ambiente, dependendo da maneira como se apresenta, pode ser desafiante ou limitante.

## Organização dos espaços e ambientes

Para Maria da Graça Souza Horn (2017, p. 18):

O termo "espaço" refere-se aos locais onde as atividades são realizadas e caracteriza-se pela presença de elementos, como objetos, móveis, materiais didáticos e decoração. O termo "ambiente", por sua vez, diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais dos indivíduos envolvidos nesse processo, ou seja adultos e crianças.

Portanto, no espaço, situam-se os aspectos mais objetivos, enquanto no ambiente situam-se os mais subjetivos. Nesse sentido, não se considera somente o meio físico ou material, mas também as interações que são produzidas nesse meio.

A relação entre espaço e ambiente é de dependência, complementaridade, soma e fortalecimento.

O espaço deve ser considerado um aliado, um parceiro do professor, também um educador, porque, quando é pensado e organizado voltado para a criança, promove qualidade nas relações estabelecidas no contexto de vida coletiva. Dentro de um espaço organizado e estruturado ao encontro das necessidades infantis, as crianças se comportarão de maneira mais autônoma, o que poderá diminuir os conflitos entre os pequenos e sua dependência do adulto.



Para agir como um educador para a criança, o ambiente tem de ser flexível: ele precisa passar por modificações frequentes de parte das crianças e dos professores para se manter atualizado e responsivo às suas necessidades de serem protagonistas na construção do próprio conhecimento. Todas as coisas que o rodeiam e que são usadas pelas pessoas na escola – os objetos, os materiais e as estruturas – são vistas não como elementos passivos, e sim como elementos que condicionam e que são condicionados pelas ações das crianças e dos adultos que estão ativos nele. (GANDINI, 2016, p. 335)

Para reforçar a importância da organização dos espaços e dos ambientes na creche, estabeleça uma analogia com o espaço da sua casa: Quando você troca um móvel de lugar, muda a decoração, pinta uma parede de outra cor, ou simplesmente alinha um quadro, o que pretende? Provavelmente, deixar esse espaço mais agradável, bonito, funcional e aconchegante.

Ninguém organiza um espaço para não se sentir bem nele; ao contrário, sempre pensamos que, quando se trata da nossa casa, queremos um espaço que nos acolha e seja confortável, e isso ocorre pela identificação que temos com esse espaço, com o ambiente, com os cheiros, os sons, as relações e as memórias que ali se estabelecem.

Vamos além; quem nunca escutou de um conhecido: “Uau! A sua casa é a sua cara!”? De fato, nossa casa imprime nossas características, nossos gostos, nossas preferências, enfim, nossa identidade.

Agora, faça a transposição dessa situação para sua sala de referência e reflita: O espaço da sala precisa traduzir a identidade de quem? Do adulto? Apenas das crianças? Ou quem sabe do grupo que o ocupa?

A organização do espaço, a identidade que lhe é impressa, revela muito da concepção que se tem de criança, de aprendizagem e de educação. As paredes, a disposição de móveis e dos materiais devem comunicar quem ocupa o espaço, o que é feito nele e a cultura construída na coletividade.

## **Espaço de qualidade: um direito infantil**

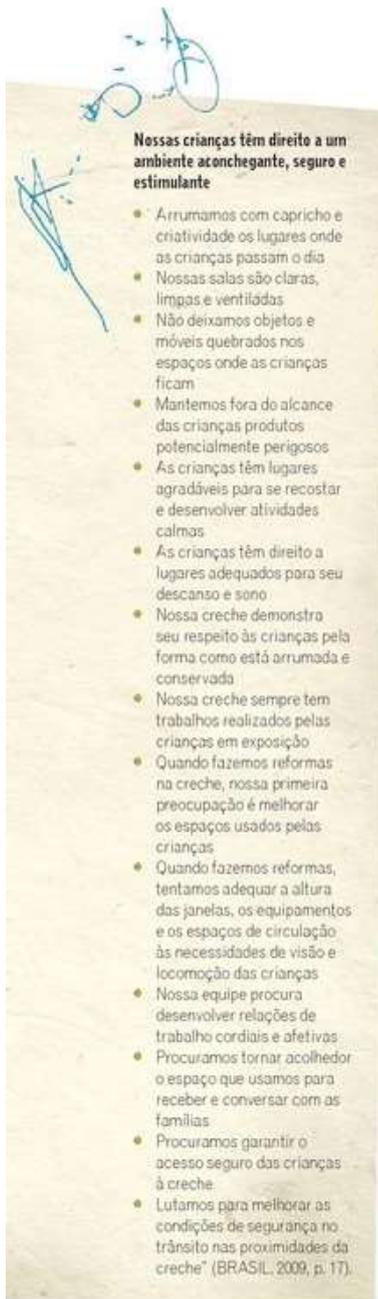
A maioria dos professores (e demais profissionais) acaba passando grande parte do seu dia no trabalho, daí a importância de que se deseje estar e permanecer nesse espaço e que ele gere acolhimento e bem-estar. Essa reflexão envolve você, professor, e principalmente as crianças que frequentam esse espaço, pois elas, muitas vezes, não têm escolha, precisam permanecer quatro, oito, dez, doze horas por dia ali, sendo ele acolhedor ou não!

A creche é um direito da criança expresso em diferentes documentos, como vimos nos itens anteriores. Vários deles determinam que o espaço físico deve ser arranjado de acordo com as necessidades e as características dos grupos de crianças, levando-se em conta a cultura da infância, o protagonismo infantil e os diversos projetos e as experiências desenvolvidos em conjunto com seus professores.



*Antonia Radembusch  
Nicolazzi  
1 ano e 1 mês*





## A organização da sala de referência

- Qual é a relação entre o brincar e a organização do espaço?

Como veremos no item 1.4, é mediante o brincar que a criança assimila a sua realidade, ou seja, na brincadeira, aprende a assumir papéis diferentes, colocando-se no lugar do outro; assim, a criança imita, imagina, repete, interage, explora, experimenta, enfim, desenvolve habilidades variadas, construindo sua identidade e cultura.

A organização da sua sala de referência, hoje, contempla o brincar, os brinquedos e as brincadeiras preferidas das crianças? Esse espaço também contempla possibilidades de organizações que propiciem:

- o movimento livre e a interação?
- a leitura?
- a imaginação (simbólico)?
- a exploração e as descobertas?
- o descanso e a intimidade?
- a higiene?
- a autonomia?

Sabemos da dificuldade de organizar um espaço que contemple tantos aspectos ao mesmo tempo, mas existe solução.

## A organização de pequenos espaços – os cantinhos

Uma estratégia muito difundida atualmente na organização dos espaços na Educação Infantil são os cantinhos, também conhecidos como territórios ou cantos, os quais circunscrevem o espaço, conforme uma temática, criando cenários para exploração e aprendizagem.

espaços menores podem oferecer oportunidades para as crianças trabalharem bem em grupos pequenos, para ouvirem e serem ouvidas e, portanto, se comunicarem.

Esse arranjo também dá aos professores a oportunidade de montar situações que convidem à exploração construtiva e à ação. (GANDINI, 2016, p. 331)

Lembramos que esses cantinhos devem ser planejados e organizados conforme as características do desenvolvimento das crianças. Assim, podemos afirmar que um canto de fantasias terá significação



diferente entre bebês e crianças de 3 anos, ou seja, para cada faixa etária, para cada fase do desenvolvimento, devemos pensar cantinhos que atendam às características mais marcantes da idade.

Os cantos precisam ser reorganizados a fim de despertar a curiosidade e o desafio; além disso, precisam ser em quantidade suficiente para o grupo de crianças.

Em geral, os cantos (sugerimos, no mínimo, quatro) podem permanecer montados por uma semana ou mais; porém não existem regras, o importante é que todas as crianças possam explorar e se ambientar com todos os cantinhos. O sinal vermelho, ou seja, o momento de troca é quando as crianças deixam de frequentar esse canto, pois necessitam de novidades e desafios.

Alguns desses cantos podem ser fixos; no entanto, sugerimos repensar, de tempos em tempos, os elementos que os compõem. Exemplo disso é o canto de literatura, onde os títulos não precisam ser muitos, nem devem ser trocados, mas, sim, ampliados.

Ao decidir sobre quais cantos vão compor a sala (fixos ou transitórios), é preciso, também, planejar os cantos de refúgio do movimento, do barulho e até mesmo para que os menores não sejam atrapalhados pelos maiores, o que aumentará a sensação de segurança e aconchego.

Ótimos exemplos de cantinhos de refúgio são as cabaninhas (tendas ou casinhas); entretanto, lembre-se de que o canto não deve ser totalmente fechado – o recomendado é o fechamento de três lados, uma vez que as crianças dessa faixa etária precisam de proximidade visual e física com você, professor!

“Espaços semiabertos proporcionam às crianças e ao educador uma fácil visão de todo o espaço disponível, bem como o favorecimento das interações sociais” (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 76-77).

É importante que os cantinhos estejam bem demarcados para facilitar à criança o acesso, os limites e a manutenção da organização, pois, dessa maneira, será mais fácil para os pequenos identificarem, diferenciarem, brincarem e encontrarem qualquer coisa de que necessitem nos cantos.

A delimitação desses espaços pode ser feita de diferentes maneiras, com tapetes, estantes baixas, cortinas, mesinhas, materiais que não sejam definitivos e não impeçam ou dificultem o campo de visão do adulto responsável.



Sala de referência organizada em cantinhos



Cantinho de refúgio entre dois berços



Tenda feita com tecidos leves, criando um espaço de refúgio em uma sala de referência





### Para refletir

1. Conhecendo as crianças e suas preferências (quanto a brinquedos, lugares da sala etc.), quais seriam as possibilidades de criação e execução dos cantinhos na sua realidade?
2. Todos ou boa parte dos brinquedos/materiais dispostos pela sala estão em uso (evitando a sensação de bagunça)?



Lembre-se de que é esperado que as crianças misturem os objetos dos cantinhos e transitem com esses objetos de um lado para outro, explorando os cenários e os materiais de diferentes maneiras. Isso tudo pode parecer, aos olhos de quem não está acompanhando o processo, uma grande bagunça! Mas tenha paciência, aos poucos e com muita persistência, os pequenos aprenderão a dinâmica da sala e poderão auxiliar na organização, guardando os brinquedos, por exemplo.

É importante observar qual espaço da sala é o preferido da criança e o porquê dessa preferência, bem como em que momento ela se apresenta mais calma e mais agitada, pois, como afirma Madalena Freire (1983), “é procurando compreender a ação espontânea das crianças que captamos seus interesses e preferências”.

- Qual é o seu papel nesse contexto?

Além de todo esse planejamento e organização do espaço, é seu papel fazer a seleção dos materiais com antecedência, organizar o tempo, proporcionar às crianças a exploração e a livre movimentação entre os cantinhos, mostrando as novidades, e realizar as mediações necessárias entre o cuidar e o educar, sempre evidenciando que todo esse processo pode ser muito divertido e prazeroso.



### Possibilidades práticas

Os horários de entrada e de saída são momentos altamente indicados para o uso dos cantinhos, que precisam ser mudados e ampliados visando à motivação e ao desafio.

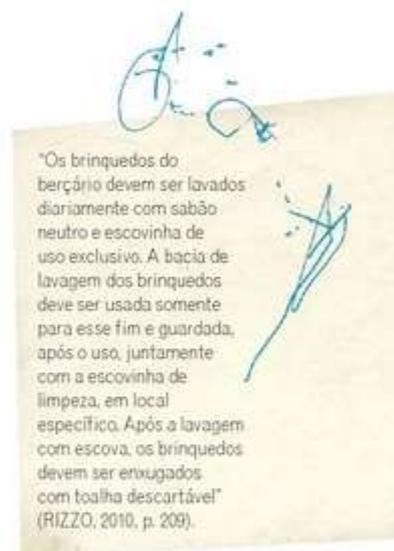
Analise o espaço disponível, a oferta de materiais e o interesse das crianças e, então, adapte e recrie cantinhos e caixas temáticas que tenham significação na realidade e na cultura em que a creche está inserida.

Antes de apresentar o quadro de possibilidades para construir esses cantinhos, destacamos o conceito de caixas temáticas:

Um dos principais problemas enfrentados pelos educadores é o fato de a sala de referência não poder abrigar todas as possibilidades interessantes para interações que contemplem as diferentes linguagens. A alternativa de trabalho com caixas temáticas pode amenizar esse problema. Pensadas para ser não só um invólucro de materiais, elas podem se constituir no próprio canto temático. Assim, é possível pensar em caixas de biblioteca, jogos, faz de conta, dramatização, enfim, em caixas que possibilitem o desenvolvimento das mais diferentes linguagens e que possam ser deslocadas ou guardadas em pequenos espaços. Outra possibilidade é poder ser disponibilizadas em diferentes momentos da rotina. (HORN, 2017, p. 75)



	CANTO	ORGANIZAÇÃO (ELEMENTOS)	INDICAÇÃO	OBJETIVOS
LITERATURA		Livros; estante, caixa ou cesto de fácil acesso aos livros; almofadas e tapete (antialérgico).	0 a 3 anos e 11 meses	Desenvolver o comportamento de leitor, a fruição e oportunizar o contato com a literatura e todos os seus benefícios.
FANTASIA		Baú ou caixa com chapéus, tecidos, óculos, xales, bijuterias, fantasias e peruas. Se possível, em frente a um grande espelho fixado na altura das crianças.	1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses	Brincar de faz de conta utilizando adornos.
BONECAS/DOL		Bonecas e bonecos (de preferência contemplando as características étnicas regionais) com acessórios: babadores, paninhos, mamadeiras, carrinhos etc.	0 a 3 anos e 11 meses	Brincar de faz de conta e jogo iniciado com regras preestabelecidas, desenvolvendo a autonomia e identidade.
EMBORRACHADOS		Brinquedos emborrachados; potes; caixas e tecidos.	0 a 1 ano e 7 meses	Explorar as propriedades sensoriais dos objetos (forma, textura, cor, peso etc.), experimentar as relações de conteúdo e continente (dentro e fora) e de permanência do objeto.
MATERIAS PARA EMPILHAR E PUXAR		Carrinhos; caminhos de mão; animais de brinquedo; rodas de madeira para girar.	0 a 1 ano e 7 meses	Deslocar objetos no espaço, explorando relações de causa e efeito e as características de: forma, peso, tamanho e posição no espaço.
SONS		Móviles sonoros; sinos; chovalhos (feitos com garrafa de PET, caixas e latas com algum objeto dentro e bem lacradas); pianinhos sonoros; violão; pandeiro; potes; colher de pau; panela; diferentes tipos de papel para amassar etc.	0 a 3 anos e 11 meses	Ouvir, perceber, diferenciar e explorar os diversos sons e barulhos.





Jogo de encaixe feito com pasta de plástico recortada e formada para brincar com papel amassado



Jogo de encaixe feito com bacia de plástico recortada e formada para brincar com embalagens descartáveis



Crianças de 2 anos brincando de empilhar caixas de leite higienizadas e encapadas



	CANTO	ORGANIZAÇÃO (ELEMENTOS)	INDICAÇÃO	OBJETIVOS
SUCATAS		Material bem variado, higienizado e que não ofereça perigo (potinhos variados, tecidos, garrafas de PET etc.).	0 a 3 anos e 11 meses	Explorar, manusear e distinguir progressivamente tamanhos, cores, formas, volumes, peso etc.
MONTAGENS		Peças de encaixe; potes de tamanhos e cores variados; caixas de leite higienizadas e encapadas com papéis ou tecidos coloridos; jogos de encaixe feitos com materiais reaproveitáveis.	0 a 3 anos e 11 meses	Explorar e pesquisar diferentes relações (tamanho, cor, forma etc.) mediante o encaixar, empilhar, edificar, montar, desmontar.
ENTRAR E SAIR		Cabanas, túneis e caixas de diferentes tamanhos que permitam às crianças entrar e/ou colocar objetos.	0 a 3 anos e 11 meses	Explorar e pesquisar as relações de tamanho e forma, por meio de colocar e tirar, entrar e sair (relações entre conteúdo e continente, esconder e revelar).
FANTOCHES		Fantoches feitos com tecidos; luva de borracha; luva de lã; meias; colher de pau etc.	0 a 3 anos e 11 meses	Explorar os recursos, suas texturas e possibilidades de ação: contar uma história, um fato, cantar músicas e outras brincadeiras.
TECIDOS		Tecidos de diferentes cores e texturas, como voil, tule, chita, atalhado e malha; caixa ou outro recipiente para acondicionar os tecidos e deixá-los acessíveis aos pequenos.	0 a 3 anos e 11 meses	Experimentar as diferentes sensações provenientes das texturas dos tecidos (temperatura, peso, cores, estampas, cheiros etc.). Brincar de esconder e revelar com diferentes elementos. Ter à disposição diversos elementos para a criação de cenários e de fantasias para as brincadeiras de faz de conta (cobertas para bonecas) e ursinhos; toalha para mesa; fantasias, como capas de super-heróis, vestidos, turbantes e outros)

	CANTO	ORGANIZAÇÃO (ELEMENTOS)	INDICAÇÃO	OBJETIVOS
DESFRALDE		Bonecos; fraldas descartáveis; penico feito com sucata.	1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses	Brincar com elementos que despertem a curiosidade para o processo de desfralde (abordado no item 1.5)
CASINHA		Móveis em miniatura, como fogão feito com caixa de papelão, cama de colchonete, mesinha com toalha e vaso, panelinhas etc.	1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses	Brincar de faz de conta, iniciar o jogo com regras preestabelecidas, desenvolvendo a autonomia e a identidade.
RISCAL E RABISCAR		Diferentes riscantes, ferramentas, papéis e outros suportes com texturas e cores diversas; cavaletes, mesa e cadeira ou suporte afixado na parede; estantes, varais ou caixas acessíveis à altura das crianças para armazenar os materiais.	1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses	Possibilitar a experimentação, a descoberta e a investigação com o fazer artístico, mediante diferentes riscantes, suportes e ferramentas.
SALÃO DE BELEZA		Tiaras e outros enfeites para cabelo; secador de cabelo sem uso ou de brinquedo; embalagens de xampu e cremes (vazias e higienizadas); borrifador de água; mesa ou outro móvel para suporte dos elementos do cenário.	1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses	Brincar de faz de conta exercendo diferentes papéis sociais reais.
MERCADINHO		Embalagens vazias e higienizadas de produtos; sacolas retornáveis; caminho de compras de brinquedo; cestinhas; brinquedos que simulam frutas, verduras e outros alimentos.	1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses	Brincar de faz de conta exercendo diferentes papéis sociais reais.
CARRINHOS		Carrinhos; giz de quadro ou fita adesiva colorida para criação de uma pista; caixas, bonecos e outros elementos para criar um cenário.	1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses	Experimentar formas de deslocamento no espaço, ampliando sua percepção espacial. Brincar de faz de conta com as questões relativas aos deslocamentos e iniciar sua educação para o trânsito (Lei nº 9.503/97).

### Sinal de alerta

Evite disponibilizar qualquer objeto que caiba dentro de um copo plástico de café – cuja capacidade é de 50 mL –, pois oferece risco de engasgamento. Potes e outros objetos que contenham miudezas devem estar lacrados, para que o conteúdo não escape. A mediação e a observação do professor devem ser constantes para a prevenção de acidentes.



- 
- 
- 



Cantinho delimitado por cordas de meias

Para separar um cantinho do outro e para auxiliar na demarcação do espaço, indicamos a utilização de colchonetes, tapetes, mesinhas e da corda de meias, a qual é feita com várias meias costuradas. Observe, a seguir, como confeccioná-la:

- Arrecade várias meias, de preferência de cores alegres e estampas diferentes.
- Separe uma das meias, que será utilizada para fazer a extremidade da corda, enquanto as demais devem ser cortadas nas pontas.
- Costure uma na outra (ponta cortada com "punho", deixando o interior da meia livre) até alcançar o tamanho desejado. A primeira meia deve ser a que foi separada.
- Encha o interior da corda com flocos de espuma, fibra siliconada ou outro material de fácil acesso.
- Costure o "punho" da última meia.
- Enfeite com fitas, flores ou com a decoração que preferir.

## Paredes, chão e teto contam os percursos do grupo

Que tal agachar-se ao entrar no espaço da sala que você está organizando para observá-lo da mesma altura que os pequenos? Qual foi sua impressão?

Note que, ao se agachar, o seu campo visual mudou. Imagine-se, então, na abrangência visual de um bebê. Com certeza, o seu olhar seria direcionado para o chão, o teto e as paredes na parte baixa.

Agora, responda: Por que a organização de objetos ou a "decoração", como muitos dizem, geralmente está exposta ao alcance do campo visual do adulto? Talvez você se lembre do fato de as crianças estragarem tais elementos, o que é comum acontecer. No entanto, a criança tem a intenção de experimentar, uma vez que a aprendizagem infantil, nessa faixa etária, está baseada nas sensações, principalmente de mãos e boca.

O mais importante, nessa situação, é conversar com as crianças no sentido de valorizar a produção exposta e conscientizá-las da sua conservação. Nessa perspectiva diária e repetida, a criança internalizará a valorização de sua produção e a de seus colegas, pelo sentimento de pertencimento, com mais facilidade.

Ainda no que se refere a tornar esse espaço mais agradável e funcional, alternativas podem ser utilizadas, tais como: plastificar esses objetos, criar móveis e estruturas de teto que permitam o seu rebaiamento, efeito resultante, por exemplo, de um tecido dependurado harmoniosamente, que tornará o ambiente mais acolhedor para os pequenos e favorecerá a proximidade às suas medidas.



### Para refletir

Para organizar com intencionalidade, uma grande ajuda é pensar simultaneamente no arranjo "teto, paredes e chão". Os bebês que ainda não andam ou estão em processo de experimentação dos primeiros passos certamente passarão a maior parte do tempo deitados, sentados, engatinhando ou na tentativa de ficar em pé. Qual é o campo visual de abrangência das crianças em sua sala de referência?



Rompendo com as barreiras da educação adultocêntrica (com foco no adulto, e não nas necessidades infantis), devemos repensar a "decoração" e a disposição dos elementos que compõem o cenário da sala de referência.

Não só as paredes da creche têm poder de comunicação; toda a organização do espaço e do ambiente traduz a concepção que temos da infância, do seu desenvolvimento, da educação como um todo e, ainda, as relações explícitas e implícitas do ambiente, pois, como afirma Fornero (1998, p. 233), "o ambiente 'fala', transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietações, mas nunca nos deixa indiferentes".

A sala de referência é um espaço de grandes possibilidades de ampliação de repertório e de construção de relações entre crianças e crianças, crianças e objetos, crianças e adultos, adultos e adultos. A sala deve ser pensada em sua construção de significados para toda a comunidade da creche.

É importante que a sala de referência seja arejada, iluminada, de fácil higienização, alegre e que valorize a cultura do grupo de pessoas que fazem a educação (crianças, professores, gestores, comunidade etc.). Mas como? Mediante a exposição de produções, relatos, fotos, quadros, letras de músicas e poemas, reproduções de obras de arte e tudo que se mostre relevante naquele determinado espaço e tempo.

Ou seja, os elementos "decorativos" e de exposição devem comunicar o que está acontecendo, o que está sendo trabalhado e apreendido naquele espaço. Devem contar as histórias e os percursos daquele grupo. Devem ser elementos transitórios, e não fixos, visto que temos uma grande chance de valorizar o percurso criador da criança e ampliar seu universo cultural mediante essas exposições e "decorações" que compõem o repertório da sala de referência e da creche.

### Possibilidades práticas

- Que tal diversificar a exposição e a decoração da sala?

As exposições podem ser fixadas e plastificadas no chão, nas bases dos berços e portas e, ainda, compor os móveis e as estruturas de teto.

As cortinas, as almofadas, a cor da tinta das paredes, os quadros, os móveis angariados com a comunidade e reaproveitados podem criar um lugar vivo, o qual, necessariamente, deve ser modificado de acordo com os momentos e as funções do cotidiano na creche.



### Para refletir

"Eu gosto da minha escola arrumadinha e limpinha. Eu quero colocar meu desenho no mural para ficar colorido e bonito" (BRASIL, 2011, p. 24).

1. Em algumas salas, há personagens decorativos nas paredes. Será que nossas crianças reconhecem os símbolos e os personagens infantis utilizados na decoração da sala?
2. Se sim, quais valores esses personagens carregam? Eles podem ser considerados amplificadores de cultura?



Bebê apreciando uma reprodução de obra de arte exposta na base de um berço





Bebê brincando com bola em cima de um espelho apropriado

### Sinal de alerta

Devemos ter cuidado especial na instalação do espelho. Recomendamos que, atrás dele, seja colocada uma placa de madeira ou material similar para que, no tocar e no empurrar, ou seja, na experimentação infantil, o espelho não ceda nem ocorram rachaduras e quebras.



A barra utilizada na frente deste espelho é um varão de cortina

## Espelho, espelho meu

Grande aliado no trabalho com consciência corporal, identidade e autonomia, o espelho é peça fundamental em qualquer sala de Educação Infantil.

O ideal é que as crianças se enxerguem por inteiro. Pelo tamanho delas, nessa faixa etária, sugerimos que os espelhos sejam instalados na horizontal, o que amplia o campo visual e faz com que várias crianças possam utilizar o espelho ao mesmo tempo.

Indicamos que os espelhos sejam posicionados em diferentes lugares da sala de referência (no chão ou na base externa de um berço, por exemplo) e fora dela (no trocador ou no pátio externo).

O espelho posicionado no chão é diversão garantida para os bebês que estão engatinhando; mas, antes de posicioná-los, certifique-se de que a espessura e o acabamento são adequados e acompanhe a experimentação infantil de perto. Sugerimos que a instalação do espelho no chão não seja fixa, para evitar acidentes, além do que, podendo ser posicionado e retirado, aumenta a versatilidade de uso do espaço.

### Possibilidades práticas

O jogo de imitação é sempre bem-vindo na frente do espelho. Que tal compor essa atividade com acessórios diversificados, como chapéus, óculos, colares e tecidos?

Outra sugestão é oferecer aos bebês espelhos menores, que possam ser manipulados sem riscos, para que os pequenos experimentem diferentes maneiras de se enxergarem.

### Barras

A instalação de barras estilo corrimão na altura em que as crianças consigam utilizá-la como apoio para se levantarem e se colocarem em pé auxilia a segurança e a autonomia no processo de descoberta do andar.

Essa barra pode ser instalada na frente do espelho, para promover ainda mais o desenvolvimento da identidade e da autonomia infantil.

### Berços

Muitas creches ocupam todo o espaço da sala com berços, o que impede a exploração e a organização com vistas à experimentação infantil. Os berços não precisam ser no número exato das crianças



(segundo o Parecer nº 4/00, o local para repouso deve ser individual para crianças de até 1 ano de idade), podendo ser destinados aos bebês que ainda não apresentam autonomia nos movimentos, como de virar, rolar e sentar. Para as demais crianças, os berços podem ser substituídos por colchonetes, utilizados tanto para o momento do sono ou descanso como para atividades de movimento, leitura etc.

Os berços devem ser elementos móveis, que podem servir de suporte para diferentes maneiras de organização do espaço, como para as cabaninhas e os cantinhos. Que tal?

### Mesas e cadeiras

As famosas mesinhas e cadeirinhas (às quais nos referimos no diminutivo porque devem acompanhar o tamanho das crianças), em muitos lugares, ocupam a maior parte dos espaços das salas de Educação Infantil. Herança do tempo em que algumas instituições centralizavam a organização do trabalho pedagógico na memorização e no aprendizado das letras e dos números, elas eram essenciais para o suporte das atividades em papel.

Hoje, sabemos que os bebês e as crianças precisam de espaço para se movimentarem, explorar, brincar etc.; dessa maneira, devemos avaliar se as mesas não estão atrapalhando essa organização.

As mesinhas e as cadeirinhas podem ser utilizadas de maneira diferenciada, como na organização dos cantinhos: mesa da cozinha, do salão de beleza, dos jogos, ou, ainda, para dividir os ambientes ou servir de suporte para casinhas e cabaninhas. As mesinhas também podem servir de apoio para as brincadeiras com folhas de papel e demais materiais ou brinquedos, mas vale sempre nos indagarmos: Essa proposta não seria mais significativa se fosse feita no chão? E se a folha fosse fixada na parede?

O importante é que as mesinhas e as cadeirinhas sejam de fácil remoção, para que permitam a reorganização da sala em diferentes momentos, e que sejam usadas por tempos curtos, pois as crianças precisam de espaço e liberdade para seu desenvolvimento integral. Lembre-se, porém, de que cadeirinhas leves não são aconselháveis para as crianças que não andam com autonomia, uma vez que servirão de apoio para elas tentarem ficar em pé e, nessa tentativa, podem ocorrer acidentes.

Muitas vezes, as crianças usam a mesinha como suporte, mas nem sempre se sentam nas cadeirinhas. Você já deve ter observado crianças escoradas na cadeirinha ou ajoelhadas, não é mesmo? Saiba que isso



Berço tombado é usado como cabaninha em uma sala de referência

### 8.3 Sinal de alerta

Atenção! Ao organizar os berços, nunca os deixe encostados lado a lado ou frente a frente, pois essa disposição permite que as crianças se arranhem ou, ainda, pulem de um berço para outro.





Criança pequena brincando  
embaixo de mesa

faz parte do desenvolvimento e da organização espacial delas. Obrigar uma criança muito pequena a ficar sentada enquanto desenha, pinta ou joga é desnecessário e pode prejudicar a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento.

### Possibilidades práticas

Você já reparou que as crianças adoram ficar embaixo das mesas? Isso acontece por curiosidade, exploração, aconchego e pela segurança que os ambientes menores proporcionam. Que tal propormos atividades embaixo das mesas também?

Selecione, então, papel de diferentes cores e texturas e riscantes para as crianças desenharem embaixo da mesa. Fixe o papel com fita adesiva e proponha a atividade, que pode ser individual ou coletiva.

As mesinhas também podem ser usadas para a montagem de brincadeiras de cabaninhas e fazer parte de brincadeiras que exploram o movimento, em que as crianças passam debaixo delas rastejando, ou, ainda, com o auxílio de degraus ou rampas de espuma, sobem e descem, explorando o equilíbrio.

### Mesa para professor na sala de referência: é preciso?

Tradicionalmente, somos acostumados a conceber um espaço educativo com mesas e cadeiras para alunos e professores. No entanto, como o trabalho da creche pressupõe uma mediação constante e ativa do adulto, em que ele precisa, com seu exemplo, propor situações de aprendizagens e interação, a mesa do professor pode limitar o espaço, que geralmente já é pequeno.

A proposta é o professor sentar-se no chão com as crianças, brincar com elas, mediar conflitos, cantar, contar e ler histórias, organizar e reorganizar os espaços, cuidar e educar, entre outras funções.

### Pisos e tapetes

Conforme o desenvolvimento dos pequenos, principalmente dos bebês, o chão é o objeto de exploração, onde rastejam, rolam, sentam, engatinham; por essa razão, é fundamental evitar pisos que apresentem degraus, rachaduras e aqueles feitos com materiais frios ou escorregadios. A indicação é o uso de estratégias que revistam o piso e o deixem mais aconchegante, como tatames, colchonetes, placas de borracha e tapetes.



Os tapetes podem ser alternativas para revestimento e divisão dos ambientes, ainda mais quando o cenário convida para brincadeiras que exijam o sentar no chão. Os tapetes ideais para a sala de referência são os de fácil higienização. Componha o cenário com almofadas e rolinhos de espuma e deixe o aconchego imperar em cada canto.

### Possibilidades práticas

Que tal criar um tapete especial para compor um dos cantinhos da sala? O tapete das sensações é uma ótima alternativa para o estímulo sensorial de nossos pequenos. Para sua confecção, separe retalhos de tecido de diferentes texturas (lisas, macias, ásperas etc.), lixas (com granulações que não machuquem os pequenos), plástico-bolha e outros materiais que estejam disponíveis. Eles podem ser costurados ou colados com cola quente em uma base de papel ou tecido. Incentive as crianças a explorá-lo com as mãozinhas, com os pés e diferentes partes do corpo.

Certifique-se de que os materiais utilizados estejam bem fixados (costurados ou colados) e realize com frequência a manutenção preventiva no tapete, conferindo se algum material precisa receber reforço na fixação.

### Brinquedos e outros materiais

Sabemos da importância do brinquedo para o desenvolvimento infantil; no entanto, mais importante do que a quantidade são a qualidade, a intencionalidade, a interação e a curiosidade que os brinquedos e os objetos apresentam e/ou despertam.

De nada adiantam caixas e mais caixas de brinquedos se as crianças não tiverem acesso a eles ou se eles estiverem quebrados (bonecas sem braços e pernas, carrinhos sem rodas, jogos com peças faltando etc.).

Por isso, que tal reorganizar os brinquedos e os objetos brincantes existentes? A inserção de elementos simples, como babadores para as bonecas, pano de prato e um tecido como toalha de mesa no cenário da cozinha, ou a construção de uma pista para os carrinhos, estimulará a curiosidade e a atenção infantil.

Ao organizar os brinquedos e outros materiais, é importante deixá-los ao alcance das crianças e, de preferência, em recipientes que permitam sua visualização. Para ampliar o acervo dos brinquedos disponíveis, podem ser propostos rodízios de brinquedos entre as salas.

Lembre-se de que, para bebês e crianças pequenas, todo e qualquer objeto vira brinquedo. Dê preferência a objetos não estruturados (panos, caixas, cilindros de papelão etc.) e com diferentes texturas.



Criança pequena explorando o tapete das sensações





### Para refletir

Confira algumas falas de crianças sobre suas expectativas em relação ao espaço:

– Eu brinco no pé da escada e na creche. É legal brincar lá na escada, porque encontro meus amigos. Só que os carrinhos caem. Eu queria um lugar grande para fazer minha pista. [...]

– Eu queria um carrinho que desce no escorregador. [...]

– Eu queria uma árvore grande para brincar de ser macaquinho." (BRASIL, 2011, p. 16 e 26).



Criança pequena brincando ao ar livre

### Possibilidades práticas

Converse com seus colegas e organizem um rodízio – brinquedos não utilizados em uma sala podem ser úteis na sua! A opção é por novos brinquedos? Observe se estes trazem o selo do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro), o qual garante estrutura e matérias-primas adequadas a cada faixa etária.

### Espaços externos: a organização contínua

Vimos a importância da organização da sala de referência para o desenvolvimento integral infantil; no entanto, não podemos restringir a convivência a esse espaço.

As visões e os sons da natureza oferecem algumas das experiências e memórias mais belas cultivadas por adultos. Apesar disso, para um número cada vez maior de crianças pequenas, a natureza está se tornando uma abstração – algo que se vê em uma fotografia ou se observa da janela. (EYER; GONZALEZ-MENA, 2014, p. 122)

Sabemos da dificuldade em transportar para outros espaços os bebês que ainda não apresentam autonomia na locomoção; porém é preciso pensar em estratégias que possibilitem a exploração e a participação em diferentes lugares da creche, em especial nos ambientes ao ar livre, que proporcionam experiências multissensoriais aos pequenos.

O planejamento docente deve prever o trabalho pedagógico ao ar livre e em outros espaços, possibilitando o contato com a natureza, com os colegas de diferentes faixas etárias e com as situações desafiantes. Assim, é preciso compreender o espaço externo como ampliação da sala de referência, devendo ser pensado, também, com intencionalidade.

Por essa razão, podemos propor diferentes situações de aprendizagem e interação ao ar livre, como a exploração de brinquedos e brincadeiras e/ou de livros; a montagem de cenários, barracas, toldos etc. Lembrando-se sempre da integração entre o educar e o cuidar, é preciso ter, nos espaços externos, a precaução quanto à temperatura do ambiente, à exposição direta ao sol, a plantas venenosas, areia, terra, animais peçonhentos etc.

A área externa deve ser pensada e planejada de modo a criar condições para realizar atividades de lazer, atividades físicas, comemorações com as famílias e a comunidade. De acordo com as condições disponíveis, convém também contemplar os itens que seguem: chuveiros com torneiras acessíveis às crianças; quadros com azulejos para atividade com tinta lavável; brinquedos para serem usados nas vivências e experiências a serem desenvolvidas no parque; espaços com grama, terra, areia, água para as crianças



brincarem e caminhos pavimentados; casas de "bonecas"; bancos para crianças e adultos; brinquedos de parque que favoreçam o desenvolvimento de movimentos amplos – escorregador, trepa-trepa, balanços, túneis. [...] – contemplar áreas ensolaradas e sombreadas – áreas cobertas, plantio de árvores frutíferas ou ornamentais. (FÜLLGRAF; WIGGERS, 2014, p. 127)

Outra questão importante é resguardar o direito das crianças de se relacionarem com a cultura; dessa maneira, podem e devem participar de apresentações musicais, teatrais etc. que a creche organiza, bem como visitar a biblioteca, a horta e o pátio, se houver.

A visitação e a exploração de espaços distintos da sala de referência devem sempre levar em consideração a devolutiva, ou seja, a reação do grupo de crianças e de cada uma delas. Para isso, devemos interpretar a atenção, a apreciação ou não da atividade proposta, com vistas à sensibilidade e à sutileza do educar e do cuidar.

Outros espaços merecem atenção na organização, com vistas ao desenvolvimento integral infantil. Confira a seguir.

- Corredores: assim como as paredes da sala de referência, os corredores devem comunicar o que está sendo descoberto e aprendido. Para isso, o ideal é expor as produções e as fotos na altura do campo visual das crianças.
- Pátios: se o pátio for grande, podem-se criar zonas diversas, onde as crianças se sintam protegidas. Assim como os cantinhos da sala, podemos propor que o pátio seja "dividido" para que as crianças possam escolher onde ficar e formar pequenos grupos para brincar.
- Trocadores/banheiros: devem ter o foco no trabalho com a identidade e a autonomia. Os objetos devem estar ao alcance das crianças (vasos sanitários, pias, papel higiênico, sabonete líquido, papel-toalha) e favorecer os hábitos de higiene. Eles podem ser coloridos, atraentes, desafiantes (por exemplo: desenhos nos espelhos, decorações plastificadas fáceis de serem higienizadas, como móveis, e livros de literatura para crianças que estão em processo de retirada das fraldas).
- Refeitório: se houver um local próprio para as refeições, assim que as crianças apresentarem autonomia para se deslocarem, devem ser incentivadas a utilizá-lo. O refeitório precisa ser acolhedor e priorizar as práticas sociais reais; ou seja, a criança precisa estabelecer a relação de que esse é um espaço destinado à alimentação, assim como a mesa da cozinha da sua casa ou do restaurante. Dessa maneira, uma toalha e um vaso com flor na mesa podem ser muito bem-vindos.

### Sinal de alerta

Lembre-se de que os bebês e as crianças pequenas devem ser incentivados a comer sozinhos, mas sempre com a supervisão de um adulto, e fim de conferir se estão se alimentando satisfatoriamente.



Crianças pequenas comendo com autonomia



## Você sabia?

Os *Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil*, documento publicado pelo MEC em 2006, apresenta sugestões e descrições para organização, reforma e construção de espaços que podem fazer parte de uma instituição de Educação Infantil. O arquivo está disponível no portal do MEC para *download*.

- Lactário: espaço destinado à preparação das mamadeiras e das refeições dos bebês. Deve ser separado da sala de referência e obedecer a normas rigorosas quanto à higiene, ao porcionamento e à manipulação de alimentos, à ventilação, à iluminação etc.
- Parques infantis: os parques geralmente são espaços onde as crianças ficam "livres", movimentam-se, correm, agitam-se; por isso, proponha brincadeiras e experiências diferenciadas e novos desafios. Nesses espaços, muitas vezes, as crianças também se machucam; então fique sempre atento à segurança delas.

## Espaço: pensando também nas famílias

No processo constante de organização e reorganização dos espaços da creche, não podemos perder de vista as famílias, uma vez que, como orientam os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006, v. 2, p. 32), a creche deve "complementar a ação da família, e a interação entre as duas instâncias é essencial para um trabalho de qualidade".

Um espaço que considera a interação e a integração familiar proporciona locais diferenciados. Veja a seguir.

- Recepção às famílias: o lugar por onde se entra é o primeiro a ser visto por quem chega, deixando transparecer como a creche se organiza. É preciso que seja um espaço agradável, onde se tenha a sensação de ser bem recebido; um lugar em que se possa ficar por um momento conversando, olhar os murais ou as fotografias expostas e informar-se sobre o que está acontecendo na creche.
- Atendimento reservado e personalizado às famílias: sala acolhedora, com cadeiras e mesa para reuniões, matrículas etc.
- Amamentação: local reservado e tranquilo, onde a mãe tenha liberdade e o seu direito de amamentar respeitado, conforme sua disponibilidade de horários.



## Para refletir

- Em relação ao que foi discutido, o que pode ser feito, adaptado, reorganizado na creche onde você trabalha?



## Possibilidades práticas

Uma sugestão interessante é colocar uma caixa, em estilo urna, na recepção da creche, a fim de que os familiares e a comunidade em geral opinem, sugiram, elogiem, critiquem, enfim, tenham a liberdade de expressão respeitada e facilitada, uma vez que podem preferir escrever anonimamente. Sugerimos que o objetivo dessa comunicação seja trabalhado com antecedência, em reunião com as famílias.

Com vistas a essa integração facilitada pela organização do espaço, sugerimos a confecção de um mural informativo, colocado em lugar de evidência, próximo à entrada da creche, com a finalidade de comunicar, informar, convocar e instruir.



Uma grande demanda familiar referente ao espaço é o estacionamento para carrinhos de bebês. A creche tem um? Há como adaptar um espaço para essa finalidade? Estratégias como a utilização de biombo, cortinas, paredes de gesso e até a reutilização de móveis podem ser alternativas de custo mais baixo, contribuindo muito para o acolhimento dos familiares e das crianças.

## O tempo: aliado ou limite na educação dos pequenos?

O tempo, ou melhor, a forma como percebemos a passagem do tempo é um assunto de grande complexidade, que exige uma reflexão profunda para a construção de um projeto educativo que considere as culturas da infância.

Nós, os adultos de hoje, corremos para honrar nossos compromissos diários, para conciliar os diversos papéis que assumimos socialmente e para encaixar dentro desse tempo apertado as nossas necessidades fisiológicas, como comer, dormir, beber e higienizar-se.

A constatação é certa, estamos acelerados. Nosso ritmo biológico e nossa velocidade poderiam até ser medidos em *megabytes/segundos*, porém não somos máquinas! Este é um dos grandes desafios contemporâneos: o equilíbrio entre a produtividade e a qualidade de vida.

A problemática do tempo dentro da creche perpassa por dois aspectos centrais que devem ser compreendidos. Primeiro: a relação com o tempo para a criança não é a mesma que para o adulto; segundo: o tempo cronometrado, medido e regulado pelos relógios e calendários é uma convenção social. Antes disso, o tempo era medido por ciclos naturais, como as fases da lua, o dia, a noite, a vazante dos rios.

Fernando Pessoa diz que a medida do relógio é falsa. E é realmente falsa em relação ao relógio das crianças, das experiências infantis, das experiências subjetivas e das situações de aprendizagem e ensino. Respeitar os tempos de amadurecimento, de desenvolvimento, dos instrumentos do fazer e do entender, da plena, lenta, extravagante, lúcida e mutável imersão das capacidades infantis, é uma medida de sabedoria biológica e cultural. Se a natureza predispôs que a longitude da infância humana seja a mais longa (infinita, dizia Tolstoi), é porque sabe quantos vaus tem que atravessar, quantos caminhos deve percorrer, quantos erros podem ser corrigidos, tanto por crianças quanto por adultos, e quantos preconceitos são necessários superar. E quantas infinitas vezes as crianças têm que tomar ar para restaurar sua imagem, a de seus amigos, a de seus pais, a de seus educadores e a do conhecimento dos mundos possíveis. Se hoje estamos em uma época em que o tempo e os ritmos das máquinas e do benefício são modelos contrapostos aos tempos humanos, então se faz necessário saber de que lado está a psicologia, a pedagogia e a cultura. (MALAGUZZI apud HOYUELOS, 2015, p. 15)

Dessa maneira, o tempo que os bebês e as crianças pequenas conhecem é diferente do tempo cronometrado, pois, inicialmente, é determinado por ciclos (primeiramente, pelo biológico: momento da fome, da dor, do sono etc.). Já nos primeiros anos de vida, a criança relaciona seu tempo com suas ações momentâneas

*Para refletir*

"A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendemos, para nos deixarmos encantar. Quase tudo se adquire nesse tempo em que aprendemos o próprio sentido do tempo" (COUTO apud BARBOSA, 2013, p. 214).



## Você sabia?

*Quanto tempo o tempo tem* é um documentário, com direção de Adriana L. Dutra e Walter Carvalho, de 2006. Seus questionamentos e entrevistas ampliam a compreensão das relações humanas com o tempo.



(brincar, desenhar, tomar banho), não tendo consciência ainda de que existe o tempo "medido". Como afirma Hoyuelos (2015, p. 47), "As crianças – sobretudo os bebês – não se movem pela medida do relógio. Seu tempo é o da ocasião, o da oportunidade dos instantes que o próprio crescimento proporciona em seu fluir, fluxo e trajeto vitais".

Mediante a exploração e as vivências com o mundo, o bebê e a criança pequena começam a perceber a existência de uma ordem dentro do seu dia a dia, sua primeira referência de que o tempo passa.

O tempo é, portanto, tema fundamental para a organização da escola infantil, pois é ao longo da sua passagem que as experiências que eram individuais começam a ser compartilhadas; o tempo articula as pessoas e tece histórias. E o tempo oferece a dimensão de durabilidade, de construção de sentidos para a vida, seja ela pessoal ou coletiva. (BARBOSA; FOCHI, 2015, p. 65)

Para as crianças, a construção do tempo não é importante somente pelo aspecto fisiológico, mas também por ser uma condição de a aprendizagem ocorrer, pois esse processo se inicia pelas sensações, pelo corpo, pela repetição e imitação e, para isso, é necessário tempo. É preciso dar tempo para ser bebê e ser criança. Golse (apud BARBOSA; FOCHI, 2015, p. 65) alerta nesse sentido quando diz que "existe uma forte tendência em nossa sociedade ocidental atual de não deixar aos bebês o tempo suficiente de ser bebê".

O desafio é grande: organizar o trabalho pedagógico para várias crianças, cada qual com seu ritmo, suas necessidades, enfim, suas particularidades. Mas a constante reflexão, mais uma vez, demonstra ser forte aliada nesse processo.

A partir dessas premissas – e levando em consideração que os bebês, as crianças pequenas e os professores trazem consigo, conforme define Barbosa (2013, p. 214), "uma experiência cultural, social, emocional diversificada" –, precisamos organizar o tempo e o espaço com vistas a atender e a mediar cada criança individualmente e, simultaneamente, a atender ao grupo que passa a partilhar de uma vida em comum.

Nessa compreensão de organização do tempo, Paniagua e Palácios (2007, p. 165) advertem que desenvolver "uma certa capacidade de espera nos primeiros anos pode ser um objetivo importante, mas se torna um sério inconveniente quando é apenas a delonga de um funcionamento grupal inadequado".

Crianças podem lidar com as suas necessidades sendo colocadas na fila e espera. Elas são resilientes – ou seja, podem se adaptar a situações difíceis ou se recuperar delas. Contudo, uma criança que tem sempre de esperar e nunca consegue prever quando sua vez irá chegar pode ter prejuízos graves. Quando as necessidades e os interesses do programa ou dos adultos sempre são colocados na frente das necessidades e os interesses do bebê ou criança, ou quando a satisfação das necessidades se processa numa base irregular e fortuita, isso pode ter efeitos negativos na criança em longo prazo. (EYER; GONZALEZ-MENA, 2014, p. 51)



Uma estratégia para enfrentar esse funcionamento inadequado está na compreensão de que o tempo dentro da creche deve ser pensado para a criança.

Os horários, por exemplo, não podem ser determinados somente para a comodidade dos adultos (sejam familiares, professores ou demais funcionários), como no caso das seguintes práticas: o horário de alimentação infantil direcionado pelo horário de entrada, saída ou intervalos dos profissionais da cozinha; os horários do solário e dos ambientes externos determinados pela limpeza da sala, sem focar a exposição ao sol e a organização da rotina; ou, ainda, familiares que não respeitam os horários de funcionamento da creche, prejudicando o desenvolvimento da organização pedagógica e ocasionando quebra do proposto.

A organização diária da creche está propensa a imprevistos e, por essa razão, não podemos cristalizar nossas ações. Devemos, nessas ocasiões, flexibilizar o planejamento e adaptar situações; no entanto, nunca perdendo o foco das necessidades infantis.

Outro equívoco é simplificarmos a questão do entendimento do tempo para a criança, acreditando que ela ainda não tem tal noção. Dessa forma, impomos o nosso ritmo, propondo inúmeras brincadeiras em um intervalo muito curto de tempo.

Muitos acreditam que a capacidade de concentração e atenção de bebês e crianças pequenas é curta. Hoje, sabemos que a concentração das crianças aumenta gradativamente quando são desafiadas e encontram sentido no que lhes é proposto; mas, para que isso ocorra, é necessário criar oportunidade – ação traduzida pela postura do professor em acreditar na capacidade infantil ao propor espaços e situações de aprendizagens desafiantes e, ainda, ao oportunizar tempo para que as crianças possam compreender a proposta. Por exemplo: os porquês de o objeto tornar a cair toda vez que é jogado, de o rosto atrás do pano aparecer e desaparecer em instantes ou de os blocos empilhados, algumas vezes, caírem. As novas aprendizagens e as conquistas diárias obedecem a uma lógica que precisa ser descoberta e assimilada.

Não podemos, no entanto, cair na dicotomia de oferecer ora tempos muito curtos, ora demasiado longos. O termômetro para esse diagnóstico é, mais uma vez, o olhar atento, sensível e perspicaz do professor.

Dar tempo às crianças sem antecipações desnecessárias significa saber esperá-las ali, onde se encontram, em sua forma de aprender. Existe um verbo [...] que define muito bem esse assunto: aguardar. Significa esperar alguém com esperança; dar tempo ou espera a alguém, enquanto se olha o que faz, com respeito, apreço ou estima. Essa espera vital e autêntica, como Pedro Liam Entralgo a denomina, está relacionada ao otimismo de ver a infância como quem a espera sem esperar nada. (HOYUELOS, 2015, p. 48)

## **Organização do cotidiano: atividades permanentes, sequências didáticas e projetos**

Ainda pensando na estratégia para a concretização de uma proposta que respeite o tempo infantil, apontamos as atividades permanentes, as sequências didáticas e os projetos como valiosas ferramentas pedagógicas de organização do cotidiano.



*Você sabia?*

"O sol ajuda o organismo a fixar vitamina D, indispensável para a absorção de cálcio pelos ossos. O bebê deve tomar um banho de sol, diário, por 15 minutos" (BOCCIA, 2007, p. 86).





### Para refletir

1. Quais são as atividades permanentes desenvolvidas com a sua turma?
2. Com que regularidade (quantas vezes se repetem no dia, na semana, no mês)?



### Atividades permanentes

- O que são?

Aquelas que ocorrem regularmente e são planejadas objetivando a familiarização das crianças sobre um assunto ou conteúdo. São permanentes porque pressupõem um tempo mais longo de modo que possibilitem a compreensão e a formação de hábitos e posturas.

- Como utilizar?

As atividades permanentes não podem ser utilizadas como repetições de atividades aleatórias; ao contrário, devem prever a sistematização e a previsibilidade das ações diárias, semanais ou quinzenais, durante um semestre ou até mesmo o ano, porém sem esquecer o acréscimo de novos desafios.

- Na prática

As propostas nos "cantos", a leitura planejada de histórias, a música e o desenho são exemplos de atividades permanentes.

### Sequência didática

- O que é?

O trabalho pedagógico organizado em determinada ordem, que prevê etapas durante o período planejado e estruturado pelo professor. Prioriza a progressão de desafios referentes à mesma temática, com o objetivo de desenvolver novas aprendizagens ou aprofundar as existentes.

- Como utilizar?

A sequência didática tem duração variável, podendo ser diárias, semanais ou até mensais. Tudo dependerá da complexidade do assunto em foco. Geralmente, é utilizada para trabalhar temas, conteúdos ou assuntos bastante específicos.

- Na prática

A organização de uma sequência didática pode ser utilizada, por exemplo, para ampliar as informações sobre determinado animal, conhecido por meio da leitura de um novo livro e que despertou muita curiosidade nas crianças.

### Projetos didáticos

- O que são?

Os projetos didáticos são projeções de sequências de ações. "Um projeto é um plano com características e possibilidades de concretização" (BARBOSA; HORN, 2008, p. 31).

Dessa maneira, implica, com base no contexto vivenciado, delimitar um problema e propor estratégias e sequências de ações com objetivos gerais e específicos, os quais resultarão sempre em um produto final a ser compartilhado.

- Como utilizar?

Muito se questiona sobre a utilização de projetos com bebês e crianças pequenas, estratégia que é válida e possível.



Para tanto, é preciso rever a ideia dos projetos didáticos escolares, uma vez que os bebês, diferentemente dos "alunos" das próximas fases educacionais, não delimitarão com o professor uma problemática de interesse coletivo para resolução. No entanto, o olhar atento e a leitura do professor sobre a realidade vivenciada pelos bebês poderão diagnosticar temas riquíssimos para a proposição de projetos.

Segundo Délia Lerner (apud CARVALHO; KLISYS; AUGUSTO, 2006, p. 109), os projetos devem prever a função social que torna as aprendizagens mais atuais. A duração pode variar em curto, médio e longo prazo, podendo ser contínuos ou descontínuos.

- Na prática

O projeto da organização do espaço da sala é um exemplo de temática quando se tem a mudança da divisão do espaço como produto final. São também exemplos de produtos finais de projetos didáticos: a gravação de áudio com as crianças contando histórias e a montagem de um livro coletivo da história da turma.



*Maria Luiza  
Pinto Vianna  
2 anos e 1 mês*

## **Rotina: segurança e aprendizagem em foco**

Rotina, de acordo com o Mini Aurélio (FERREIRA, 2010, p. 675), significa "caminho já conhecido, em geral trilhado maquinalmente. Sequência de atos, usos, etc., observada por força do hábito".

A rotina também se faz presente na creche e, segundo Barbosa (2006, p. 35):

é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil. As denominações dadas à rotina são diversas: horário, emprego do tempo, sequência de ações, trabalho dos adultos e das crianças, plano diário, rotina diária, jornada, etc.

Geralmente, a palavra "rotina" é relacionada a algo entediante, chato, sem novidades, que repetimos sem nos dar conta dos porquês. Essa é uma relação que não pode ser transportada para a Educação Infantil, já que a previsibilidade de uma rotina estruturada é de extrema importância para o desenvolvimento infantil. Para tanto, novamente, precisamos refletir: Por que isso acontece?

Imaginemos a seguinte situação: vivemos em um lugar quente, aconchegante, protegido e com a incidência de pouca luz; o som ambiente é uma batida de ritmo constante; no entanto, de repente, somos retirados dali e chegamos a um lugar claro, barulhento, imprevisível, em que somos manipulados, virados, transportados a todo instante. Como reagiríamos?

A situação descrita anteriormente representa a chegada de um bebê ao mundo. Projetando-nos nela, qual seria a nossa sensação?

Provavelmente, a insegurança e o desequilíbrio. Então, pensemos: Como mostrar ao bebê que esse mundo desconhecido pode ser um lugar seguro e tranquilo?

Uma das estratégias é demonstrar que o dia a dia acontece de acordo com uma ordem, a qual, quando assimilada, permite ao bebê se preparar emocionalmente para o que virá.



## Sinal de alerta

A simples fixação de cartazes na parede não assegura que o trabalho com a rotina aconteça. Muitas vezes, encontramos esses recursos nas salas, bem expostos e coloridos; porém sua utilização não está relacionada com segurança, estabilidade e autocontrole, e sim com normas, regras e tempo cronometrado.



## Para refletir

A organização da rotina pode ser mais bem entendida pensando nos seguintes aspectos:

1. Em que momento do dia as crianças estão mais calmas?
2. Em que momento as crianças apresentam sinais de irritação e cansaço?
3. Em que momento você percebe maior concentração e atenção delas?  
Suas respostas e sua observação diária vão definir a construção da rotina, extrapolando a repetição de uma sequência temporal definida e sedimentada.



Quando os pais e outros responsáveis são capazes de interpretar e de sintonizar com as respostas e as necessidades do bebê adequadamente, eles começam a sentir-se mais confiantes. Uma nova compreensão do bebê desencadeia uma série de efeitos positivos em seu desenvolvimento social, físico e mental, e deixa os adultos mais à vontade em seu papel de cuidadores. (KLAUS; KLAUS, 2001, p. 7)

Nessa perspectiva, o trabalho com a rotina – em que o professor antecipa, mediante diferentes estratégias, os acontecimentos do dia e em que ordem ocorrerão – é fundamental para a construção da regularidade. Essa antecipação se refere ao professor demonstrar às crianças essa sequência, seja por meio de uma conversa, informando o que acontecerá em seguida, seja narrando os seus atos junto do(s) bebê(s), ou, ainda, praticando o olhar atento e a escuta sensível, com foco nas necessidades infantis.

É importante lembrar que a centralização de horários predefinidos e imutáveis, com a sucessão repetida de atividades e ritos, gera tensões e conflitos até para adultos. Imagine para as crianças! Isso ocorre porque a flexibilidade do planejamento é desconsiderada e as crianças são padronizadas de maneira linear, ou seja, como se todas tivessem o mesmo ritmo, tempo, interesse, curiosidade e aprendizagem.

Em diferentes ocasiões, cada criança é única e precisa ser considerada e respeitada nessa unicidade. Nem todas precisam dormir, acordar, ir ao banheiro e acabar uma experimentação artística ao mesmo tempo, assim como não precisam ler os mesmos livros ou brincar de maneira sincronizada. Momentos de atividades coletivas e permanentes (como a chamada) são relevantes; porém a rotina não deve acontecer somente em função do grupo e em tempo sincronizado.

Quando essa concepção de rotina é desmitificada e compreendida de maneira flexível e como antecipação planejada, intencionalmente trará segurança e bem-estar à criança. Dessa forma, a rotina passa a ser um elemento organizador do cotidiano infantil.

Para as crianças pequenas, além de a rotina garantir maior conforto e segurança, também permite a descoberta de seus limites e a compreensão da vida em um espaço coletivo de maneira distinta da experimentada no espaço privado de suas casas.

A rotina, quando pensada pela especificidade do trabalho pedagógico com crianças, pode auxiliar na organização do cotidiano, principalmente quando os horários culminam com as necessidades e o ritmo biológico e social delas.

Exemplificando: Qual seria o melhor horário para propor a leitura de um livro? Com certeza, no momento em que as crianças estão mais calmas e concentradas. E a organização desse momento pode variar: um dia você pode contar uma história no parque e, em outro, na sala de referência. Lembramos que esses horários mudam de turma para turma e, ainda, dependem de como foi o dia.

O objetivo central da rotina é a estruturação, ou seja, demonstrar à criança que o dia a dia dentro da creche tem uma ordem, que tudo acontece dentro de uma previsão e que esse lugar, a que seus familiares a confiaram, é, acima de tudo, seguro e tranquilo!





## 1.4 A centralidade do brincar no cotidiano da criança

– Então, vou pegar essa bacia com a água e com o sabão para fazer uma mágica para você. Presta atenção. Mistura, mistura, mergulha, mexe para um lado, mexe para o outro lado, joga um pó de pirlimpimpim, mais um pouco. Agora fecha o olho.... espera...espera... Olha! As bolhas estão crescendo, e mais e mais...mágica pronta. A espuma apareceu.... Eu também misturo o shampoo e o creme da minha mãe e aí é outra mágica. E também tem as coisas na cozinha que eu uso para fazer minhas mágicas. Mas sempre tem que jogar o pó de pirlimpimpim. (BRASIL, 2011, p. 16)

Amarelinha, casinha, comidinha, mamãe e filhinha, bola, bolinha de gude, bolinha de sabão, bate-mão, polícia e ladrão, pião, peteca, boneca, meleca, cavalinho, carrinho, barquinho, pique-esconde, lenço-atrás... Ufa! Será que tem mais?

Sim! Tem muito mais! Afinal, as brincadeiras, os brinquedos e a maneira de brincar criam um arranjo de infinitas possibilidades de experimentação, pesquisas, descobertas, formas de entender e de se apropriar do mundo.

Com base nas sensações gostosas que as lembranças da infância nos causam, podemos compreender o significado do brincar e quão importante esse ato é na vida de uma criança. Folhas, pedrinhas, sementes, areia e outros elementos da natureza são comidinhas de faz de conta, caixinhas de fósforos são potentes carrinhos, cabo de vassoura se transforma em cavalo, microfone... Enfim, a criança cria, recria, brinca!

Para Fortuna e Silva (2013), é preciso compreender que o brincar não é uma forma de a criança se distrair, de ocupar o tempo, o brincar é uma linguagem da infância "que fornece subsídios para a expressão, sendo também um meio de desenvolver habilidades corporais ou cognitivas e de aprender a conhecer, além de propiciar a experimentação de sentimentos, tais como prazer, alegria, medo, frustração, entre outros que afloram no ato lúdico".



©Shutterstock.com

Toda criança deve ter o direito de usar os seus poderes do "pirlimpimpim", ou seja, de brincar

### Para refletir

1. Quais brincadeiras fizeram parte da sua infância?
2. Nessa época, quais eram os seus brinquedos preferidos? E os seus espaços e parceiros de brincar prediletos?
3. Em que o brincar de sua infância se assemelha ao das crianças da sua sala de referência?
4. Será que as crianças de diferentes territórios, do Brasil e do mundo, brincam da mesma maneira?
5. Você já ouviu a expressão "criança aprende brincando"? O que isso quer dizer? De que forma isso acontece?





Bebê brincando com as mãos.

É importante destacar que as crianças não brincam sempre do mesmo jeito; as formas evoluem e passam por fases, de acordo com seu desenvolvimento. Bebês bem pequenos brincam de maneiras diferentes dos bebês de 1 ano, que, por sua vez, diferem de crianças de 2 anos, e assim por diante.

Pesquisas atuais comprovam que as crianças brincam antes mesmo de nascer. Na fase intrauterina, os bebês sugam, soluçam e brincam com o cordão umbilical. Depois de nascer, o brincar da criança passa a ser o adulto que cuida dela. Segundo Ortiz e Carvalho (2013, p. 103):

Antes de brincar de alguma coisa, o bebê brinca 'com'. [...] Primeiro brinca com aquele que dele se ocupa com atenção para depois brincar com seus pés, mãos e sons que consegue emitir. Atividade com alto grau de concentração, o bebê se ocupa em discernir as diferentes partes de seu corpo, a saber, o que é dele, o que é do outro, num jogo de diferenciação eu/outro.

Quando tem entre 4 e 8 meses, a criança começa a demonstrar maior atenção aos objetos e ao que pode fazer com eles (bater, "golpear", balançar). Começam os jogos de "dar e pegar" e "lançar e fazer com que os outros juntem".

Ao completar 1 ano de vida, em geral, a criança se concentra nas brincadeiras de "colocar e tirar" e nos jogos de esconde-esconde – sem dúvida alguma, um dos jogos mais difundidos entre adultos e crianças que, segundo a linha da Psicanálise, é uma representação simbólica da perda e do ganho, um ensaio sobre como lidar com a frustração.

Para Piaget (1999), é nessa fase que as crianças começam a desenvolver a percepção de permanência dos objetos, que é quando passam a entender que, mesmo que não estejam vendo o objeto, ele ainda existe. Um exemplo prático são as brincadeiras de Cadê? Achou!, quando se coloca um lenço ou uma fralda de pano em frente ao rosto e pergunta-se ao bebê: Onde está "fulano"? E o bebê responde levantando o lenço, demonstrando que já entendeu que a pessoa está sob o pano.

Por volta dos 15 meses é que aparecem as classificações significativas dos objetos e suas correspondências com a vida cotidiana (colher que é usada para comer, pente que é usado para se pentear). Com esse processo, a criança começa a realizar ações sobre os objetos, dando significados de faz de conta para cada um deles – o tão conhecido jogo simbólico. Apesar dessa característica, nessa fase, é muito presente também a brincadeira exploratória, com vistas a pesquisar e experimentar diferentes usos para os objetos, testando as suas funções, para melhor compreendê-los.



Bebê brincando com panelas e colheres de madeira



© Shutterstock/Clara Kamin



As idades apresentadas são apenas referências temporais. É importante lembrar que cada criança tem um ritmo de aprendizagem e de desenvolvimento, o qual deve ser compreendido e respeitado. Compreender os modos como bebês e crianças bem pequenas brincam é fundamental para o estabelecimento de interações de qualidade entre adultos e crianças, pois o brincar não acontece somente quando a criança incorpora personagens, transfere possibilidades, inventa brinquedos ou histórias.

Atos aparentemente mais simples, como jogar o brinquedo no chão dezenas de vezes, esconder-se atrás de suas mãos abertas ou de cortinas, apalpar objetos até então desconhecidos ou mudá-los repetidas vezes de lugar, passam quase despercebidos por nós, mas criam possibilidades de a criança conhecer seu corpo, compreendendo as fronteiras entre este e os objetos que estão ao seu redor, realizar pesquisas sobre deslocamentos, espaços, formas, pesos e volumes, entre tantas outras aprendizagens sobre o mundo que a cerca. Ao brincar, a criança conhece o mundo e amplia suas condições de melhor viver nele. A criança aprende e cresce brincando!

O brincar permite o exercício contínuo do aprender a conhecer, pois, brincando, a criança conhece o mundo nas múltiplas interações que estabelece com ele, uma vez que, para desenvolver-se, é necessário que ela se envolva em atividades físicas e mentais. Aprende, também, a relacionar, as coisas e a ir além dos princípios gerais que as envolvem. Constrói conhecimentos e adquire novas informações. (CARNEIRO; DODGE, 2007, p. 33)

É na brincadeira que a criança exterioriza sentimentos e tem mais possibilidades de expressar suas opiniões. Oportunidades de aprender a respeitar e seguir regras também são garantidas; por isso podemos dizer que o brincar tem papel fundamental e decisivo nas relações entre criança e adulto, entre criança e outras crianças e entre crianças e seu meio.

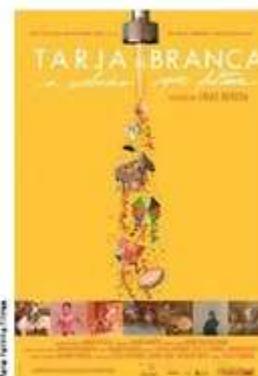
Brincar é a atividade mais importante para as crianças. Mas, apesar dessa importância, o brincar, muitas vezes, é relegado à atividade secundária – algo a ser realizado depois da obrigação. Conforme o pensamento de Borba (2007, p. 35), “essa visão é fruto da ideia de que a brincadeira é uma atividade oposta ao trabalho, sendo por isso menos importante, uma vez que não se vincula ao mundo produtivo, não gera resultados”.

Tal ponto de vista, infelizmente, ainda é presente na Educação Infantil. O ato de brincar não pode ser visto somente como uma atividade para as horas ociosas das crianças; ao contrário, todas as propostas elaboradas para e com as crianças deverão pautar-se pelas brincadeiras e interações, que são os eixos norteadores do currículo, conforme previstos no documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) e reafirmados pela BNCC (2017). Se pensarmos dessa forma, conseguiremos fazer do tempo da creche uma oportunidade significativa de aprender e habitar o mundo.

### Você sabia?

O documentário *Tarja Branca* – a revolução que faltava é uma oportunidade para refletir sobre a importância e a centralidade que o brincar assume em nossas vidas.

**TARJA BRANCA.** Direção de Cacau Rhoden. Brasil: Moria Farinha Filmes, 2014. 1 DVD (80 min), son., color.



Janet Moyles (2002, p. 19) afirma que o brincar não é um ato exclusivo dos pequenos que não têm algo mais importante para fazer, mas que os seres humanos, em geral, e também os animais, “brincam” explorando e experimentando situações e propósitos diversos.

Também Winnicott nos ensina que a experiência lúdica iniciada na infância permanece por toda a vida e se manifesta pelos processos criativos da cultura: dança, música, cinema, religião, teatro, literatura, invenções científicas, entre outras. Ou seja, “a brincadeira é o fundamento de toda a criação cultural, o que a torna ainda mais importante para a vida humana” (FORTUNA; SILVA, 2013, p. 13).

Somos seres brincantes!

## Como o brincar pode ser potencializado e integrado ao cotidiano

Não trataremos somente de definições teóricas sobre o brincar. O que realmente queremos é desafiar você, professor, a acolher e a ressignificar as possibilidades práticas direcionadas aos pequenos. Para isso, é preciso que o brincar ganhe centralidade nas experiências diárias na creche, tornando-se “fundamento vital” tanto para um desenvolvimento infantil saudável como para o direcionamento do trabalho diário com as crianças. Mas como?

Muitos professores relatam que uma das maiores dificuldades em realizar um trabalho pautado pelo brincar é a demanda familiar que anseia antecipação de conteúdos escolares. Os pais e os responsáveis queixam-se de que tudo o que a criança faz na creche é brincar. Esse panorama, novamente, evidencia uma concepção de brincar equivocada, baseada, quase sempre, na contraposição do brincar aos assuntos sérios.

O enfrentamento reside no trabalho franco e participativo com os familiares dos pequenos, apresentando todo o aprendizado e o desenvolvimento que ocorre com as crianças que brincam e, principalmente, explicando-lhes que brincar não é “perda de tempo”, mas possibilidade de aprender, crescer, descobrir, explorar, enfim, viver!

### Com o que brincam nossas crianças?

As crianças primeiro brincam “com” para depois brincarem “de”. Bondioli e Mantovani (1998, p. 215) afirmam que “se o adulto é o primeiro brinquedo, o único objeto com o qual a criança pode experimentar o seu poder, então as primeiras brincadeiras são constituídas por situações felizes, compartilhadas por adulto e criança”.



Bebê interagindo com adultos de referência



O bebê se constitui, compreende-se como pessoa e descobre o mundo que o cerca mediante o brincar. Sendo assim, as brincadeiras têm papel fundamental na transmissão de segurança e no processo de formação do sujeito.

O ato de brincar está carregado de significações e de cultura. Por essa razão, em cada cultura, o brincar ocupa um lugar, privilegiado (central) ou não (secundário).

### ○ BRINCAR PARA OS PANARÁS

Um povo que tem 85% da população formada por jovens e crianças é um povo de intensas infâncias. Os índios Panará, que por muito tempo fugiram do contato com os brancos, já perderam seu território e o retomaram. Hoje, as crianças recontam essa história a seu próprio modo.

[...] Os Panarás são um grupo indígena que habita o norte do estado brasileiro do Mato Grosso e o sul do Pará, mais precisamente na Área Indígena Panará e Parque Indígena do Xingu e falam Caiapó do Sul.

Pijjāsêri é a palavra usada pelo povo Panará para falar sobre brincar. Essa palavra pode se referir às brincadeiras do dia a dia das crianças, mas também a festas e cerimônias que envolvem também os jovens e adultos – e são ensinadas a todos pelos mais velhos.

Entre as crianças panará, folhas viram hélices de avião; um galão d'água cortado ao meio vira um carrinho; os galhos de mamoeiro se transformam em espingardinha de pressão; e até o fruto do tucum pode virar um peão.

Mas existem muitos outros tipos de pijjāsêri: a brincadeira do macaco, da onça, da queixada e até do peixe tucunaré. Essas pijjāsêri revivem um tempo antigo em que os bichos eram gente e ensinaram muitas coisas aos Panará.

Uso do texto autorizado pelo Site Catraquinha

Disponível em: <<http://territoriodobrincar.com.br/territorio-do-brincar-na-midia/dia-do-indio-videos-revelam-a-infancia-e-o-brincar-na-comunidade-indigena-panara/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

Muitas crianças brincam predominantemente com brinquedos feitos de plástico ou borracha, certo? Pense, então, nas sensações que os bebês e as crianças pequenas têm ao manipular esses brinquedos. Que textura e temperatura o plástico e a borracha transmitem?

Esses materiais, geralmente, transmitem a mesma sensação: uma textura lisa e com uma temperatura constante, nem frio, nem quente. Isso merece atenção. Se os bebês e as crianças pequenas se encontram em uma fase do desenvolvimento em que as sensações, o movimento (sensório-motor) e o simbolismo são as diretrizes para a exploração do mundo, não deveríamos oportunizar a eles diversos materiais, com diferentes texturas, temperaturas, cheiros e sabores e, ainda, tudo isso em um cenário que possibilite a livre exploração e movimentação?

Sim, deveríamos! Entretanto, cada vez mais as salas estão repletas de brinquedos de plástico, barulhentos, luminosos e que fazem tudo "sozinhos", deixando pouca ou nenhuma opção de interação para as crianças.

### 🕒 Você sabia?

O Território do Brincar é um programa "de escuta, intercâmbio de saberes, registro e difusão da cultura infantil". O site reúne fotos, vídeos, textos, artigos, palestras e produções culturais. Os idealizadores e fundadores, Renata Meirelles e David Reeks, apresentam suas pesquisas sobre o brincar em diferentes territórios do Brasil. O programa também promove diálogos com pesquisadores da cultura lúdica infantil. A navegação oferece ao professor conhecimento sobre a infância e o brincar indígena, quilombola, de comunidades rurais e de grandes metrópoles, do sertão e do litoral do Brasil.

Disponível em: <<http://territoriodobrincar.com.br/>>. Acesso em: 14 set. 2017.



### Para refletir

1. Qual lugar o brincar ocupa no cotidiano das crianças da creche?
2. Com que as crianças da sua sala de referência brincam?
3. De que material os principais brinquedos a que as crianças têm acesso na sua sala de referência são fabricados?





Caetano Moraes  
Pessoa  
3 anos e 1 mês

Essa realidade, muitas vezes, é reproduzida em casa, uma vez que as crianças têm, cada vez mais cedo e de forma não controlada, acesso à tecnologia. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2016, p. 1-2) alerta:

Crianças e adolescentes fazem parte da geração digital e usam os dispositivos, aplicativos, videogames e a Internet cada vez mais em idades precoces e em todos os lugares. Alguns dos pais, também nativos digitais, não percebem as mudanças ou problemas que vão surgindo, como se tudo já fosse parte da rotina familiar. [...]

Estudos científicos comprovam que a tecnologia influencia comportamentos através do mundo digital, modificando hábitos desde a infância, que podem causar prejuízos e danos à saúde.

O resultado é um panorama preocupante: enquanto as crianças deveriam estar usando todo o corpo em experimentações e desafios, estão vidradas em brinquedos eletrônicos e telas de *tablets* e *smartphones*, os quais exigem, no máximo, a interação com o dedo indicador.

É urgente, então, repensar os brinquedos/objetos acessados pelas crianças, para lhes oportunizar um desenvolvimento integral e saudável.

Para isso, é preciso saber: Do que e com o que as crianças gostam de brincar? Você já deve ter presenciado uma cena em que a criança ganha um belo presente, mas o deixa de lado para brincar com a caixa ou o embrulho. Isso acontece porque as crianças gostam de brincar com objetos que geram descobertas e inúmeras possibilidades de exploração e manipulação.

Os professores têm o dever de resguardar o direito da criança de brincar, proporcionando um brincar significativo, de qualidade e que tenha como foco a ampliação do repertório infantil.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) elenca seis grandes direitos de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil, entre os quais:

Brincar de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), de forma a ampliar e diversificar suas possibilidades de acesso a produções culturais. A participação e as transformações introduzidas pelas crianças nas brincadeiras devem ser valorizadas, tendo em vista o estímulo ao desenvolvimento de seus conhecimentos, sua imaginação, criatividade, experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2017, p. 34)

Os profissionais da Educação têm o dever de fazer valer esse direito infantil. Mas como? Uma das estratégias, além do planejamento, da organização do espaço e da intencionalidade, é a seleção de materiais e a brincadeira heurística.

## Estratégias para o brincar

Você já ouviu falar na palavra "heurística"? Segundo o Mini Aurélio (FERREIRA, 2010, p. 397), heurística é o "conjunto de regras e métodos que visam à descoberta, à invenção ou à resolução de problemas".



Esse termo tem sido bastante empregado para qualificar as brincadeiras que focam a exploração e a descoberta espontânea mediante materiais não estruturados, os quais oferecem diferentes sensações e possibilidades ao serem manipulados.

Os materiais não estruturados são aqueles objetos do nosso dia a dia – caixas, panos, potes, panelas etc. – que tanto chamam a atenção dos bebês e das crianças pequenas e são adotados como brinquedos, por possibilitarem a livre experimentação, a invenção e a reinvenção.

A maior referência do brincar heurístico é Elinor Goldschmied, pedagoga britânica, defensora de que os bebês e as crianças pequenas aprendem muito com a exploração de objetos do mundo real. Segundo os seus ensinamentos:

O brincar heurístico é uma abordagem, e não uma prescrição. Não há uma única maneira correta de fazê-lo, e pessoas em centros diferentes terão suas próprias ideias e juntarão seus próprios materiais. Com efeito, um dos grandes méritos dessa abordagem é que ela liberta a criatividade dos adultos e torna a tarefa de cuidar das crianças muito mais estimulante. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 149)

Em linhas gerais, a proposta do brincar heurístico está centrada em oferecer menos brinquedos manufaturados e mais experiências multissensoriais aos pequenos, despertando os sentidos e o exercício da escolha e da autonomia.

No brincar heurístico,

o foco da criança está na descoberta, em descobrir os objetos por meio da manipulação deles, os encher e esvaziar e colocar coisas dentro, para depois tirar. Há muita aprendizagem "natural" acontecendo, muita experimentação e nenhuma resposta "errada" para ser medida. (BROCK, et al., 2011, p. 132)

Para tanto, é preciso um olhar atento na seleção dos objetos que deixaremos ao acesso das crianças, priorizando materiais de diferentes texturas, tamanhos, formas, temperaturas, cores, odores e sabores (se sabemos que os bebês levarão tudo à boca, devemos planejar isso também). Na maioria das vezes, esses objetos não precisam ser comprados, pois são encontrados facilmente em casa.

Os objetos não estruturados devem ser oferecidos às crianças para a autoexploração, ou seja, os bebês têm autonomia para explorar os objetos de acordo com o seu desejo e na ordem em que preferirem. Nesse caso, o professor apenas disponibiliza os materiais, mas não fica fazendo incentivos verbais, tampouco coloca os elementos nas mãos das crianças. O papel do professor será de observação atenta e cuidadosa, enquanto os objetos são ofertados às crianças junto a recipientes, tapetes e sacolas, ou apresentados em um cesto:



Cesto de vime indicado para a brincadeira de Cesto dos tesouros



Para saber mais sobre o uso do Cesto dos tesouros, consulte as sequências didáticas sugeridas no Capítulo 2.

O Cesto dos Tesouros é um cesto comum de palha ou vime com objetos variados, encontrados no ambiente doméstico, aqueles objetos que as crianças escolhem para brincar: chaves, tampas de panelas, enfeites da casa, colheres de madeiras, laranjas da fruteira, etc. (ORTIZ; CARVALHO, 2013, p. 120)

### Possibilidades práticas

A fim de ampliar a seleção de objetos não estruturados, confira o quadro com dicas de algumas possibilidades de texturas e materiais.



Bebê explorando elementos do Cesto dos tesouros

	TEXTURA			EXEMPLOS DE MATERIAIS
HADERA				Colher de pau, pregadores de roupa, caixinhas, argolas grandes de cortinas, escova de sapato (sem uso), escova de cabelo etc.
METAL				Colheres grandes, tampas de panela, panelas, forminhas de empada, batedor de ovos etc.
PAPEL				Cilindros de papelão (rolinho de papel higiênico e de papel-toalha), caixinhas, papel corrugado, papel camurça, papel laminado etc.
OBJETOS NATURAIS				Conchas grandes e higienizadas, penas grandes e higienizadas, esponja vegetal, pedras-pomes, sementes grandes, pinhas (sem pontas) etc.
TECÊDILA				Pompons de lã, tule, tiras de veludo, elásticos de cabelo (sem uso), luvas etc.

### Para refletir

1. Analisando sua oferta de material e focando sempre na ampliação de oportunidades para experienciar os sentidos (tato, olfato, gustação, audição e visão) e o simbólico, pense em novas possibilidades de materiais para o brincar, que sejam significativas e acessíveis em sua realidade.
2. Que estratégias podem ser criadas para a arrecadação de materiais não estruturados? Como as famílias podem colaborar?



## A seleção de materiais para o brincar

Olhos atentos para perceber pequenos detalhes que farão a diferença na hora da brincadeira: peças muito pequenas são proibidas, pois podem ser colocadas na boca, na orelha ou no nariz. O material de que é feito o brinquedo/objeto também precisa ser analisado, bem como a indicação de idade apropriada para fazer uso dele.

As questões a seguir vão ajudá-lo na hora de escolher os objetos mais adequados para a faixa etária de sua turma.

- O objeto chama a atenção?
- Tem tamanho adequado?
- É durável?
- É lavável?
- Traz elementos que possam machucar, cortar ou enroscar?
- É tóxico ou inflamável?
- Possibilita uma boa higiene depois de usado?
- Instiga a curiosidade e a investigação?
- Conduz a algum tipo de preconceito?
- Os brinquedos industrializados têm selo de certificação do Inmetro?
- É divertido e desafiante para a criança?

Outro aspecto importante no momento da seleção é ter foco na diversidade das manifestações étnicas e culturais. De acordo com o documento *Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial* (SILVA JÚNIOR; BENTO; CARVALHO, 2012), a seleção de brinquedos e outros materiais é fundamental para promover uma educação para a igualdade racial. As creches precisam oferecer às crianças brinquedos, instrumentos musicais, livros e outros objetos que gerem, nelas, a identificação com suas características e culturas.

Na sua sala, há bonecas e bonecos? Esses brinquedos apresentam diferentes características físicas e raciais? Um exemplo é ficar atento a estas dicas no momento de escolher bonecas e bonecos negros:

Ao escolher bonecas e bonecos negros, é preciso olhar para a diversidade de tonalidades de pele, de traços e de tipos de cabelo. Será que as bonecas escolhidas expressam essa diversidade? Assim como a boneca loira e de olhos azuis não traduz a diversidade de tipos da raça branca, também ao escolher as bonecas e os bonecos negros devemos procurar aqueles que representam os negros na sua variedade de tons de pele e tipos de cabelo, a pluralidade fenotípica que caracteriza a população negra. Além disso, há os critérios básicos que jamais deveriam ser esquecidos: os bonecos são bonitos e benfeitos? Dá vontade de brincar com eles? São interessantes para as crianças? (SILVA JÚNIOR; BENTO; CARVALHO, 2012, p. 22)

Quando pensamos nas respostas a essas questões, pensamos também nas melhores possibilidades de acerto para a escolha dos materiais.



Brincar ao ar livre é direito dos bebês e de todas as crianças!

[...] os pátios são espaços que comportam múltiplas oportunidades, possibilitam o contato com outras pessoas, com a luz do sol, o ar fresco e outros elementos da natureza. Tendo em vista que a agência dos bebês, sobretudo dos que ainda não falam ou caminham, passa despercebida pelo olhar adulto, é preciso estar atento para perceber as suas ações e iniciativas. Caso contrário, corre-se o risco de não se valorizar alguns acontecimentos manifestados por formas discretas e minuciosas de os bebês marcarem presença nesse espaço, como brincar com os raios de sol, sentir a brisa que sopra no ar, explorar a textura de uma folha, observar o caminho das formigas ou um teto que está sempre mudando, percorrer os desníveis encontrados no chão, equilibrar-se sobre eles, entrar em contato com a materialidade que constitui esse chão (areia, grama, pedras, piso), sentir outras temperaturas, cheiros e barulhos diferentes daqueles encontrados entre as paredes da sala. (GOBBATO, 2013, p. 14)



Criança brincando ao ar livre



É importante reforçar que é na brincadeira que a criança imita o adulto e aprende por meio de experiências, repetições e explorações. Mas o que é explorar? Nesse contexto, é o mesmo que descobrir, trocar, mexer, fruir, testar limites e também brincar!

Para auxiliá-lo ainda mais na seleção de brinquedos e objetos brincantes de qualidade, sugerimos a consulta do quadro a seguir:



Brinquedos artesanais

Itens que precisam ser observados em um brinquedo/objeto	Características
Interesse	• Desperta e curiosidade da criança, convidando-a a brincar?
Adequação	• Atende à fase de desenvolvimento na qual a criança se encontra?
Imaginação	• Propicia e estimula a criatividade da criança?
Versatilidade	• O objeto apresenta diferentes formas de brincar?
Composição	• A criança tem possibilidades de descobrir como o brinquedo/objeto é feito (montar, desmontar)?
Cores e formas	• O objeto propicia experiências sensoriais, apresentando diferentes formas, texturas e cores?
Tamanho	• O tamanho do objeto oferece risco de sufocamento ou outro acidente?
Durabilidade	• O objeto pode frustrar a criança por se quebrar facilmente?
Diversidade	• O brinquedo incita a algum tipo de preconceito?
Segurança	• Tem selo de certificação do Inmetro? • Caso o brinquedo tenha sido construído/coletado por você: ele é feito com tinta atóxica, sem peças que se soltam facilmente e sem pontas ou arestas que causam acidentes?

Não basta escolher com atenção os objetos ideais para as crianças brincarem; será necessária a sua intencionalidade para que elas possam usufruir de todas as possibilidades da brincadeira.

Para tal, acrescentamos estas dicas:

1. O tempo é o melhor aliado para a criança explorar o brinquedo/objeto.
2. Não direcione a descoberta dos novos materiais, mas esteja disponível para possíveis ajudas, se a criança solicitar.
3. Valorize e promova a autoestima enquanto a criança brinca, mostrando quanto ela é capaz.
4. Possibilite novas propostas a velhos materiais.
5. Incentive a descoberta de soluções para os problemas que acontecem no momento da brincadeira.
6. Se notar que a brincadeira ficou sem motivação, amplie os desafios.
7. Respeite os interesses infantis, pois cada criança tem o próprio tempo.
8. Demonstre interesse por aquilo com que as crianças estão brincando.
9. Apresente os brinquedos de maneira atraente e desafiadora por meio da composição de cenários (cantinhos) preferencialmente.
10. Atenção às brincadeiras: elas são capazes de revelar situações que nem imaginamos, como conflitos emocionais, preferências, medos etc.



## Por que brincar?

Porque isso garante que o cérebro – e nas crianças quase sempre o corpo todo – fique estimulado e ativo. Isso, por sua vez, motiva e desafia o participante tanto a dominar o que é familiar quanto a responder ao desconhecido em termos de obter informações, conhecimentos, habilidades e entendimentos. (MOYLES, 2002, p. 20)

Infelizmente, encontramos nas salas de referência, ainda hoje, atividades que não possibilitam o lúdico nem aprendizado algum. Lembra-se daqueles longos períodos em que as crianças passavam fazendo bolinhas de papel crepom para desenvolver a motricidade? Será que você já passou por isso? Então, responda: Em que momento essa atividade promove a construção do conhecimento de forma lúdica e significativa e, em consequência, prazerosa para a criança?

Mais uma vez reforçamos a ideia principal deste capítulo: fazer dos momentos da creche os melhores momentos para você e para as crianças. Momentos de alegria, risadas, descobertas, experimentação. Precisamos, quanto antes, transformar os ditos “trabalhos sérios” em grandes brincadeiras, por meio das quais o aprendizado se torna consequência da experiência lúdica.

Pensando as interações e as brincadeiras possíveis dentro do espaço da creche, citamos: o brincar interativo com o professor, que pode começar com as várias formas de entoar a voz ao falar com o bebê; a produção, a conservação e a recriação das brincadeiras de crianças com outras crianças, também conhecida por cultura lúdica infantil; a interação entre as crianças e os brinquedos e outros materiais, oportunizando o contato e a exploração de formas, texturas, cores, pesos, cheiros, tamanhos, espessuras, paladares e outras propriedades importantes para a compreensão do mundo.

Segundo Meirelles (2012, p. 23):

é preciso colocar-se na brincadeira inteiramente: corpo, vontade, conhecimento, risco, prazer. É na relação que a brincadeira se dá. Pelo outro, a criança vai entrar em contato com as possibilidades de brincar, especialmente se esse outro for alguém que lhe apresente toda a qualidade da brincadeira.

Para que o brincar infantil ganhe centralidade e significância, o professor precisa desenvolver o olhar atento e a escuta disponível para a maneira como a criança aprende e experimenta o mundo. Isso se dá por meio do planejamento, da pesquisa e da intencionalidade.

Boa brincadeira!

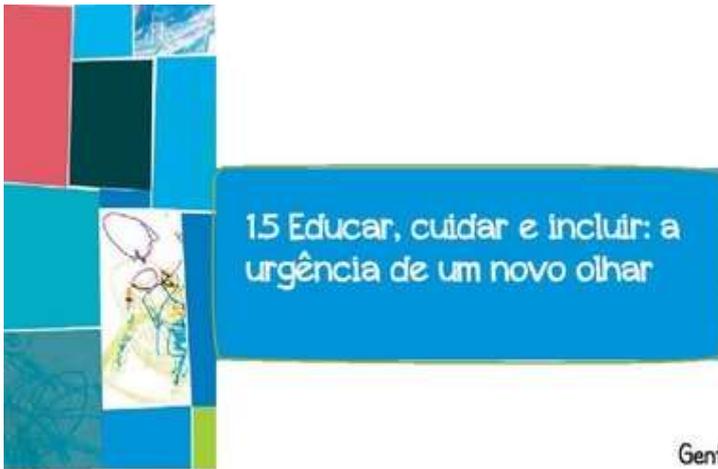


Criança brincando de jogo de papéis (faz de conta)

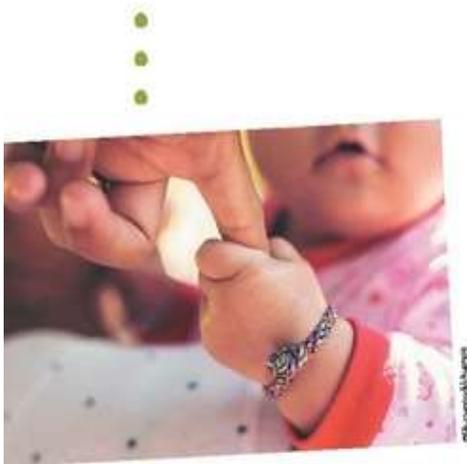
## Você sabia?

O documento *Brinquedos e brincadeiras de creches* é uma publicação do MEC, de 2012, com o apoio da Unicef. Trata-se de uma publicação técnica, com a finalidade de orientar professores, educadores e gestores na seleção, na organização e no uso de brinquedos, materiais e brincadeiras para creches. O documento aponta, ainda, formas de organizar o espaço, tipos de propostas, conteúdos e diversidade de materiais para uma Educação Infantil de qualidade. Disponível para [download no site do MEC](#).





## 1.5 Educar, cuidar e incluir: a urgência de um novo olhar



Bebê segurando a mão de adulto de referência

Gente eu tô ficando impaciente

A minha fome é persistente

[...]

Come tudo no ambiente

Tudo que se ja atraente

É uma fome absorvente

Come e nunca é suficiente

PERES, Sandra; TATIT, Luiz; TATIT, Paulo. Fome come.  
In: PALAVRA CANTADA. *Palavra Cantada 10 anos*. São Paulo:  
MCD, 2004. 1 CD. Faixa:13.

### Definições necessárias

- O que realmente significa cuidar?

O Dicionário Prático de Regência Verbal define "cuidar" como o "ter atenção, desvelo; tratar de" (LUFT, 1999, p. 158). Essas ações parecem intrínsecas ao ser humano, uma vez que nossa espécie necessita do outro para sobreviver. No entanto, o cenário se modifica quando o Parecer CNE nº 20/09 aponta que, em se tratando das crianças pequenas, esse ato é indissociável do educar.

A dimensão do cuidado, no seu caráter ético, é assim orientada pela perspectiva de promoção da qualidade e sustentabilidade da vida e pelo princípio do direito e da proteção integral da criança. O cuidado, compreendido na sua dimensão necessariamente humana de lidar com questões de intimidade e afetividade, é característica não apenas da Educação Infantil, mas de todos os níveis de ensino. Na Educação Infantil, todavia, a especificidade da criança bem pequena, que necessita do professor até adquirir autonomia para cuidar de si, expõe de forma mais evidente a relação indissociável do educar e cuidar nesse contexto. (BRASIL, 2009)



Indicamos a leitura do texto *Saúde e bem-estar das crianças: uma meta para educadores infantis em parceria com familiares e profissionais de saúde*, de Damaris Gomes Maranhão. Disponível em: <portal.mec.gov.br>. Acesso em: 7 dez. 2017.



- E, afinal, o que é educar?

Segundo o mesmo dicionário, “educar” é “promover a educação de; instruir (-se); cultivar (-se); cultivar o espírito (de)” (LUFT, 1999, p. 224). Esse conceito é altamente complexo se levarmos em consideração que as pessoas são diferentes, oriundas de contextos diversos e detentoras de verdades que não são absolutas.

Como, então, compreender a possibilidade de cuidar e educar em um processo dialógico e dinâmico que caracteriza a sociedade deste século? Essa é uma tarefa da família ou da creche?

O conceito de educar vai muito além do ato de transmitir conhecimentos. Educar é incentivar o raciocínio; é aprimorar o senso crítico, as faculdades intelectuais, físicas e morais. Por isso, na perspectiva interacionista, que acredita que a capacidade de conhecer e aprender é construída mediante as trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio, o educar e o cuidar são indissociáveis.

A criança, no contexto familiar, vive conforme as referências estabelecidas por esse núcleo, por exemplo: a forma como se comporta nas refeições, como lida com os conflitos ou, ainda, como estabelece as relações de afeto. Ao frequentar a creche, essa criança, inicialmente, poderá estabelecer uma relação de divergência.

Cabe, assim, na integração entre família e creche, o estabelecimento de relações claras com essas crianças para que se sintam seguras e apoiadas para as novas relações que serão estabelecidas nesse espaço de vida coletiva.

No contexto da creche, educar e cuidar precisam ser ações planejadas e intencionais, visando ao desenvolvimento integral das crianças.

## O fazer pedagógico na jornada com os bebês e as crianças pequenas

Considerando a articulação integrada e simultânea entre os diferentes âmbitos de desenvolvimento (físico, motor, cognitivo, afetivo e social), cabe aos professores e gestores da creche articular as ações de forma planejada. Isso parece óbvio. Porém, na prática, as coisas não são bem assim; o atendimento envolve várias crianças ao mesmo tempo, cada uma com ritmo próprio.

E, nesse cenário, os profissionais da creche enfrentam um dos maiores desafios a que se propõem: auxiliar no desenvolvimento da autonomia infantil. Para isso, é preciso que os pequenos aprendam a se conhecer, percebendo-se como sujeitos com vontades e necessidades. Contudo, inicialmente, precisarão de auxílio com relação à higiene, à alimentação e ao sono – momentos importantes que devem envolver afeto, aprendizagem e segurança, conforme veremos agora.



### Para refletir

- Como organizar as ações de cuidar e educar, a fim de favorecer o desenvolvimento das crianças de sua sala de referência?





Nicolas Liders  
Castellar Bomato  
3 anos e 5 meses

## 1. Higiene

A rotina de higiene precisa estar interligada com a intencionalidade pedagógica e com o vínculo afetivo.

A seguir, apresentaremos algumas orientações sobre procedimentos de higiene.

### 1.1. Troca de fraldas

A troca de fraldas deve ser um momento especial, cercado por conversa, carinho e brincadeiras. Se for mecânico, será prejudicial aos pequenos e ao estabelecimento do vínculo entre vocês.



### Possibilidades práticas

Enquanto troca o pequeno, além de conversar e explicar o que está acontecendo, é possível propor brincadeiras cantadas.

- Após a troca, mas ainda no trocador, com o bebê deitado, mexa as pernas do bebê, realizando o movimento de pedalar e esticar, enquanto recita os versos abaixo.

*Pedala, pedala, pedala*

*Até se esticar*

*Pedala, pedala, pedala*

*Vamos nos abraçar?*

PINTO, A.; CACHEL, J. G. *Educação infantil: grupo 1: livro de Vivências*. Curitiba: Positivo, 2015.

Finalize o versinho levantando o bebê e o abraçando com carinho.

- Com as crianças pequenas, recite versos ou cante músicas da cultura popular que apresentem nomes das partes do corpo. Veja estes exemplos:

### *Eu vi, eu vi*

*Eu vi, eu vi, eu vi um jacaré, será que ele queria pegar o meu pé?*  
*Eu vi, eu vi, eu vi uma formiga, será que ele queria pegar a minha barriga?*  
*Eu vi, eu vi, eu vi um leão, será que ele queria pegar a minha mão?*  
*Eu vi, eu vi, eu vi uma coelha, será que ele queria pegar a minha orelha?*  
*Eu vi, eu vi, eu vi um piolho, será que ele queria pegar o meu olho?*  
*Eu vi, eu vi, eu vi um camelo, será que ele queria pegar o meu cabelo?*  
*Eu vi, eu vi, eu vi uma perdiz será que ela queria pegar o meu nariz?*

Cultura popular



## A formiguinha

*Fui ao mercado comprar café  
Veio a formiguinha e subiu no meu pé  
Eu sacudi, sacudi, sacudi  
Mas a formiguinha não parava de subir*

*Fui ao mercado comprar batata roxa  
Veio a formiguinha e subiu na minha coxa  
Eu sacudi, sacudi, sacudi  
Mas a formiguinha não parava de subir*

*Fui ao mercado comprar melão  
E a formiguinha subiu na minha mão  
Eu sacudi, sacudi, sacudi  
Mas a formiguinha não parava de subir*

*Fui ao mercado comprar jerimum  
E a formiguinha subiu no meu bumbum  
Eu sacudi, sacudi, sacudi  
Mas a formiguinha não parava de subir*

*Fui ao mercado comprar um giz  
Veio a formiguinha e subiu no meu nariz  
Eu sacudi, sacudi, sacudi  
Mas a formiguinha não parava de subir*

Cultura popular

Além da interação com o bebê e a criança pequena, é importante estar consciente de que os procedimentos de higienização são diferentes para meninas e meninos. Confira o passo a passo.

### A) Troca de fralda da menina

1. Coloque a criança deitada de costas no trocador. Aproveite a parte limpa da fralda para retirar o excesso de fezes (se for o caso), sempre no sentido da vagina para o ânus, para evitar a contaminação da vagina pelas fezes.
2. Abra a vulva e passe algodão com água morna.
3. Descarte o algodão a cada passagem, nunca o reutilizando. Seque a região com uma fralda de pano, passe um creme protetor de assaduras (somente com a autorização do responsável pela criança) e coloque uma fralda limpa.

GUIA DO BEBÊ. São Paulo: Símbolo, 2007. p. 9-10.



Ilustração: Fábio Spina, 2011. Digital

### Sinal de alerta

A utilização de fraldas de pano e algodão com água é a mais indicada para a higienização dos bebês, uma vez que os famosos "lençinhos umedecidos" podem ocasionar alergias. Só os utilize a pedido da família!





### B) Troca de fralda do menino

1. Para escapar dos vigorosos jatos de urina, mantenha sempre à mão uma fralda de pano. Se o bebê resolver fazer pipi, proteja os genitais dele com o pano.
2. Coloque o bebê deitado de costas no trocador. Tire a fralda, utilizando a parte limpa para remover o grosso das fezes (se for o caso) e facilitar a higiene.
3. Com um algodão embebido com água morna, limpe toda a região do ânus até a virilha.
4. Limpe todo o prepúcio, até que as dobrinhas estejam totalmente higienizadas.
5. Seque a região com uma fralda de pano, passe o creme protetor de assaduras (com a prévia autorização do responsável pelo bebê) na virilha, no pênis e na volta do ânus e coloque uma fralda limpa.

GUIA DO BEBÊ. São Paulo: Símbolo, 2007. p. 9-10.

### 1.2. Retirada das fraldas

Qual é a época mais adequada para propor essa retirada? Existe uma idade indicada? Comemorar ou não as conquistas? Dar ou não dar "tchau" para o cocô? Como agir com as famílias resistentes e as que não colaboram?

As dúvidas em torno do desfralde são muitas entre familiares e profissionais que trabalham com crianças de 1 ano e 6 meses a 3 anos de idade (ou mais). A atuação do professor é primordial para que os pequenos passem com tranquilidade por mais essa fase da vida.

Seguem alguns passos para auxiliá-lo nesse processo.

#### 1º passo: Parceria com as famílias

É recomendável conversar com as famílias para investigar a opinião delas, até mesmo para a compreensão do contexto vivenciado. Os familiares acreditam que as crianças estão preparadas para deixar as fraldas?

Muitas famílias desconhecem a capacidade infantil de se livrar das fraldas, algumas querem postergar a fase de "bebezinho" das crianças e outras optam por não retirar as fraldas pela comodidade da situação.

Mas é preciso conscientizá-las da importância da retirada das fraldas, esclarecendo todas as dúvidas delas, por mais banais que pareçam.

Para as famílias resistentes e/ou para aquelas que não colaboram com o desfralde, é preciso uma convocação individual, com o apoio

A condição essencial para os pequenos alcançarem a autonomia desejada é que creche e família ajam de forma consonante!



da Coordenação/Direção da creche, a fim de que a situação seja retomada, com o objetivo sempre de resguardar o bem-estar e a tranquilidade da criança.

### **2º passo: Olhar atento ao desenvolvimento**

Em geral, os adultos acreditam que, quando a criança anda com autonomia, ela já está apta a iniciar o desfralde. Se você pensa assim, é preciso rever e ampliar alguns conceitos.

O fato de a criança se locomover com autonomia é um dos requisitos para a retirada das fraldas, mas não é o único nem o mais importante.

Primeiramente, é preciso que a criança esteja "pronta" fisiológica e psicologicamente para começar o desfralde; por isso, é muito difícil estabelecer uma idade-padrão, por mais que, de forma geral, isso ocorra próximo aos 2 anos (com a ressalva de que "acidentes" são considerados normais até os 5 anos).

Melhor que um padrão cronológico é considerar o controle dos esfíncteres, o desenvolvimento emocional e o desenvolvimento cognitivo infantil. Ou seja, para iniciar o desfralde, é preciso, no mínimo, que a criança:

- compreenda o que é xixi e cocô;
- consiga comunicar algumas palavras ou se faça entender mediante gestos;
- ande com autonomia e tenha paciência para permanecer sentada no vaso sanitário/penico;
- demonstre interesse pela autonomia em comer, beber, vestir-se, guardar brinquedos etc. (mesmo que não consiga realizar essas tarefas sem o auxílio de um adulto), pois a busca dessa autonomia auxilia na superação da segurança que a fralda representa;
- reconheça algumas partes do corpo;
- relacione os movimentos intestinais com a necessidade de ir ao banheiro.

A criança que já desenvolveu essas habilidades evidencia, verbalmente ou por expressões e gestos, incômodo com a fralda, tentando, muitas vezes, retirá-la quando suja.

### **3º passo: Organização do banheiro**

Para facilitar a retirada das fraldas, é necessário organizar o espaço. Comece pensando no banheiro. Além de o vaso sanitário estar adaptado ao uso infantil, a maçaneta das portas, as pias, as torneiras, as saboneteiras, os porta-toalhas, os cabides e demais acessórios devem estar ao alcance das crianças, prevendo o trabalho com a autonomia.

Caso na sua creche não haja vasos sanitários próprios para o uso infantil (30 cm de altura), dê preferência aos penicos. A utilização do penico na creche deve ser feita apenas no banheiro, e os procedimentos de higienização devem ser realizados rigorosamente a cada uso.

Os pezinhos das crianças devem ficar apoiados no chão, tanto com o uso do penico quanto com o do vaso sanitário. Tal cuidado garante segurança.



Lembre-se de que o tempo para o desfralde e os demais aspectos que se referem ao seu desenvolvimento devem ser respeitados.



### **🚽 Sinal de alerta**

Os penicos devem ser utilizados somente no caso de as instalações sanitárias não serem próprias ao uso infantil.



Decidida a utilização pelo vaso sanitário e/ou penico, é importante deixar o banheiro alegre e atrativo para o uso infantil. Indicamos a fixação de imagens de crianças e/ou personagens sentados em vasos/penicos nas paredes do banheiro. As imagens devem ser plastificadas para higienização.

No início do desfralde, as crianças costumam apresentar resistência e impaciência em ficar muito tempo sentadas no vaso e/ou no penico. Uma alternativa de enfrentamento é ter ao alcance uma caixinha de plástico, com tampa, contendo alguns livros de plástico ou pano (para higiene frequente) para que elas possam folhear e se distrair. Não force a criança a ficar sentada no vaso, isso acontecerá gradualmente!

O papel higiênico deve estar ao alcance infantil, mesmo que, no início do desfralde, a responsabilidade da limpeza da criança fique a cargo do professor.

Após a limpeza íntima infantil, é preciso dar a descarga (sem a criança estar sentada no vaso), lavar e secar as suas mãos e também as da criança. Converse com ela e explique a importância desses procedimentos e como realizá-los.

#### 4º passo: Atuação intencional do professor

Seu papel é essencial na fase de retirada das fraldas. Por isso, é preciso conscientizar-se de que "acidentes" acontecerão. Nesses momentos, é necessário persistir e falar calmamente com a criança, de preferência agachado para ficar na altura dela, passando-lhe segurança. Diga-lhe que o xixi/cocô escapou, mas que, da próxima vez, ela conseguirá ir ao banheiro.

O importante é transmitir confiança na capacidade do pequeno de deixar as fraldas e festejar as conquistas (nunca evidenciar as falhas). Encare todas as conquistas infantis com alegria e comemoração. Isso significa bater palmas, cantar parabéns, abraçar e beijar o pequeno a cada êxito, mas sem exageros. A criança não deve considerar a ida ao banheiro um evento de grande responsabilidade, pois isso pode causar ansiedade.

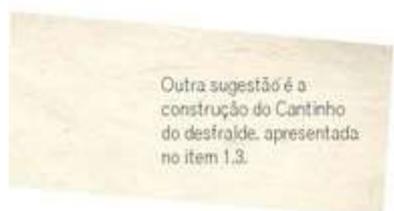
Além da postura constante de incentivo, é fundamental que seja estabelecida uma rotina para o uso do banheiro no início do desfralde. Leve as crianças ao sanitário várias vezes ao dia para que elas criem o hábito e a consciência do processo.

Porém, não é aconselhável levar todas as crianças de uma só vez ao banheiro, pois será impossível dispensar a atenção individual necessária ao mesmo tempo. Desse modo, forme pequenos grupos – enquanto algumas crianças utilizam o sanitário, as demais podem permanecer na sala e brincar nos cantinhos, por exemplo.

Peça sempre o auxílio de um colega da creche. Nunca deixe um grupo de crianças sozinho, nem mesmo para levar um pequeno que solicita ir ao banheiro rapidinho!

#### Possibilidades práticas

Uma estratégia interessante é abordar a temática do desfralde com as crianças por meio de diferentes brincadeiras e da contação/leitura de histórias – que, sendo periódica, pode, inclusive, auxiliar a criança na identificação e na resolução de conflitos psicológicos.



Sugerimos alguns livros que tratam desse assunto e que podem integrar o Cantinho da literatura:

- CHARLAT, Benoit. *Cocô no trono*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.
- ERLBRUCH, Wolf. *Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.
- GENECHTEN, Guido Van. *O que tem dentro da sua fralda?* São Paulo: Brinque Book, 2010.
- PATRICELLI, Leslie. *Meu penico*. São Paulo: Panda Books, 2012.
- KELLY, Mij. *Cadê o meu penico?* São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

### 5º passo: Tchau, tchau, fraldas!

A seguir, serão apresentadas sugestões de etapas para a retirada das fraldas.

- **1ª, 2ª e 3ª semanas:** leve o pequeno ao banheiro para fazer xixi a cada duas horas, no mínimo. Quanto ao cocô, observe a rotina de evacuação da criança para auxiliá-la próximo ao horário de costume. Se a criança ficar impaciente, converse com ela, ofereça-lhe um livro ou, ainda, cantem juntos uma canção.

Cante com as crianças e faça gestos aplaudindo e acenando para o cocô (ao dar descarga), incentivando a criança a imitá-lo nessa grande brincadeira.

- **4ª e 5ª semanas:** gradualmente, deixe a decisão de ir ao banheiro para a criança, mas pergunte a ela de 5 a 6 vezes ao dia, em média, se deseja fazê-lo.

Acidentes acontecerão, mas nada de broncas! Lembre-se de que é mais importante a valorização das conquistas.

- **6ª e 7ª semanas:** é esperado que a criança tenha internalizado a rotina de solicitar a ida ao banheiro e peça sozinha para utilizá-lo; porém, os escapes ainda são esperados, principalmente quando se distrai com uma brincadeira ou enquanto tira aquela sonequinha.

#### DICAS "VAPT-VUPT" SOBRE A RETIRADA DE FRALDAS

- Se o clima da sua região for frio/úmido, prefira iniciar o desfralde em uma época quente, pois a roupa leve facilita à criança abaixá-la sozinha e, ainda, evita que se resfrie, com os inúmeros escapes que ocorrerão.
- Meninos e meninas aprendem a usar o vaso sanitário sentados. Somente após internalizarem essa prática, inicia-se uma nova aprendizagem para os meninos: urinar em pé. A aprendizagem de que o xixi se faz em pé e o cocô sentado pode gerar confusão nos pequenos.



Beatriz Del Vecchia de  
Lima Dalcin

2 anos e 4 meses



Caso a criança demonstre maior dificuldade, insista nas etapas anteriores, pois cada criança tem seu ritmo e seu tempo para aprender e se desenvolver.



- Se o processo de retirada de fraldas já começou e, por qualquer motivo, a criança estiver de fralda e solicitar a ida ao banheiro, atenda ao seu pedido. Nunca utilize frases como: "Não tem problema, pode fazer xixi, você está de fralda!" ou "Só desta vez você pode fazer na fralda!". Elas geram conflitos e confundem a criança: Afinal, quando pode fazer xixi sem estar no banheiro?
- Peça às famílias que enviem várias mudas de roupas, bem como sacolas plásticas para acondicionar as roupas, caso sujem e molhem.
- Retirada de fraldas não combina com o início na creche. Se uma nova criança é matriculada na sala e usa fraldas, apesar da idade e de ter condições para não mais usá-las, é preciso que antes ela se sinta segura no espaço e acolhida pelas pessoas do novo convívio para, depois, iniciar o desfralde.
- Se a criança evacuar na calça, retire as fezes da roupa passando água corrente. Depois, encaminhe a roupa à lavanderia ou acondicione-a em um saco plástico e, então, na bolsa da criança. Avise aos familiares.
- Nunca aperte a descarga com a criança sentada no vaso, pois o barulho pode assustá-la. Faça isso após a criança estar em pé, fora do vaso e converse sobre o que está acontecendo. Se ela demonstrar tristeza pelo fato de a descarga "sumir com sua produção", console-a e demonstre alegria com mais essa conquista.



*Maria Luiza  
Amarim Rocha  
1 ano e 10 meses*

### 1.3. Higienização do trocador

Verifique se o trocador foi limpo e desinfetado. A seguir, acompanhe o passo a passo para realizar os procedimentos de higienização.

#### A) Limpeza

- Esfregue um pano umedecido em água e sabão sobre os colchonetes.
- Enxágue o pano em água corrente para retirar o sabão dos colchonetes.
- Torça o pano para retirar o excesso de água.
- Acondicione os panos usados em recipientes (baldes) com tampa, a fim de que sejam levados à lavanderia. Os recipientes também devem ser higienizados.

#### B) Desinfecção

- Após a limpeza, faça a desinfecção.
- Friccione um pano com álcool 70% sobre o colchonete, de ambos os lados e nas laterais.
- Deixe o colchonete secar espontaneamente antes da próxima troca de fraldas.



### C) Lençol de papel

- Se possível, utilize lençol de papel para forrar os colchonetes, sendo esta mais uma medida de prevenção na transmissão de várias infecções, bacterianas e fungos que podem estar presentes nas fezes e na urina.
- Mesmo utilizando o lençol de papel, mantenha a lavagem com água e sabão, se houver vazamento de fezes ou urina, e a desinfecção com álcool 70%, em qualquer situação.

### 1.4. Higienização das mãos

A lavagem das mãos deve ser realizada inúmeras vezes ao dia, inclusive antes e depois das trocas de fraldas, mesmo se houver a utilização de luvas, visto que um dos grandes responsáveis pela transmissão de doenças e viroses em bebês é a contaminação das mãos.

Não basta somente molhar as mãos, deve-se lavá-las correta e cuidadosamente entre os dedos, unhas, palmas, dorsos e punhos. Utilize sabonetes líquidos e toalhas de papel. Após a lavagem, é aconselhável o uso de álcool glicerinado para desinfecção.

Repita a lavagem das mãos tantas vezes quanto for possível.

### 1.5. Banho

O banho é um momento muito íntimo e que possibilita uma grande interação; por isso, deve ser priorizado pelas famílias, as quais precisam ser orientadas sobre a importância da higiene e, principalmente, do aspecto afetivo relacionado a esse ato.

Existem, porém, muitas situações que exigem o banho na creche: o vazamento das fraldas, o vômito, o aprendizado do bebê em se alimentar sozinho, as atividades com tinta e o próprio clima quente em várias regiões brasileiras. Inclusive, pode haver a necessidade de mais de um banho por dia.

O banho na creche geralmente é mais breve do que o banho que a criança toma em casa. No entanto, independentemente da duração do banho na creche, ele deve ser especial.

Encare o banho como uma oportunidade única de criação de vínculo afetivo com o bebê. Para que isso ocorra, é preciso que seja realizado com carinho, atenção e sob a observação de procedimentos importantes:

- verifique se há correntes de ar no trocador/banheiro; se houver, feche as janelas ou portas;
- certifique-se de que a banheira foi higienizada;
- com o dorso da mão, meça a temperatura da água (deve estar morna, entre 36 °C e 37 °C);
- separe, antes de começar o banho, todos os materiais de higiene e os acessórios necessários (toalha, xampu, sabonete, fralda, roupas etc.);



*Thea Pospissil Jacinto*

*2 anos e 1 mês*



\*A higiene bucal deve ser feita desde a maternidade. Até o nascimento do primeiro dente, que ocorre por volta do quinto mês, deve-se passar uma gaze molhada com água filtrada ou um dedal de silicone na gengiva do bebê, sempre depois das refeições ou mamadas. Lembre-se de que a gaze ou o dedal de silicone são de uso pessoal de cada criança! (LOPES, 2009, p. 140).





Professora dando banho em criança pequena

### Sinal de alerta

Os talcos podem provocar reações alérgicas, por isso só é aconselhável utilizá-lo com a indicação da família.



- utilize, se possível, os sabonetes líquidos neutros;
- evite as esponjas, mesmo as coloridas e com formatos lúdicos, pois podem facilitar a multiplicação de germes por ficarem úmidas;
- garanta que as toalhas sejam de uso individual, penduradas separadamente e lavadas periodicamente, ou sempre que for necessário.

Após a observação desses procedimentos, comunique à criança que ela vai tomar banho. Primeiramente, lave o rosto do bebê. Delicadamente, passe suas mãos molhadas nos olhos e, em seguida, em toda a extensão do rosto. Passe para as demais partes do corpo. O bumbum deve ser a última região a ser higienizada, uma vez que, se houver resíduos de fezes, pode ocorrer contaminação.

Finalize secando o bebê, inclusive entre os dedinhos dos pés e das mãos e as "dobrinhas", para evitar assaduras. Deixe sempre uma mão segurando o bebê enquanto ele estiver deitado no trocador, para evitar acidentes.

Faça desse momento uma oportunidade de muita aprendizagem, carinho e brincadeiras!

Com as crianças pequenas, os procedimentos mudam um pouco, visto que elas já conseguem permanecer em pé. Comunique à criança que ela vai tomar banho. Primeiramente, lave o rosto da criança. Delicadamente, passe suas mãos molhadas nos olhinhos e, em seguida, em toda a extensão do rosto. Passe para as demais partes do corpo. Finalize secando a criança, inclusive entre os dedinhos dos pés e das mãos e as "dobrinhas", para evitar assaduras. Com a criança no trocador, não se esqueça de sempre deixar uma mão segurando-a, para evitar acidentes.

### Possibilidades práticas

Durante o banho, converse com o pequeno, informando-lhe o que está acontecendo. Relate as partes do corpo que estão sendo lavadas e incentive a criança a lavá-las também, permitindo que ela sinta e brinque com a água e com o próprio corpo.

Da mesma forma como sugerido no momento da troca de fraldas, recite versos ou cante músicas da cultura popular que apresentem nomes das partes do corpo, fazendo relação entre o que está sendo cantado/recitado e as partes do corpo que estão sendo lavadas. Ensine como a criança pode se lavar sempre de maneira lúdica e divertida.



## 2. Alimentação

A situação é bem familiar: as crianças ficam à sua volta, chorando e pressionando quem está comendo, o que acaba por acelerar o ritmo da alimentação, para que todas sejam atendidas o mais rápido possível.

E, assim, a refeição costuma estar entre os momentos mais tensos na rotina da creche, uma vez que o número de adultos é bem menor do que o de crianças a serem atendidas. O que fazer?

Esse momento deve ser planejado pelo professor, que, conhecendo a turma, pode permitir às crianças com maior autonomia fazer uso dos talheres e começar a se alimentar sozinhas.

O quê? Mas são crianças muito pequenas! Isso mesmo! São pequenas, mas aprendem por imitação e já presenciaram, em muitos momentos, como o adulto se comporta na refeição em práticas sociais reais. Assim, ficarão satisfeitas em exercitar tais observações em um novo espaço, iniciando seu processo de imitação e autonomia. Precisamos, porém, estar atentos se realmente conseguiram se alimentar e, se for preciso, auxiliá-las nesse processo de descoberta.

As crianças menores devem ser alimentadas individualmente e sem pressa, respeitado o ritmo de mastigação de cada uma; afinal, elas estão experimentando novas sensações e exercitando suas vontades e suas necessidades.

Lembre-se de testar a temperatura da alimentação do bebê no dorso de sua mão. Constatando que está quente, nada de assoprar, pois isso contamina o alimento! Mexa-o até ficar na temperatura ideal.

A alimentação pode ser muito especial se você planejar e oportunizar situações de educação e cuidado. Sem isso, as crianças levarão um tempo bem maior para dominar as habilidades necessárias para esse processo, dependendo muito mais da sua intervenção e sobrecarregando suas ações.

O tempo de espera também precisa ser planejado. Não é necessário que todas as crianças fiquem ao redor da mesa esperando serem atendidas. Enquanto esperam, podem estar envolvidas em práticas de leitura e de exploração ou em brincadeiras, sob a orientação de outro professor, a fim de que não se desesperem ou agitem os que estão se alimentando.

Muitos justificam a espera como necessária para que as crianças aprendam a lidar com a frustração; no entanto, nesse momento, essa ação não resultará em uma aprendizagem significativa, pois a criança não sabe direito o que está acontecendo. Assim, ficará ansiosa por achar que não vai se alimentar, desconforto que, no final das contas, será prejudicial ao grupo.



Criança bem pequena alimentando-se com autonomia



### Sinal de alerta

A Academia Americana de Pediatria determinou que o ideal é colocar o bebê para dormir de barriga para cima. Os estudos mostram que o risco de morte súbita é nove vezes maior se ele estiver deitado de bruços. Se é colocado de lado, existe o risco de, em caso de vômito, ele sufocar. De barriga para cima, conseguirá tossir chamando a atenção dos responsáveis (LOPES, 2009, p. 140).



Bebê deve ser colocado para dormir de barriga para cima

## 3. Sono

Pequenos limpos e alimentados! Agora, outro desafio se descortina: o sono.

- É preciso que todos durmam?

Inicialmente, forma-se uma tensão na turma. Os professores, porém, que agem com intencionalidade encontrarão no planejamento o diferencial para manter a situação sob controle.

- É possível planejar o sono?

O sono em si não, mas é possível e significativo planejar o ambiente onde as crianças estarão. Planejar, por exemplo, uma rotina propondo um ambiente agradável de penumbra, com uma cantiga de ninar ou música erudita, em baixo volume, que convide ao recolhimento e ao descanso, logo envolverá as crianças, que, em pouco tempo, estarão dormindo.

É importante saber que esse não é um momento de descanso para o professor ou a hora de organizar os materiais na sala; esse é um momento único em que você pode observar as crianças: como se aconchegam, se precisam de chupeta ou cheirinho, se estão seguras nesse espaço, se dormem logo, se precisam de cafuné ou se não querem dormir.

Por serem diferentes entre si, algumas crianças podem não ter sono; não sendo saudável, todavia, obrigá-las a dormir. O momento do sono inclui que aprendam quem são, como reagem às situações, do que gostam e o que são capazes de fazer sozinhas ou para que ainda precisam de ajuda.

É preciso planejar. Esse exercício diário é o que caracteriza o educar para bebês e crianças pequenas. É importante compreender o desenvolvimento infantil, a fim de não se angustiar tanto pelo fato de as crianças não conseguirem atender às suas expectativas em um tempo-padrão.

Sendo crianças tão pequenas, precisamos lembrar que as aprendizagens estão ligadas às condições básicas de higiene, alimentação e sono, aspectos que as conectam ao mundo de que fazem parte, mas com o qual ainda não conseguem se relacionar sem a sua preciosa ajuda.

Para a criança, fazer parte do mundo é descobrir, a seu tempo, sua maneira de ser, desvendando os desafios que lhes são apresentados de forma confiante. Mediante ações ao encontro do seu compromisso de educar e cuidar, a criança se reconhece no mundo em que está inserida e adquire as ferramentas para escrever-se como sujeito de sua história.

A sua atuação como mediador intencional é o que fará toda a diferença na complexa tarefa de articular educação e cuidado.



## Como as ações de cuidados contribuem para a aprendizagem significativa?

Por meio de ações planejadas, você poderá inserir as crianças neste universo complexo, possibilitando a elas descobrir os diferentes espaços e situações de aprendizagem, pois estão sendo respeitadas como sujeitos com desejos e necessidades, mesmo que ainda não tenham consciência disso.

O exercício do jogo imitativo proposto nesta fase, a permanência das referências dos adultos e a rotina clara serão aliados nesse processo de aprendizagem das crianças pequenas. Isso fará com que o bebê aproveite a sensação de conforto que substitui o desconforto, que encontre formas de se comunicar demonstrando o que quer ou não quer, que vá se descobrindo como pessoa, e não mais como extensão da mãe, a princípio, e do professor de referência, posteriormente.

Ser mediador é aprender a agir no processo, nesse caminho de construção de si mesmo e do outro em que as crianças pequenas se encontram; é saber a importância da intencionalidade em ações aparentemente tão simples quanto trocar, banhar, alimentar ou embalar um bebê.

## A inclusão de crianças com deficiência: o respeito à diversidade em foco

As discussões atuais apontam para a urgência em assegurar o acesso e a permanência de todas as crianças (com ou sem deficiência) em instituições educacionais pelo importante papel que a socialização e a aprendizagem assumem nesses espaços.

A inclusão requer o reconhecimento à diversidade como uma responsabilidade compartilhada, estabelecendo relações que possibilitem à criança aprendizagens significativas no convívio direto com os outros e consigo mesma, percebendo que ser diferente não a coloca numa posição de desvalia, mas a reafirma como ser humano único.

Isso pressupõe que todos os profissionais envolvidos no processo de educação de qualquer criança que, em um momento determinado, apresente uma necessidade específica devem colaborar na busca de respostas.

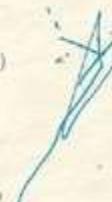
É necessária a implicação de "todos": Estado, professores, família, crianças e comunidade. No entanto, é preciso reconhecer que os professores têm um papel decisivo no desenvolvimento da inclusão. E mais: sem o seu compromisso é impossível almejar essa transformação.

A colaboração deve ser o fio condutor da prática dos professores. Além disso, é necessário planejar considerando as especificidades individuais; incrementar as oportunidades de participação; considerar que o apoio à diversidade é responsabilidade de todos (e não exclusivamente de alguns professores) e assegurar/promover a formação adequada aos profissionais da creche para que as práticas educativas sejam aprimoradas e as situações de interação favoreçam a transformação e a ampliação do repertório cultural das crianças, maximizando suas aprendizagens.



A Estratégia 1.11 (Meta 1) do Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/14) define:

"Priorizar o acesso à educação infantil e fomentar a oferta do atendimento educacional especializado complementar e suplementar aos(as) alunos(as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, assegurando a educação bilíngue para crianças surdas e a transversalidade da educação especial nessa etapa da educação básica".



As necessidades decorrentes de limitações não devem ser ignoradas, negligenciadas, ou confundidas com concessões ou necessidades fictícias. Para que isso não ocorra, devemos ficar atentos em relação aos nossos conceitos, preconceitos, gestos, atitudes e posturas com abertura e disposição para rever as práticas convencionais, reconhecer e aceitar as diferenças como desafios positivos e expressão natural das potencialidades humanas. Dessa forma, será possível criar, descobrir e reinventar estratégias e atividades pedagógicas condizentes com as necessidades gerais e específicas de todos os alunos e de cada um dos alunos. (BRASIL, 2007a, p. 13)

Nesse contexto, é preciso que o professor assuma ações efetivas em sala – não apenas para as crianças com deficiência, mas para todas. A postura inclusiva assumida pelo professor possibilita a elas o convívio com as diferenças, respeitando-as em suas especificidades, sem discriminá-las.

Para que o professor tenha uma postura inclusiva, é preciso que não dissocie o educar e o cuidar ao efetivar o seu planejamento, mediante ações que demonstrem:

1. a confiança na capacidade ilimitada que as crianças têm de aprender e no benefício que a convivência e as experiências propiciadas a elas na creche terão sobre seu desenvolvimento;
2. a organização dos espaços de aprendizagens de modo a proporcionar às crianças condições de efetiva participação em todas as propostas, permitindo-lhes interagir com o meio, com os colegas e com você, professor;
3. o cuidado e a intenção com as atividades propostas, graduando os desafios e evidenciando sua função social imediata;
4. a organização das atividades diversificadas em sequências que possibilitem a retomada de passos já dados;
5. o arranjo funcional do espaço físico, possibilitando locomoções e explorações para todas as crianças;
6. a possibilidade de que todas as crianças, com ou sem deficiência, se auxiliem mutuamente, o que inclui a aquisição de autonomia e o aprendizado para efetivar a sua segurança pessoal e a do grupo;
7. o estabelecimento de rotinas diárias e regras claras para facilitar, possibilitar e/ou aprofundar aprendizados;
8. a promoção do trabalho com diferentes linguagens, proporcionando a aproximação com as práticas sociais reais e o desenvolvimento de habilidades necessárias, a autonomia e a socialização. Por exemplo: na inclusão de uma criança com deficiência visual, devemos propor estratégias que a auxiliem no desenvolvimento da memória tátil, auditiva e olfativa. A nomeação e o contato com os objetos são essenciais para a aprendizagem, bem como a conservação espacial deles. Assim, qualquer mudança no espaço da sala deve ser verbalizada, preferencialmente, enquanto ocorre;

“É fundamental que a inclusão escolar de todas as crianças tenha início na Educação Infantil, onde se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e seu desenvolvimento global. Nessa etapa, a ludicidade, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança.” (BRASIL, 2007b, p. 16).



9. as diferentes possibilidades para o trabalho pedagógico: a organização em grandes ou pequenos grupos, com crianças de outras turmas, considerando a integração com a família, a Unidade de Saúde e os profissionais de Medicina ou terapias especializadas;
10. o uso de diferentes estratégias e recursos para oportunizar e contemplar os diferentes ritmos e maneiras de aprender, dentro de um ambiente agradável e desafiante;
11. a oferta, sempre que necessário, de materiais adaptados no que diz respeito a tamanho, forma, cor, peso, som e textura. Por exemplo: algumas crianças com deficiência motora necessitam de adaptações no uso de lápis, talheres ou pincéis. Já existem diferentes recursos para auxiliá-las nesse processo. Consulte sempre a família, o médico ou a Unidade de Saúde de referência para mais informações;
12. a garantia do tempo individual que as crianças necessitam para realizar cada brincadeira e, simultaneamente, a previsão do trabalho com atividades diversificadas. Por exemplo: uma criança com deficiência física pode demorar mais para concluir uma atividade que requer um esforço motor; enquanto isso, as crianças que vão terminando a atividade podem brincar nos cantinhos;
13. realização da avaliação processual que acompanhe a aprendizagem das crianças com base em todo o percurso vivenciado individualmente e em grupo, e não em suas limitações.

Sabemos da complexidade das ações descritas anteriormente. A pesquisa é essencial para compreender melhor as deficiências, bem como para planejar suas intervenções. O enfrentamento é a única garantia para o sucesso do trabalho pedagógico, que depende, primeiramente, de extinguirmos qualquer tipo e forma de preconceito.

Afinal, todas as crianças são únicas e especiais e isso não depende de terem ou não alguma deficiência física, motora, cognitiva, emocional ou de qualquer ordem.

- Quem ganha no processo de inclusão?

Não só a criança com deficiência, mas também o grupo em que ela está inserida. Ganha o professor, como mediador permanente de ações que visam garantir a qualidade para todos. Ganham as crianças, que, em processo contínuo de socialização, se percebem agentes de transformação, buscando alternativas para a melhor convivência. Ganham as famílias e os demais profissionais da creche, que, envolvidos nesse processo, são desafiados a rever preconceitos, a respeitar a diversidade e a cooperar de maneira efetiva para a concretização de relações mais humanas.

Desse modo, a inclusão pode ser entendida como um caminho para conseguir uma creche que contribua para uma sociedade mais justa e igualitária.



### Para refletir

1. Você considera sua postura inclusiva?
2. Com base no que foi apresentado, o que pode ser revisto, ampliado ou modificado?



### Você sabia?

O preconceito já precisa ser enfrentado no uso das terminologias "necessidade especial" e "portador de deficiência". Não são somente os bebês e as crianças com deficiência que têm "necessidades especiais". Todas as necessidades infantis precisam ser encaradas como especiais. Situações como a criança em fase de acolhimento na creche, a retirada das fraldas, a separação dos pais ou uma limitação física na fase da experimentação dos primeiros passos precisam do seu olhar atento para a necessidade encontrada no momento, a qual pode ser transitória ou permanente. O termo "portador" está relacionado etimologicamente ao ato de portar/levar. Dessa maneira, a terminologia "portador de deficiência" refere-se à ideia de a pessoa portar uma deficiência, o que é equivocado. A deficiência é uma característica pessoal, uma condição inata ou adquirida que não pode deixar de ser portada. O termo mais indicado e utilizado nos documentos oficiais é "pessoa com deficiência".





## 1.6 Família e creche: ação compartilhada que beneficia

Diga quem mora na sua casa  
Quem mora com você?  
Com quem você divide o que gosta  
Quem olha por você?

[...]

Tantas famílias tão diferentes  
Famílias com pouca, com muita gente  
Isso não importa  
O gostoso é ter sempre uma família  
bem pertinho de você!

RAMEH, Rita. Família. In: RAMEH, Rita; WAACK, Luiz. *Por quê?*  
São Paulo: Tratores, 2006. 1 CD. Faixa: 5.



Pai e filho em momento de interação afetiva

### As famílias atuais

De acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2011), o decréscimo da natalidade é fato entre as famílias de todas as regiões brasileiras: "O número médio de filhos tidos nascidos vivos por mulher ao final de seu período fértil, no Brasil, foi de 1,86 filho em 2010, bem inferior ao do Censo 2000, 2,38 filhos".

No entanto, isso não significa que as famílias diminuíram, pois os vários arranjos familiares denotam o aumento dos membros com diferentes relações consanguíneas ou até sem nenhuma consanguinidade.

Como afirmam Santana, Oliveira e Meira (2013): "A família como instituição socializadora de seus membros é o espaço de proteção e cuidado onde as pessoas se unem pelo afeto ou por laços de parentesco, independente do arranjo familiar em que se organize".

As famílias mudaram, não se organizam mais pela lógica nuclear. No que se refere à diversidade de composição, podemos "categorizá-las", para melhor compreensão, da seguinte maneira:



- famílias nucleares, compostas de pai, mãe e filho(s) biológico(s) ou adotivo(s);
- famílias monoparentais, compostas somente de pai ou mãe e filho(s) biológico(s) ou adotivo(s);
- famílias recasadas, compostas de pessoas que assumem novas formas de relacionamento em que o(s) filho(s) do(s) antigo(s) relacionamento(s) passa(m) a conviver junto(s);
- famílias ampliadas, compostas de pessoas recasadas que têm, além do(s) filho(s) do(s) antigo(s) relacionamento(s), também filho(s) fruto(s) da atual relação;
- outras estruturas familiares, compostas de dois homens, duas mulheres, ou outros arranjos familiares, que podem ou não ter filhos de antigos relacionamentos ou filhos adotivos.

Uma afirmação comum, por conta dessa diversidade na composição, é que as famílias são “desestruturadas”. Geralmente, há uma crença arraigada de que a família nuclear – composta de pai, mãe e filhos – é a ideal. Isso se dá porque, muitas vezes, é o padrão familiar por nós vivenciado.

A qualidade nas relações familiares, contudo, não deve ser mensurada pela sua organização. Por exemplo, conviver em uma família nuclear em ambiente em que imperam discórdia, discussões e até agressões físicas não é mais saudável, física nem emocionalmente, do que conviver em outro padrão familiar, em que a criança é benquista e educada em consonância com valores éticos, em um ambiente de afeto e cordialidade.

As diversidades nas composições familiares existem. Faz parte do papel, como profissionais da educação, aceitar e acolher essa diversidade, sem preceitos morais, sexuais, de credo ou etnia.

Para falar da família dentro da creche (suas contribuições, seus limites, a integração necessária no trabalho com bebês e crianças pequenas, os sentimentos oriundos dessa relação, tais como angústias, receios, expectativas etc.), é preciso compreender que não existem famílias ideais e que o nosso trabalho na creche se dá com famílias reais.

Essa família real, independentemente da sua composição, é a instituição social responsável pelos cuidados, subsistência, proteção, afeto e educação das crianças.

## A inserção da família na creche

Muito se fala da importância do momento de inserção da criança na creche, conhecido como adaptação ou acolhimento, mas pouco se fala sobre a inserção da família nesse contexto.

É um grande engano pensar que somente o bebê ou a criança pequena é matriculada na creche. Junto, chegam as famílias, com as mais diferentes composições, culturas e credos, as quais, na maioria das vezes, não matriculam seus filhos pelo fato de a creche ser o espaço mais indicado para um desenvolvimento saudável ou,



*Victor Da Salvo*  
2 anos e 6 meses



## Você sabia?

Existem muitas obras de literatura infantil que abordam de maneira sensível e atual a temática dos novos arranjos familiares. Esse é o caso do livro *Somos um do outro*, de Todd Parr. As ilustrações coloridas e marcantes junto ao texto simples e direto apresentam as diferentes possibilidades de composições familiares, ressaltando a diversidade e o não preconceito. O livro ainda anuncia a "lei máxima da 'nova família': você precisa de amor e eu tenho amor para lhe dar". Vale a pena conferir!



PARR, Todd. *Somos um do outro*. São Paulo: Panda Books, 2009.

ainda, porque nesse espaço se encontram especialistas em desenvolvimento infantil e aprendizagem, mas os matriculam pela necessidade. E é nesse aspecto, da necessidade, que residem muitas angústias familiares, entre as quais a separação forçada.

O adulto de referência é obrigado a se separar do filho, que, aos olhos da família, ainda parece indefeso. Geralmente, o motivo que leva a essa separação é a garantia da subsistência para essa criança e para o restante da família.

Com base nesse processo, inúmeros sentimentos são gerados, entre os quais está a culpa – muitas vezes, potencializada por outros familiares que julgam e condenam o adulto que deixa seu pequeno na creche, pois acreditam que o melhor para a criança seria o convívio familiar com avós, tios ou com babás. Sobre essa questão, Bondioli e Mantovani (1998, p. 174-175) ampliam nosso olhar quando escrevem que

é melhor a creche, mesmo que por muitas horas, junto a rotinas certas, regulares e previsíveis com as figuras familiares, do que um pouco de mãe, um pouco de avó e um pouco de babá, de forma irregular. De fato, nos primeiros anos de vida, quando a criança enfrenta a total novidade do mundo e da existência, a descoberta das sensações do seu corpo e do de outros, a raiva e a alegria, a alegria e o tédio, a cor e o som, o movimento e a linguagem, ela tem necessidade de algo certo, reconhecível e regular, de relações e trocas decodificáveis e, portanto, suficientemente estáveis a ponto de serem conhecidas, reconhecidas, de se tornarem previsíveis e, portanto, emotivamente relevantes e seguras.



## Possibilidades práticas

A seguir, apresentamos algumas dicas que podem ser úteis no processo de matrícula da criança (e da família) na creche.

É importante que o profissional da creche, responsável pela matrícula:

- escute, pacientemente, todas as dúvidas e os receios familiares e procure responder com detalhes práticos a todos eles;
- proponha uma visita monitorada à sala de referência e às demais dependências da creche;
- apresente a família aos profissionais que serão responsáveis pela criança antes de ela iniciar na creche;
- preencha a ficha de matrícula e a de emergência da forma mais detalhada possível;
- apresente e explique as normas, as regras e a proposta pedagógica da creche no momento da matrícula, fazendo pausas durante a explicação e perguntando aos familiares se têm dúvidas;
- forneça, preferencialmente, um registro, um resumo do funcionamento da creche para a família levar para casa;
- trate dos detalhes sobre o acolhimento (se o horário será reduzido, se a presença dos responsáveis será permitida etc.) na matrícula;



## Para refletir

- Se estamos começando uma relação com familiares fragilizados e inseguros, as chances de conflitos e ansiedade aumentam. Qual será a melhor estratégia para revertermos essa situação?



- explique a utilização de todo e qualquer termo técnico ao falar com os familiares, se possível, com exemplos práticos, tendo a certeza de que eles compreenderam o que foi transmitido;
- certifique-se de que toda a documentação exigida foi entregue. Se possível, arquive uma fotocópia de todos os documentos, lembrando-se de conferir a atualização da carteira de vacinação;
- repasse todas as informações e fichas ao professor para que ele possa ter conhecimento das informações da criança e da família antes da chegada infantil.

## Acolhimento

Diz o ditado popular que "a primeira impressão é a que fica". Em se tratando de relações humanas, não podemos considerar essa verdade como absoluta, no entanto, somos fortemente influenciados pelo primeiro contato.

A postura do professor deve ser positiva em relação à família. Explique tudo o que vai acontecer: os procedimentos, a rotina, os horários, o atendimento ao choro. A cordialidade, o sorriso e a disponibilidade ao acolher a criança e a família também contribuem para passar segurança. Planejar a acolhida e a inserção e organizar o espaço, apresentando brinquedos e situações desafiadoras à criança são também práticas aconselháveis.

Por muito tempo, a entrada de uma criança na creche foi tratada sob o prisma da adaptação. Ou seja, uma lógica centrada na ideia de que a criança precisava adaptar-se, moldar-se a uma nova realidade, quase forçadamente. Atualmente, sabe-se que esse momento é algo mais amplo e complexo, que requer acolhimento sob diferentes ângulos, como nos ensina Ortiz (2000):

- o da criança, pelo significado e emoção despertados pela passagem de um espaço seguro e conhecido para outro em que é necessário um investimento afetivo e intelectual para poder estar bem;
- o das famílias, que compartilham a educação da criança com a creche/pré-escola;
- o do professor, que recebe uma criança desconhecida e ainda tem as outras do grupo para acolher;
- o das outras crianças, que estão chegando ou que fazem parte do grupo e precisam encarar o fato de que há mais um com quem reparar, mas também com quem somar;
- o da instituição, nos aspectos organizacional e de gestão, que precisam prever espaço físico, materiais, tempo e recursos humanos capacitados para essa ação.

## Possibilidades práticas

O processo de acolhimento também é um momento delicado para você, professor. Compreender algumas premissas pode ajudá-lo.



## Para refletir

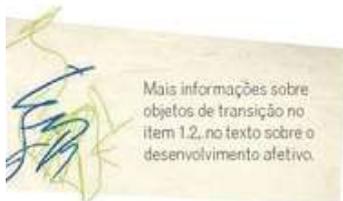
- A expectativa da família no primeiro momento da ida do filho à creche é a de confiança de estar deixando a criança em um lugar limpo, seguro, acolhedor e repleto de possibilidades para ela aprender e se desenvolver da melhor maneira possível. Como professor, essa segurança é repassada com sua postura?



## Sinal de alerta

É aconselhável que as brincadeiras e outras propostas, no período de acolhimento, sejam realizadas na sala de referência para que a criança se sinta mais segura. Assim que ela estiver acostumada e confiante, estenda a sua convivência para os espaços maiores.





- Não existe tempo-padrão para adaptação. Cada criança tem seu ritmo, sua história, suas necessidades; portanto, cada uma levará seu tempo.
- "A dupla mãe-criança não constitui uma dupla de indivíduos separados, mas em fase de progressiva separação." (BONDIOLI; MANTOVANI, 1998, p. 180).
- Nesse momento, é normal que a criança chore, isole-se, não queira se alimentar e até regrida em sua fase de desenvolvimento. Com o passar do tempo, no seu ritmo e assim que se sentir segura, passará a incorporar a rotina da turma.
- Não se deve mentir. Oriente os familiares a sempre usar a verdade ao se despedir de seus filhos. Não é recomendável dizer às crianças: "A mãe já volta!" ou "O pai vai até ali e já chega" ou, ainda, que fujam da criança em um momento de distração. O ideal é conversar com a criança, mesmo os bebês, pois, com sua voz e postura, é possível passar segurança ao pequeno, informando-lhe que vão retornar para buscá-lo no final do período e que, naquele espaço, estará em segurança.
- É aconselhável que as crianças utilizem os objetos de transição (cheirinhos, chupetas, cobertores), mesmo que já exista um combinado estabelecido na sala e que as demais crianças só os utilizem ao dormir, por exemplo. Nesse início, é importante que a criança se sinta segura, por isso a permissão da utilização desses objetos, que se configuram como a manutenção do vínculo imediato que ainda têm com o lar.

Já as famílias precisam compreender que suas atitudes podem facilitar ou prejudicar a inserção das crianças na creche. Por isso, precisamos lembrá-las de que:

- a função da creche é cuidar e educar; nesse sentido, complementar as ações da família, e nunca as substituir;
- evitem chorar na frente da criança. Problematize a situação com os familiares, levando-os à reflexão sobre como a criança se sente nessa situação, em que as pessoas que são a sua fonte máxima de segurança a deixam em um lugar que dizem que é bom, mas choram ao garantir isso. A conclusão da criança, mesmo a dos bebês, é imediata: "Esse lugar não deve ser bom; há alguma coisa de errado acontecendo";
- a conversa com outras famílias que já passaram por esse processo é muito importante para que possam trocar informações e impressões;
- dúvidas e esclarecimentos sobre os procedimentos da creche precisam ser levados, primeiramente, a quem pode solucioná-los, ou seja, os professores, a Coordenação ou a Direção. Oriente-os quanto à segurança e à confiabilidade, para que, em qualquer situação desagradável, procurem a creche, não os vizinhos, parentes ou amigos;



- os horários reduzidos estipulados no acolhimento devem ser cumpridos rigorosamente, mesmo que as crianças já se mostrem "mais adaptadas". Quem pode avaliar e estipular o prazo e a duração da "adaptação" são os professores que estão trabalhando diretamente com as crianças, sob a orientação da Direção e Coordenação.

As estratégias de inserção precisam ser discutidas coletivamente e, de preferência, devem constar na proposta pedagógica da creche e no planejamento docente. Atualmente, são várias as alternativas utilizadas para facilitar a inserção infantil: horário reduzido e gradual; presença do adulto de referência familiar na sala; início por grupo de crianças, quando a turma toda é nova; permissão e incentivo para que a mãe amamente em diferentes horários; visita dos professores à residência da criança.

## Definições de papéis

A princípio, a definição de papéis parece ser uma tarefa simples. Afinal, as famílias também têm sua função determinada em lei e a creche deve compartilhar essas ações.

Parece simples, mas há muitas dificuldades. A primeira, já mencionada, é a angústia diante da separação. Tão logo a criança se sinta confiante e se demonstre bem e feliz com a permanência na creche, pode surgir uma segunda dificuldade: o ciúme. Esse sentimento pode estar relacionado à angústia e à culpa pela separação. Afinal, temos que concordar que não é fácil aos familiares admitir que as primeiras conquistas da criança (o sentar, o engatinhar, o falar) podem não ser presenciadas por eles.

O ciúme instaura-se, ainda, na insegurança da substituição. Os familiares podem acreditar que a criança gostará mais do professor do que deles. Dessa maneira, sofrem quando a criança chora por não estar "adaptada" e continuam a sofrer quando ela já se "adaptou".

Esse sofrimento não tem relação com a insegurança ou a desconfiança no trabalho do professor; por isso, é importante que você não entre nesse jogo de disputas e passe sempre a devida segurança à família, orientando os responsáveis no sentido de que mesmo os bebês e as crianças bem pequenas têm a capacidade de estabelecer vínculos fortes com mais de uma pessoa e que, mesmo assim, o papel materno, paterno ou de outro cuidador estarão sempre resguardados, pois são únicos.

Muitas famílias, por não terem bem delineado o limite entre o papel da creche e o seu, acabam por fazer cobranças indevidas ou, então, deixam de realizar certas obrigações (como o banho, por exemplo), por acreditarem que estas já foram concretizadas pelo professor. A melhor estratégia para o enfrentamento dessa situação é dialogar francamente, expondo as atribuições da creche e as da família, e voltar a repetir a mesma fala quando necessário.



*Laura Munhoz Jardim*

*2 anos e 6 meses*

## Você sabia?

"É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão." (BRASIL, 1990).





Que simples seria se o papel do professor pudesse ser definido em breves linhas, mas, como veremos no item 1.8, esse é um tema complexo.

Ainda sobre a definição de papéis, é imprescindível que, antes da cobrança do cumprimento do papel familiar, tenhamos clara a definição do nosso papel.

Os professores de Educação Infantil são especialistas em crianças; idealizadores, organizadores e mediadores de situações, brincadeiras, espaços e objetos de aprendizagem; parceiros das famílias no ato de educar e cuidar das crianças.

A postura que o professor deve assumir em relação à família da criança é oposta ao distanciamento, à indiferença e, ao mesmo tempo, ao "coleguismo".

Assim, as relações frias e cortantes, criadas às vezes pela própria insegurança, por atitudes defensivas ou pela falta de habilidades sociais, dificilmente podem transmitir empatia [...] se o educador é ríspido com eles, logo imaginarão que seu filho ou filha terá um tratamento similar. No outro extremo, situar a relação profissional no plano da amizade ou se envolver emocionalmente de forma excessiva [...] também leva à confusão, ao desgaste e ao sofrimento. (PANIAGUA; PALACIOS, 2007, p. 224)

Outro ponto "é o risco de não haver diferenciação de papéis entre a professora e a mãe, o que provoca frequentes disputas" (OLIVEIRA, 2010, p. 176), em virtude de as creches se constituírem em comunidades basicamente femininas.

Portanto, para enfrentar essas e outras dificuldades, é necessário um distanciamento saudável, para avaliar a situação e propor intervenções que sejam pautadas pela ética e pelo profissionalismo, e jamais pelo "calor da emoção" e pela impulsividade.

Por mais que não haja concordância em relação à forma das famílias de agir, tratar, cuidar e educar as crianças, é preciso entender que existem diferentes estilos parentais, que nem sempre coincidirão com o que se espera e, ainda, com o que se acredita ser o adequado. A cultura e o contexto das famílias devem ser respeitados, lembrando que o respeito à diversidade é uma característica essencial à prática docente. Claro que toda situação que evidencie maus-tratos ou qualquer tipo de violência ou negligência (física, psicológica e/ou sexual) deve ser investigada e os encaminhamentos necessários precisam ser realizados.

## Comunicação

A comunicação é o elemento-chave para o sucesso da relação entre creche e famílias; porém, nesse aspecto, também incidem os maiores problemas.

Como demonstrado no item 1.2, a comunicação do bebê ocorre mediante o gesto, o olhar, o sorriso, o toque, o choro, o arrulho, o balbucio. Isso, porém, não acontece somente com os bebês; nós, adultos, também nos comunicamos com o corpo.

A abordagem inicial, a maneira como recebe as crianças e o bom-dia dado às famílias são alguns dos aspectos da comunicação diária. A empatia é essencial, bem como a cordialidade e a objetividade.



Outro sério problema na comunicação é quando ocorrem conflitos entre os ensinamentos familiares e os propostos pela creche em relação à linguagem, aos valores e a outras situações de autonomia (alimentação e brincadeiras, por exemplo). A maioria das famílias não erra por querer, mas o faz por falta de conhecimento. Nesse sentido, a creche pode propor diferentes ações formativas com os pais/responsáveis, seja por meio de reuniões individuais, coletivas, seja com sugestões de leituras, vídeos etc.

Lembrar que o papel do professor é orientar, e não impor o seu ponto de vista, mesmo pautado pelos livros mais atuais sobre Educação, é de grande ajuda!

## Participação familiar: muito além da frequência em reuniões

A participação das famílias deve ser um termômetro para aferir a integração e a parceria indispensáveis no educar e cuidar de bebês e crianças pequenas. Mas a participação em quê? Em qual momento?

Como afirmar que o funcionamento da creche é regido por uma gestão democrática e participativa se as famílias são convidadas a participar somente das festas?

Uma gestão efetivamente democrática prevê a participação das famílias em todo o processo educativo. Isso inclui decisões, deliberações e participação em direcionamentos de ações financeiras e pedagógicas, realizadas por representatividade em órgãos colegiados, como Conselhos e Associações.

Se a participação está deixando a desejar, é hora de avaliar e repensar a parceria. Quando as famílias se sentem ouvidas, acolhidas, representadas e respeitadas, o reflexo é imediato. Participam ativamente, contribuindo para a organização e a reorganização dos espaços, a fim de que o funcionamento da creche atenda às necessidades locais, respeitando a cultura regional e, acima de tudo, somando esforços em prol do melhor para todas as crianças.

### Possibilidades práticas

Que tal criar um instrumento, estilo questionário, para o diagnóstico dos reais motivos do desinteresse e da pouca participação familiar?

Lembre-se de que esse é um movimento conjunto, ou seja, um diagnóstico deve ser acompanhado da intenção de mudança.

Se a demanda for impossível de atender, planeje, em um momento de encontro com as famílias ou mediante um informativo, a argumentação dos motivos pelos quais as reivindicações não foram aceitas, mas apresente sempre alternativas e possibilidades.



### Para refletir

- Antes de qualquer julgamento da postura das famílias, pense: O que a minha postura corporal está comunicando àquela mãe (ou pai ou outros)?



### Você sabia?

Estilos educativos parentais, segundo pesquisa de Weber (2005), são o conjunto de atitudes dos pais que cria um clima psicológico-emocional em que se expressam os comportamentos dos pais/familiares. Mães e pais (ou cuidadores) podem se comportar de maneira diferente; os estilos parentais incluem as práticas parentais (elogios, gritos, punições) e outros aspectos da interação pais-filhos, tais como: tom de voz, linguagem corporal, descuido, atenção, mudanças de humor etc.





### **O DIREITO A UMA EDUCAÇÃO INFANTIL QUE RESPEITE A CULTURA DO CAMPO**

O respeito às crianças e suas famílias passa necessariamente pelo reconhecimento de sua cultura local. A proposta pedagógica da escola infantil precisa respeitar e inserir essas especificidades na organização cotidiana. Todas as crianças brincam, comem, dormem, banham-se, festejam, escutam histórias etc. Porém, essas ações não ocorrem do mesmo jeito nas diferentes famílias.

Um exemplo dessa complexidade são as famílias que compõem as populações rurais, definidas pela Resolução nº 2/08, do Conselho Nacional de Educação, que estabelece diretrizes, normas e princípios para a Educação Básica do Campo, como agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros.

Há, portanto, uma infinidade de modos de viver que precisam ser considerados na relação entre escola e famílias. Conforme Silva e Pasuch, no texto *Orientações curriculares para a educação infantil do campo*, essas crianças têm direito a:

Uma educação infantil que valorize suas experiências, seus modos de vida, sua cultura, suas histórias e suas famílias, que respeite os tempos do campo, os modos de convivência, as produções locais. Uma educação infantil que permita que a criança conheça os modos como sua comunidade nomeia o mundo, festeja, canta, dança, conta histórias, produz e prepara seus alimentos. Creches e pré-escolas com a cara do campo, mas também com o corpo e a alma do campo, com a organização dos tempos, atividades e espaços organicamente vinculados aos saberes de seus povos. (SILVA, PASUCH, 2017, p. 2)

O documento (p. 8-9) sugere ações com vistas a visibilizar e valorizar as culturas das famílias:

- organizar reuniões periódicas em horários indicados pelas famílias e avisadas com antecedência;
- visitar a família que recebe a professora ou a turma de crianças para conhecer a casa, os instrumentos e o processo de trabalho dos pais e parentes da criança;
- organizar com os familiares atividades de contação de histórias, rodas de música e de dança;
- descobrir as potencialidades da família (os artesanatos, as receitas, a confecção de brinquedos, as cantigas de suas infâncias..);
- preparar encontros das famílias na creche e pré-escola;
- organizar oficinas (muitas vezes oferecidas pelos próprios familiares) em que participem as crianças e famílias;



- manter quadros de avisos e conversa com a família em lugares bem visíveis;
- organizar espaços no interior da creche e pré-escola para que a família se sinta acolhida;
- manter quadros com fotos das famílias e suas crianças;
- promover apresentação cultural de pais na instituição;
- organizar degustação e feira de alimentos com as famílias...

## Conflitos do dia a dia

Por mais que a creche tenha desenvolvido um trabalho significativo, mediado pelo brincar, pelas interações e com muita afetividade, e proposto desafios atrativos durante o dia, as famílias ainda indagam sobre as mesmas situações quando vêm buscar as crianças: Ela comeu? Dormiu? Ainda, finalizam com aquela conferência na criança, como se quisessem atestar se todos os membros do corpo estão no devido lugar e, muitas vezes, reclamam da roupa ou do nariz que estão sujos. É difícil esconder a frustração nessa hora!

Mas é preciso compreender a demonstração do descontentamento como um direito familiar. E essa insegurança está, muitas vezes, baseada na cobrança de outros familiares e no que a mídia veicula (como os casos de agressão a bebês e crianças pequenas), e não, necessariamente, na confiança que depositam em você.

Os professores reclamam que as famílias:

- não organizam e não trazem os pertences solicitados nas mochilas/sacolas;
- implicam quando some qualquer objeto da criança e, às vezes, o objeto está em casa;
- não zelam pela higiene e pelo asseio pessoal da criança;
- não acabam com os piolhos;
- não cumprem os encaminhamentos médicos e terapêuticos;
- tratam os professores como se fossem babás, em que o único e exclusivo trabalho seria se ocupar do filho, não se importando se existem, em média, mais vinte crianças na sala;
- não cumprem os horários e apresentam, a cada dia, uma nova desculpa para o atraso;
- não conhecem a proposta pedagógica desenvolvida e cobram o trabalho sistematizado com letras e números tão logo a criança começa a segurar o lápis.



*Nartam Frehae  
Nicolazzi Neto  
3 anos e 11 meses*





*Aisha Valentina  
Cardoso Coimbra  
dos Santos  
2 anos e 10 meses*

Há outras numerosas situações que deixam os professores descontentes. O que chama a atenção é que as reclamações mais frequentes coincidem, inclusive, com o que descreve a literatura sobre o assunto em outros países, como a Espanha e a Itália.

Algumas "situaçõezinhas embaraçosas" do cotidiano, segundo Bonomi (1998, p. 164), poderiam ser divididas em três grupos:

a transgressão, por parte dos pais, de regras que a creche pede que sejam respeitadas [...]. Outras dizem respeito ao comportamento dos pais quando estão na creche, em particular frente ao problema de afastar-se da criança e de confiá-la à educadora, ou ainda no momento de buscar a criança. [...]. Um terceiro grupo de críticas sobre os pais diz respeito aos "errôneos comportamentos educacionais", que fazem com que a criança adquira maus hábitos que, depois, devem ser corrigidos e administrados pelas educadoras.

É preciso calma para resolver qualquer situação de conflito, não importando a qual desses grupos ela pertence. Os conflitos, por mais que se assemelhem entre si, devem ser analisados um a um, com cautela, olhando sempre para cada contexto e histórico familiar. Acabamos por agrupar os conflitos por uma questão didática, para facilitar a leitura e o entendimento, mas cada situação é única e a sua postura segura contará muito na condução e na resolução dos problemas.



### *Possibilidades práticas*

Não existe um manual ou uma receita pronta; no entanto, há algumas dicas que poderão ajudá-lo a evitar conflitos (e, se preciso, resolvê-los tranquilamente).

1. Evitar discussões e a apresentação de queixas na porta da sala. É sempre melhor agendar um horário e contar com o apoio da Coordenação/Direção.
2. Manter a calma em situações de conflitos. Se o familiar estiver exaltado, gritando na porta da sala, responda sem aumentar o seu tom de voz, de maneira segura, indicando a ele que essa postura está assustando as crianças e que é preciso manter a calma para que o problema seja resolvido.
3. Repensar a temática das reuniões. Muitos dos conflitos acontecem pela falta de compreensão da definição dos papéis – o que é papel da família e o que é papel da creche – e, ainda, pelo não conhecimento da proposta pedagógica. Que tal abordar essas temáticas em reunião?
4. Orientar as famílias quanto à roupa com que as crianças vão à creche: ela precisa ser confortável e poderá voltar para casa suja e até manchada.
5. Solicitar às famílias que enviem uma camiseta de adulto para que as crianças a utilizem como avental (para a proteção das roupas) nas atividades com tintas, melecas e outros materiais.



6. Colocar um cartaz com a rotina fixa, no lado externo da porta da sala, para conscientizar os familiares de que os atrasos atrapalham o desenvolvimento das propostas e o bem-estar das crianças.
7. Elaborar *e-mail*, pôster, panfleto ou comunicado na agenda para informar o que a mochila da criança deve conter: fraldas, mudas de roupas, pomada para assadura, roupas íntimas, meias etc.
8. Propor a assinatura de um termo de compromisso das normas e regras de funcionamento da creche, no ato da matrícula, o qual deve ser apresentado às famílias sempre que houver o desrespeito ao tratado.
9. Etiquetar ou nomear todos os pertences infantis, orientando as famílias a fazer o mesmo.

É importante informar as famílias sobre as sanções que o regimento interno prevê, se este existir. Comunicar-lhes, também, que existem órgãos parceiros, como o Conselho Tutelar, cuja função é proteger a criança e o adolescente de erros, abusos ou atitudes capazes de colocar a dignidade e o bem-estar deles em risco. Porém, não realize essa abordagem para assustar as famílias, mas para conscientizá-las e orientá-las constantemente sobre esse complexo e gratificante processo de educar e cuidar.

Por fim, sugerimos a você, professor, que, no momento em que a família busca a criança, dê um retorno para além do "dormiu bem", "comeu bem", "brincou". Essas informações são importantes, mas acrescentar dados como "ela adorou brincar no escorregador", "hoje ficou um tempão nanando a boneca", "ajudou os amigos na hora do lanche" demonstra para a família que você tem um olhar atento para cada criança e dá valor ao que ela faz. Isso aproxima a todos e marca uma relação de cumplicidade na educação e no cuidado dos pequenos.

### Sinal de alerta

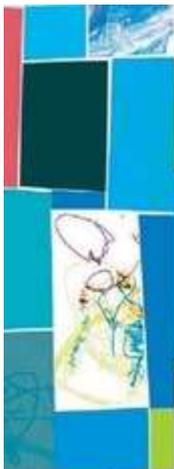
Os conflitos recorrentes, o não cumprimento dos encaminhamentos médicos e terapêuticos ou qualquer outra situação que evidencie que a criança esteja em situação de risco devem ser comunicados imediatamente à Direção, para que as providências cabíveis sejam tomadas.



Laura Munhoz Jordão

3 anos e 1 mês





## 1.7 Planejamento e avaliação



Crianças bem pequenas  
caminhando

"Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?" (Alice)

"Depende bastante de para onde quer ir" (Gato)

"Não me importa muito para onde" (Alice)

"Então não importa que caminho tome" (Gato)

CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*.

Assim como a personagem Alice, diariamente procuramos uma saída, ou seja, o melhor caminho em busca da qualidade. Qual é o melhor caminho a tomar? Qual é a melhor decisão? Se não soubermos aonde queremos chegar e o que queremos desenvolver, qualquer caminho, melhor dizendo, qualquer proposta/ação servirá.

### Planejamento na sua vida

O planejamento faz parte da vida cotidiana. Desde o acordar, planejamos várias ações mentalmente: o que vestir, comer ou se poderemos dormir mais cinco minutos. Muitas vezes, essa antecipação mental é espontânea, porque tais decisões já fazem parte da nossa rotina internalizada.

A princípio, você pode achar que o planejamento em longo prazo é algo difícil de fazer, mas, considerando a esfera pessoal, reflita: Você já planejou uma viagem de férias? A compra de um eletrodoméstico de valor elevado? Um jantar especial? O seu próximo aniversário? Além de planejar ações, sabemos o objetivo delas: satisfazer-se, divertir-se, facilitar o cotidiano etc. Planejamos, também, os prazos e os recursos para concretizá-las: financeiros, materiais ou auxílio de outras pessoas.

O ato de planejar é intrínseco ao cotidiano das pessoas. E na Educação Infantil, como isso acontece?



#### Para refletir

1. Você tem o hábito de planejar? Isso acontece na vida pessoal e profissional?
2. Esse planejamento ocorre mentalmente ou há o registro dessas ações?
3. Qual é a periodicidade do seu planejamento (mental ou registrado) na esfera pessoal e profissional?



## Planejamento educativo

Na Educação Infantil, o planejamento é mais presente no segmento da pré-escola, provavelmente pela necessidade mais explícita de se descreverem as propostas, os objetivos e o tempo em que serão realizadas. Para as crianças menores, principalmente os bebês, demorou-se mais para se reconhecer a necessidade de um planejamento estruturado e com intencionalidade, uma vez que o simples relato da rotina, pautado, durante muito tempo, pelos cuidados, já era entendido como suficiente.

No entanto, com todo o avanço constitucional e legislativo, bem como teórico, prático e metodológico, acerca da creche, houve a necessidade de repensar o planejamento com base na responsabilidade para com a criança, seu desenvolvimento e sua aprendizagem. Tal panorama exige um trabalho intencional e de qualidade, por consequência, planejado.

Para que planejar? Por que planejar? Para quem? De que maneira? O que contemplar? Em que periodicidade? Enfim, como planejar?

Essas inquietações, aliadas à queixa de ser impossível registrar no papel toda a riqueza, a dinamicidade e as especificidades dos momentos vivenciados na creche, aumentam a angústia dos professores, coordenadores e gestores.

Somadas a esse contexto, há outras situações que só você, professor, conhece, porque são fruto da sua história e realidade.

Mesmo na presença de tantas dificuldades, é preciso ter consciência de que, se queremos alcançar uma prática profissional de qualidade e intencional, não há outra maneira: é preciso planejar e replanejar.

## Planejamento: dúvidas e possibilidades

- O que é planejamento?

O ato de planejar está relacionado ao fato de antever ações, prevendo atingir certos objetivos, que vêm da necessidade, da situação vivenciada. Podemos afirmar, então, que "chamamos de planejamento a dinâmica do compreender, analisar, propor, prever" (MORETTO, 2010, p. 119).

Nesse sentido, o planejamento na creche poderia buscar responder às questões a seguir, que se remetem ao diagnóstico da realidade, do contexto, dos objetivos, dos recursos, das estratégias, das metodologias e dos procedimentos:

- Quem são esses bebês e essas crianças pequenas?
- Quais são os direitos de aprendizagens de bebês e crianças pequenas?
- Como eu, professor, organizarei esse percurso de vida coletiva?

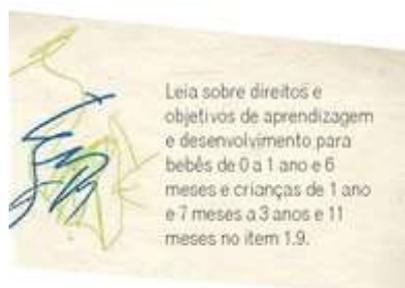
O professor, ao planejar o cotidiano de bebês e crianças pequenas, deve observar atentamente as manifestações desses sujeitos, dar significado a esses dados e organizar um percurso que respeite seus direitos de aprendizagem.



### Para refletir

- Quais aspectos você encara como mais difíceis para a efetivação do planejamento?





### ⑧ Você sabia?

O texto *Planejar para tornar visível a intenção educativa*, de Paulo Fochi, traz a perspectiva de planejamento para a creche com base em duas modalidades coincidentes: contextos e sessões.

Os contextos compreendem atividades cotidianas, que visam à construção da autonomia e do bem-estar e necessitam da presença ativa de um adulto: alimentação, higiene, sono; e atividades de atenção coletiva, em que o adulto organiza os ambientes e observa atentamente as crianças em autoatividade: momentos de livre movimentação com escolha de brinquedos, brincadeiras e parceiros.

O planejamento de sessões envolve propostas organizadas para pequenos ou grandes grupos em que as crianças têm a possibilidade de articular seus saberes com os que a humanidade sistematizou. São contextos organizados pelo professor com base no registro, na interpretação e na reprojecção.

Para saber mais, indicamos a leitura do artigo completo: FOCHI, Paulo. *Planejar para tornar visível a intenção educativa*. *Revista Pátio*, ano XIII, n. 45, out./nov./dez. 2015. Disponível em: <<http://oja.grupos.com.br/revista-patio/artigo/12083/planejar-para-tornar-visivel-a-intencao-educativa.aspx>>. Acesso em: 2 out. 2017.

É na vivência do cotidiano que o planejamento se configura, pois:

O planejamento não pode ser prévio e pré-determinado numa temporalidade longa. O professor pode, e deve, no início do ano, definir, a partir da proposta pedagógica da escola, da observação das crianças da turma e de suas histórias, metas de longo prazo, porém, o dia a dia é que trará elementos para efetivar planejamento. (BRASIL, 2009, p. 103)

O planejamento é um dos instrumentos que organiza o trabalho pedagógico e possibilita o comprometimento com a qualidade. Para tanto, não pode ser só teoria; planejamento precisa ser ação.

Considerando "o planejamento como atitude, este não será bom ou ruim por si próprio. Tomado como intenção, está submetido à direção que lhe imprime" (OSTETTO, 2000, p. 189).

Planejar o dia a dia de bebês e crianças pequenas está relacionado à concepção que se tem de criança, infância, escola infantil e docência e àquilo que se entende como importante para as crianças.

Nesse sentido, todas as ações cotidianas precisam de intencionalidade e planejamento, pois aprender a comer é tão importante quanto brincar, que é tão importante quanto ouvir histórias e cantar. Educar e cuidar são ações indissociáveis.

Na creche, recebemos diariamente bebês e crianças pequenas que passam grande parte do tempo em que estão acordados nesse espaço de vida coletiva. Isso envolve momentos de brincar, interagir, alimentar-se ou ser alimentado, higienizar-se ou ser higienizado, dormir, entre tantos outros. Para não correr o risco de cair em ações mecânicas, é preciso pensar nas aprendizagens que bebês e crianças pequenas estão construindo em todas essas ações e realizar um planejamento que considere essas vivências cotidianas.

Para ampliar a compreensão em torno do que é planejar, Fochi (2015) nos auxilia quando escreve:

a ideia de planejamento não está direcionada a um conjunto de aulas ou atividades e, tampouco, a propostas relacionadas às datas comemorativas. Planejar é fazer um esboço mais amplo sobre a gestão do tempo, sobre a organização dos espaços, sobre a oferta de materiais e sobre os arranjos dos grupos.

Para o planejamento assumir funcionalidade, é preciso que seja sistematizado, registrado e revisitado periodicamente. Todavia, não se trata de um planejamento burocrático – que só se realiza pelo prazo e pela cobrança e, na maioria das vezes, depois que as ações já aconteceram. O descritivo das ações já realizadas não pode ser considerado planejamento, mas um relatório ou diário.

O planejamento serve para orientar as ações do professor e deve ser encarado como comprometimento na busca de uma prática de qualidade. Para Barbosa (BRASIL, 2009, p. 105-106), a organização de ações e experiências de aprendizagens para bebês e crianças pequenas:



podem ser realizadas de várias maneiras: por meio de projetos, de temas geradores, ou outros modos de sistematização, afinal a pluralidade didática e a escolha docente precisam ser respeitadas. O importante é que essa estratégia didática interogue e promova a aprendizagem. Um fazer pedagógico coerente com a concepção de criança e infância adotada, de democracia, com a indissociação entre o cuidar e educar, com a ludicidade e a brincadeira e que, em sua realização pressuponha processos de interação e colaboração sistemáticas, com base na escuta, no diálogo e na negociação, e tenha em consideração a diversidade e o pertencimento.

Para tanto, mais que elaborar um modelo ideal de planejamento, é necessário analisar estratégias que podem facilitar a transposição do escrito para o realizado.

### 1ª estratégia

Compreender o planejamento como “parceiro”, desconstruindo a ideia de planejamento burocrático. Ao planejar, antecipamos, organizamos e disciplinamos nossa ação; o planejamento parte sempre para realizações mais complexas.

### 2ª estratégia

Entender que a finalidade primária do planejamento é organizar o trabalho com a criança real, ou seja, não é restrita a determinar os campos de experiência, os objetivos a serem atingidos, a metodologia e as estratégias mais adequadas.

O planejar envolve pensar em cada criança e no grupo ao mesmo tempo, nas características do desenvolvimento infantil, nos gostos, nas preferências, nas dificuldades e nas potencialidades. Não é pensar na turma idealizada, e, sim, naquela que você conhece cada dia mais, na intenção de traçar planos e ações.

Planeja-se acreditando nas possibilidades do avanço. Um professor que não acredita na potencialidade das crianças fará um planejamento raso de desafios. Já quem está ávido por desvendar o mundo infantil realizará um planejamento acolhedor e desafiador.

### 3ª estratégia

A terceira estratégia faz referência à postura do professor, pois, de nada adianta um planejamento ideal, considerado modelo, muito bem registrado e de acordo com o que prevê a Direção da creche e a Secretaria de Educação Básica, se não passar do papel.

É preciso sempre prezar pela veracidade do planejamento. Pensar em que medida a prática reflete o que está no planejamento e assumi-lo como meta para facilitar o alcance de uma prática de qualidade.

Você pode estar pensando: “Mas nem sempre o que planejo dá certo. O dia a dia é tão dinâmico, cheio de imprevistos!”. Realmente, surpresas ocorrem, mas, se previstas, podem ser planejadas alternativas. Por exemplo: “Na segunda-feira vou trabalhar tal brincadeira, vou fazer assim e assim... No entanto, se chover ou o material ‘x’ não estiver disponível, vou desenvolver essa brincadeira do seguinte modo...”.



*Nicolau Lúdera  
Castellar Bomate  
2 anos e 6 meses*



## Para refletir

As reflexões a seguir podem diagnosticar alguns fatores que determinam a diferença entre o que planejamos e o que acontece na prática.

1. Você considera as crianças como realmente elas são na hora de planejar?
2. O tempo destinado para a concretização das propostas é adequado?
3. Há crianças que permanecem ociosas enquanto esperam o grupo finalizar a proposta?
4. Os materiais que serão utilizados são previamente separados e organizados?
5. As propostas são planejadas prevendo a organização dos espaços e a divisão do grupo de crianças?
6. A organização da rotina contribui para o seu planejamento? As propostas, geralmente, são realizadas até o fim ou são interrompidas para alimentação, higiene ou por demais motivos?

Esperamos que, com essas reflexões, alguns indicativos para o diagnóstico da distância entre o planejado e o executado, o escrito e o feito, tenham surgido.



## 4ª estratégia

O planejamento precisa ser flexível, considerando os imprevistos e as novidades do trabalho com os bebês e as crianças pequenas.

Planejar é escrever uma carta de intenções, uma hipótese de trabalho, e, desse modo, é preciso ser flexível aos movimentos do grupo, do tempo, do espaço, entre outras variáveis. Horários rígidos e predefinidos precisam ser revistos, bem como a própria postura perante a flexibilidade.

Ainda existem professores que buscam um planejamento ideal, com os minutos cronometrados. Mas a realidade não é essa, pois

o pedagógico não está relacionado somente àquelas atividades coordenadas ou dirigidas pelo educador, realizadas geralmente na mesa, com todas as crianças, envolvendo materiais específicos – em regra papel, lápis, caneta... –, e que resultam num produto “observável”. O pedagógico também envolve o que se passa nas trocas afetivas, em todos os momentos do cotidiano com as crianças; perpassa todas as ações: limpar, lavar, trocar, alimentar, dormir. (OSTETTO, 2000, p. 192)

A subjetividade do educar e do cuidar exige estarmos disponíveis e atentos às crianças e ao que nos comunicam com o choro, o silêncio, o balbúcio, a risada, o pedido de repetir uma ação ou o de contar algo do dia a dia, como o brinquedo novo ou os dilemas pessoais e familiares. Nessas situações, o papel do professor é, por observação e interação, perceber como pode acolher os sentimentos da criança, seja a euforia de uma novidade boa, seja a angústia de uma situação ruim.

Os sentimentos são expressos sem data e horário marcados, e mesmo antes de falar, por isso é necessário flexibilizar o planejamento e exercitar a escuta e o olhar sensível, priorizando o bem-estar infantil.

Por outro lado, não se pode confundir flexibilização com improvisação, o que é comum acontecer quando se trabalha há muito tempo com a mesma faixa etária.

Como alerta Moretto (2010, p. 119):

a flexibilização pressupõe a capacidade do professor de agir dentro da reflexão-na-ação; para flexibilizar, o professor precisa ter recursos para identificar as necessidades de modificação do que foi planejado, reavaliar, replanejar e executar em novo contexto; por outro lado, a improvisação pode ocorrer de forma aleatória e sem suporte da competência do profissional da educação, o que não seria desejável.

O planejamento se configura como flexível quando também permite ao professor repensar, revisar e buscar novos significados à sua prática.

## 5ª estratégia

O planejamento precisa considerar a relação com o tempo em dois sentidos. Primeiro, para a criança; segundo, para o professor na realização do planejamento.



No que se refere ao tempo para as crianças, é preciso compreender que elas sempre serão a prioridade. Sim, a criança aprenderá muito mais com a segurança do pronto-atendimento, da postura disponível, das interações no momento em que você a toca, olha, conversa e explica o que está acontecendo do que esperando o fim de uma atividade.

Um exemplo prático é o seguinte: um bebê vomitou enquanto o grupo estava no momento de leitura de uma história. Não será preciso que todos os professores parem para atendê-lo, mas, sim, um deles, o que já deve estar previsto no planejamento. Quem trocará o bebê? Quem será responsável por atender às outras crianças? São alternativas viáveis a organização dos professores, a distribuição de funções e, novamente, a flexibilização das propostas.

Outra problemática é o argumento mais utilizado para justificar a não realização do planejamento: a falta de tempo.

A organização é aliada contra a prática pautada por improvisações, em virtude da tão conhecida escassez do tempo para estudo e planejamento em horário de trabalho. O tempo, assim como o planejamento, é alicerce para o trabalho de qualidade do professor. À medida que é construído, o tempo será mais bem aproveitado se for planejado.

## 6ª estratégia

O funcionamento do dia a dia na creche recebe múltiplas contribuições, pois são vários os atores que constroem esse cenário. Por isso a importância do planejamento coletivo, participativo.

Geralmente, na organização das turmas de bebês e crianças pequenas, há mais de um professor responsável, contando com o apoio da Coordenação Pedagógica e/ou Direção, da lactarista/merendeira e do auxiliar de limpeza.

Cada profissional têm uma função específica. Nessa divisão, os professores assumem diretamente a responsabilidade e o compromisso diário com a organização do trabalho pedagógico e com as crianças. Mas será que os demais funcionários não podem contribuir com o planejamento da turma?

Sabemos que é muito difícil reunir sistematicamente todos esses profissionais em um único momento para planejar. A escuta sensível e a abertura ao diálogo configuram-se como um importante recurso. Mas como? Além de constantemente atentar para a opinião dos colegas, é necessário organizar um momento para a troca de informações, impressões e reflexões sobre o que já foi feito, o que ainda precisa ser realizado e o que é ou não prioridade.



Corpo docente reunido para o planejamento coletivo



Esse momento pode ser organizado entre os professores responsáveis pela turma, os responsáveis por turmas de crianças da mesma faixa etária e a Coordenação Pedagógica e/ou Direção. Com isso, o planejamento ganha abrangência, pois vai considerar as inúmeras possibilidades oriundas do diálogo, do respeito ao ponto de vista do próximo e da revisão do próprio ponto de vista.

## 7ª estratégia

Quando o ato de planejar apresenta intencionalidade e entendimento de que esse é um dever docente para com a mudança e com o avanço, ele é considerado um planejamento reflexivo.

O processo de planejar torna-se reflexivo quando você, professor, usa toda a sua experiência para diagnosticar as reais necessidades do grupo e, ainda, procura mensurar em que medida sua postura, sua intervenção e seu planejamento auxiliam (ou não) o desenvolvimento integral infantil.

Ao diagnosticar as reais necessidades e buscar alternativas e soluções, sem esquecer os porquês, seu planejamento se torna espelho da preocupação com as mudanças que almeja.

## 8ª estratégia

Outra inquietação é com o modo de registrar e estruturar o planejamento; muitas vezes, a preocupação se torna maior com o formato do que com o conteúdo.

Há na creche um modelo-padrão? Utilize-o, mas fique atento: o planejamento deve direcionar a reflexão contínua sobre o ato de educar e cuidar das crianças.

Se o formulário/modelo adotado não oferece espaço adequado para registrar todas as impressões, converse com a Coordenação/Direção informando que será preciso anexar mais folhas ou faça o registro detalhado em um caderno ou no computador.

Se essa reflexão funciona melhor com tudo detalhado ou por meio de tópicos, será uma escolha pessoal ou do grupo. Porém, a Coordenação/Direção precisa estar ciente da organização adotada.

## Planejamento e avaliação

Para que o planejamento se configure como reflexivo, participativo e flexível, é importante que contemple a avaliação em todo seu percurso, e não apenas como último tópico.

Quando há intencionalidade, automaticamente a avaliação está presente, pois, enquanto o planejamento antecipa e organiza ações, a avaliação o fortalece por direcionar o olhar para o passado e para o presente, por meio das seguintes indagações: O proposto no último planejamento foi concretizado e importante? O que deu certo? O que deu errado? Por quê?



### Para refletir

"Um fotógrafo-artista me disse outra vez: [...] que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produz em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes."  
(BARROS, 2006).



Eis mais uma relação indissociável na creche: o planejamento e a avaliação – contínua, diagnóstica, processual e formativa. Se o planejamento é o norteador de nossas ações, a avaliação se configura como a bússola, mostrando se estamos no rumo certo.

## A avaliação na creche

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, no art. 31, prevê que a avaliação da criança de Educação Infantil será realizada para o acompanhamento e o registro do seu desenvolvimento.

A revisão das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (Parecer nº. 20/09) encaminha o seguinte:

Art. 10. As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo:

I - a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano;

II - utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns, etc.);

III - a continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental);

IV - documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil;

V - a não retenção das crianças na Educação Infantil.

Assim, a avaliação na Educação Infantil concentra-se em acompanhar as crianças e suas aprendizagens para subsidiar o trabalho pedagógico, principalmente no sentido de proporcionar a reflexão docente sobre o caminho percorrido e o que se faz necessário percorrer.

Será que essas oportunidades de aprendizagem levarão as crianças a atingir novos patamares de conhecimento e, conseqüentemente, de desenvolvimento?

O planejar e o replanejar, nessa perspectiva, estão relacionados a todo o contexto da creche, principalmente na intervenção e mediação do professor, objetivando não só o óbvio da constatação, mas também a construção de um olhar focado em entender o desenvolvimento integral, as necessidades e a singularidade dos pequenos.



### Para refletir

"A avaliação precisa ser espelho e lâmpada, não apenas espelho. Precisa não apenas refletir a realidade, mas iluminá-la, criando enfoques, perspectivas, mostrando relações, atribuindo significado" (ABRAMS apud MENTGES; TROIS, 2015, p. 178).



## Quem avalia e quem é avaliado?

No panorama escolar (que influenciou fortemente as creches), a avaliação esteve muito vinculada (ou será que ainda está?) a instrumentos de punição e coerção. Os professores a utilizavam (geralmente, como prova) para o controle disciplinar da turma. Quem avaliava era o professor, e os avaliados eram somente os alunos.

Na abordagem de avaliação formativa, ou seja, como norteadora da ação pedagógica, a avaliação é tecida a várias mãos, por todos os sujeitos envolvidos na trama. A linearidade de o professor avaliar é rompida. Surge um movimento cíclico que considera todos os sujeitos (crianças, famílias, professores, coordenadores, gestores e funcionários), o espaço e o contexto.

- Mas como bebês e crianças pequenas podem avaliar? Avaliam quem? Como?

Os bebês, desde muito cedo, descobrem sua capacidade de avaliar e elaborar estratégias. Avaliam situações, pessoas e se autoavaliam, enquanto se desenvolvem e descobrem seus próprios limites.

Desde o útero, o bebê escuta sons e consegue diferenciar timbres de voz; após o nascimento, a capacidade de fazer a "leitura de uma situação ou pessoa" aumenta gradativamente.

Passam, da sua maneira, a compreender e avaliar a postura do professor e a prática pedagógica por ele exercida. Sabe-se, porém, que não o farão verbalmente, mas mediante a linguagem própria dessa fase: por choro, riso, olhar e gesto.

Cabe ao professor a interpretação dessas manifestações e a consideração delas para a reflexão, o planejamento, a autoavaliação e o replanejamento. É necessário, portanto, ter um olhar interrogativo e uma escuta atenta. Para aprender a escutar as crianças, deve-se "perseguir a compreensão de seus modos de sentir, pensar, fazer, perguntar, desejar, planejar" (BRASIL, 2009, p. 102).

Os professores exercem um importante papel ao organizar formas de avaliar a criança, o grupo de crianças, a parceria com as famílias, o trabalho desenvolvido, autoavaliar-se e, ainda, avaliar os determinantes desse processo (espaço, tempo, rotina etc.).

Cabe ressaltar a importância de dar voz ao que pensam e sentem as famílias; para tanto, os familiares devem participar ativamente da avaliação.

Assim, chega-se a uma nova questão: Como exercer uma prática avaliativa que considere todos os sujeitos envolvidos? Primeiramente, deve-se considerar a necessidade de o registro assumir o importante papel da ação compartilhada de educar e cuidar de crianças. Mediante o registro, surgem diferentes formas de como acompanhar o desenvolvimento das crianças.

## A importância do registro

O provérbio já nos adverte que palavras, assim como plumas, voam ao vento. Acreditamos que a sabedoria popular é válida também à prática profissional, pois as ações educativas não podem ser confiadas somente ao dito, ao falado ou ao pensado.



Segundo Luciana Ostetto (2008, p. 25), "o escrever compromete mais do que simplesmente falar ou pensar". Cecília Warschauer (1993, p. 64) complementa essa tese ao afirmar que "ideias faladas ou pensadas são fugazes. Já com a escrita é diferente. Podemos mudar de ideias, mas as anteriores estão registradas".

Registrar significa documentar, mencionar, marcar, colocar na memória. O que é registrado passa a ter outro valor; enquanto palavras são passageiras, o registro permanece, comprova, documenta e, dessa forma, cria memória e história.

Para Silvia Carvalho (1998, p. 9), "a necessidade de recriar a prática educativa a cada novo movimento das crianças faz do registro instrumento privilegiado para a reflexão, novas descobertas e para o redirecionamento do trabalho do educador".

Assim, o espaço educativo precisa utilizar o registro como ferramenta que facilite o diagnóstico e norteie a ação, tendo em vista a busca pela qualidade das ações pedagógicas. Nas creches, o registro assume ainda o valioso papel de auxiliar na conscientização de que a função docente é muito além da de cuidador.

Essa conscientização acontece porque, enquanto escrevemos, organizamos o pensamento, recuperando detalhes, criando ordem e estruturando a memória. Ao procurar uma lógica para os fatos, automaticamente, acontece a reflexão sobre o contexto e, assim, a avaliação.

Regina Scarpa Leite (1998, p. 9) relata que

no início de um encontro, solicitou que cada educadora completasse duas questões sobre os registros diários, uma sobre a importância e a necessidade do registro e a outra sobre a forma própria que cada uma encontrou para realizá-lo. As respostas dadas indicaram uma grande clareza, aparecendo funções relevantes dos registros:

- possibilitar um melhor conhecimento do desenvolvimento infantil;
- analisar as principais dificuldades das crianças;
- acompanhar as evoluções que tiveram;
- fazer uma análise crítica da forma de encaminhamento da atividade pelo educador;
- saber o que já foi trabalhado e como;
- documentar a história do grupo;
- levar em conta o interlocutor, para que possa haver diálogos e sugestões;
- refletir sobre o trabalho, avaliando suas próprias ações;
- tomada de consciência: "quando escrevo meu diário, vejo coisas que na hora da atividade não havia percebido";
- apontar para um replanejamento;
- possibilitar o registro das hipóteses das crianças e das questões que elas trazem.

## Para refletir

- Como, então, confiar esses momentos tão importantes apenas à nossa memória (tão ocupada diariamente com as responsabilidades dos diferentes papéis que assumimos)?



## Para refletir

1. Como você, professor, realiza as observações de bebês e crianças pequenas nas brincadeiras e interações do cotidiano?
2. Quais instrumentos (cadernos, blocos, máquina fotográfica, smartphones etc.) você utiliza para registrar as interações e brincadeiras? Você as registra cotidianamente?
3. Como você elabora a documentação específica para que as famílias conheçam o trabalho realizado na instituição e os processos de desenvolvimento e aprendizagem de bebês e crianças pequenas?



O professor que assume uma postura reflexiva, fazendo a leitura da sua prática e buscando entendê-la e, sobretudo, transformá-la, assume também a postura de pesquisador, autor e produtor de conhecimento, superando a de mero receptor e reproduzidor de conhecimentos fragmentados entre educação e cuidado.

Vimos que a orientação expressa na lei determina que é preciso documentar todos os progressos, avanços, limites, dificuldades, não só das crianças, mas também de todo o enredo, dos "atores" e elementos que interferem no fazer pedagógico.

A legislação e os teóricos citados aqui ressaltam a importância dessa documentação para dar compreensão e alcance à intencionalidade e à qualidade, aspectos tão almejados na prática educativa com os pequenos.

A fase de 0 a 3 anos é profundamente marcada por inúmeras experiências inaugurais: a primeira fruta, os primeiros passos, as primeiras palavras, pisar na areia pela primeira vez, aprender a utilizar os talheres, admirar-se com a chuva, as primeiras garatujas... Momentos importantes para todos, por isso merecem e precisam ser registrados. Como afirma Junqueira Filho (2001, p. 145):

Registrar-se, registrar nossa humanidade, em diferentes linguagens, desde que se nasce, é algo que podemos e devemos fazer na educação infantil; para, junto com as crianças, irmos nos olhando, nos acompanhando, nos revendo, nos transformando; nos aprendendo, aprendendo a nos produzir e, coletivamente, produzir melhor nossa humanidade.

Logo, a observação, a escuta atenta e o registro, na creche, podem aproximar o professor dos bebês e das crianças pequenas e de suas formas de entender e estar no mundo, orientando o trabalho pedagógico.

Existem várias formas de registro possíveis. As mais comuns são o registro escrito e a documentação por meio de fotos, produções infantis, filmagens e gravações de áudio (podendo também se transformar em registros avaliativos).

Rosa Simen Franco  
2 anos e 7 meses





## 1.8 A postura do professor na creche: uma constante reflexão

“Diego não conhecia o mar: O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar: Viajaram para o Sul. Ele, o mar: estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar; e tanto seu fulgor; que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar; tremendo, gaguejando, pediu ao pai:  
- Me ensina a olhar!”

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

### O que é ser professor de bebês e crianças pequenas?

“Não é fácil transmitir um resumo completo das tarefas do professor”, disse certa vez o educador italiano Loris Malaguzzi (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016, p. 153). Fazemos coro com a afirmativa e acrescentamos que definir o que é ser professor da creche – com o cuidar, o educar e toda a especificidade do trabalho com crianças tão pequenas sob sua responsabilidade – é uma tarefa árdua na qual este texto pretende auxiliar por lançar olhares sobre o significado da docência na creche.

Como já mencionado no item 1.1, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) preveem que as propostas pedagógicas para a Educação Infantil sejam organizadas respeitando os princípios éticos, políticos e estéticos.

Diante dessa responsabilidade e ao conceber bebês e crianças pequenas como sujeitos capazes, competentes e com direitos garantidos, é preciso que os docentes incorporem esses princípios para organizar um percurso educativo que considere as singularidades infantis.



Criança bem pequena admirada ao avistar o mar

### Para refletir

- Além de gostar de crianças, quais características você acredita serem essenciais para o trabalho com os pequenos?



### Você sabia?

Emmi Pikler, pediatra húngara, iniciou na década de 1940 uma ampla pesquisa com bebês de 0 a 3 anos. Seus postulados se referem ao desenvolvimento motor de bebês e crianças pequenas em suas relações com aspectos sociais, afetivos e cognitivos. Atualmente, o Instituto Pikler, localizado em Budapeste, na Hungria, dedica-se a ações formativas e é referência mundial para profissionais que atuam com essa faixa etária.

Para leitura sobre o tema, indicamos o livro: FALK, J. (Org.). *Educar os três primeiros anos – a experiência de Lóckzy*. Araraquara: Junqueira e Marin, 2011.

Todavia, os conhecimentos acerca das funções do docente da primeiríssima infância (0 a 3 anos) são ainda pouco difundidos, constituindo lacunas nos currículos dos cursos de graduação e especialização da área de Educação.

Muitos professores aprendem o trabalho pedagógico no dia a dia, o que, geralmente, é frustrante, uma vez que a experiência se baseia na tentativa, gerando acertos e erros. Há que se considerar, ainda, que toda a bagagem de outros segmentos da Educação é trazida quase em vão, pois a rotina da creche é muito peculiar: o acolhimento, o planejamento, a avaliação, a interação, a organização do espaço, os cuidados... Rotinas organizadas para o trabalho com crianças maiores não podem ser reproduzidas na creche.

Organizar um contexto de vida coletiva com bebês e crianças pequenas compreende conviver numa ambiguidade: os pequenos, mesmo ativos e competentes em diversos aspectos, são dependentes dos cuidados dos adultos. Isso gera, muitas vezes, encaminhamentos inapropriados na organização da prática pedagógica. Não raro, vemos bebês que ficam por longos períodos em cadeirinhas ou em berços porque os professores acreditam que devem ficar protegidos e, por esse motivo, longe do chão. Por outro lado, também ocorrem situações de bebês e crianças pequenas que choram, solicitando ao seu modo a escuta e o auxílio de um adulto, e, muitas vezes, não são atendidos, porque o pedido é julgado improcedente.

Nesse sentido, os estudos e as pesquisas de Emmi Pikler constituem guias importantes, visto que rompem com a dicotomia entre o cuidar e o educar, ainda existente em algumas creches, e oferecem uma rica possibilidade de pensar na organização de espaços, tempos e relações entre bebês e adultos. A abordagem consequente é pautada por quatro princípios básicos para o cuidado com os pequenos. São eles:

A valoração positiva da atividade autônoma da criança, baseada em suas próprias iniciativas;

O valor das relações pessoais estáveis da criança – e dentre estas, o valor de sua relação com uma pessoa em especial – e da forma e do conteúdo especial dessa relação;

Uma aspiração constante ao fato de que cada criança, tendo uma imagem positiva de si mesma, e segundo seu grau de desenvolvimento, aprenda a conhecer sua situação, seu entorno social e material, os acontecimentos que a afetam, o presente e o futuro próximo ou distante;

O encorajamento e a manutenção da saúde física da criança, fato que não só é base dos princípios precedentes como também é um resultado da aplicação adequada desses princípios. (FALK, 2011, p. 28)

Esses princípios organizam um cotidiano baseado na segurança afetiva e na livre movimentação. O adulto estabelece um vínculo de qualidade com o bebê e a criança pequena pela estabilidade das relações e pela repetição planejada de ações cotidianas: troca de fraldas, alimentação, sono, banho, que são as



atividades de atenção pessoal. Há, nos estudos de Pikler, protocolos detalhados que orientam a atuação dos adultos para procedimentos cuidadosos, com gestos delicados, que respeitam os pequenos como sujeitos. Tais cuidados estarão presentes em outros momentos, como no olhar de apoio do adulto que encoraja o gesto dos pequenos ao pegar um brinquedo e/ou ao interagir com outra criança, por exemplo.

Busca-se a presença cuidadosa e comprometida do adulto e o espaço para a ação autônoma e o movimento livre de bebês e crianças pequenas, pois

para a criança, a liberdade de movimentos significa a possibilidade, nas condições materiais adequadas, de descobrir, de experimentar, de aperfeiçoar e de viver, a cada fase de seu desenvolvimento, suas posturas e movimentos. (TARDOS; SZANTO-FEDER, 2011, p. 48)

Pikler afirma que, para as crianças se desenvolverem globalmente, é necessário que possam agir com autonomia desde o nascimento. O movimento autônomo é aquele iniciado pela escolha e vontade da criança (TARDOS; SZANTO-FEDER, 2011). Podemos citar os movimentos iniciais de virar a cabeça, estender a mão tentando pegar um objeto, rolar, engatinhar, colocar-se em pé com apoio, ir em direção a algum objeto, brincar etc.

O papel do professor é criar um contexto interessante para que bebês e crianças pequenas experimentem as capacidades e os limites do seu corpo. Nesse movimento livre, vão conhecendo espaços, materiais e possibilidades de brincar. A ação do professor é indireta e pautada por sua presença permanente, afetiva e tranquila, dando sustentação às iniciativas dos pequenos.

A postura de comprometimento e disponibilidade física e afetiva é também pontuada por Barbosa (2010, p. 5) ao abordar as especificidades da docência com os bebês:

Educar bebês não significa apenas a constituição e a aplicação de um projeto pedagógico objetivo, mas implica em colocar-se, física e emocionalmente, à disposição das crianças e isto exige dos adultos comprometimento e responsabilidade. A responsabilidade, a competência, a formação dos gestores, professores e demais profissionais precisam também estar vinculadas à delicadeza, ternura, empatia e capacidade comunicativa.

Também Tristão (2004, p. 3-4) contribui com essa perspectiva ao defender que a prática docente com bebês "é caracterizada pela



Bebê desenvolvendo autonomamente seus movimentos

### ☺ Você sabia?

É preciso garantir que os bebês possam ficar no chão para desenvolver autonomamente seus movimentos. O piso deve ser limpo e ter conforto térmico; a superfície deve ser lisa e rígida para que se sintam confortáveis e seguros nas suas explorações. Portanto, colocar bebês sobre edredons macios não é indicado, pois dificulta a movimentação.

Deve haver espaços distintos para bebês que ficam somente de barriga para cima e para aqueles que engatinham e caminham "para garantir que todas as crianças tenham o seu momento de brincar livre sem interferir e nem desconcentrar o brincar do outro, para centrarem-se inteiramente na exploração de seus brinquedos/objetos" (FOCHI et al., 2017, p. 44).





### Para refletir

"A auxiliar volta do banheiro trazendo Maria Victoria que acabara de ser trocada. Coloca a menina no colchonete, apoiada em um travesseiro, voltada para a parede. Minutos depois a professora olha para a menina e fala: 'Estás virada para a parede, Victoria? Vamos virar para frente para olhar os amigos... assim está mais confortável, não é legal ficar olhando para a parede, aqui na sala tem mais coisas interessantes'. Completa falando como a nenê: 'Eu ainda não consigo me virar sozinha, vocês não podem me deixar de costas para todo mundo'. (Registro no caderno de campo em 03/07/03)". (TRISTÃO, 2004).



© Curiosa/Violante



© Curiosa/Violante



© Curiosa/Violante

Bebê observando atentamente a reação de suas pisadas na poça

sutileza das ações cotidianas, que muitas vezes não são percebidas dentro da rotina diária, mas que são determinantes na caracterização dessa profissão devido ao seu cunho humanizante".

Mas o que são essas sutilezas nas ações com bebês e crianças pequenas? Acredita-se que a sutileza está intimamente relacionada:

- ao estabelecimento de uma relação de profundo respeito com as crianças e a certeza de suas capacidades e potencialidades;
- à consideração de que são sujeitos que aprendem o tempo todo e em todas as situações e, portanto, estão se humanizando nas relações cotidianas em que vivem e que os professores são uma referência importantíssima nesse processo;
- ao olhar atento e sensível, que busca compreender e interpretar as linguagens dessas crianças (choro, gesto, sons emitidos, olhares, risadas etc.).

Para desenvolver ações com sutileza, é preciso exercitar a "escuta", entendida aqui com base na abordagem Reggio Emilia, que significa uma aproximação com as crianças e com seus modos de aprender e interpretar o mundo.

*Escutar* significa estar plenamente atento às crianças e, ao mesmo tempo, assumir a responsabilidade por registrar e documentar o que é observado e usar isso como base para a tomada de decisões compartilhada com crianças e pais. *Escutar* significa buscar seguir e entrar na aprendizagem enquanto ela ocorre. (EDWARDS; GADINI; FORMAN, 2016, p. 156, grifos da autora)

Citando Rinaldi (2014, p. 82-83, grifos da autora): "no ato de *escuta* há, frequentemente, uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse; há sempre uma emoção". E ainda: "*Escuta* que não produz respostas, mas constrói perguntas".

### Uma pedagogia de encontros e relações

Barbosa (2010, p. 6-7) explicita que a docência com bebês e crianças bem pequenas é marcada por uma "pedagogia de encontros e relações":

- relações entre professores e crianças – o adulto é o responsável pela organização das ações educativas, mas, para isso, é necessário conhecer e estar com os pequenos, acolhendo-os, sustentando-os e desafiando-os a participar de um percurso de vida compartilhado. Ao observar, intervir e avaliar continuamente, o professor constrói uma proposta para contemplar necessidades, desejos e potencialidades do grupo de crianças e de cada uma em particular;



- b) relações entre as crianças – ao professor cabe organizar ações pedagógicas que favoreçam o encontro entre os bebês em diferentes momentos do dia e estar atento a esses movimentos relacionais do grupo, favorecendo o desenvolvimento corporal, afetivo e cognitivo dos bebês;
- c) relações com as famílias – compromisso em construir relações de modo a favorecer a escuta e as trocas e em estabelecer uma relação de confiança que facilitará aos bebês construir vínculos seguros com a escola.

Ser professor dessa faixa etária é, acima de tudo, saber exercer uma prática que integre o educar, o cuidar e o brincar – três ações que se configuram em uma só.

É uma profissão que exige o toque, o vínculo, a conversa, a escuta, a leitura de histórias e poemas, a organização de um espaço flexível que propicie a autonomia e o protagonismo infantil.

É ter o entendimento de que as crianças dessa faixa etária descobrem o mundo pelas interações, sensações, movimento, repetição e imitação e que tudo isso precisa estar cercado de uma “grande brincadeira”. É ter a certeza de que cada criança é única e especial, devendo ser respeitada na sua diversidade, singularidade e em seu ritmo próprio de descoberta e desenvolvimento.

O professor de bebês e crianças pequenas deve estar sempre disposto e disponível ao acolhimento, ao aconchego, a sentar-se no chão, a brincar e a se sujar. E, entre uma vivência e outra, ele, ainda, terá de limpar o nariz, trocar a fralda e lavar as mãozinhas de todos, sempre considerando tais atitudes como oportunidades de aprendizagem relacionada à autonomia e à intimidade do pequeno.

É uma tarefa complexa que se concretiza na interação. Bebês e crianças pequenas nos mostram diariamente do que necessitam e pelo que anseiam, e é nesta trama que ensinamos, mas, principalmente, aprendemos com os pequenos.

Em vários textos deste livro, são descritas características do professor e seu papel na creche. Confira, a seguir, a síntese de algumas delas.

## Características essenciais do professor que acredita e respeita o potencial dos pequenos

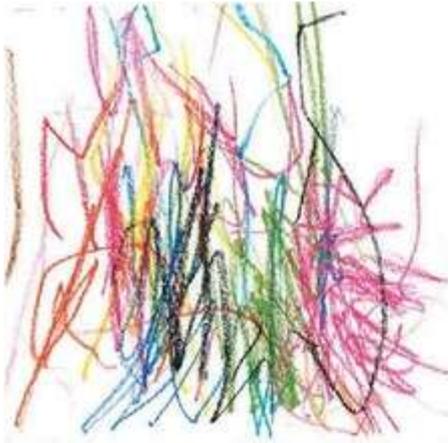
- Encara a criança como prioridade no trabalho da creche.
- Assume o brincar como fio condutor da proposta pedagógica.
- Emprega o planejamento como instrumento norteador de toda a ação pedagógica.
- Organiza a rotina como elemento estruturante para proporcionar segurança no ato de cuidar e educar.
- Assume a formação continuada como alicerce para a fundamentação e o desenvolvimento profissional.
- Concebe a adaptação/o acolhimento como um momento único e especial à criança, à família e a si mesmo.
- Atua como parceiro da família, integrando-a às ações indissociáveis de educar, cuidar e brincar.



### Para refletir

“Às vezes, o adulto trabalha dentro de um grupo de crianças, e às vezes ao redor delas, então ele exerce muitos papéis. O papel do adulto é, acima de tudo, escutar, observar e compreender a estratégia que as crianças usam em uma situação de aprendizagem. O professor tem, para nós, o papel de distribuidor de ocasiões; e é muito importante para nós que a criança sinta que ele não é um juiz, mas um recurso ao qual ele pode se dirigir quando precisar de um gesto, de uma palavra.” (EDWARDS; GADINI; FORMAN, 2016, p. 156).





*Maria Luiza  
Pinto Vianna  
2 anos e 1 mês*

- Demonstra um olhar atento e sensível ao desenvolvimento infantil e respeita a individualidade de cada criança.
- Oportuniza a avaliação como, primeiramente, uma oportunidade de crescimento profissional e um novo direcionamento de trabalho.
- Registra sua prática profissional como forma de acompanhar e documentar ações educativas (relatório, foto, filmagens).
- Organiza e reorganiza o espaço de maneira a garantir a interação e a aprendizagem significativa e desafiante dos pequenos.
- Conhece as legislações vigentes e os documentos oficiais que regem sua prática profissional.
- Possibilita que o ambiente da creche se torne acolhedor, cooperativo e de respeito mútuo.
- Planeja suas ações com base nos conhecimentos dos pequenos, propondo ações que permitam avanços.
- Estabelece parcerias com familiares, Unidades de Saúde, Conselho Tutelar etc., a fim de garantir ações compartilhadas.
- Assume um compromisso ético com a profissão.
- Encaminha todas as situações de suspeita ou comprovação de negligência ou violência (física, psicológica ou sexual) para a Direção.
- Demonstra uma relação de colaboração com os demais profissionais da creche.
- Participa ativamente das reuniões e de órgãos de representatividade (Associações e Conselhos).
- Conhece e implementa a proposta pedagógica da creche.
- Percebe a saúde, a higiene e o afeto como aliados do desenvolvimento infantil.
- Oportuniza diferentes materiais didático-pedagógicos, sempre ao alcance das crianças.
- Organiza o planejamento de modo a incluir, em todas as propostas, as crianças com deficiência.
- Não deixa as crianças sozinhas, nem mesmo em curtos intervalos de tempo.
- Utiliza vestimenta adequada e adornos condizentes com a função, considerando os aspectos de conforto, segurança e ética.
- Encara a alimentação como um momento de aprendizagem, exercício de autonomia infantil, considerando o tempo, a organização dos espaços, a higiene e a acessibilidade ao local.
- Respeita e tem uma postura afetiva com as crianças.
- Apresenta objetividade e intencionalidade em todas as ações.
- Concebe o momento do sono infantil como especial, sem estresse e respeitando as vontades das crianças.
- Observa, com atenção, todos os objetos a que a criança tem acesso, preocupando-se com tamanho, higiene, qualidade e segurança.

Ao assumirmos a postura de profissionais ativos, reflexivos, críticos e criativos, vinculamos a teoria a uma prática educativa também crítica, ocupando-nos de investigações e ações constantes – uma postura coerente ao ato de educar.



## 1.9 Currículo: é hora de integração

De jeito nenhum. As cem estão lá

Loris Malaguzzi

\*A criança  
é feita de cem.  
A criança tem  
cem linguagens  
e cem mãos  
cem pensamentos  
cem maneiras de pensar  
de brincar e de falar:  
Cem e sempre cem  
modos de escutar  
de se maravilhar, de amar  
cem alegrias  
para cantar e compreender  
cem mundos  
para descobrir  
cem mundos  
para inventar  
cem mundos  
para sonhar:  
A criança tem  
cem linguagens  
(mais cem, cem e cem)\*

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Org.).  
*As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em  
transformação*. Porto Alegre: Penso, 2016, v. 2, p. 21.

Organizar um currículo para a creche exige comprometer-se com a criança como um "sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura" (BRASIL, 2009b). Contemplar um currículo para bebês e crianças pequenas deve considerar que todas essas



Bebê explorando riscantes



ações podem acontecer de diferentes maneiras. Portanto, é preciso sensibilidade para criar contextos ricos em possibilidades e construir um percurso de vida que respeite, ao mesmo tempo, o pequeno, na sua singularidade, e todo o grupo.

## O currículo: a direção para o trabalho pedagógico

A discussão do currículo para a primeiríssima infância objetiva direcionar o trabalho pedagógico para práticas que assegurem qualidade e intencionalidade nas ações indissociáveis de educar e cuidar. Significa, segundo Ilma Veiga (2005), "refletir sobre a organização do conhecimento, tendo claro que o currículo sempre irá expressar uma cultura, não sendo um instrumento neutro".

O currículo definido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil aponta para "um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico [...]" (BRASIL, 2009b).

- Mas, na prática, que conhecimentos e saberes devemos privilegiar no currículo da creche? O que um bebê e uma criança pequena devem aprender frequentando esse espaço?

Há professores que se sentem ansiosos e frustrados ao trabalhar com a Educação Infantil, pois esperam receber uma grade curricular linear para o trabalho com os pequenos, enquanto, na verdade, essa aprendizagem engloba vários processos de apropriação do mundo, não ocorrendo de maneira estável, linear, isolada nem pontual.

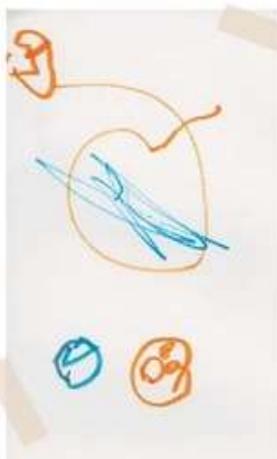
Ao pensar no que os bebês e as crianças pequenas devem aprender, é preciso levar em consideração que o primeiro e mais importante aprendizado infantil é constituir-se, progressivamente, em sujeito humano, que partilha de determinada sociedade impregnada de significados e cultura. Essa aprendizagem só é possível de acontecer na relação com os seus pares, pois é nas interações que os conhecimentos serão elaborados pelos pequenos.

Mediante práticas de educar e cuidar, as crianças devem aprender, no cotidiano da creche, que estão em um lugar seguro, onde são respeitadas e aceitas como são. Sendo respeitadas na sua diversidade, elas aprenderão a respeitar também.

É direito da criança se apropriar dos bens culturais e de ampliar o seu repertório por meio das interações e brincadeiras. A principal linguagem expressiva das crianças é o brincar. Judit Falk (2011) afirma que "para a criança pequena não existe diferença entre o viver e o brincar".

O currículo deve também considerar a postura do professor, pois é ele quem se comunica diariamente com os bebês e as crianças pequenas, por meio de gestos, olhares, choros, risadas, sons, movimentos, brincadeiras e outras possibilidades de linguagem.

O currículo que emerge dessa rotina precisa ser direcionado pelo trabalho com a criança real: ativa, competente e produtora de cultura.



Francisca Amarim  
Racha

3 anos e 9 meses



Um currículo tão complexo não pode ser concebido de maneira isolada; precisa ser fruto da coletividade, a fim de que venha ao encontro do desenvolvimento integral infantil de maneira compartilhada com as famílias, conforme objetivo previsto para a Educação Infantil na Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96. Assim, as famílias devem ser participes do currículo, opinando nas decisões e sendo informadas sobre o que aprendem os seus filhos, bem como o porquê da aprendizagem, compreendendo, ainda, que a função da creche não é de substituição materna.

## Campos de experiências como arranjo curricular

O currículo também precisa atender à legislação vigente, observando o que dispõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (a qual tem poder mandatário) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento elaborado com base nas Diretrizes e em um amplo debate entre sociedade civil, organizações e entidades científicas.

A BNCC explicita, para a Educação Infantil, os campos de experiências: “um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte de patrimônio cultural” (BRASIL, 2017, p. 36). A escolha busca romper com uma organização disciplinar de conteúdos e propor uma articulação da produção de saberes.

Para compreender melhor, citamos Maria Carmen Barbosa (BRASIL, 2009c, p. 83):

Os conteúdos iniciais da educação das crianças pequenas apresentam uma profunda relação com a vida cotidiana. São, inicialmente, os conteúdos desta faixa etária: o alimentar-se, o lavar-se e o vestir-se, o descansar, o controle do corpo, o brincar, o jogar e o explorar a si mesmo e ao entorno, o separar-se e o reencontrar-se, o movimentar-se, o conviver com os demais e tantos outros conteúdos. Nessa perspectiva, as práticas sociais não são ações banais, pois são ações que envolvem emoção, desejo, corpo, pensamentos e linguagens. Os conteúdos da educação infantil têm como referência a aprendizagem das práticas sociais de uma cultura, isto é, as ações que uma cultura propicia para inserir os novos na sua tradição cultural.

Ou seja, o cotidiano da creche não pode ser artificializado, mas, sim, organizado com base em experiências reais: aprende-se a comer comendo; a vestir-se vestindo-se; a brincar brincando; a falar falando etc. Todas as situações que compõem o dia a dia da creche são momentos privilegiados para que bebês e crianças pequenas aprendam sobre si, sobre como é estar nesse mundo e sobre como as pessoas se relacionam.

Dessa forma, organizar campos de experiência na creche busca promover um conjunto de práticas que articulem os saberes e fazeres das crianças com os conhecimentos já sistematizados pela humanidade, em um processo que se propõe a pensar que a experiência na Educação Infantil não é a busca de um resultado final,



Para conhecer mais sobre a BNCC e acessar outras versões do documento, consulte o site: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 15 dez. 2017.



- O que é uma experiência? Simiano, com base em uma leitura de Walter Benjamin, define: “a arte do encontro capaz de afetar, produzir marcas e efeitos nos sujeitos implicados no processo. Uma possibilidade de acessar outra condição antes não entrevista, transformando a si mesmo e ao outro pela arte do encontro em um mesmo universo de prática e linguagem”. (SIMIANO, 2015, p. 102 apud SIMIANO; BUSS-SIMÃO, 2016, p. 9).



pois as crianças precisam de tempo para a elaboração de conceitos. Por exemplo, se escolhemos organizar contextos para que as crianças experimentem deixar marcas com tintas, não é uma proposta isolada que vai possibilitar a construção desse conhecimento. É preciso brincar com tintas inúmeras vezes, com diferentes suportes, ferramentas, cores e texturas para elas poderem se apropriar desse recurso expressivo.

Na direção de pensar a experiência para bebês e crianças, Fochi (2016) retoma “a didática do fazer”, apresentadas por Bondioli e Mantovani (1998), como uma possibilidade de organizar o currículo com base nos campos de experiência, tendo em vista três princípios:

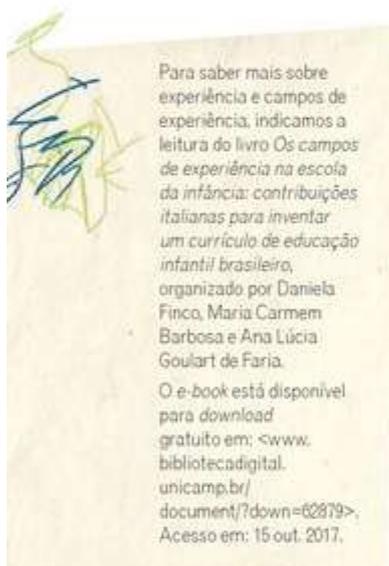
- a ludicidade como maneira peculiar de as crianças descobrirem e construir sentidos;
- a continuidade, pois, como a realidade das crianças ainda é bastante fragmentada, marcada pelo “aqui e agora”, a possibilidade de continuidade garante o crescimento e a qualidade de suas experiências;
- a significatividade, dado que a produção de significado é vista como experiência do sujeito, e não como transmissão. (FOCHI, 2016)

As propostas organizadas na creche reconhecem a inteireza do cotidiano e a singularidade dos modos como bebês e crianças se apropriam do mundo, para que possam ampliar seus saberes e repertórios e “criar condições externas para que eles possam colocar à prova suas ‘teorias provisórias’” (FOCHI, 2016).

Isso terá de acontecer de maneira lúdica, contínua e significativa, com propostas alinhadas aos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento explícitos na BNCC: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se. Com base nesses direitos, são organizados os campos de experiências, com a criação de contextos favoráveis à apropriação e à produção da cultura pelas crianças.

#### DIREITOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

- **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar** de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), de forma a ampliar e diversificar suas possibilidades de acesso a produções culturais. A participação e as transformações introduzidas pelas crianças nas brincadeiras devem ser valorizadas, tendo em vista o estímulo ao desenvolvimento de seus conhecimentos, sua imaginação, criatividade, experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.



- **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

(BRASIL, 2017, p. 34)

Buscando responder efetivamente às problematizações iniciais feitas no texto sobre quais conhecimentos e saberes devemos privilegiar no currículo e o que os pequenos devem aprender frequentando a creche, buscamos respaldo na BNCC, que propõe a organização curricular com base em cinco campos de experiências:

- O eu, o outro e o nós;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Traços, sons, cores e formas;
- Oralidade e escrita;
- Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

### O eu, o outro e o nós

Bebês e crianças pequenas constituem-se como sujeitos na relação com o outro. Richter e Barbosa (2010, p. 87) destacam que, desde o nascimento, os pequenos desejam e necessitam se comunicar e se relacionar, pois disso depende a sua sobrevivência, e eles o fazem por meio de múltiplas linguagens, relações e modos de estar no mundo. Charlot (2000, p. 53 apud Richter; Barbosa, 2010, p. 87) fundamenta que, ao nascerem, os bebês iniciam as suas histórias singulares inscritos numa história maior, coletiva, que é a da espécie humana; desse modo, defende que já nascem com a obrigação de aprender, de penetrar "em um conjunto de relações e processos que

O "outro" nos espaços de Educação Infantil são as outras crianças e todos os adultos que povoam esse ambiente, assim como suas formas de se relacionarem entre si e com o mundo.



constituem um sistema de sentido, [...] [que se] elabora no próprio movimento através do qual eu me construo e sou construído pelos outros”.

Nesse sentido, o professor é uma referência importantíssima. Segundo Bakhtin (apud Oliveira, 2010), “é por meio do olhar e das palavras do outro que a criança constrói sua identidade, autoestima e afetividade”. Portanto, esse diálogo afetivo entre o adulto e as crianças, caracterizado pelo toque, pelas modulações da voz, pelo abaixar (do adulto na altura das crianças), pelo olhar nos olhos e por expressões cada vez mais cheias de sentido, cria uma rede de significados sobre apreço, bem-querer e respeito. Essas ações alimentam a construção da percepção que cada criança tem de si e dos outros e quais lugares ocupam nesse espaço de vida coletiva.

Dessa forma, a creche é um potente espaço de socialização e deve auxiliar na construção da autoimagem positiva, do autorrespeito e do respeito ao próximo e ao espaço que o cerca.

O trabalho da creche também deve proporcionar estratégias para a construção da autonomia individual e do grupo. Para tanto, a postura do professor de incentivar as conquistas e descobertas dos pequenos, organizar os espaços, bem como os materiais (acessíveis às crianças), é elemento fundamental.

Ações como segurar um copo, comer com colher e, posteriormente, com outros talheres, calçar os sapatos, guardar os próprios pertences e os brinquedos de uso comum são exemplos de atividades que devem ser permanentes; elas não acontecerão espontaneamente, portanto, necessitam de objetivos e intencionalidade por parte do professor.



Criança pequena alimentando-se com autonomia

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS "O EU, O OUTRO E O NÓS"	
Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	
Crianças de zero a 1 ano e 6 meses	Crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses
(EI01EO01) Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos.	(EI02EO01) Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.
(EI01EO02) Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa.	(EI02EO02) Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.
(EI01EO03) Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar materiais, objetos, brinquedos.	(EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.
(EI01EO04) Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbúcios, palavras.	(EI02EO04) Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender.
(EI01EO05) Reconhecer as sensações de seu corpo em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso.	(EI02EO05) Habituar-se a práticas de cuidado com o corpo, desenvolvendo noções de bem-estar.



(EI01EO06) Construir formas de interação com outras crianças da mesma faixa etária e adultos, adaptando-se ao convívio social.	(EI02EO06) Respeitar regras básicas de convívio social nas interações e brincadeiras.
(EI01EO07) Demonstrar sentimentos de afeição pelas pessoas com as quais interage.	(EI02EO07) Valorizar a diversidade ao participar de situações de convívio com diferenças.
(EI01EO08) Desenvolver confiança em si, em seus pares e nos adultos em situações de interação.	(EI02EO08) Resolver conflitos nas interações e brincadeiras, com a orientação de um adulto.

(BRASIL, 2017, p. 40-41)

## Corpo, gestos e movimentos

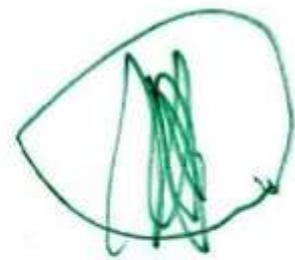
Somos corpo. Mais que biológico, somos corpo social, afetivo, histórico, cultural. Conceber bebês e crianças como corpos que sentem, se expressam e se movimentam implica compreender propostas que considerem essa inteireza na Educação Infantil.

As primeiras formas de comunicar são pelo corpo; por meio de gestos e movimentos as crianças apontam, rolam, sentam, engatinham, balançam a cabeça, dão sorrisos, fazem caretas, demonstram sua satisfação ou seu desconforto, vibram e pulam de alegria, encolhem-se ou se contorcem pelo descontentamento. Filgueiras (2017, p. 11) afirma que "a primeira função do movimento na vida da criança é afetiva. Através do movimento ela estabelece o diálogo tônico-emocional com o ambiente humano". Portanto, aprender sobre esse corpo (contornos, limites e possibilidades) é fundamental para a consciência da corporeidade e para construir um jeito de estar no mundo.

O trabalho com o movimento de 0 a 3 anos – fase da vida em que ocorrem as maiores descobertas e conquistas com o próprio corpo – é muito importante em relação não somente ao aspecto motor, mas, sim, ao desenvolvimento como um todo. Por meio do movimento, a criança se expressa, socializa, brinca, imita, repete, constrói sua identidade e sua autonomia, ou seja, ela aprende e vive.

As crianças se movimentam desde que nascem, mas esses atos vão muito além do simples deslocamento no espaço: o movimento infantil expressa sentimentos e pensamentos. Aos poucos, os pequenos vão somando conquistas: passam a rolar, pegar objetos, engatinhar, caminhar, correr, girar, saltar, brincar sozinhos ou em grupo, a cada dia com mais controle sobre o próprio corpo e conhecendo novas possibilidades de interação com o mundo. (ALVAREZ, 2013, p. 39)

Outras possibilidades são a dança e as ações dramáticas – o faz de conta das brincadeiras diárias nas quais exploram os movimentos corporais, por meio dos elementos força, ritmo, fluência, tempo e espaço – em contextos significativos, que ampliam o seu repertório de expressão corporal.



*Aisha Valentina  
Cardoso Coimbra  
dos Santos  
2 anos e 2 meses*





Criança pequena experimentando passo de dança

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS "CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS"	
Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	
Crianças de zero a 1 ano e 6 meses	Crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses
(EI01CG01) Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.	(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.
(EI01CG02) Ampliar suas possibilidades de movimento em espaços que possibilitem explorações diferenciadas.	(EI02CG02) Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.
(EI01CG03) Experimentar as possibilidades de seu corpo nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes.	(EI02CG03) Fazer uso de suas possibilidades corporais, ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.
(EI01CG04) Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar.	(EI02CG04) Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.
(EI01CG05) Imitar gestos, sonoridades e movimentos de outras crianças, adultos e animais.	(EI02CG05) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc.
(EI01CG06) Utilizar os movimentos de preensão, encaixe e lançamento, ampliando suas possibilidades de manuseio de diferentes materiais e objetos.	(EI02CG06) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.

(BRASIL, 2017, p. 42-43)

## Traços, sons, cores e formas

Os bebês e as crianças pequenas, assim como nós, adultos, estão imersos em um mundo de imagens e sons. Os sons do corpo da mãe e a claridade dos ambientes já estão presentes mesmo antes do nascimento.

Das inúmeras formas de os seres humanos se expressarem reconhece-se que as artes visuais, a música, a dança e o teatro são linguagens privilegiadas para a constituição estética dos sujeitos.

Assim, a creche também deve possibilitar que bebês e crianças pequenas se apropriem desses recursos expressivos da humanidade por planejar a criação de contextos favoráveis à elaboração de conhecimentos sobre essas linguagens.

Os pequenos nos convidam a experimentar. Eles têm a arte dentro de si. Eles criam arte. Eles nos dizem algo. Algo que perdemos. Algo atraente e sedutor. Algo que reconhecemos. E que não podemos explicar. Tudo é muito maior. Para as crianças pequenas existe uma conexão direta entre vida e obra. Essas são coisas inseparáveis. (HOLM, 2007, p. 3)



Constituindo recursos expressivos, as artes visuais (desenho, pintura, escultura), a música, a dança e o teatro têm importante papel ao apoiar as crianças em leituras diversas; no exercício da representação de ideias; na experimentação de sensações, texturas, cores; e na comunicação antes do domínio de linguagens mais complexas, como a escrita. Ao mesmo tempo, essas linguagens acompanham e mobilizam o desenvolvimento de diferentes sensações, emoções e aprendizagens.

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS "TRAÇOS, SOMS, CORES E FORMAS"	
Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	
Crianças de zero a 1 ano e 6 meses	Crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses
(EI01TS01) Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.	(EI02TS01) Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.
(EI01TS02) Traçar marcas gráficas, em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes e tintas.	(EI02TS02) Utilizar diferentes materiais, suportes e procedimentos para grafar, explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes.
(EI01TS03) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), criando objetos tridimensionais.	(EI02TS03) Expressar-se por meio de linguagens como a do desenho, da música, do movimento corporal, do teatro.
(EI01TS04) Explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	(EI02TS04) Utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.
(EI01TS05) Limitar gestos, movimentos, sons, palavras de outras crianças e adultos, animais, objetos e fenômenos da natureza.	(EI02TS05) Limitar e criar movimentos próprios, em danças, cenas de teatro, narrativas e músicas.

(BRASIL, 2017, p. 44)



Criança bem pequena explorando tintas

## Oralidade e escrita

É na interação com os outros e pela linguagem que vamos nos constituindo. Ainda na gestação, quando alguém nos nomeia e dá significado à nossa existência, e ao nascermos, envoltos em narrativas das histórias dos que nos cercam, vamos, aos poucos, construindo nossas próprias histórias.

A creche é um espaço privilegiado para as experiências de bebês e crianças com a cultura oral e escrita. O contato com a língua materna ocorre de diferentes modos: conversas, escuta da leitura de histórias, canções, entre outras; ao ouvir e falar, ampliam sua compreensão sobre como se expressar. A língua também é um recurso que potencializa a construção do pensamento.

Segundo Baptista (2010, p. 3), "a criança, desde muito cedo, se interessa pelo funcionamento da linguagem escrita". E, ao estar inscrita, desde que nasce, em uma sociedade organizada também pela linguagem escrita, vai elaborando hipóteses sobre esse funcionamento:



### Para refletir

"Pela língua, com a língua e na língua, o homem se comunica com outros, transfere emoções, desloca sentimentos, pensa, constrói e reconstrói significados, situa-se e dá sentido a sua vida." (GARCIA, 2006, p. 17).



Crianças que ainda não dominam o sistema de escrita alfabética brincam imitando a escrita, criando histórias a partir de textos verbais e visuais. A criança reelabora, reconstrói, reformula elementos constitutivos da escrita, lançando mão da sua forma peculiar de pensar e das suas referências muito próprias sobre o mundo. Não é preciso que a criança compreenda as relações entre fonemas e grafemas para construir sentidos ao escutar a leitura de uma história ou ao elaborar narrativas a partir de um livro de imagens, por exemplo. As crianças formulam hipóteses, criam histórias, inventam sentidos atestando, assim, o seu protagonismo em relação ao processo de construção de conhecimentos sobre a linguagem escrita. (BAPTISTA, 2010, p. 3)

Colocar a criança em contato com o universo do leitor e do escritor, de maneira lúdica, prazerosa e significativa, é permitir que ela se insira em práticas sociais reais, num processo de letramento, no qual a aquisição da leitura e da escrita é significativa para a vida.



Criança bem pequena lendo

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS "TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS"	
Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	
Crianças de zero a 1 ano e 6 meses	Crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses
(EI01OE01) Reconhecer quando é chamado por seu nome e reconhecer os nomes de pessoas com quem convive.	(EI02OE01) Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.
(EI01OE02) Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas e a apresentação de músicas.	(EI02OE02) Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos.
(EI01OE03) Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas).	(EI02OE03) Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).
(EI01OE04) Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor.	(EI02OE04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.
(EI01OE05) Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.	(EI02OE05) Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.
(EI01OE06) Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão.	(EI02OE06) Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.
(EI01OE07) Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, revista, gibi, jornal, cartaz, CD, tablet etc.)	(EI02OE07) Manusear diferentes portadores textuais, demonstrando reconhecer seus usos sociais e suas características gráficas.
(EI01OE08) Ter contato com diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.).	(EI02OE08) Ampliar o contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala, cardápios, notícias etc.).
(EI01OE09) Ter contato com diferentes instrumentos e suportes de escrita.	(EI02OE09) Manusear diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos.

(BRASIL, 2017, p. 45-46)



## Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações

As crianças, desde muito pequenas, buscam explicações para os acontecimentos, eventos e fenômenos ao seu redor. Elas formulam teorias provisórias tentando explicar aquilo que vivem. São curiosas e buscam compreender as questões relativas ao mundo sociocultural (relações de parentesco e sociais entre as pessoas que conhecem; como vivem e em que trabalham essas pessoas; quais suas tradições e seus costumes; a diversidade entre elas etc.) e ao físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de material e as possibilidades de manipulá-los etc.), ao espaço (casa, escola, cidade etc.) e ao tempo (hoje, ontem, amanhã, ano, cedo, tarde, dia, noite etc.). Todas essas aprendizagens, extremamente complexas, vão sendo construídas gradativamente.

As crianças começam a entender as transformações da natureza, por exemplo, quando o cotidiano lhes permite brincar, em áreas externas, com água, areia e terra, percebendo o vento, o sol e a chuva. Um professor comprometido com essa ampliação de saberes vai, entre tantas possibilidades, convidar as crianças a brincar com a própria sombra, a ouvir o canto dos pássaros, a acompanhar a fileira de formigas. Organizará, com as crianças, hortas e canteiros de chás e flores. Também planejará propostas com água e potes para que experimentem esse elemento e possam criar suas teorias provisórias sobre volume, peso, vazão etc. Dar banho em bonecas, brincar de fazer bolhas de sabão, construir castelos com água e areia também são ricas possibilidades de as crianças ampliarem seus saberes sobre o mundo físico.

Outro exemplo é a criação de um contexto com madeirinhas de diferentes tamanhos para que bebês e crianças bem pequenas brinquem empilhando e equilibrando-as, percebendo as propriedades dos materiais e as relações de causa e efeito.

Monteiro (2010, p. 5-6), ao escrever sobre as aprendizagens matemáticas referentes ao espaço e à forma na Educação Infantil, sugere propostas de: "esconder e procurar", pois possibilita às crianças o desenvolvimento de representações espaciais; "construções com diferentes materiais", visto que permitem a formulação de soluções para situações-problema que envolvem objetos, espaço e objeto e movimento e espaço/objeto; "montar percursos e labirintos", com caixas, túneis, cordas, panos, bambolês, pneus, para que bebês e crianças explorem o espaço de diferentes formas, agachando-se, arrastando-se, rolando.

O emprego de vocabulário relativo às quantidades e a récita numérica ordenada poderão ser práticas do professor em contextos cotidianos: "Clara têm dois anos e Pedro três", "Precisamos levar para o pátio as duas bacias", "Na nossa sala há 12 crianças", "Cada criança pega 5 cartinhas", "Aqui temos 1, 2, 3, 4 bananas", "Na árvore há 1, 2, 3 pássaros" etc. Ou seja, para bebês e crianças pequenas, esses conhecimentos serão construídos nas relações diretas com os fatos significativos do dia a dia.



### Para refletir

"Olhe, a lua não está lá. Onde ela foi?"

Talvez esteja dormindo e ainda não acordou."

Emanuele, 2 anos e meio  
(PAGANO, 2017, p. 29)



- 
- 
- 



Criança bem pequena brincando com água

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS "ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES"	
Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	
Crianças de zero a 1 ano e 6 meses	Crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses
(EI01ET01) Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura).	(EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (sonoridade, textura, peso, tamanho, posição no espaço).
(EI01ET02) Explorar relações de causa e efeito (transbordar, tingir, misturar, mover e remover etc.) na interação com o mundo físico.	(EI02ET02) Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).
(EI01ET03) Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.	(EI02ET03) Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.
(EI01ET04) Manipular, experimentar, arrumar e explorar o espaço por meio de experiências de deslocamentos de si e dos objetos.	(EI02ET04) Identificar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois).
(EI01ET05) Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.	(EI02ET05) Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).
(EI01ET06) Experimentar e resolver situações-problema do seu cotidiano.	(EI02ET06) Analisar situações-problema do cotidiano, levantando hipóteses, dados e possibilidades de solução.
(EI01ET07) Vivenciar diferentes ritmos, velocidades e fluxos nas interações e brincadeiras (em danças, balanços, escorregadores etc.).	(EI02ET07) Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).
	(EI02ET08) Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.
	(EI02ET09) Registrar com números a quantidade de crianças (meninas e meninos, presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas, livros etc.).

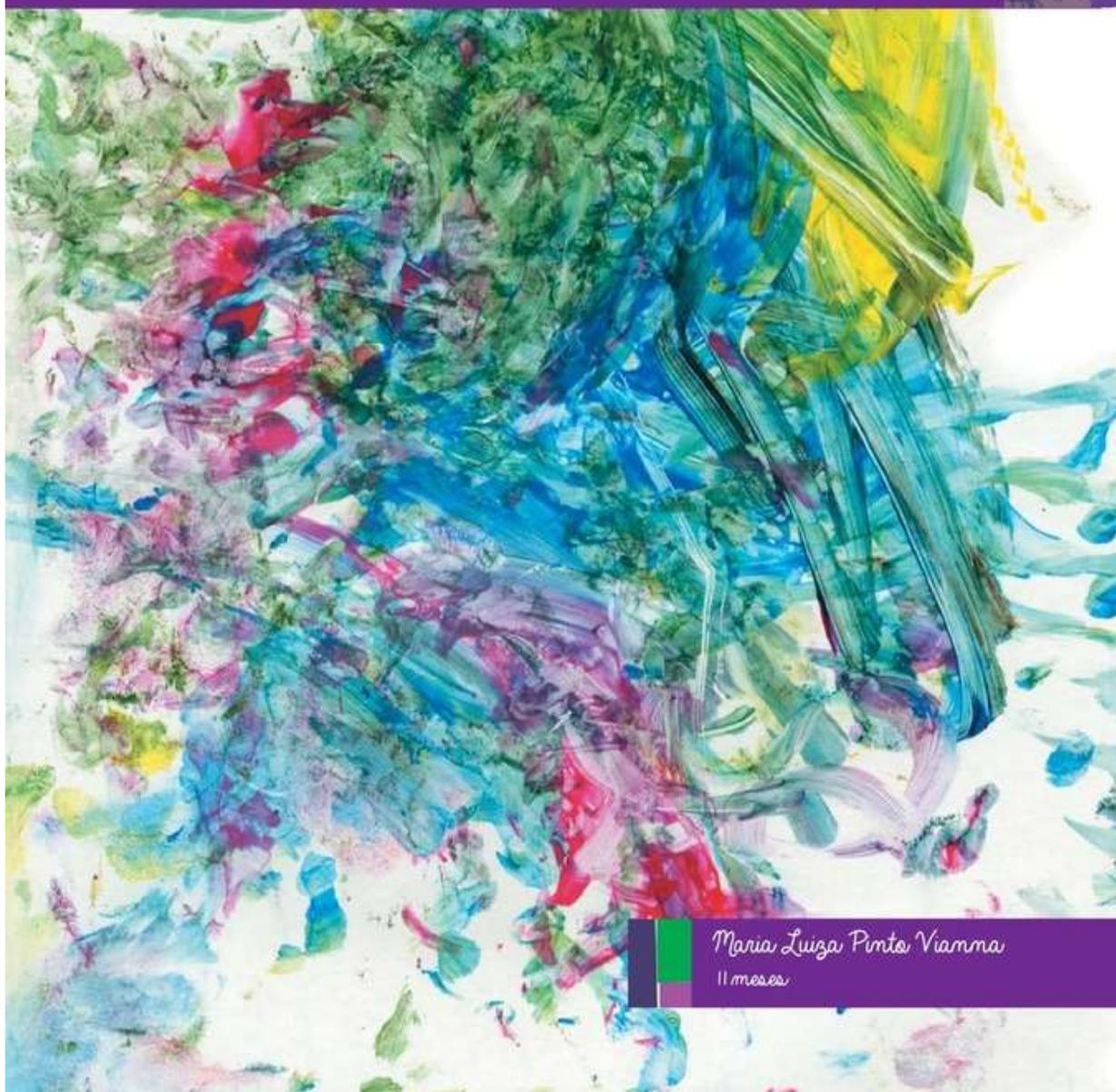
(BRASIL, 2017, p. 47-48)





## CAPÍTULO 2

*Sequências didáticas: 0 a 1  
ano e 6 meses*



*Maria Luiza Pinto Vianna*  
*11 meses*



## 2.1. Fui morar numa casinha - O brincar entre o esconder e o revelar

Você já presenciou bebês que procuram espaços menores e mais aconchegantes para brincar, como embaixo de mesas e cadeiras, dentro de cestas e caixas ou até mesmo atrás de cortinas? Provavelmente, sim! E sabe por que isso acontece?

As principais razões para esse comportamento estão ligadas aos sentimentos de proteção, segurança e conforto que os espaços menores lhes proporcionam. A necessidade de recolhimento dos bebês também está relacionada ao desenvolvimento da intimidade, da privacidade e até mesmo da concentração.

Como os espaços da creche (principalmente os da sala de referência) podem possibilitar aos pequenos a experimentação de muitos desafios, mas sempre permeados por esses sentimentos de segurança e aconchego? Este capítulo vai tratar desse assunto.

O título da canção da cultura popular *Fui morar numa casinha* dá nome ao primeiro conjunto de sequências didáticas apresentado no item 2.1. A alusão à casinha refere-se aos espaços circunscritos, que se caracterizam por serem limitados em, pelo menos, três lados. É importante ressaltar que esses espaços devem permitir o contato visual entre professor e crianças, pois, dessa forma, elas se sentirão e estarão mais seguras.

Concomitantemente ao trabalho pedagógico com os espaços circunscritos, apresentaremos diferentes propostas de brincadeiras envolvendo o esconder e o revelar. Uma das primeiras experiências lúdicas do bebê, o jogo do **Cadê?** (esconder) **Achou!** (revelar), auxilia-os na construção de diferenciações (do próprio corpo e do corpo do adulto de referência) e na compreensão de conceitos como o da permanência do objeto (capacidade de elaborar uma imagem mental de um objeto/uma pessoa mesmo não estando em sua frente); o de continente e conteúdo; o de perto e de longe.

As sequências didáticas propostas neste capítulo contemplam, de maneira integrada, o trabalho com as diferentes linguagens infantis; além disso, estão permeadas de possibilidades de criação de espaços e brincadeiras capazes de gerar desafios, aconchego, segurança, intimidade e afetividade.

Assim, os bebês terão a oportunidade de aprendizagens sobre o espaço que os cercam, sobre o próprio corpo e com o próprio corpo, sempre de maneira divertida e ampliando repertórios.

Bem-vindos à sequência didática "Fui morar numa casinha", "infestada, da" de novidades, imaginação e respeito à principal linguagem dos bebês: o brincar!

Relembre o conceito de sequências didáticas no capítulo anterior, item 1.3.



### Você sabia?

"Essa brincadeira [Cadê? Achou!] se remete à ideia de que, para desaparecer, é necessário existir, ser, uma noção fundamental no processo de subjetivação. É possível acompanhar o desdobramento dessa brincadeira que evolui com a criança, desde o jogo de esconder o rosto do bebê com uma fralda, até as brincadeiras mais complexas observadas em crianças grandes, como esconde-esconde com regras elaboradas e nas brincadeiras de correr pelos grandes espaços." (CARVALHO; ORTIZ, 2012, p. 110).





A sugestão de tempo para a realização da *Sequência didática 1* é de, aproximadamente, **2 meses**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que os bebês têm ritmos diferentes e devem ser respeitados em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!

No item 1.3, os cantinhos (territórios ou cantos), apareceram como opção para organizar pequenos espaços. Neste item, faremos algumas referências à temática, com a intenção de explorar ainda mais esses cenários.



Bebê brincando em casinha feita de papelão

## Sequência didática 1 – Casa, casinha, casarão: quanta diversão!

Esta sequência didática apresenta a organização de espaços pequenos e aconchegantes e de espaços amplos e repletos de desafios, bem como brincadeiras com corpo, gestos, movimentos, sons, experimentações e deliciosas sensações como disparadores para muita aprendizagem.

### *Recepção: momento de muita atenção*

Os bebês devem ser acolhidos com alegria. A rotina da recepção pode incluir canções – e música instrumental, com o intuito de acalmá-los – bem como a proposta dos cantinhos.

Os cantinhos fixos podem ser ampliados com a criação de um espaço que propicie refúgio e segurança: uma casinha – comprada, confeccionada ou composta de elementos da própria sala. Casinhas para pets, desde que sem uso e higienizadas, são ótimas opções. Prefira os modelos que apresentem abertura frontal larga e espaçosa, para que o bebê entre e saia com facilidade. Disponha alguns brinquedos em seu interior para chamar a atenção.

Outra opção é construir uma casinha com caixa de papelão e fitas adesivas. Prático, barato e fácil!

Caso não seja possível a aquisição ou a construção da casinha, organize o espaço da sala criando espaços circunscritos. Você pode utilizar colchonetes, toalhas, panos, mesas e/ou berços para essa composição.

Que tal construir um **móvil** que poderá ser utilizado com os bebês na recepção e em diferentes propostas?

#### **Materiais**

3 pedaços de tubos de PVC (28 mm), medindo cerca de 50 cm cada; 4 pedaços de tubos de PVC (28 mm), medindo cerca de 20 cm cada; 2 joelhos de PVC (28 mm); 2 caps (conectores) (28 mm); fita de cetim e brinquedos.

#### **Como fazer**

Encaixe as peças de PVC, conforme referência visual na página seguinte. Corte pedaços de fitas de cetim para prender os brinquedos na estrutura de PVC. Amarre uma das extremidades da fita de cetim no tubo de PVC e, na outra extremidade, prenda um brinquedo. Repita essa ação para 3 ou 4 brinquedos. É importante selecionar brinquedos de diferentes texturas e cores.



### Orientações para a brincadeira

O móbile pode ser posicionado sobre o bebê deitado no berço ou no colchonete, ou pode ficar à disposição dos bebês que já sentam.

Os materiais utilizados para compor esse móbile têm preços acessíveis e podem ser encontrados em lojas de materiais para construção. Mas, caso não seja possível adquiri-los, prenda os brinquedos com fita de cetim em um cabide de roupa. O cabide, por sua vez, deve ser preso em outra fita fixada a uma altura que permita a interação do bebê com o brinquedo.

### Musicalizar e brincar

Apresente aos bebês a canção *Fui morar numa casinha*. Transcreva a letra dessa música em um cartaz e faça ilustrações que a representem. Cole a folha no chão, com adesivo plástico transparente, para os bebês explorarem. Aponte para as imagens que estão no cartaz e converse com os pequenos sobre elas. Depois, cante a canção com os bebês, fazendo gestos alusivos à letra.

#### Fui morar numa casinha

*Fui morar numa casinha, nha  
Infestada, da,  
De cupim, pim, pim  
Saiu de lá, lá, lá  
Uma lagartixa, xa  
Olhou pra mim, olhou pra mim  
E fez assim:  
(mostrar a língua)*

Cultura popular

### Espelho, espelho meu

A descoberta da própria imagem refletida no espelho é uma grande aprendizagem para os bebês. Com poucos meses de vida, o espelho já chama a atenção, sendo muito comum presenciar pequenos que emitem gritinhos e tentam pegar suas próprias imagens. Vários bebês chegam a puxar o espelho, pois acreditam que a imagem que estão vendo está ali atrás.



Bebês interagindo com móbile de tubos de PVC



Móbile feito com cabide





Bebê em interação com um espelho

Para potencializar a dinâmica da descoberta, que passa aos poucos pelo reconhecimento de outras imagens (elementos da sala e dos colegas refletidos no espelho), é possível realizar propostas que auxiliem no desenvolvimento da expressão corporal e facial dos bebês. Veja como a seguir.

- Posicione o bebê ao seu lado e em frente ao espelho. Realize a brincadeira **Seu e meu**, a qual consiste em perguntar ao bebê sobre uma parte do seu corpo. Por exemplo: "Onde está a boca do(a) (nome do bebê)?" Se ele ainda não souber apontar para a parte do corpo mencionada, leve a mãozinha dele até lá. E, logo em sequência, pergunte: "Onde está a minha boca?". Então, aponte para a sua própria boca. Continue a brincadeira utilizando outras partes do corpo, como nariz, olhos, mãos, pés, barriga etc. À medida que o bebê demonstrar conhecer as partes do corpo citadas na brincadeira, apresente outras, como umbigo, cotovelo, joelho, sobrancelha etc. Exclamações de alegria e sua empolgação com os acertos vão envolver o bebê na proposta!
- Organize um pequeno grupo de bebês em frente ao espelho e realize as ações que foram trabalhadas na canção *Fui morar numa casinha*, como a de mostrar a língua. Proponha que os bebês imitem essas ações e apresente novos gestos, como estalar a língua ou encher as bochechas de ar e "estourá-las" (apertar as bochechas, esvaziando o ar). A repetição aqui aumenta a diversão!



Bebê engatinhando dentro de caixas de papelão

### *Estica, dobra e puxa*

O trabalho com corpo, gestos e movimentos, de suma importância para o desenvolvimento do bebê, acontece de maneira integrada e mediada pelo lúdico.

O movimento foi organizado, para fins didáticos, em duas grandes categorias: com locomoção (engatinhar, andar, marchar, rolar, pular, correr, subir, descer etc.) e sem locomoção (tudo o que for realizado sem o bebê sair do lugar). Em determinadas sequências, será solicitado o trabalho com ou sem locomoção e, em outras, as categorias aparecerão simultaneamente.

- Selecione caixas de papelão, abra todas as abas e cole figuras coloridas e atraentes no interior delas. Posicione as caixas no chão da sala para que os bebês as explorem. Em seguida, incentive-os a engatinhar para dentro e para fora da caixa. Brinque de espiar os bebês dentro da caixa. A proposta pode ser realizada inúmeras vezes, tanto na sala de referência como no espaço externo.



- Para os bebês que ainda não engatinham, mas já sentam, sugerimos uma atividade de movimento que é sucesso garantido: **Upa, cavalinho!**. Sente-se em uma cadeira e posicione o bebê sentado em uma de suas pernas e de frente para você. Segure o bebê por debaixo dos braços e, em seguida, movimente a sua perna para cima e para baixo, de modo que o bebê dê suas leves pulinhas. Enquanto realiza essa ação, recite os versinhos da cultura popular, facilmente encontrados na internet.
- Para os bebês que ainda não engatinham, mas já sentam, sugerimos uma atividade que combina movimentos aos versinhos da cultura popular **Upa, cavalinho!**. Sente-se em uma cadeira e posicione o bebê sentado em uma de suas pernas e de frente para você. Segure-o por debaixo dos braços e, em seguida, movimente a sua perna para cima e para baixo, de modo que o bebê dê suas leves pulinhas. A ação pode ser coordenada do seguinte modo: recite os versos "Pocotó, Pocotó, Pocotó, Pocotó, upa, cavalinho, upa, cavalinho", mexendo suas pernas para cima e para baixo, e acrescente versos como "rapidinho", enquanto acelera o movimento, e "de mansinho", para o movimento mais devagar.



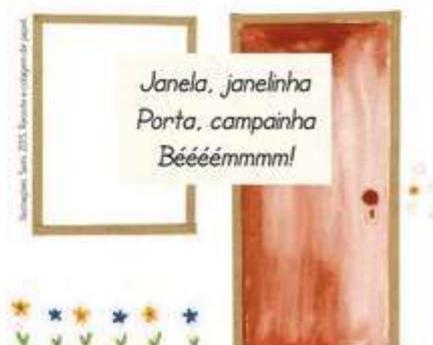
Brinquedo artesanal

## *Purlimpimpim, conte para mim*

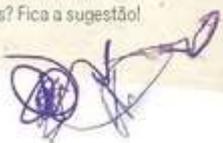
Lembre-se de que leitura, contação e dramatização de histórias devem compor a rotina fixa dos bebês. As ideias apresentadas aqui se configuram como sugestões para ampliar o trabalho já desenvolvido com eles.

Para iniciar esta seção, sugerimos a recitação da parlenda *Janela, janelinha*. O uso de parlendas nas brincadeiras com os bebês ajuda no desenvolvimento da oralidade e na interação, além de incentivar a apropriação do folclore brasileiro.

- Recite a parlenda com o bebê no seu colo ou sentado de frente para você.
- Mostre um olho (enquanto fala "janela"), o outro olho (enquanto fala "janelinha"), a boca (enquanto fala "porta") e coloque o dedo indicador no nariz (enquanto diz "bééémmm"). Faça primeiramente no seu rosto, depois no rosto dos bebês.
- Incentive-os a imitar a sua brincadeira. Essa é uma parlenda curta e fácil para repetir os gestos. Se a recitação acontecer várias vezes (como atividade permanente) e em situações diversas, logo eles estarão imitando os gestos e até mesmo repetindo o som do verso final.



Sempre que puder, faça os gestos com e para cada um dos bebês. Que tal aproveitar os momentos da troca de fraldas? Fica a sugestão!



Dedoche feito com tampinhas de garrafa

### Sinal de alerta

Lembre-se de que os brinquedos feitos artesanalmente devem ser testados para garantir a sua segurança. Mesmo assim, a sua manipulação deve ser feita somente com a mediação atenta de um adulto.



Para prender ainda mais a atenção dos bebês, durante a recitação de parlendas e a contação de histórias, sugerimos o uso de fantoches e dedoches. Confira, a seguir, como construir os **olhinhos mágicos**.

#### **Materiais**

2 tampinhas de garrafas de PET; 1 arame usado para vedação de alimentos; fita de cetim (larga); 2 olhinhos de plástico que se mexem; cola quente; retalhos de papel e canetinhas para enfeitar (se preferir).

#### **Como fazer**

Corte dois pedaços de fita de cetim (em média, 9 cm cada). Coloque o arame entre as duas fitas e cole. Cole as fitas com o arame nas bordas das duas tampinhas de garrafas de PET. Fixe os olhinhos de plástico nas tampinhas de PET.

#### **Orientações para a brincadeira**

Posicione o brinquedo entre os seus dedos anelar e indicador e crie um divertido fantoche com as suas próprias mãos.

Para além da contação de história, como o trabalho de leitura está sendo encaminhado? O acervo do cantinho da literatura contempla diferentes gêneros textuais? Que tal ampliar o contato do bebê com livros e álbuns construídos por você (e por que não com a ajuda dos bebês?) utilizando, para tal, materiais alternativos, como folhas de papelão, tecidos, entre outros, e ilustrações compostas de imagens de revistas, fotos, desenhos etc.

A intenção, nesta proposta de confecção, é facilitar a aprendizagem do manuseio correto dos livros pelos bebês, uma vez que eles precisam aprender a segurá-los corretamente, a folhear as páginas, a guardá-los em local próprio, a não rasgar as folhas e, além de todo esse aprendizado, a fruição e a diversão. Confira a seguir como confeccionar um **álbum de imagens**.

#### **Materiais**

Folhas coloridas de papel de alta gramatura (por exemplo: cartolina); perfurador; tesoura; cola atóxica; fita ou barbante e imagens (fotografias, recortes etc.) de diferentes tipos de moradia.

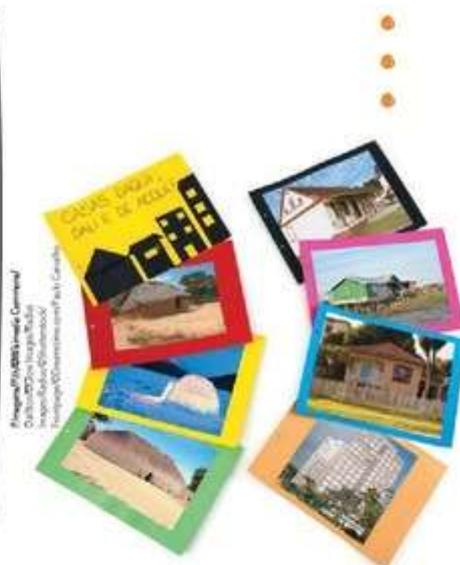


### Como fazer

Separe as folhas de papel, todas do mesmo tamanho (adote um tamanho que compreenda todas as imagens e ainda fique uma margem ao redor). Selecione imagens de diferentes tipos de moradia (casa térrea, sobrado, prédio, castelo, iglu, oca, tendas etc.). É importante que a seleção retrate a diversidade social e, preferencialmente, os habitantes nas proximidades. Cole as imagens selecionadas nas folhas previamente separadas. Por fim, fure as folhas e una-as usando barbante ou fita.

### Orientações para a brincadeira

Agora, converse sobre as ilustrações do álbum confeccionado. Incentive os bebês a folhear o novo suporte e proporcione tempo para que eles façam "suas leituras" e experimentações.



Páginas de álbuns para compor o acervo do cantinho de literatura

## 1, 2, 3 e já

Nesta seção, as crianças terão oportunidade de manipular materiais com diferentes texturas e comparar diferenças e semelhanças entre eles. Para isso, sugerimos a construção de um **jogo de memória gigante**.

Confira como é simples construí-lo.

### Materiais

Caixa de fósforos grandes ou caixas de leite vazias e higienizadas (todas do mesmo tamanho), retalhos de tecidos (preferencialmente com diferentes texturas) e cola quente.

### Como fazer

Encape as caixas com os tecidos. Cada duas caixas devem receber o mesmo tecido (com a mesma cor e estampa). A sugestão é de no máximo 12 caixas (6 texturas diferentes).

### Orientações para a brincadeira

Apresente a novidade aos bebês, incentivando-os a tocar e a sentir as texturas da cobertura das caixas. Possibilite tempo e espaço para essa experimentação. Em seguida, selecione as caixas iguais e evidencie as semelhanças aos pequenos ("Olhem, esta caixa vermelha é igual a esta aqui"). Provavelmente, os bebês mais velhos conseguirão relacionar as caixas iguais. Depois, demonstre como fazer torres (prédios, casas etc.), empilhando as caixas. Os pequenos se divertem construindo e derrubando torres.





Passo a passo de como reaproveitar pedaços de giz de cera



Bebês explorando giz de cera

## *Meleca na mão é pura diversão*

Os bebês adoram desenhar. Na verdade, eles se encantam com as marcas que conseguem deixar em diferentes suportes, incluindo o papel. No entanto, é comum que, em plena experimentação, o giz de cera usado pelo pequeno se quebre ou a ponta da canetinha estrague. Isso acontece porque os bebês ainda não têm controle da força sobre os riscantes (tudo o que imprime risco: canetinhas, lápis, giz de cera, carvão vegetal etc.). Existem riscantes próprios para bebês, porém a maioria é cara e de difícil acesso.

Que tal fazer um **giz de cera especial** para bebês? Você vai reciclar e os bebês vão adorar a novidade!

### **Materiais**

Gizes de cera atóxicos (arrecade os gastos e quebrados; converse com as outras turmas da creche para contribuírem com o material); fôrma para bolacha, empadinhas ou *cupcake* e forno.

### **Como fazer**

Coloque os gizes na fôrma selecionada (separe por cores ou misture várias delas – o resultado é fantástico!). Leve a fôrma com os gizes para o forno baixo (180° C). Espere, em média, 15 minutos para derreter. Deixe secar e desinforme (os gizes saem facilmente da fôrma).

### **Orientações para a brincadeira**

Depois do giz de cera pronto, proponha uma experimentação em papel bobina (ofereça aos bebês um suporte grande e adequado – que não rasgue facilmente). Fique atento para que os pequenos não levem o riscante à boca!

## *Relaxar e aproveitar, é só começar*

O relaxamento – sensação de repouso após uma brincadeira de maior movimento depois de um dia cheio de descobertas, do banho ou, ainda, antes do soninho – pode ser conseguido mediante a massagem e o deitar sobre colchonetes, almofadas, tecidos ou em um cantinho aconchegante, com uma luz indireta (apagar as luzes e/ou fechar as cortinas) e uma música calma de fundo.

Nesta seção, sugerimos a utilização de uma escova própria para cabelo de bebê (com cerdas bem macias) para potencializar a sensação de relaxamento.



- Após preparar o ambiente para o relaxamento, deite o bebê de maneira confortável.
- Passe as mãos pelo pescoço até chegar aos pés do bebê (pela lateral do corpo), de maneira que simule a “retirada do cansaço” e esteja alongando braços e pernas. Lembre-se de que o toque, tanto para a massagem quanto para o relaxamento, deve ser resultado da pressão da sua mão no corpo do bebê, mas sempre de maneira delicada.
- Enquanto realiza o relaxamento, converse com o bebê sobre o que está acontecendo e apresente a ele a escovinha de cabelo. Passe, lentamente, a escovinha nas pernas, nos braços e nas costas do bebê. Evite o contato da escovinha com a barriga e próximo às axilas, pois isso pode ocasionar cócegas e, conseqüentemente, efeito contrário ao de relaxamento. O mesmo pode ocorrer com o toque muito leve da escova. Se alguns bebês resistirem à sensação causada pela escova, respeite-os e continue o relaxamento com a massagem ou um cafuné.



Escova macia que pode ser usada durante a massagem

©2013 Pearson Education, Inc.

## Sequência didática 2 – Abriu, fechou, fechou, abriu, fechou: de novo!

Bebês são ávidos por descobrir o funcionamento de tudo o que os cerca: o ligar e o desligar de um interruptor de luz, o abrir e o fechar de uma gaveta, o “testar” os dedinhos em todos os buraquinhos, o empilhar, o encaixar, o lançar um objeto ao chão; ações cotidianas na vida de um bebê se configuram como experiências para a compreensão do mundo. Eles testam, criam hipóteses, experimentam e, para compreender o efeito que suas ações e seus movimentos exercem, precisam repetir seus experimentos.

A repetição de uma experiência (uma história, uma música, uma brincadeira ou a exploração de um objeto) gera segurança e conforto ao bebê. Esta sequência didática explora o fascínio pela descoberta e a repetição, por oportunizar experiências que potencializam a compreensão dos conceitos de permanência de objeto, conteúdo e continente (dentro e fora), aberto e fechado. Tudo permeado por muita brincadeira e possibilidade de repetição.

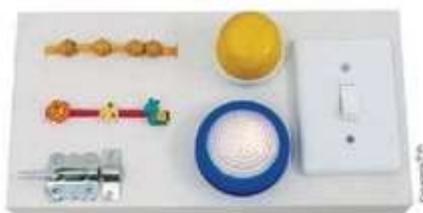
### *Recepção, momentos de muita atenção*

Que tal ampliar os cantinhos para o momento da recepção dos bebês? Antes, avalie quais cantinhos os bebês ainda procuram e quais estão entrando em desuso.



A sugestão de tempo para a realização da Sequência didática 2 é de aproximadamente **1 mês**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que os bebês têm ritmos diferentes e devem ser respeitados em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!





Prancheta com materiais diversos



Prancheta de zíperes



Caixa com tampinhas e outros materiais

### ⚠ Sinal de alerta

Independentemente do material utilizado, é preciso ter a certeza de que eles estão bem fixados e não são tóxicos. Fique atento e sempre acompanhe a manipulação das peças.



Professora e bebê interagindo com potes.

Sugerimos mais duas possibilidades de cantos.

- **Cantinho das pranchetas interativas:** essas pranchetas são ótimos recursos exploratórios para os bebês, pois eles se divertem com as tentativas de encaixar, abrir, fechar, acender, apagar etc. Para isso, serão necessários diferentes materiais que possibilitem essas ações. Uma ótima opção é envolver os familiares dos bebês na arrecadação dos materiais.

Para uma das pranchetas, podem ser selecionados os seguintes materiais: interruptor de luz, lanterna, buzina ou campainha, trinco de portão etc. A seleção de materiais é variável, de acordo com a intencionalidade da prancheta criada.

Para o suporte das pranchetas, sugerimos papelão, caixa, cortiça ou placas de MDF. Confira, ao lado, o exemplo de três peças interativas.

- **Cantinho dos potes:** potes plásticos ou latas com tampa, como as embalagens descartáveis de sorvetes, leite em pó, achocolatados etc., podem ser utilizados para abrir, fechar, rosquear, empilhar e esconder "tesouros", como pulseiras de argolas, escovas e pentes de cabelo e os próprios brinquedos. O desafio fica por conta da descoberta do que há dentro do pote, do som que o objeto produz estando dentro do pote, bem como em conseguir abri-lo para desvendar o "mistério".

Além dos cantinhos, que tal ampliar as possibilidades de receber os bebês com novos móveis? Para esta seção, sugerimos o **móvil das janelinhas**. Ele será construído com materiais de fácil acesso, mas longe dos bebês.

#### Materiais

Estilete; caixas de papel encapadas (embalagens para alimentos pequenas e vazias); fitas ou barbante; suporte para o móvil (cabide ou bastidor); objetos para "esconder" nas janelinhas e cola quente.

#### Como fazer

Faça dois cortes horizontais nas caixas selecionadas (simulando a janelinha). Faça mais um corte bem no meio dos outros cortes realizados. Dobre o papel cortado, formando abas (janelinhas). Cole objetos ou fotos dos bebês dentro das caixinhas, no espaço criado pelas abas abertas das janelinhas. Fixe a fita ou o barbante logo acima da janelinha. Amarre a fita ou barbante no suporte escolhido.



### Orientações para a brincadeira

A ideia é que os bebês menores possam apreciar o móbile enquanto estiverem deitados, sentados ou em seu colo (dependerá da altura de exposição do móbile). Será essencial mostrar aos bebês a abertura e o fechamento das janelinhas, escondendo e revelando os objetos do interior da caixinha. Durante a brincadeira e a exploração, descreva para os bebês os objetos e as suas ações: "Vou abrir a janelinha verde. O que será que tem ali dentro? Oh! Tem um galo! Quem sabe o barulho que o galo faz?".

Caso o móbile esteja na altura dos bebês que já sentam, eles podem brincar de tirar os objetos das embalagens e colocar de volta através das janelinhas; já os bebês deitados podem bater no móbile, explorando o seu balanço.

### Musicalizar e brincar

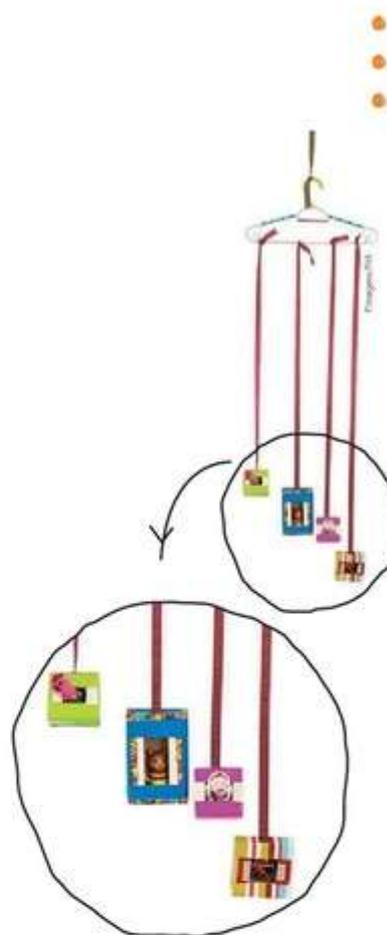
Apresente aos bebês a canção da cultura popular *A janelinha*.

#### *A janelinha*

*A janelinha fecha  
Quando está chovendo  
A janelinha abre  
Se o sol está aparecendo  
Fechou, abriu  
Fechou, abriu, fechou  
Abriu, fechou  
Abriu, fechou, abriu*

Cultura popular

Faça gestos alusivos à canção, incentivando os bebês a imitá-los. Os gestos referentes ao ato de fechar podem ser representados pelas mãos no rosto, escondendo-o; já os gestos que representam a ação de abrir podem ser realizados mediante o abrir das mãos, revelando o rosto. O posicionamento das mãos deve imitar uma janelinha que abre e fecha. Mas sempre incentive os bebês a se movimentarem livremente, criando gestos e acompanhando o ritmo da canção.



Móbil das janelinhas  
feito com embalagens  
de papelão





Bebê brincando no circuito "cama de gato"



Bebê interagindo com professora e bola

### Sinal de alerta

Lembre-se de que a proposta representada acima deve ser realizada sempre com a sua mediação e um olhar atento, pois os bebês podem ficar enroscados nos elásticos, machucando-se ou assustando-se.



Bebê brincando com estrutura feita de bambolês

## Estica, dobra e puxa

O trabalho com a movimentação corporal deve respeitar a fase de desenvolvimento dos pequenos e oportunizar tempo e espaço para eles experimentarem o controle de seus corpos, em movimento ou parados. Dessa maneira, cada criança deve ser foco de planejamento.

Para os bebês menores (os maiores já conseguem expressar desconforto com a situação), sugerimos deixá-los só de fralda (se o tempo atmosférico permitir) ou com roupas confortáveis, a fim de que seus movimentos não fiquem limitados. Brincadeiras com bolas gigantes, em que os bebês podem deitar e se movimentar para a frente e para trás, e em colchonetes ou rolinhos de espuma, nos quais podem rolar de um lado para o outro, são ótimos recursos para o trabalho com corpo, gestos e movimentos de bebês pequeninos.

Para os bebês maiores, que se locomovem se arrastando, engatinhando ou andando, sugerimos a criação de um desafio motor.

Você já ouviu falar em uma brincadeira antiga chamada **cama de gato**? A brincadeira consiste em passar um barbante ou elástico entre os dedos das mãos, formando um grande emaranhado de fios. A ideia do desafio motor é criar esse emaranhado em uma escala maior, entrelaçando elásticos entre dois berços ou entre os pés de uma mesa.

O objetivo é que os bebês criem estratégias para ultrapassar os elásticos, a fim de entrar nessa instalação e sair dela. Para isso, é preciso deixar os pequenos livres para testar hipóteses e os próprios movimentos.

Incentive-os na travessia e na ultrapassagem dos elásticos, comemorando toda e qualquer conquista.

Outra proposta para trabalhar com a movimentação corporal e, ainda, conceitos como conteúdo e continente, abrir e fechar, entrar e sair é a criação de **estruturas com bambolês**.

### Materiais

Bambolês; fita adesiva; tecidos (sugerimos lençóis); tesoura e brinquedos.

### Como fazer

Organize o espaço externo antecipadamente e sem a presença dos bebês. Una os bambolês com fita adesiva, criando estrutura semelhante a um labirinto. Para isso, deixe os bambolês em pé (consulte referência visual ao lado). Posicione o tecido sobre os bambolês unidos, deixando as laterais abertas. Espalhe brinquedos e/ou objetos de interesse do bebê dentro da estrutura, para que o pequeno seja incentivado a explorar esse novo espaço.



### Orientações para a brincadeira

Não obrigue nenhum bebê a entrar na estrutura, possibilitando que a explorem livremente. É importante se posicionar na altura em que os bebês estão, mantendo sempre o contato visual com eles; assim, os pequenos não terão medo de explorar o interior da estrutura. Brinque de "espiar" o bebê, erguendo uma pontinha do tecido. Converse com eles, orientando-os a pegar os brinquedos/objetos espalhados dentro da estrutura, entrar e sair por diferentes lados, esconder-se por meio dos tecidos das laterais etc.

### *Purlimpimpim, cante para mim*

Para esta seção, crie um espaço aconchegante para a leitura de um livro de poemas. Priorize textos curtos, com sonoridade destacada e imagens atraentes. O espaço pode ser uma barraquinha feita com lençol ou outro tecido.

Antecipadamente, é aconselhável conhecer o enredo dos poemas, bem como ensaiar a modulação e a entonação de voz que empregará neles. Isso faz diferença para prender a atenção dos pequenos, tanto na leitura quanto na recitação dos poemas.

Para exemplificar o trabalho com poemas infantis, confira a sugestão criada com base no texto *A borboleta*. Que tal declamar este poema?

#### *A borboleta*

*A borboleta passeia*

*leve e salta pelo ar...*

*Difícil acreditar;*

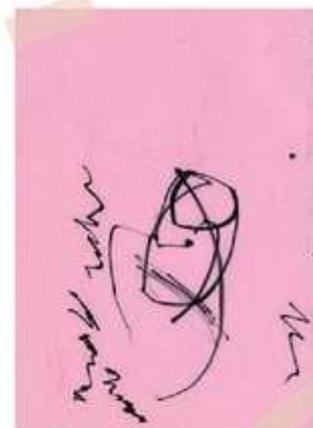
*Mas já foi lagarta feia!*

*Suas asas cor do céu*

*são finas como papel.*

BAGNO, Marcos. *Festa no meu jardim*. Curitiba: Positivo, 2011, p. 21.

Declame o poema aos pequenos, utilizando apenas a sua voz e o seu corpo. Abuse das pausas e das modulações de voz, acentuando as rimas e as sonoridades do texto. Repita a declamação, conforme a interação e o interesse dos pequenos. Em seguida, empregue um novo recurso: um fantoche de borboleta.



*Laura Munhoz Jardim*

*2 anos e 10 meses*





Bebê sentado observando o entorno

Um fantoche simples e atraente pode ser feito com uma luva de lã (ou base do rolo de papel higiênico) e com as ilustrações do corpo de borboleta feitas em cartolina ou retalhos de tecido. Há vários modelos disponíveis em diferentes *sites* na internet. Utilize-o enquanto declama o poema, simulando o movimento do voar da borboleta, entre as crianças. Será diversão garantida!

Após a declamação, permita aos pequenos tocar no fantoche e brincar com ele. Demonstre o abrir e o fechar das asas da borboleta, simule um pouso em diferentes partes do corpo do bebê ou, então, encene que a borboleta vai se esconder, pode ser embaixo de um de seus braços ou da sua roupa.

Para finalizar esta seção, sugerimos ampliar o trabalho com música e com o fantoche da borboleta, apresentando aos bebês mais uma canção da cultura popular brasileira.

### *Borboletinha*

*Borboletinha, tá na cozinha*

*Fazendo chocolate*

*Para a madrinha*

*Poti, poti*

*Perna de pau*

*Olho de vidro*

*Nanz de pica-pau*

*Pau pau.*

Cultura popular

Depois do trabalho com os poemas, que tal criar um livro repleto de rimas e imagens coloridas para a manipulação e a interação dos pequenos? Para isso, a produção das ilustrações pode ser feita por meio de desenhos e/ou recortes e colagens de figuras. Já para o texto, sugerimos estes versos:

### *A casa e o seu dono*

*Essa casa é de caco  
quem mora nela é o macaca.*

*Essa casa é bonita  
quem mora nela é a cabrita.*

*Essa casa é de cimento  
quem mora nela é o jumenta.*



*Essa casa é de telha  
quem mora nela é a abelha.*

*Essa casa é elegante  
quem mora nela é o elefante.*

*Essa casa, bela obra,  
quem mora nela é a cobra.*

*E descobri de repente  
que não falei de casa de gente.*

ELIAS, José. *Lua no brejo com novas trovas*. Porto Alegre: Projeto, 2007.

Se preferir, passe papel adesivo transparente nas páginas construídas. Em seguida, perfure-as na lateral esquerda e una-as com um pedaço de fita ou barbante. O livro está prontinho!

Que tal fazer a leitura do novo livro em ambiente externo, na sombra de uma árvore ou embaixo de um guarda-sol? Atente para as rimas; enfatize a sonoridade das palavras mediante a leitura sequenciada e ritmada.

Depois da leitura, disponibilize o novo livro para os bebês folhearem e fazerem suas experimentações. Em seguida, oriente a leitura das ilustrações, incentivando os bebês a apontar onde estão alguns elementos. Crie interações, como a imitação dos animais retratados no texto, conforme a participação e a concentração dos bebês.

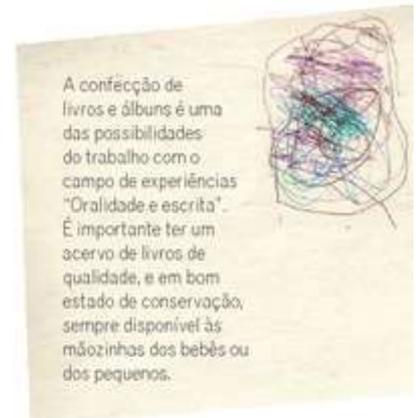
### *Meleca na mão é pura diversão*

O objetivo desta seção é ampliar a aprendizagem de que o corpo, mediante o movimento e os riscantes, produz marcas. Dependendo da força e do movimento empregados, as marcas serão diferentes, ora mais fortes e evidentes, ora mais fracas e claras. Parece simples, mas para o bebê é algo complexo, que requer esforço, concentração e coordenação.

Que tal criar uma caixa tátil para os bebês imprimirem diferentes marcas?

Separe uma caixa grande de papelão e recorte janelinhas nas laterais dela. Selecione papéis ou outros materiais com texturas diferenciadas, como papel-cartão, papel laminado, papel camurça, lixa etc., e cole-os nas abas das janelas, bem como nos demais espaços da caixa. Amarre alguns riscantes (canetões atóxicos, giz de cera e lápis de cor) em um pedaço (grande) de barbante ou fita e prenda-os na caixa.

Deixe os bebês imprimirem suas marcas, tanto nas texturas quanto no papelão. Observe atentamente a exploração dos bebês: Como "testam" os riscantes, as posições corporais e as diferentes superfícies da caixa? Incentive os bebês a desenhar tanto por dentro quanto por fora do objeto.



A confecção de livros e álbuns é uma das possibilidades do trabalho com o campo de experiências "Oralidade e escrita". É importante ter um acervo de livros de qualidade, e em bom estado de conservação, sempre disponível às mãozinhas dos bebês ou dos pequenos.



Bebê produzindo marcas com riscantes em caixa de papelão





Brinquedo feito com lata e palitos de sorvete



Bebês explorando brinquedos não estruturados

Depois que a caixa ganhar muitas marcas, coloque-a em exposição, valorizando as produções dos pequenos. Incentive os familiares dos bebês, as demais crianças e os profissionais da creche a prestigiar a exposição.

### 1, 2, 3 e já

Esta seção visa trabalhar os conceitos de conteúdo e continente, bem como o de classificação. Para isso, é preciso arrecadar materiais recicláveis, como palitos de sorvetes com pontas arredondadas, canudinhos, pompons de lã, embalagens com tampa e garrafões de água (5 litros). Verifique se todos os materiais foram devidamente higienizados. Se preferir, pinte os palitos com tinta atóxica.

A ideia é oferecer aos pequenos vários recipientes que possam receber objetos dentro. O único material que precisa de intervenção são as embalagens com tampa. Recorte pequenos orifícios na tampa desses potes, de modo que os palitos de sorvete passem por eles. Certifique-se de que os recortes na tampa não têm pontas ou lascas que possam ocasionar acidentes. Se necessário, lixe os recortes para evitar qualquer rebarba.

Ofereça os materiais aos bebês para que os explorem livremente. Depois de algum tempo, se os pequenos ainda não tiverem feito a experimentação de colocar os objetos menores (canudinhos, pompons e palitos de sorvete) dentro dos recipientes, mostre-lhes essa possibilidade.

Conforme for o entendimento do bebê, proponha novos desafios: "Vamos colocar somente os pompons dentro deste garrafão?"; "Agora, somente os palitos!"; "Desta vez, vamos colocar os canudinhos e os palitos!", e assim por diante.

Os bebês costumam ficar entretidos durante bastante tempo nesse tipo de exploração; portanto, incentive-os a fazer novas e diferentes descobertas e vibre cada vez que eles conseguirem colocar os objetos nos recipientes maiores.

### Espelho, espelho meu

Para o trabalho com o espelho, que tal reforçar a brincadeira com o esconder e o revelar? Para isso, sugerimos que, no espelho, seja instalada uma cortininha ou, então, sejam criadas janelinhas.

A cortininha pode ser feita com dois lençóis (ou outros tecidos) fixados com fita adesiva; já as janelinhas podem ser feitas com papelão ou outro papel de alta gramatura. O importante é que o bebê possa ser surpreendido com o esconder e o revelar da sua própria imagem em frente ao espelho.



Será preciso demonstrar aos pequenos como brincar, ou seja, como abrir e fechar a cortina ou a janelinha. Para esse momento, crie um clima de suspense: brinque de abrir apenas um lado da cortina ou da janela para que os bebês vejam apenas uma parte das suas próprias imagens refletidas no espelho.

Cante, novamente, a canção da cultura popular *A janelinha*, em frente ao espelho e use as cortininhas ou janelinhas para brincar de abri-las ou fechá-las, conforme o comando da canção. Boa diversão!

### *Relaxar e aproveitar, é só começar*

Para que os bebês relaxem, é essencial que se sintam seguros e, para eles, sinônimo de segurança ainda pode ser o útero – um espaço contido, quentinho, apertado, em que podiam sentir com facilidade o seu próprio corpo. A ideia é oportunizar um momento para relaxar mediante o uso de um "útero simbólico": os miniofurôs, que nada mais são do que baldes.

O primeiro passo é selecionar o balde ideal. Existem marcas especializadas em baldes para banhos de bebês, porém costumam ser bem mais caros. O balde pode ser simples. Os requisitos são bordas e interior lisos. Use-o somente para este fim e higienize-o a cada uso.

O momento do relaxamento deve ser planejado com muita atenção e carinho. A proposta deve ser organizada para um único bebê, pois, quanto mais atenção ele receber, mais vai relaxar.

Confira o passo a passo:

- Preencha, em média, 1/3 do balde com água em temperatura de 37 °C.
- Confira a temperatura com um termômetro e com o dorso da sua mão.
- Tire a roupa do bebê, higienizando os restos de xixi ou de fezes antes de colocá-lo dentro do balde.
- Coloque o bebê no balde, certificando-se de que o pequeno ficará submerso somente do pescoço para baixo.
- Segure o pescoço do bebê posicionando seu braço em frente ao pequeno, para que o rosto dele não mergulhe na água; com a outra mão, jogue delicadamente água em seu corpinho.
- Observe as reações do bebê e converse com ele.

Para esse momento ser ainda mais especial e relaxante, sugerimos a audição de canções calmas e suaves.



Adulto de referência e bebê prestes a iniciarem o banho de balde

### *Sinal de alerta*

Atenção! Como esse banho relaxa muito os bebês, eles podem dormir enquanto estão no balde. Por isso, fique alerta para que a cabeça do bebê não tombe na água e jamais deixe o bebê sozinho nessa posição!





A sugestão de tempo para a realização da *Sequência didática 3* é de aproximadamente **1 mês**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que os bebês têm ritmos diferentes e devem ser respeitados em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!

## Sequência didática 3 – *Olê, olê: vamos brincar de se esconder!*

Esta sequência reforça o trabalho com o conceito de permanência de objeto e o brincar com o esconder e o revelar. A famosa brincadeira do **Cadê? Achou!** será a protagonista, pois ajuda o bebê a se sentir seguro, aliviando a ansiedade da separação, como afirmam Cave e Fertleman (2012, p. 55):

Essa brincadeira ajuda a ensinar ao bebê que sua mãe pode desaparecer e depois aparecer novamente. O auge da ansiedade da separação acontece dos oito meses aos três anos de idade e torna a criança bastante pegajosa – talvez ela até chore, se a mãe sair do ambiente. Como a atividade do “cadê/achou” brinca com o desaparecimento da mãe, ela ajuda os bebês a lidarem com a ansiedade de separação.

### *Recepção: momentos de muita atenção*

Para este momento, sugerimos que a sala de referência seja organizada com vistas ao brincar de esconder e revelar. O professor pode criar uma estrutura de teto utilizando um grande tule (ou outro tecido com transparência, como a tela esportiva – usada para confecção de forro de calção). O tecido deve estender do teto ao chão.

A ideia é o bebê usar esse recurso para brincar de se esconder ou, simplesmente, refugiar-se, desfrutando das sensações ocasionadas pelo tecido (temperatura, peso, textura etc.). Por isso, prefira tecidos macios e com texturas diferenciadas, evitando o uso de TNT.

É preciso estar atento para que os bebês que estão começando a andar não se enrosquem ou tropecem nos tecidos pendurados. Acompanhe seus passos a fim de que se sintam seguros.

Além dessa estratégia, sugerimos que o chão também seja estruturado para as descobertas do esconder e do revelar. Uma das opções é a criação de uma colcha de tecido cheia de “janelinhas”, nas quais os bebês podem se divertir procurando as surpresas escondidas.

### *Musicalizar e brincar*

Esta seção visa trabalhar a apreciação e a experimentação sonora. Para tal, sugerimos a apresentação, aos bebês, da música *A casa*, de Vinicius de Moraes, facilmente encontrada na internet.



Bebê brincando com brinquedo feito com tecido e “janelinhas”



## A casa

Era uma casa  
Muito engraçada  
Não tinha teto  
Não tinha nada  
Ninguém podia  
Entrar nela não  
Porque na casa  
Não tinha chão  
Ninguém podia  
Dormir na rede

Porque na casa  
Não tinha parede  
Ninguém podia  
Fazer pipi  
Porque penico  
Não tinha ali  
Mas era feita  
Com muito esmero  
Na rua dos bobos  
Número zero.

A CASA – Vinicius de Moraes – 100% Tonga (Universal MGB)  
Os direitos relativos ao uso do poema de autoria de Vinicius de Moraes foi  
autorizado pela VM Empreendimentos Artísticos e Culturais Ltda.

©VM Cultural

Cante essa música para os bebês e instigue-os a se movimentarem no ritmo da canção; primeiramente, em andamento lento e, depois, mais acelerado, terminando a música com palmas ritmadas. Em alguns trechos da música, preferencialmente no início em que ela é mais lenta, pare de se movimentar para os lados ou de bater palmas e faça gesto de silêncio, ensinando os pequenos a ouvir e a conter seus movimentos.

Em outro momento da rotina, ofereça aos bebês instrumentos musicais ou objetos sonoros para que eles acompanhem a música, experimentando diferentes sons. Demonstre que, ao movimentar (bater, balançar, agitar) bruscamente os objetos sonoros, eles produzirão sons mais fortes (altos) e, ao movimentá-los de maneira mais suave, eles produzirão sons mais fracos (baixos).

Alguns exemplos de objetos sonoros a ser disponibilizados com facilidade:

- panelas e colher de pau (imitando o som de gongos);
- tampas de panela (imitando o som dos pratos);
- potes e colheres plásticas (imitando o som de bombos);
- latas de alimentos, vazias e higienizadas, com pedrinhas e grãos dentro (imitando o som do ganzã);
- bexiga presa em lata de alumínio; se precisar, use uma fita adesiva larga (imitando o som do tambor);
- garrafas de água e conduítes (imitando o som do reco-reco);
- fôrma de alumínio com elásticos (imitando o som do baixo);
- duas colheres de alumínio (imitando o som das castanholas);
- garrafas de PET (com as tampinhas vedadas) contendo diferentes grãos, pedrinhas ou areia dentro (imitando o som de chocalhos).



Objetos sonoros





Bebê brincando com lenço no jardim

## *Estica, dobra e puxa*

Você já presenciou algum bebê se divertindo ao fazer um adulto pegar, inúmeras vezes, o objeto que ele jogou no chão? Isso acontece porque o bebê está construindo a noção de permanência do objeto. O pequeno se diverte por perceber que o objeto, que desapareceu dos seus olhos, volta a aparecer. Nesse sentido, a repetição da ação ensina sobre causa e consequência, mas também gera segurança e conforto. Nesta seção, abordaremos essa característica.

Escolha uma música instrumental e selecione objetos leves que possam ser jogados ao ar e não causem acidentes (tecidos leves, como lenços; bolinhas de meia; plumas; penas; pedaços de papel de seda etc.).

A brincadeira consiste em sentar o bebê em um cadeirão (apropriado para alimentação), no chão ou em seu colo e entregar a ele um dos objetos selecionados. Após algumas experimentações, o bebê deve jogar o objeto no chão. Participe da brincadeira, tentando apanhar o objeto e chamando a atenção do pequeno para os objetos que caem rapidamente e para os que parecem flutuar no ar. Demonstre ao bebê como assoprar para que a pena, a pluma e os pedaços de papel de seda (ou outros objetos leves) flutuem. Incentive-o a fazer o mesmo e, juntos, explorem os outros objetos selecionados. Retire o bebê do cadeirão ou de seu colo para que se movimente amplamente, tentando pegar os objetos durante a queda no ar.



Professora brincando de esconder e achar o livro com os bebês

## *Purlimpimpim, come para mim*

Para esta seção, escolha um livro apreciado pelos bebês. A primeira brincadeira será achar o livro. Esconda o livro embaixo de uma folha de papel-celofane colorida e prenda as laterais com fita adesiva transparente.

Chame a atenção dos bebês para mais esta novidade, mexendo no papel, o que produz um interessante som. Concomitantemente, faça comentários, tais como: "O que será que tem aqui?", "Passem a mão e sintam como este papel (nomeie a cor) é liso".

Faça um clima de suspense e, aos pouquinhos, vá abrindo a lateral do papel-celofane e retirando o livro. Quando retirá-lo por inteiro, faça festa batendo palmas e incentivando os pequenos a vibrar com a descoberta do livro. Em seguida, leia mais uma vez o seu enredo, permitindo aos pequenos a interação com o suporte.



## Meleca na mão é pura diversão

Uma das grandes e importantes descobertas dos bebês no trabalho com o campo de experiências "Traços, sons, cores e formas" é a de que o seu próprio corpo é capaz de produzir marcas, conforme o seu movimento corporal. As tintas e as melecas são ótimos recursos para essa descoberta. No entanto, precisam ser próprias para a utilização dos bebês, pois faz parte da descoberta infantil levar a tinta/meleca à boca e experimentá-la passando-a no corpo.

Para evitar alergias e intoxicações, o ideal é a tinta/meleca caseira, natural, extraída de cascas de frutas e raízes, de alimentos, de folhas etc. Uma boa opção é fazer uma receita à base de farinha de trigo e colorí-la com corantes naturais.

Confira, a seguir, a receita de **corante natural cor-de-rosa**.

### **Materiais**

Uma beterraba média; água.

### **Como fazer**

Faça o suco ralando uma beterraba média bem fina e espremendo-a em um pano, misturada a um pouco de água, ou batendo-a no liquidificador e coando-a. Se quiser uma tinta ou meleca com textura, acrescente o bagaço da beterraba à receita-base de amido de milho ou à de trigo.

O corante sugerido acima será usado no preparo da **tinta/meleca de farinha de trigo**.

### **Materiais**

Corante natural; 250 gramas de farinha de trigo; 1 colher (sopa) de óleo e 1 colher (sopa) de água.

### **Como fazer**

Acrescente o óleo à farinha de trigo. Em seguida, misture o corante à água (se usar mais água, terá uma consistência mais líquida, parecida com a de tinta; ao contrário, se usar menos água, obterá uma consistência mais pegajosa, como a de uma "meleca"). Misture aos poucos a água com o corante à farinha de trigo até obter a consistência desejada.

### **Orientações para a brincadeira**

Organize o espaço para os bebês explorarem livremente a tinta/meleca. Sugerimos que forre o chão com papelão ou papel bobina e disponha a tinta/meleca em recipientes rasos para que os bebês consigam ter acesso a ela facilmente.

### Sinal de alerta

Antes de preparar a tinta/meleca de farinha de trigo, certifique-se de que nenhum bebê da turma tem alergia ou intolerância ao glúten. Caso seja necessário, substitua a farinha de trigo pela de arroz ou por amido de milho. Lembre-se de que todas as receitas naturais de tintas e melecas que levam pigmentos de alimentos (cascas, frutas, folhas etc.) devem ser utilizadas à sombra, pois alguns pigmentos, em contato com os raios solares, podem acelerar o bronzeamento e ocasionar queimaduras e/ou manchas na pele.



Permita aos bebês que se aproximem, em seus próprios ritmos, da tinta/meleca e sintam a sua textura e temperatura, explorando essa mistura com o corpo todo. Para tanto, o indicado é que os bebês estejam só de fraldinhas ou usando roupas que possam ficar sujas. Respeite os bebês que não quiserem se "melecar".

### 1, 2, 3 e já

Dando continuidade ao trabalho com os conceitos de conteúdo e continente e de colocar e tirar, sugerimos que sejam organizados, na sala de referência, cantinhos para que os pequenos vivenciem, testem, criem diferentes hipóteses e, acima de tudo, brinquem, divirtam-se e aprendam muito.

Selecione bases de rolo de papel higiênico ou papel-toalha (ou, ainda, canos de PVC com conectores) e materiais que passem pelo diâmetro dos tubos selecionados, como pompons de lã ou bolas de papel ou de meia.

Prenda as bases do papel higiênico (ou papel-toalha) com fita adesiva na parede da sala, no alcance dos pequenos (se forem canos, prenda-os com elásticos, nas laterais de alguns berços, por exemplo). Próximo a esses materiais, disponha um recipiente com os objetos que os pequenos vão brincar de colocar dentro dos tubos. Os bebês se divertirão ao colocar diferentes objetos nos tubos para vê-los caindo no chão.

### Espelho, espelho meu

Os bebês adoram procurar a própria imagem refletida no espelho, e isso facilita a construção da imagem corporal e da noção de localização.

As crianças pequenas ainda têm uma visão do seu corpo fragmentada ("as partes que eu vejo"). O espelho nos possibilita ter uma visão mais integral de nós mesmos e do outro. Por isso as crianças se surpreendem ao perceber a imagem dela e a dos outros. Essa interação é bastante prazerosa e alegre: as crianças batem coisas, beijam e abraçam o espelho, escondem-se dele e depois reaparecem. Essa forma de construir sua imagem corporal, se olhar por inteiro em diferentes posições e formas cria novas referências sobre quem se é e como ocupam o espaço. (AMERICANO; NALINI, 2013, p. 35)



Bebês brincando com tubos e bolas



A ideia desta seção é ampliar essa possibilidade, organizando um cantinho próximo ao espelho da sala de referência, com espelhos menores e objetos que reflitam imagens, mesmo que não nitidamente.

O primeiro passo para a organização desta proposta é a seleção de objetos que reflitam imagens, por exemplo: CDs velhos, papel-alumínio, vasilhas de alumínio, latas de leite etc.

Organize esses objetos de modo que possibilitem aos pequenos se enxergar em diferentes ângulos e formas, objetivando oferecer novas descobertas por meio dos reflexos obtidos.

### Relaxar e aproveitar, é só começar

Selecione uma música calma e relaxante para o trabalho com esta seção. Separe também um cobertor macio. Coloque o bebê em cima dele. Utilize alguns movimentos de massagem, usando uma bola macia como instrumento. Se o bebê estranhar, intercale os movimentos com a sua mão.

Enquanto o massageia, converse com o bebê de maneira afetiva, nomeando as suas ações. Após a massagem, fale para o bebê que vocês vão brincar de passear. Então, puxe o cobertor em uma ponta, com o bebê deitado, fazendo-o passear pela sala. Se os outros bebês quiserem imitar a ação, permita-lhes "passear" com o cobertor, sem que tenham sido massageados ainda. Uma ideia é colocar um boneco (ou boneca) em cima do cobertor para que o pequeno percorra a sala passeando com o seu "neném".

Lembre-se de que, no decorrer da semana, todos os bebês devem ter sido massageados e ter dado uma "voltinha" no cobertor.



Bebê brincando com materiais não estruturados em frente ao espelho

### Sinal de alerta

O passeio com o cobertor deve ser feito sempre com as costinhas do bebê apoiadas pelo cobertor/tecido, para que não haja riscos de queda.



Felipe Fassina  
Humming  
1 ano e 6 meses



CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO – BNCC	ONDE ENCONTRAR? BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES
O eu, o outro e o nós	Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 2.1.
	Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa.	Móbil de PVC; brincadeira com caixa de papelão; parlenda <i>Janela, janelinha</i> ; brincadeira com bola gigante; circuito "cama de gato"; estrutura com bambolê; riscantes e texturas; banho de balde; estruturas de teto e chão; brincadeira de jogar e recolher; melecas; tubos e bolas; materiais não estruturados no espelho; massagem e passeio com cobertor.
	Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar materiais, objetos, brinquedos.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 2.1.
	Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbucios, palavras.	Canção <i>Fui morar numa casinha</i> ; canção <i>A janelinha</i> ; poema <i>A borboleta</i> ; canção <i>Borboletinha</i> ; poema <i>A casa e o seu dono</i> ; brincadeira de esconder no espelho; canção <i>A casa</i> .
	Reconhecer as sensações de seu corpo em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso.	Parlenda <i>Janela, janelinha</i> ; massagem com escova de cabelo infantil; brincadeira com bola gigante; riscantes e texturas; banho de balde; melecas; massagem e passeio com cobertor.
	Construir formas de interação com outras crianças da mesma faixa etária e adultos, adaptando-se ao convívio social.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 2.1.
	Demonstrar sentimentos de afeição pelas pessoas com as quais interage.	Massagem com escova de cabelo infantil; poemas; banho de balde; massagem e passeio com cobertor; foco em todas as propostas da seção <i>Recepção: momento de muita atenção</i> .
	Desenvolver confiança em si, em seus pares e nos adultos em situações de interação.	Brincadeira com caixa de papelão; brincadeira <i>Upa, cavalinho</i> ; massagem com escova de cabelo infantil; brincadeira com bola gigante; circuito "cama de gato"; banho de balde; tubos e bolas; massagem e passeio com cobertor.
Corpo, gestos e movimentos	Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.	Canção <i>Fui morar numa casinha</i> ; parlenda <i>Janela, janelinha</i> ; brincadeira de esconder no espelho; canção <i>A casa</i> e objetos sonoros; brincadeira de jogar e recolher; espelho e materiais não estruturados.
	Ampliar suas possibilidades de movimento em espaços que possibilitem explorações diferenciadas.	Cantinho com casinha; móbil de PVC; brincadeira caixa de papelão; circuito "cama de gato"; estrutura com bambolê; estruturas de teto e chão; tubos e bolas; massagem e passeio com cobertor.
	Experimentar as possibilidades de seu corpo nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes.	Cantinho com casinha; móbil de PVC; brincadeira com caixa de papelão; brincadeira <i>Upa, cavalinho</i> ; parlenda <i>Janela, janelinha</i> ; jogo de memória gigante; giz de cera adaptado; massagem com escova de cabelo infantil; pranchetas interativas; cantinho dos potes; circuito "cama de gato"; estrutura com bambolê; riscantes e texturas; brincadeiras de esconder no espelho; objetos sonoros; brincadeira de jogar e recolher; melecas; tubos e bolas; materiais não estruturados no espelho; massagem e passeio com cobertor.



CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO - BNCC	ONDE ENCONTRAR? BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES
	Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar.	Interações de rotina; massagem com escova de cabelo infantil; banho de balde.
	Imitar gestos, sonoridades e movimentos de outras crianças, adultos e animais.	Canção <i>Fui morar numa casinha</i> ; brincadeira no espelho; brincadeira <i>Upa, cavalinho</i> ; olhinhos mágicos; parlenda <i>Janela, janelinha</i> ; poema <i>A borboleta</i> ; poema <i>A casa e o seu dono</i> .
	Utilizar os movimentos de preensão, encaixe e lançamento, ampliando suas possibilidades de manuseio de diferentes materiais e objetos.	Jogo de memória gigante; giz de cera adaptado; pranchetas interativas; cantinho dos potes; riscantes e texturas; materiais não estruturados; objetos sonoros; brincadeira de jogar e recolher; tubos e bolas.
Traços, sons, cores e formas	Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.	Brincadeiras no espelho; objetos sonoros e canção <i>A casa</i> .
	Traçar marcas gráficas, em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes e tintas.	Giz de cera especial; riscantes e texturas; melecas.
	Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), criando objetos tridimensionais.	Meleca de beterraba e meleca de farinha de trigo.
	Explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	Canção <i>Fui morar numa casinha</i> ; brincadeira <i>Upa, cavalinho</i> ; parlenda <i>Janela, janelinha</i> ; canção <i>A janelinha</i> ; canção <i>Borboletinha</i> ; brincadeiras no espelho; banho de balde; canção <i>A casa</i> .
	Imitar gestos, movimentos, sons, palavras de outras crianças e adultos, animais, objetos e fenômenos da natureza.	Canção <i>Fui morar numa casinha</i> ; brincadeiras no espelho ( <i>Seu e Meu</i> , canções e imitações); canção <i>A janelinha</i> ; poema <i>A casa e o seu dono</i> ; materiais não estruturados no espelho.
Oralidade e escrita	Reconhecer quando é chamado por seu nome e reconhecer os nomes de pessoas com quem convive.	Interações de rotina e brincadeira <i>Seu e Meu</i> no espelho.
	Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas e a apresentação de músicas.	Poema <i>A borboleta</i> ; canções: <i>Fui morar numa casinha</i> ; <i>A janelinha</i> ; <i>Borboletinha</i> ; canção <i>A casa</i> ; músicas instrumentais (seções <i>Recepção: momento de muita atenção</i> ; <i>Relaxar e aproveitar, é só começar</i> ).
	Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas).	Seção <i>Pirlimpimpim, conte para mim</i> , foco para a construção do álbum com imagens de moradias, e a construção de álbuns variados.
	Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor.	Seção <i>Pirlimpimpim, conte para mim</i> , foco para a construção do álbum com imagens de moradias, e a construção de álbuns variados.
	Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.	Poema <i>A Borboleta</i> ; canções <i>Fui morar numa casinha</i> , <i>A janelinha</i> , <i>Borboletinha</i> e <i>A casa</i> ; músicas instrumentais (seções <i>Recepção: momento de muita atenção</i> ; <i>Relaxar e aproveitar, é só começar</i> ); leitura do poema <i>A casa e o seu dono</i> e de álbuns variados.



CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO - BNCC	ONDE ENCONTRAR? BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES
	Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas 2.1.
	Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, revista, gibi, jornal, cartaz, CD, tablet etc.).	Foco para a manipulação de livros e álbuns e cartaz sugerido na seção <i>Musicalizar e brincar</i> (com a letra da canção <i>Fui morar numa casinha</i> ).
	Ter contato com diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.).	Sugestão de composição de acervo literário, na sala de referência; propostas de leituras e construções de livros e álbuns.
	Ter contato com diferentes instrumentos e suportes de escrita.	Proposta com giz de cera especial; riscantes e texturas.
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura).	Móbil de PVC; jogo de memória gigante; giz de cera especial; pranchetas interativas; cantinho dos potes; riscantes e texturas (caixa tátil); brinquedos não estruturados; estruturas de teto e chão; objetos sonoros; brincadeira de jogar e recolher; melecas; materiais não estruturados no espelho.
	Explorar relações de causa e efeito (transbordar, tingir, misturar, mover e remover etc.) na interação com o mundo físico.	Jogo de memória gigante; giz de cera especial; pranchetas interativas; cantinho dos potes; brincadeira com bola gigante; brinquedos não estruturados; brincadeiras de esconder e revelar; estruturas de teto e chão; riscantes e texturas; brincadeiras de esconder no espelho; objetos sonoros; brincadeira de jogar e recolher; melecas; tubos e bolas; materiais não estruturados no espelho.
	Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.	Construção de álbuns; pranchetas interativas; cantinho dos potes; objetos sonoros; brincadeira de jogar e recolher; materiais não estruturados no espelho.
	Manipular, experimentar, arrumar e explorar o espaço por meio de experiências de deslocamentos de si e dos objetos.	Cantinho com casinha; brincadeira com caixa de papelão; brincadeira com bola gigante; circuito "cama de gato"; estrutura com bambolê.
	Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.	Móbil de PVC; jogo de memória gigante; objetos sonoros; brinquedos não estruturados; brincadeira de jogar e recolher; melecas; materiais não estruturados no espelho.
	Experimentar e resolver situações-problema do seu cotidiano.	Interações, brincadeiras e ações cotidianas. Algumas propostas que fomentam a experimentação e resolução de situações-problema: circuito "cama de gato", brincadeiras com tubos e bolas, cantinho dos potes etc.
	Vivenciar diferentes ritmos, velocidades e fluxos nas interações e brincadeiras (em danças, balanços, escorregadores etc.).	Interações, brincadeiras e ações cotidianas. Algumas propostas que possibilitam a experimentação de diferentes ritmos, velocidades e fluxos: canção <i>Upa, cavalinho</i> , objetos sonoros, passeio com cobertor, banho de balde etc.





## 22 O que é que tem no cesto do neném? Descoberta, exploração e diversão!

Este item apresenta, mediante a abordagem do Cesto dos tesouros e as seqüências didáticas envolvendo os cinco sentidos, muita diversão e muitas possibilidades!

Possibilidades de aprender por meio da exploração, da descoberta, da repetição, de diferentes sensações, da liberdade e da brincadeira; de estar em contato com texturas variadas que desenvolvem diferentes sensações e percepções; de exercitar a autonomia e o poder de decisão ao escolher os objetos exploratórios. Possibilidades de brincar espontaneamente, testando as propriedades dos diferentes materiais e aprendendo sobre elas (volume, massa, cores, texturas, tamanhos, cheiros, sabores etc.). Por fim, possibilidades de desenvolver a estruturação do pensamento, a concentração e a interação.

### Planejando o uso do Cesto dos tesouros

#### Definições necessárias

O Cesto dos tesouros é uma maneira estruturada de aproveitar a brincadeira espontânea das crianças. Essa abordagem, criada por Elinor Goldschmied, utiliza materiais do cotidiano, de fácil aquisição ou encontrados em casa,

escolhidos com a finalidade de proporcionar estímulo e experiência aos cinco sentidos da criança: o descobrimento e o desenvolvimento do tato, do paladar, do olfato, da audição, da visão, e do sentido do movimento do corpo. (MAJEM; ÔDNA, 2010, p. 1)

A brincadeira Cesto dos tesouros é indicada aos bebês entre 6 a 12 meses que ficam sentados com autonomia. Embora os menores não tenham autonomia motora para a escolha dos objetos exploratórios, neste livro, será feita a adaptação para toda a faixa etária dos bebês (até 18 meses).

Ressaltamos que a indicação do trabalho é com pequenos grupos. Para isso, será necessário planejar a divisão, selecionando de três a cinco bebês em cada sessão. Todos os bebês da sala devem ter acesso à exploração de todos os cestos, sendo necessário organizar um rodízio



Cesto usado na brincadeira  
Cesto dos tesouros



Para facilitar a composição do cesto, converse com a Coordenação/Direção da creche sobre solicitar aos familiares o envio de alguns objetos exploratórios. Confira, na seção *Recepção: momento de muita atenção*, as sugestões dos materiais que podem compor os cestos da sequência didática.



(enquanto um grupo de bebês explora o cesto, os demais realizam outras propostas, com outro professor de referência) ou mais de um cesto.

### O cesto

Selecione um (ou mais) cesto de vime, palha ou outra fibra natural que seja firme e resistente à manipulação infantil. Para que o bebê tenha facilidade de retirar e colocar os objetos, sugerimos que a altura do cesto não ultrapasse 10 centímetros e que não tenha alças. Não sendo possível a utilização de um cesto conforme essas especificações, substitua-o por uma caixa de papelão, firme e baixa, ou então uma bacia de plástico, forrada com tecido.

### Os objetos exploratórios

Os objetos que vão compor o cesto devem ser rigorosamente selecionados, tendo em vista seus tamanhos (descarte todos os objetos que cubrem dentro de um copinho plástico de café, pois oferecem risco de sufocamento) e suas propriedades. Os cestos devem receber vários objetos de diferentes texturas, formas, cores e massas (pesos). Alguns objetos podem ser colocados em maiores quantidades, como os grampos de roupas e as tampas metálicas (para alimentos em conserva).

Na seleção dos materiais, evite objetos de plástico e/ou brinquedos industrializados, uma vez que o objetivo da proposta é oportunizar o contato com materiais que desenvolvam e potencializem as sensações e percepções dos bebês.

Ao final de cada sessão, os objetos exploratórios devem ser higienizados, e os que estiverem danificados, retirados do cesto. Lembre-se de que nem todos os objetos serão renovados a cada sessão, pois os já conhecidos pelos bebês são referenciais de exploração, enquanto os novos servem para despertar a curiosidade e convidam a novas descobertas, sensações, percepções e aprendizagens.

### A brincadeira

A orientação para utilizar o cesto será direcionada na seção *Recepção: momento de muita atenção*. No entanto, sugere-se que a brincadeira seja proposta logo após os momentos de recepção dos bebês, alimentação e higiene matinal, pois exige a divisão da turma em grupos, bem como a atenção focada do professor.

### O papel do professor

O professor atua na escolha intencional dos objetos exploratórios, na organização do cesto e do espaço e na divisão do grupo de bebês. Durante a brincadeira, esteja próximo dos bebês, passando-lhes segurança mediante sua postura acolhedora e seu olhar afetivo, evitando fazer interferências sobre as escolhas dos bebês e as formas como eles fazem suas explorações. Se houver muitos objetos



Bebês explorando os objetos do Cesto dos tesouros



espalhados, recolha-os e coloque-os novamente no cesto, sem desconcentrar os bebês.

Interfira apenas quando necessário ou se houver qualquer situação de risco. O intuito é que os pequenos brinquem livre e autonomamente, exercitando seu poder de decisão e escolha.

Após a brincadeira, que dura em média 30 minutos (o tempo da brincadeira dependerá da concentração e da curiosidade dos pequenos), o papel do professor será recolher os materiais – solicite o auxílio dos bebês maiores – e, depois, organizá-los novamente.

## Sequência didática 4 – O que é que tem no cesto do neném? Texturas, muitas texturas

Esta sequência didática vai focar o trabalho com o tato e a capacidade de sentir diferentes texturas, temperaturas, formatos e massas (pesos) de objetos por meio do corpo. Isso não quer dizer que apenas o tato será trabalhado, ao contrário, prezaremos por uma abordagem integrada e integradora.

### Recepções: momentos de muita atenção

Sugerimos que apresente uma reprodução de obra de arte no momento de recepcionar os bebês. Para exemplificar, acompanhe a sugestão criada com base na observação da obra *Criança com brinquedos: Gabrielle e o filho do artista, Jean*, de Renoir, disponível em sites especializados em Arte na internet.

Para que os bebês possam apreciá-la e, ao mesmo tempo, construir percepções sobre suas características (cores, formas, elementos representados etc.), orientamos posicioná-la em local de alcance visual e tátil do bebê e fazer uma moldura para a obra, preferencialmente de material com textura, como papel corrugado.

Não basta a fixação de obras de arte e de outras imagens na sala, é preciso intencionalidade nessa ação. Deve-se chamar a atenção dos bebês na hora da apresentação das imagens e conversar sobre elas. Resalte as cores, as formas e as paisagens, incentivando-os na apreciação.

A apreciação artística é um trabalho diário, que deve fazer parte da rotina da sala. Somente como atividade permanente é que esse tipo de apreciação poderá contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e da fruição.

Após o trabalho com a leitura da obra de Renoir, apresente o primeiro Cesto dos tesouros aos bebês, com materiais de várias texturas, temperaturas, formas e massas, a fim de propiciar diferentes sensações relacionadas ao tato.



A sugestão de tempo para a realização da Sequência didática 4 é de aproximadamente **1 mês e meio**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que os bebês possuem ritmos diferentes e devem ser respeitados em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez, ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!



RENOIR, Pierre-Auguste. *Criança com brinquedos: Gabrielle e o filho do artista, Jean*. [1895 ou 1896]. 1 óleo sobre tela, color., 54,3 cm x 65,4 cm. Galeria Nacional de Arte, Washington, D.C.





Objetos de metal



Objetos de madeira



Objetos de papel/papelão



Objetos de tecido



Objetos naturais



Objetos de materiais diversos

### ⚠ Sinal de alerta

Os objetos que vão compor o cesto devem oferecer, em primeiro lugar, segurança ao bebê. Tenha muita atenção e cuidado na escolha dos itens. Na dúvida sobre o tamanho ou qualquer outra característica do objeto, descarte-o da seleção.



A seguir, confira sugestões de objetos para compor o cesto.

**Objetos de metal:** argolas grandes de cortina, batedor de ovos, calçadeira de sapatos de metal, coadores de chá, colheres de vários tamanhos, forminhas de empada, funil, tampas de metal (como as usadas em recipientes para alimentos em conserva; mas se lembre de não utilizar tampas removidas com abridor de latas), molho de chaves (grandes), peneiras, tampas de embalagens de alimentos (conservas) sem as bordas afiadas, tampas de panelas, sineta etc.

**Objetos de madeira:** prendedor de roupas, argolas grandes de cortina, castanholas, colheres para mel, colher de pau, caixinhas, descanso de panela, escova de sapatos (novas), peças de brinquedos de encaixe (sem pontas), pulseiras, tigelas etc.

**Objetos de papel/papelão:** bases dos rolos de papel higiênico e de papel-toalha, caixinhas, caixas de ovos, caderneta de papel (sem espiral), forminhas coloridas para docinhos, marcadores de páginas de livros, papel corrugado, papel laminado, papel-manteiga etc.

**Objetos de tecido:** bolas de meia, descanso de panela, fitas de tecido, lenços de seda, luvas de lã, pompons coloridos de lã, retalhos de tecidos: algodão, veludo, tule, seda, *jeans* etc.

**Objetos naturais:** bucha vegetal, cabaças pequenas, caroço de abacate, sementes grandes típicas de sua região, conchas do mar grandes, escova de cerdas naturais (nova), pedras grandes (sem pontas), pedra-pomes, pinhas (livres de pontas e espinhos), rolhas grandes etc.

**Objetos de materiais diversos:** bola de tênis, chapéu de couro, lixa para parede, pincel para barbear (com cerdas naturais e cabo arredondado, curto e grosso), pincel para maquiagem (com cerdas naturais e cabo arredondado, curto e grosso), pincel ou brochas, porta-moedas de couro etc.

Após a composição do cesto, organize o grupo de bebês que participará da proposta. Lembre-se de observar atentamente a relação de cada criança com os objetos exploratórios.

Preste atenção nos modos alternativos como o cesto pode ser explorado. Para os bebês que ainda não sentam e não conseguem participar da proposta, selecione antecipadamente alguns dos elementos do cesto e entregue um por vez a eles, respeitando sua maneira e seu ritmo de exploração. Já para os bebês que engatinham ou andam pela sala e espalham os objetos, organize um espaço delimitado (por tapete ou panos) e ofereça os objetos fora do cesto. É importante selecionar objetos que possam ser empilhados e conter outros objetos dentro de si (relação entre conteúdo e continente).



Independentemente da maneira como os objetos serão apresentados aos bebês, respeite a forma de exploração que eles empregarem. Lembre-se de que, cada vez que um bebê entra em contato com um objeto desconhecido, olhando-o, tocando-o, levando-o à boca, jogando-o, apertando-o e/ou amassando-o, é como se estivesse perguntando: "O que é isso? O que posso fazer com isso?". E é por meio dessa interação que o pequeno vai descobrir o mundo que o cerca.

### Musicalizar e brincar

Provavelmente, vários bebês da sala já aprenderam a bater palminhas, mas é importante propiciar brincadeiras com as palmas, especialmente quando há novos bebês.

O trabalho com música e palmas pode ser realizado por meio de tradicionais canções da cultura popular, como *Parabéns pra você* e *Bate palminha*. Ensine os pequenos a unir as mãozinhas, batendo palmas enquanto cantam. É importante personalizar a canção com o nome de cada criança. Ao final da canção *Parabéns pra você*, mostre aos bebês como assoprar, simulando o apagar de uma velinha.

Em outro momento, quando grande parte dos bebês já souber bater palmas, apresente outra canção da cultura popular: *Caranguejo*. Confira um trecho dessa canção:

#### Caranguejo

Palma, palma, palma; pé, pé, pé;  
Roda, roda, roda, caranguejo peixe é.

Cultura popular

Incentive os bebês que já andam a se movimentarem no ritmo da canção, batendo palmas e pés, quando for indicado. Em seguida, cante-a mais lentamente e incentive os bebês a repetir essa sequência.

### Estica, dobra e puxa

Nesta seção, vamos aliar possibilidades de movimento e sensações táteis diferenciadas. Assim, a primeira estratégia é a criação de tapetes de sensações.

O tapete de sensações consiste em um suporte (tecido, feltro, emborrachado, papel de alta gramatura etc.) com várias texturas afiadas, tais como tecidos (*jeans*, veludo, *plush* etc.), esponjas, papéis, lixas em folhas (com granulações que não machuquem os bebês), lãs, plástico-bolha, guizos grandes, zíperes etc. Os objetos que serão afiados devem estar bem presos, para evitar risco de sufocamento aos pequenos.

Acrescente à seleção objetos locais, de fácil acesso e com significância para a cultura da comunidade na qual a creche está inserida.



Bebê explorando a textura da lã



### Sinal de alerta

Organize a "montanha" onde o piso não seja escorregadio. Fique atento e próximo aos bebês para que eles não caiam ou rolem durante a subida.



Outra opção é fixar, no chão, várias caixas de ovos abertas. O importante é oferecer diferentes texturas e deixar os pequenos explorá-las com todo o corpo, tocando, engatinhando, entre outras ações.

Em outro momento, mas ainda com foco em potencializar o trabalho com o movimento e a exploração de texturas, crie uma "montanha" de cobertores, almofadas e acolchoados no chão da sala. No topo da "montanha", coloque brinquedos ou objetos diferentes que atraiam a atenção dos bebês. A ideia é que eles descubram estratégias para "escalar" e alcançar os brinquedos/objetos. Lembre-se de comemorar e vibrar a cada conquista dos pequenos.

Confira, a seguir, uma proposta que visa proporcionar o contato com diferentes texturas, mas, agora, na área externa da sala de referência, onde os bebês possam tocar e pisar na grama, na terra e na areia, tocar o tronco de uma árvore, as pétalas de uma flor, escutar e imitar os sons do ambiente (canto dos passarinhos, barulho do vento, ruídos do ambiente) etc.

Organize com antecedência o espaço externo da creche para receber os bebês, certificando-se de que não há insetos ou outros animais peçonhentos ou materiais que possam oferecer riscos aos pequenos. Estenda uma grande esteira de praia ou lençol/tecido no chão onde serão dispostos os brinquedos ou objetos.

Divida a turma em grupos. Enquanto um grupo estiver explorando os brinquedos/objetos, sob a supervisão de um ou mais professores, conduza os demais a um passeio para descobrir as diferentes texturas do ambiente natural.

Em outro momento, forre o chão do pátio ou do solário da creche com plástico-bolha, formando um grande "tapete do barulho". Convide os bebês para a exploração dessa textura, seja com os dedinhos, seja com os pés. Para os bebês que já sabem andar com autonomia, demonstre como pular sobre o plástico e estourar suas bolinhas com os pezinhos.

### Purlimpimpim, canto para mim

Nesta seção, a proposta é brincar com as mãos. Sugerimos uma **brincadeira cantada** da cultura popular para que os pequenos imitem as ações.

#### **Material**

Canetinha atóxica.

#### **Como fazer**

Pinte, no dedo indicador da sua mão direita, o rosto de um ratinho.

#### **Orientações para a brincadeira**

Organize um grupo de bebês próximo a você e brinque com eles seguindo esta proposta:



### Ratinho

Um ratinho veio aqui;

(seu dedo indicador direito, pintado, deve tocar a ponta do seu dedo "mindinho" esquerdo)

veio aqui;

(tocar o dedo anelar esquerdo)

veio aqui;

(tocar o dedo médio esquerdo)

veio aqui;

(tocar o dedo indicador esquerdo)

veio aqui;

(tocar o dedo polegar esquerdo)

correu, correu, correu, correu;

(dar voltinhas na palma da mão esquerda com o dedo indicador direito)

e se escondeu.

(percorrer com o dedo indicador direito toda a extensão do braço esquerdo e esconder a mão direita embaixo das axilas)

Cultura popular

Se quiser, invente outros movimentos para o "ratinho" e incentive os pequenos a imitar os novos gestos realizados. Repita a contação enquanto os bebês demonstrarem interesse.

### Meleca na mão é pura diversão

Nesta seção, o objetivo é oportunizar aos bebês o contato com texturas variadas, em diferentes temperaturas, para que eles possam senti-las com o corpo todo e, ao mesmo tempo, levá-las à boca, sem risco. Para isso, usaremos alimentos como produto de experimentação.

Faça as receitas sempre na medida correta para o grupo de bebês, evitando o desperdício de alimentos. Segue a sugestão para preparo do **macarrão colorido**.

#### **Materiais**

Macarrão tipo espaguete; água; corantes alimentícios de várias cores; saquinhos plásticos novos (de preferência, com fecho de zíper); água; azeite; pegador de massa; panela; fogão.

#### **Como fazer**

Cozinhe a quantidade de macarrão conforme o número de bebês que participarão da proposta. Tire o macarrão do fogo um pouco antes do ponto, para

### Sinal de alerta

É importante descaracterizar a maneira como os alimentos são usualmente apresentados e oferecidos ao bebê, ou seja, não coloque o produto da exploração em pratinhos ou tigelas, por exemplo. Caso contrário, o bebê não saberá quando é ou não permitido brincar com a comida.





Bebês explorando macarrão colorido



Bebê explorando meleca de sagu

que ele não fique "pegajoso". Escorra o macarrão, coloque fios de azeite sobre o alimento e espere esfriar um pouco. Com um pegador de massa, divida o macarrão em porções e deposite-as nos saquinhos plásticos. Em cada saco plástico, coloque, em média, vinte gotas de corante alimentício (a quantidade dependerá do tom que você quiser alcançar e da qualidade do produto). Agite bem os saquinhos e deixe o macarrão "descansar".

#### Orientações para a brincadeira

Despeje o alimento colorido em uma grande bacia plástica. Ofereça aos bebês em uma temperatura morna, para que experimentem essa sensação térmica.

Outra receita para experimentação é a de **meleca de sagu**.

#### Materiais

Sagu; água; corante alimentício ou natural (da cor desejada).

#### Como fazer

Antecipadamente, longe da presença infantil, prepare o sagu de acordo com as instruções que constam na embalagem do produto. Quando a receita estiver pronta, misture o corante alimentício ou natural ao sagu. A quantidade de corante deve ser mensurada pela cor que se deseja dar ao sagu.

Deixe a mistura esfriar, certificando-se de que ela está realmente fria antes de oferecer aos pequenos.

#### Orientações para a brincadeira

Oportunize o contato dos bebês com a meleca fria. Para facilitar, divida a turma em grupos. Coloque a meleca sobre um grande papel ou plástico no chão para que os pequenos possam tocar, experimentar e se lambuzar à vontade.

Aproveite a oportunidade e mostre aos bebês que a meleca é feita com "bolinhas bem pequenas"; eles geralmente gostam de tentar pegá-las. Depois dessa exploração, ofereça-lhes objetos (por exemplo, uma bola pequena, um carrinho ou escovinha de mão) para que possam explorar e experimentar a meleca de diferentes maneiras.

O importante, tanto na exploração do macarrão quanto na do sagu, são as percepções táteis e gustativas que serão desenvolvidas. Respeite o tempo de brincadeira de cada bebê e ajude-os no que for preciso. Brinque com eles, pois muitas das descobertas dos pequenos acontecem ao imitar as ações realizadas pelo adulto de referência.



## Espelho, espelho meu

Para esta seção, divida o grupo de bebês conforme o tamanho do espelho da sala de referência. Brinque de criar diferentes expressões faciais, propondo a imitação delas em frente ao espelho. É importante que você inicie a brincadeira, demonstrando aos bebês as diferenças de cada expressão. Evidencie as conquistas dos pequenos comemorando suas hipóteses.

Depois da brincadeira de imitação em frente ao espelho, que tal possibilitar aos bebês uma pintura em um suporte diferente do usual papel? Os pequenos vão se surpreender ao pintar em uma superfície lisa, gelada e, ainda, que reflete todos os seus movimentos: o espelho!

Para isso, forre o chão, próximo ao espelho da sala, com papel, plástico ou tecido e disponibilize aos bebês tinta guache atóxica ou tinta natural. Convide-os para a exploração, fazendo algumas marcas no suporte. Depois, deixe a tinta secar e demonstre aos bebês a diferença em sua textura.

Para limpar o espelho, será preciso uma esponja macia, água e sabão! Lembre-se de que essa limpeza deve ser feita longe da presença dos pequenos.



Pintura no espelho

## 1, 2, 3 e já

O objetivo desta seção é trabalhar com diferentes texturas e formas. Para isso, construa cartões de papelão com texturas variadas e coloridas (para cada textura, faça dois cartões, medindo, em média, 15 cm de largura x 10 cm de altura).

Fixe bem as texturas nos cartões, posicionando-as igualmente em todos. Certifique-se de que elas não oferecem risco aos bebês. Se preferir, utilize fita adesiva transparente ou colorida nas bordas dos cartões, pois os bebês poderão colocar os cartões na boca, danificando os cantos.

Apresente os cartões aos pequenos e deixe que eles explorem as texturas e as formas. Evidencie as semelhanças e as diferenças das texturas e incentive os bebês maiores a selecionar os cartões com texturas iguais.



Cartões com texturas

## Sinal de alerta

Sempre que os bebês forem manusear os cartões, esteja atento para que as texturas não sejam descoladas e levadas à boca.



## Relaxar e aproveitar, é só começar

O relaxamento, nesta seção, será trabalhado por meio das mãos. Você já brincou com bonecos de farinha de trigo e bexiga? São brinquedos fáceis e baratos de fazer e uma delícia de manipular! Confira como construí-los.





### ⚠ Sinal de alerta

A manipulação das bexigas com trigo deve ser realizada sob a supervisão atenta de um adulto. Se alguma bexiga estourar, recolha rapidamente os vestígios de borracha, verificando se não há pedaços da bexiga nas mãos ou na boca dos bebês.



### Materiais

Bexigas; farinha de trigo; funil; garrafa de PET; canetinhas permanentes atóxicas; lã; cola quente.

### Como fazer

Despeje a farinha de trigo na garrafa de PET utilizando o funil. Encha uma bexiga de ar até a metade e posicione-a, com cuidado, na boca da garrafa de PET. Tome cuidado para que a bexiga não esvazie ou estoure. Em seguida, vire a garrafa de PET para que a farinha de trigo preencha uma parte da bexiga. Segure a ponta e solte o ar devagar. Dentro da bexiga só deve ficar a farinha de trigo; se houver ar, o balão pode estourar. Dê um nó na ponta da bexiga, fechando-a. Utilize a cola quente para fixar a lã no balão, simulando cabelos para o boneco, e a canetinha permanente para desenhar os detalhes do rosto. Desenhe diferentes expressões faciais (alegria, susto, tristeza, choro, raiva etc.) nas bexigas.

### Orientações para a brincadeira

Entregue os bonecos aos bebês, em clima de surpresa, e demonstre como apertá-los e amassá-los bastante, possibilitando a livre exploração. Crie um ambiente tranquilo e aconchegante na sala, fechando as cortinas e colocando músicas instrumentais ou cantando canções de ninar.

Incentive os bebês a manusear os bonecos enquanto escutam a seleção musical. Nesse momento, procure abaixar o tom de voz ou o volume das músicas e, se possível, faça um delicado café nos pequenos.

Lembre-se de higienizar os novos brinquedos a cada uso.



A sugestão de tempo para a realização da Sequência didática 5 é de aproximadamente **1 mês e meio**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que os bebês possuem ritmos diferentes e devem ser respeitados em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez, ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!

## Sequência didática 5 – O que é que tem no cesto do neném? Barulhos, sons e silêncio, *shhhhh!*

Esta sequência didática coloca o foco no trabalho com a audição. Entre sons, silêncios e movimentos, os bebês terão a oportunidade de brincar, experimentar e criar sentidos e significados para o que ouvem.

“O envolvimento das crianças com o universo sonoro começa ainda antes do nascimento, pois na fase intra-uterina [sic] os bebês já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, com o sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação dos intestinos. A voz materna também constitui material sonoro especial e referência afetiva para eles.” (BRITO, 2003, p. 35).



## Recepções: momento de muita atenção

Para a recepção dos bebês nesta sequência, utilize, além de um cantinho de sons, uma nova reprodução de obra de arte. Como sugestão, indicamos a obra *Os músicos*, de Heitor dos Prazeres, disponível em sites especializados na internet.

Fixe essa obra em um local acessível à visão dos pequenos, como no chão ou no espelho da sala. Converse com os bebês sobre a obra de arte, evidenciando a ação dos personagens retratados: tocar vários instrumentos. Destaque um ou mais dos instrumentos retratados, de preferência os que sejam mais conhecidos na sua localidade.

Se possível, apresente aos bebês algum dos instrumentos destacados e permita aos pequenos explorá-lo. Depois, produza sons no instrumento e cante uma canção para os bebês. Se, na creche ou entre os familiares dos pequenos, houver alguém que toque algum dos instrumentos, convide essa pessoa para apresentar uma música.

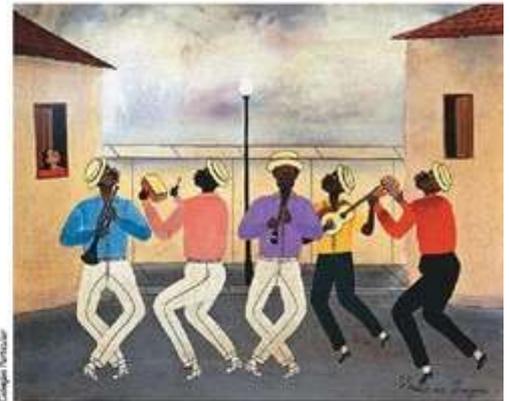
Após a recepção dos bebês por meio dos cantinhos, da leitura da obra de Heitor dos Prazeres e do contato com o(s) instrumento(s), apresente o Cesto dos tesouros. Organize sua montagem com foco nas sensações relacionadas à audição. Para tanto, avalie quais materiais permanecerão no cesto e selecione novos elementos, preferindo os que produzem diferentes sons quando manipulados.

Confira as sugestões de objetos sonoros para compor o cesto.

**Objetos sonoros:** baquetas de madeira (podem ser substituídas por cabo de vassoura cortado – cuide para que não fiquem pontas e/ou farpas de madeira), buzinas para bicicleta, caixas de fósforos (com alguns palitos dentro) encapadas e vedadas, caixas de fósforo vazias e encapadas, campainha de metal (sem as bordas afiadas), chocalhos de madeira, colheres de sobremesa de metal, guizos grandes e unidos por uma fita – bem amarrados, latinhas vedadas com grãos e areia dentro, latinhas de CDs, latinhas vazias e vedadas, pedaços de conduítes, embalagens plásticas para presentes, tampa de chaleira ou de panela pequena.

Deixe-os livres para manipular os objetos e perceber que alguns deles podem ser sonoros (e outros não). Essa exploração ensina muito aos bebês, principalmente a estabelecer relações entre causa e efeito.

Outra sugestão é a confecção de um **móvil de chaves** simples de fazer e muito atraente para os bebês, uma vez que trabalha a audição, o tato e a visão.



PRAZERES, Heitor dos. *Os músicos*. 1962. 1 óleo sobre tela, color., 50 cm x 60 cm. Coleção Particular.



Exemplos de objetos sonoros



Bebês explorando o cesto de objetos sonoros





Móbil de chaves

### Sinal de alerta

Cerifique-se de que as chaves estejam bem presas à lã. De preferência, faça mais de um nó entre a lã e a chave. Esse móbil precisa de supervisão de um adulto para ser manipulado. Fique atento!



#### **Materiais**

Um galho seco, sem pontas ou lascas (ou outro suporte para móbil); chaves; lã; colheres de alumínio.

#### **Como fazer**

Corte pedaços de lã de comprimento suficiente para amarrar (bem forte) uma das extremidades no galho e a outra em uma chave. Repita esse procedimento em toda a extensão do galho, deixando, em média, 5 centímetros de distância entre uma chave e outra. Amarre o galho em fios de lã e prenda-os na altura em que as chaves possam ser manipuladas pelos bebês.

#### **Orientações para a brincadeira**

Apresente a novidade aos pequenos, demonstrando como manipular as chaves para que emitam sons (batendo umas nas outras). Amplie a proposta, entregando aos bebês colheres de alumínio para que batam nas chaves e produzam novos sons.

### Purlimpimpim, conte para mim

No trabalho com a leitura, é importante declamar versinhos, parlendas e poemas aos pequenos. A sonoridade presente nesses gêneros é um importante elemento para o desenvolvimento da oralidade dos bebês.

Conheça o poema Sons, de Sérgio Capparelli, e tente memorizá-lo para declamar aos pequenos.

#### Sons

Clap, clap, Faz a água, Clop, clop, O galope, Glu, glu, glu, Faz o peru.	E você O que faz Aí deitado?  Toc, toc, Bate a porta, Aiaiai, Suspira a morta, Cronch, cronch, O urubu.	Tuim, tuim, O salto agulha, Cuin, cuin, cuin, O cachorrinho, Ão, ão, ão, O cachorrão.
E você, O que faz Aí deitado?	E você O que faz Aí deitado?	E você O que faz Aí deitado?
Blim, blim, blão, Toca o sino, Flin, flin, flin, O violino, Bã, bã, bã, O violão.	E você O que faz Aí deitado?	

CAPPARELLI, Sérgio. Sons. In: \_\_\_\_\_, 111 poemas para crianças. Porto Alegre: L&PM, 2011.



## Musicalizar e brincar

A canção da cultura popular *Sítio do Seu Lobato* embalará esta seção. Confira um trecho dela.

### Sítio do Seu Lobato

Seu Lobato tinha um sítio, ia ia ô  
E no seu sítio tinha um pintinho, ia ia ô  
Era piu piu piu pra cá  
Era piu piu piu pra lá  
Era piu piu piu pra todo lado, ia ia ô

Cultura popular

Apresente a canção na íntegra e incentive os bebês a se movimentarem livremente, conforme o seu embalo. Valorize a expressão gestual espontânea deles e evite ensinar gestos mecânicos e "estereotipados".

Depois do primeiro contato dos bebês com a canção *Sítio do Seu Lobato*, apresente um novo chocalho aos bebês: o **chocalho de conduíte**. Confira, a seguir, como é fácil construí-lo.

#### Materiais

Pedaços de conduítes; arroz; fita adesiva larga.

#### Como fazer

Curve o conduíte, formando um "C". Em seguida, coloque o arroz dentro do cano e una as duas extremidades com bastante fita adesiva. Se possível, confeccione um chocalho para cada bebê. O conduíte pode ainda ser substituído por outros materiais disponíveis, como garrafas de PET, latinhas ou caixinhas.

#### Orientações para a brincadeira

Apresente o novo "instrumento" aos bebês, demonstrando que, ao agitá-lo, ele produz barulho. Em seguida, cante novamente a canção *Sítio do Seu Lobato* e brinquem de fazer sons, ora mais lentos (início da canção), ora mais rápidos (final da canção), conforme o andamento da música.

Em outra oportunidade, organize uma brincadeira com os sons emitidos pelos animais citados na canção. Apresente um som de cada vez e incentive os bebês a descobrir qual é o animal.

Os bebês se encantam com os sons produzidos pelos animais e se divertem na tentativa de imitá-los. Para explorar melhor essa característica, sugerimos, a seguir, a construção de um **álbum de animais**.

## Você sabia?

"Desde que nascemos, já estamos predispostos aos sons, vocalizações e melodias, nosso primeiro universo de linguagem; por isso, o contato precoce com a música é capaz de favorecer positivamente o desenvolvimento de nossas habilidades cognitivas, linguísticas e motoras." (CICERONE, 2006, p. 36).

## Para refletir

O trabalho com músicas, canções, sons e silêncio deve ser intencional e planejado. Muitas vezes, nos berçários, a música é utilizada apenas como fundo, o que acaba conflitando com as vozes e os choros da sala e agitando os pequenos. Preocupe-se com o conforto acústico do ambiente, evitando músicas e canções estridentes, pois elas estressam e agitam os pequenos (e os adultos também).



### Sinal de alerta

É importante distinguir álbum de livro. Por meio do álbum, os pequenos aprendem a folhear páginas e têm a oportunidade de fruição de suas imagens/ilustrações. No entanto, o álbum não proporciona o encantamento que o enredo de um livro gera, pois, por mais que tenha uma ordem, não apresenta a sequência de uma história: começo, conflito e desfecho. Desse modo, é importante que os bebês tenham acesso a livros com enredos e ilustrações de qualidade e que apresentem diferentes gêneros textuais.



#### **Materiais**

Dez páginas coloridas de papel de alta gramatura; dez imagens de animais (utilize imagens de animais a que o bebê tenha acesso ou dos que aparecem na canção *Sítio do Seu Lobato*), como pintinho, vaca, porco, peru, cachorro, gato, galinha, cavalo, peixinho e passarinho; fita ou barbante; folha e imagens à parte para a capa.

#### **Como fazer**

Cole as imagens selecionadas nas páginas. Perfure-as e una-as com fita ou barbante. Confeccione também a capa do álbum.

#### **Orientações para a brincadeira**

Apresente a novidade aos bebês em clima de surpresa. Permita aos pequenos a manipulação e a fruição do álbum, ajudando-os, se for necessário, a folhear as páginas e a nomear os animais, produzindo os respectivos sons.

Disponha o álbum no Cantinho da literatura da sala e acrescente livros (de diferentes gêneros textuais), revistas, histórias em quadrinhos e outros portadores que apresentem a temática de animais. Que tal apresentar aos pequenos o conto clássico *Os três porquinhos*? Os bebês costumam apreciar esse enredo, além de se divertirem com a imitação dos sons do lobo assoprando e dos barulhos que os porquinhos emitem.

Lembre-se de não utilizar palavras que expressam sonoridades ou “infantilizadas” para nomear os animais, por exemplo: o nome do animal é porco, e não “óinc óinc”; pintinho, e não “piu piu”. O vocabulário dos bebês só será ampliado se houver essa interação intencional.

### Estica, dobra e puxa

A instalação é uma modalidade artística de

obra tridimensional concebida e montada para ocupar uma área num determinado recinto, e cujos diversos elementos ou dispositivos agem sobre o imaginário do espectador. Sua exposição é temporária e a obra, desmontada, subsiste apenas através de registros fotográficos. (FERREIRA, 2010, p. 1166)

Já pensou em trabalhar com instalações sonoras? Por meio delas, é possível manipular sons de maneira espontânea e divertida. Para criar uma instalação como essa, você precisará de um suporte para receber os objetos sonoros – pode ser um berço tombado, uma cadeira, uma placa de madeira –; uma estrutura de PVC (como a usada na sequência didática 1 deste capítulo) ou outro suporte acessível.



Será preciso pensar nos objetos sonoros e instrumentos musicais disponíveis na sala, na creche ou em casa; se for possível, recolha objetos sonoros e/ou instrumentos musicais com os familiares dos bebês. A seguir, oferecemos algumas sugestões para compor uma instalação sonora.

**Objetos sonoros:** fôrma de bolo, painéis, tampas de panelas, tampas de metal (como as usadas em recipientes para alimentos em conserva; mas se lembre de não utilizar tampas removidas com abridor de latas), chaves grandes, bacias, chocalhos (inclusive os feitos de conduítes, na seção *Musicalizar para brincar*), canos de PVC com plásticos nas extremidades (simulando o som de tambores), forminhas de empadinhas etc.

Para auxiliar na manipulação dos objetos, construa baquetas de brinquedo (colher de pau revestida com feltro ou tecidos; colheres de pau sem revestimento; escumadeiras; espátulas de borracha etc.). Lembre-se de que a escolha dos objetos deve sempre ser direcionada pela intencionalidade e pela segurança, descartando, portanto, objetos pequenos ou com pontas.

Prenda os objetos sonoros e instrumentos musicais ao suporte usando elástico de tecido, barbante e/ou fitas. O importante é que os bebês consigam ter acesso aos objetos para manipulá-los. Por essa razão, eles devem ser fixados ao alcance visual e das mãozinhas dos pequenos.

A ideia é que o bebê possa brincar, movimentando-se e produzindo sons e, até mesmo, silêncio para que, aos poucos, perceba as relações entre seus movimentos e os sons, entre causa e efeito. Incentive o pequeno a produzir sons fracos, fortes, rápidos, lentos e silêncio.

Outra sugestão para o trabalho com corpo, gestos, movimentos e sons é a brincadeira com água no ambiente externo. Por meio do contato com a água, não limitado ao momento do banho, os bebês desenvolvem diferentes habilidades e aprendem muito.

Em um dia quente e ensolarado, divida os bebês em pequenos grupos e, com o auxílio de, no mínimo, dois professores de referência, encha bacias ou uma piscina de plástico, no ambiente externo, com água em temperatura ideal, conforme a época do ano, e em horário adequado para os bebês. Disponha, dentro da piscina, recipientes de diferentes tamanhos e cores, como jarras e xícaras de plástico. Apresente a novidade aos pequenos e deixe que, aos poucos, eles se aproximem da água, molhando as mãozinhas. Após essa aproximação, convide-os a entrar na piscina/bacia. Se algum bebê resistir, não o force a entrar.

Mostre aos pequenos como brincar produzindo sons na água (movimentando os bracinhas e dando chutes na água, por exemplo). Brinque com eles batendo as suas mãos sobre a água. Crie sons para essa brincadeira, simulando o barulho das batidas na água. Por exemplo: *shap, shap; slesh, slesh; chip, chap; splish, splash; splosh, splosh* etc.



Bebê brincando em instalação sonora

### Sinal de alerta

Nunca deixe os pequenos sozinhos, principalmente quando houver recipientes com água. "O afogamento normalmente ocorre de maneira rápida e silenciosa. Pode acontecer em um breve momento em que a criança encontra-se sem supervisão. [...] Por possuírem a cabeça mais pesada que o corpo, crianças com até quatro anos de idade ainda não têm força suficiente para se levantarem sozinhas e nem mesmo capacidade de reagir rapidamente em uma situação de risco. Por isso [...] elas podem se afogar até mesmo em recipientes com apenas 2,5 cm de água."

COMO prevenir afogamentos.  
ONG Criança Segura.  
Disponível em: <<http://criancasegura.org.br/categoria-dica/area-risco/afogamento/>>.  
Acesso em: 26 dez. 2017.



Ofereça aos bebês os recipientes e demonstre como enchê-los de água e esvaziá-los. Outra opção é oferecer-lhes brinquedos que afundem e outros que boiem na água.

Brincadeiras simples com água sempre geram diversão e relaxamento, além de proporcionar o contato com as noções preliminares de alguns conceitos, como volume (é mais fácil encher a xícara de água do que a jarra) e massa (recipientes maiores cheios são mais pesados do que os menores; recipientes mais leves e vazios flutuam com facilidade).

### Espelho, espelho meu

Os bebês se encantam com os sons produzidos pelos seus próprios corpos: um espirro, um soluço ou um pum são motivo de espanto e gargalhadas. Apresentar-lhes diferentes possibilidades gestuais e expressivas que produzem sons pode ser uma proposta divertida. A brincadeira pode acontecer em frente ao espelho, incentivando-os no jogo de imitação. Mas sem cobranças. Esse momento deve ser prazeroso e divertido!

A seguir, apresentamos algumas ações que produzem sons: espirrar, tossir, estalar a língua, mandar beijo (fazendo biquinho ou recolhendo os lábios como se fosse "banguela"), bater palmas, bater os pés no chão, encher a boca de ar e "estourar", imitar o barulho de um peixinho, do carneirinho e de outros animais (*glup, glup; méééééééé* etc.), imitar barulho de carro ou de avião (*vrummm*), entre outras possibilidades.

As brincadeiras com a produção de sons podem ser experimentadas em diferentes momentos da rotina, como durante a troca de fraldas ou de roupas, durante o banho e, até mesmo, a alimentação.

Outra opção de proposta para ser realizada em frente ao espelho é pendurar (com fitas ou elástico de tecido) diferentes chocalhos na barra em frente ao espelho (se não houver barra em frente ao espelho, fixe a fita/elástico do chocalho no próprio espelho, com o auxílio de fita adesiva transparente). O objetivo é proporcionar referências corporais aos pequenos, demonstrando a relação entre o movimento corporal realizado e a produção do som.

### Meleca na mão é pura diversão

A ideia desta seção é proporcionar uma brincadeira usando riscentes, suportes diferenciados e sons. Sugerimos, também, modificar o plano em que os bebês vão pintar, proporcionando um posicionamento corporal diferente do usual, tendo em vista que ele pintam, geralmente, no chão ou sentados à mesa. Confira, a seguir, os materiais e as orientações de como proporcionar um divertido **varal musical**.



Bebê brincando de produzir sons



### Materiais

Corda para varal ou barbante; grampos de roupa; meias de tecidos usadas e limpas (de preferência grandes e de algodão); tintas atóxicas ou naturais; guizos grandes; pincéis e/ou esponjas.

### Como fazer

Amarre a corda de varal a uma altura em que os bebês consigam ter acesso (mesmo os que ainda não andam com autonomia). Coloque os guizos dentro das meias, amarre-as com um nó e prenda-as no varal com os grampos. Disponha as tintas em recipientes embaixo do varal, bem como pincéis e/ou esponjas.

### Orientações para a brincadeira

Apresente a novidade aos bebês, demonstrando, com entusiasmo, como imprimir marcas nas meias utilizando o pincel, a esponja ou as mãozinhas e as tintas. Demonstre, também, como as meias produzem sons ao serem manipuladas. Pronto, você criou um varal musical!



Varal musical

Se na sala houver bebês bem pequenos, que ainda não sentam com autonomia, que tal criar bolinhas de meias coloridas com guizos dentro para eles brincarem? Coloque os guizos dentro da meia, enrole-a formando uma bolinha e costure-a, vedando bem para que os pequenos não tenham acesso aos guizos.

Com as bolinhas prontas, demonstre que elas produzem sons e verifique se os bebês acompanham o ruído em diferentes posições – dos lados direito e esquerdo do rostinho, nas laterais dos braços, próximo aos pés etc. Se for difícil conseguir as meias de tecido, substitua-as por caixinhas de alimentos encapadas com papel bobina ou sulfite.

### 1, 2, 3 e já

Bebês amam encher e esvaziar recipientes, bem como encaixar peças. Esta seção explora tal característica aliada à produção de sons, por meio de um **brinquedo de “colocar e tirar”** que produz sons ao ser manipulado.

### Materiais

Galão de água de 5 litros vazio; rolinhas e/ou palitos de sorvete (com pontas arredondadas); forminhas de gelo ou caixas vazias de ovos.

### Como fazer

Disponha, em um cantinho da sala, o galão de água sem tampa, as forminhas de gelo e/ou as caixas vazias de ovos. Ao lado desses recipientes, faça um “montinho” com as rolinhas ou os palitos de sorvete. Apresente a novidade aos bebês e deixe que manipulem o material.



Bebês enchendo recipiente com rolinhas



### Orientações para a brincadeira

Caso não façam a relação de colocar as rolhas/os palitos dentro do galão, demonstre como fazê-lo (demonstre também como encaixar as rolhas nos espaços da forminha de gelo/caixa de ovo). Na exploração do galão, quando ele estiver quase cheio com rolhas ou palitos, feche-o com a tampa e demonstre como produzir sons, chacoalhando-o ou rolando-o. Comemore cada conquista dos pequenos!

### Relaxar e aproveitar, é só começar

Nesta última seção, a proposta é relaxar ouvindo sons agradáveis, como sons do mar, da floresta, da chuva, que você encontra facilmente na internet. Incentive os pequenos a imitar esses sons, fazendo barulhos baixinhos, como *shhhhh*, *vvvvvv* etc.

Enquanto imitam os sons da natureza, faça uma suave massagem nos pequenos. Lembre-se de que alguns bebês podem resistir ao toque da massagem. Respeite a opinião de cada um, que pode ser expressa por choro, irritação e movimentos corporais bruscos.

Outra opção relaxante é proporcionar aos pequenos o balanço em uma rede enquanto escutam canções tranquilas entoadas por você.



A sugestão de tempo para a realização da Sequência didática 6 é de aproximadamente **1 mês e meio**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que os bebês possuem ritmos diferentes e devem ser respeitados em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez, ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!

## Sequência didática 6 – O que é que tem no cesto do neném? Cores e sabores, *eba!*

Esta sequência didática foca no trabalho com os sentidos da visão e da gustação. O objetivo é oportunizar aos bebês o contato com objetos e imagens de diferentes cores e livres de estereótipos industriais e/ou de apelo comercial e também com vários sabores oriundos de alimentos saudáveis.

Ressaltamos novamente que a percepção e a interpretação dos estímulos captados pelos órgãos dos sentidos acontecem de maneira integral e integrada. Você já reparou como os cheiros, os gostos e a visão influenciam a nossa alimentação? No caso do bebê, mais ainda, pois, para conhecer o mundo, ele recorrerá ao tato (pegando, amassando, lançando, esfregando etc.), à gustação (colocando tudo na boca), ao olfato, à visão e à audição. Mais do que usar a língua para perceber algum gosto e a visão para identificar algo, os sentidos estabelecem, em conjunto, a relação que temos com o ambiente, estando diretamente relacionados com a aprendizagem e o desenvolvimento dos pequenos.

No trabalho com a gustação, antes de oferecer qualquer alimento aos bebês, converse com os familiares sobre o que já foi autorizado pelo pediatra e introduzido na dieta infantil e ainda sobre a existência de qualquer alergia ou intolerância alimentar.

### Você sabia?

"A língua pode reconhecer cinco gostos: salgado, doce, amargo, azedo e umami (uma palavra japonesa que significa "saboroso"). Porém, cerca de 80% do sabor que você sente vem do olfato, que pode identificar entre 4 mil e 10 mil cheiros diferentes." (BURKE, 2012, p. 17)



Lembre-se de que a Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde recomendam o aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de idade. Com isso, os outros alimentos devem ser introduzidos somente após esse período; o mesmo valendo para as crianças que usam fórmulas infantis (leites em lata). Para os bebês que já iniciaram a dieta complementar, não ofereça alimentos com corantes ou açúcares, como refrigerantes, salgadinhos, guloseimas (pirulitos, balas ou chocolates) etc.

Espera-se que os pequenos estabeleçam contato com alimentos saudáveis de maneira lúdica e concreta.

### *Recepção: momento de muita atenção*

Que tal preparar um móbile com reproduções de obra de arte e/ou fotos das crianças? Você pode utilizar as obras *O seresteiro*, de Waldomiro de Deus, e *Criança com brinquedos*, de Renoir, já sugeridas nas sequências didáticas anteriores, além das obras *Senecio*, de Paul Klee, e *Maçãs e laranjas*, de Paul Cézanne, ambas disponíveis em sites especializados em Arte na internet.

Para a composição do móbile, cubra as imagens com adesivo plástico transparente e prenda-as com fitas coloridas de tecido em um suporte para móbile (pode ser um minivalar de roupas).

Outra sugestão de móbile para trabalhar com o sentido da visão é construir uma cortina de fitas de tecido. Você pode utilizar uma estrutura de tubos de PVC (como a sugerida na seção *Recepção: momento de muita atenção* da sequência didática 1 deste capítulo) e amarrar nela fitas de várias cores na posição vertical (veja a foto ao lado).

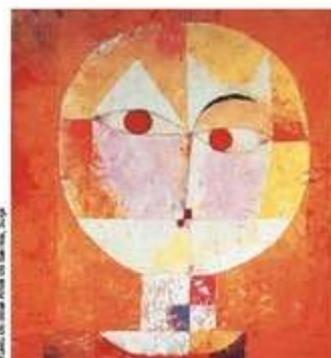
Os bebês vão adorar atravessar a cortina engatinhando ou, então, brincar de espiar entre as fitas. Amplie essa proposta para o trabalho com a audição e o olfato, borrifando **água com cheirinho** e amarrando e costurando guizos grandes (bem presos) nas fitas. Caso não encontre guizos grandes e não consiga fixá-los com segurança às fitas, não os utilize.

#### **Materiais**

½ litro de água fervente; 2 colheres (sopa) de amaciante de roupas para bebês; 1 colher (sopa) de bicarbonato de sódio.

#### **Como fazer**

Misture o amaciante e o bicarbonato na água, até dissolvê-los bem. Depois de a mistura esfriar, coloque em um borrifador e espirre nas fitas. Espere o líquido fixar nas fitas e o cheiro tornar-se suave para apresentar a novidade aos bebês. O preparo deve ser feito antecipadamente, longe da presença infantil.



Museu de Belas Artes de Basileia, Suíça

KLEE, Paul. *Senecio*. 1922. 1 óleo sobre gaze, color., 40,4 cm x 38 cm. Museu de Belas Artes de Basileia, Suíça.



Museu de Orsay, Paris

CÉZANNE, Paul. *Maçãs e laranjas*. 1899. 1 óleo sobre tela, color., 74 cm x 93 cm. Museu de Orsay, Paris.



Própria/Flis

Cortina feita de fitas coloridas





Objetos visuais



Objetos gustativos

### Simal de alerta

Antes de organizar o cesto com alimentos, certifique-se de que nenhum bebê é alérgico aos alimentos selecionados. Além de conferir essa informação na ficha de matrícula, converse com os responsáveis. Em caso de suspeitas ou dúvidas, retire o alimento em questão.



Após a recepção dos bebês por meio dos cantinhos e da interação com o(s) móbil(e)s, organize e apresente o(s) Cesto(s) dos tesouros. Confira as sugestões de elementos para a composição.

**Objetos visuais:** lanterna, lenços de tecido (com diferentes estampas, cores e texturas), pedaços de fitas de cetim e de papel-celofane coloridos etc.

**Objetos gustativos:** abacate, berinjela, cenoura, batatas, laranja, limão, maçã, pera pequena, tomate (todos devidamente higienizados) etc.

Se houver nutricionista acessível à creche, converse com este profissional sobre opções de alimentos da região que podem ser inseridos no cesto.

Lembre-se de que os alimentos no cesto podem ser manipulados e até experimentados pelos bebês maiores de 6 meses, mas o objetivo da proposta não é a ingestão dos alimentos, e sim despertar os sentidos dos pequenos.

### Musicalizar e brincar

Sugerimos apresentar aos pequenos a canção *Sopa*, do grupo Palavra Cantada, que pode ser encontrada no site do grupo ou em sites de compartilhamento de vídeos na internet.

#### Sopa

Que que tem na sopa do neném?  
 Que que tem na sopa do neném?  
 Será que tem espinafre?  
 Será que tem tomate?  
 Será que tem feijão?  
 Será que tem grão?

PALAVRA CANTADA. Sopa. In: \_\_\_\_\_. *Palavra Cantada 10 anos*. São Paulo: MCD, 2004. 1 CD. Faixa: 3.



Bebês brincando com painéis e colheres de pau

Que tal levar panelas e alguns ingredientes citados na canção para a sala? Deixe que os pequenos explorem os alimentos e incentive-os a colocar os ingredientes próprios da sopa dentro das panelas. Lembre-se de que essa proposta é uma brincadeira; portanto, mais do que colocar os alimentos dentro da panela, esta é uma oportunidade para promover o contato com cores, formas, texturas, odores e sabores.

Depois dessa brincadeira, movimentem-se ao som da canção. Por fim, proponha aos bebês a utilização das panelas para produzir sons e acompanhar a melodia. Para isso, disponibilize colheres de pau.



## Meleca na mão é pura diversão

Proporcione diferentes sensações aos bebês por meio da exploração de gelatinas.

Prepare gelatinas de diferentes cores e sabores um dia antes da realização da proposta. Forre o chão da sala ou do solário com plástico ou papel bobina e ofereça os recipientes com gelatina aos pequenos. Oportunize a descoberta da textura, do cheiro, da cor e do sabor (caso algum bebê coloque a "meleca" na boca). Deixe-os brincar à vontade!

## Purlimpimpim, conte para mim

Sugerimos a construção de um álbum sobre alimentos saudáveis, com imagens grandes e coloridas, principalmente de frutas, verduras e legumes. Proceda como nos demais álbuns aqui sugeridos, colando as imagens em um papel de alta gramatura, furando as páginas e unindo-as com fita ou barbante.

Deixe que os bebês manipulem à vontade o novo álbum e incentive-os a apontar os alimentos e falar seus respectivos nomes. Se possível, disponibilize em sala os alimentos que aparecem no álbum para que eles façam comparações entre a imagem e o próprio alimento.

## Estica, dobra e puxa

Sugerimos a construção de um circuito colorido e cheio de desafios corporais, com objetos que sirvam de obstáculos para os bebês transporem. Ao escolher o local, certifique-se de que o piso não seja escorregadio e pense no desenvolvimento motor dos pequenos. Se a proposta já foi realizada com a turma, planeje um circuito que amplie os desafios anteriores.

Para a composição desse circuito, disponha de colchonetes (ideal para os bebês rolares), almofadas (podem ser utilizadas para os bebês engatinharem, rolares ou pularem com os dois pés sobre elas, com sua ajuda), tapete de sensações ou plástico-bolha (para que os bebês explorem andando ou engatinhando), mesinha com as laterais fechadas com papel-celofane colorido (formando um túnel colorido para que os bebês o transponham engatinhando ou se apoiem para ficar em pé e "espiem" o que há dentro), pneus forrados (para serem "escalados") e bambolê preso no encosto de duas cadeiras (para que os bebês engatinhem dentro do arco).

A ideia do circuito é a de que os bebês possam explorar e criar hipóteses corporais para transpor os desafios. Nessa proposta, o papel do professor é estar ao lado dos bebês encorajando-os, acolhendo-os e protegendo-os.



Bebê explorando meleca de gelatina

## Sinal de alerta

Coloque a gelatina em recipientes diferentes dos utilizados para a refeição. Os bebês precisam distinguir entre o momento de exploração e brincadeiras e o de alimentação. Outro ponto de atenção é prevenir acidentes, cuidando para que não pisem na gelatina e escorreguem.



Bebês brincando em um circuito

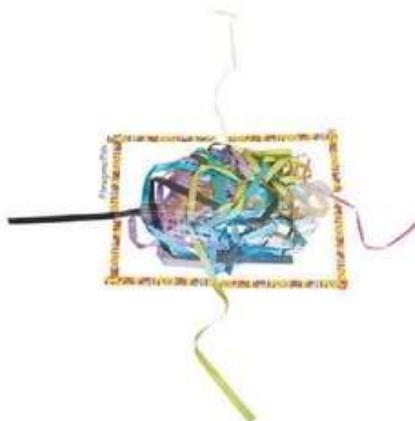




Bebê explorando o celofane no espelho

### 8<sup>o</sup> Sinal de alerta

Acompanhe essa proposta atentamente. Verifique se o chão não molhou ao borrifar água, pois o piso escorregadio favorece as quedas. Outro aspecto que merece atenção é quando os bebês conseguem tirar o celofane do espelho, podendo colocá-lo sobre o rosto ou na boca, o que gera riscos de sufocamento.



Preparação para a brincadeira com fitas coloridas

178



## Espeelho, espelho meu

Corte pedaços grandes de celofane, de diferentes cores e formas. Depois, borrife um pouco de água no espelho da sala e coloque os pedaços de celofane cortados sobre ele. A umidade faz com que o celofane grude no espelho e ganhe mobilidade, permitindo que os bebês criem formas e sobreposições.

Demonstre como o celofane desliza no espelho; faça isso deixando as formas coloridas posicionadas à altura dos olhos do bebê para que ele possa enxergar tudo de uma cor só!

Os bebês que já conseguem ficar em pé e andar podem se divertir brincando de mexer com os pedaços de celofane no espelho enquanto os bebês menores podem ser levados até a frente do espelho e, com a sua ajuda, brincar de se olhar através do celofane e sem ele.

## 1, 2, 3 e já

O objetivo aqui é oportunizar aos bebês um desafio envolvendo cores, lógica e movimento. A sugestão é uma **brincadeira com fitas** no chão.

### Materiais

Fitas de tecido de diferentes cores; plástico transparente; fita adesiva; tesoura.

### Como fazer

Longe da presença infantil, corte pedaços grandes de fitas de tecido (em média, 1 metro). Una as pontas das fitas, dando nós, criando duas grandes tiras. Amontoe as tiras sobre o chão. Cubra-as com plástico transparente. Passe fita adesiva nas laterais do plástico, deixando quatro lacunas (uma em cada lateral do plástico) e puxe as pontas das fitas através delas.

### Orientações para a brincadeira

O objetivo é que os bebês puxem as fitas até tirá-las completamente do plástico. Para tanto, permita que criem hipóteses e estratégias. Eles se encantarão com as cores e o tamanho das fitas e, também, com a descoberta de um amiguinho puxando a outra extremidade da mesma fita. Deixe que os pequenos brinquem também com as fitas soltas. Acompanhe atentamente essa manipulação.

## Relaxar e aproveitar, é só começar

O relaxamento será trabalhado por meio de uma opção fácil de fazer e que costuma agradar aos bebês por apresentar cores e movimento: os saquinhos sensoriais.

### **Materiais**

Saquinhos plásticos (alta gramatura) com fecho hermético, como zíper; fita adesiva larga; fita adesiva colorida; gelatina; objetos para colocar no saquinho, como contas, canudinhos cortados, botões grandes e brinquedos pequenos (não podem ser objetos pontiagudos).

### **Como fazer**

Prepare a gelatina e, depois de firme, bata-a com uma colher, deixando-a com a consistência de um gel. Coloque, dentro do saquinho, a gelatina e os objetos selecionados. Feche-o e vede-o com a fita adesiva larga, em toda a lateral, decorando-o com a fita adesiva colorida.

Teste o brinquedo, certificando-se de que não há nenhuma ponta e que o plástico não rasgará com a manipulação dos bebês. Faça vários saquinhos. O ideal é que cada bebê possa brincar com um exemplar.

### **Orientações para a brincadeira**

Apresente a novidade aos bebês, demonstrando que os objetos se movem quando tocados. Os pequenos se divertem, relaxam e se distraem amassando os saquinhos e tentando pegar os objetos que se movem.



Saquinho sensorial

## **Sequência didática 7– O que é que tem no cesto do neném? Cheirinhos e *atchins!***

A última sequência didática deste capítulo trabalha com um sentido capaz de despertar várias sensações e memórias afetivas: o olfato.

Para os bebês, o olfato está muito relacionado com segurança e conforto. Você já presenciou algum pequeno que fica incomodado quando seu cobertor ou ursinho predileto (objeto de apego) é lavado? Isso ocorre em razão da modificação do cheiro "original" do objeto.

As brincadeiras desta sequência didática serão oportunizadas mediante a exploração de diferentes cheiros, a identificação do nariz e do ato de espirrar e o início do desenvolvimento da autonomia nas ações para higiene e cuidados com o próprio nariz.



A sugestão de tempo para a realização da Sequência didática 7 é de aproximadamente

**1 mês e meio.** Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que os bebês possuem ritmos diferentes e devem ser respeitados em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez, ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!





ARCIMBOLDO, Giuseppe. *Primavera*. 1573. 1 óleo sobre tela, color, 76 cm x 64 cm. Museu do Louvre, Paris.



Elaboração de trouxinhas aromáticas.

### 8 Simal de alerta

Certifique-se de que as trouxinhas estão bem vedadas e que o conteúdo delas não sairá do tecido, mesmo se os bebês as levarem à boca.



## Recepções: momentos de muita atenção

Para a recepção dos bebês, sugerimos apresentar mais uma obra de arte: *Primavera*, de Arcimboldo, disponível em sites especializados em Arte na internet.

Planeje um lugar de destaque para a obra. Depois de fixá-la, chame a atenção dos bebês para a novidade, mostrando os detalhes da reprodução e evidenciando as partes do rosto retratadas pelas flores, como olhos, nariz e boca. Incentive-os a apontar para esses detalhes.

Após a recepção dos bebês por meio dos cantinhos e da leitura da obra de Arcimboldo, apresente o(s) Cesto(s) dos tesouros. Para isso, avalie quais materiais permanecerão no cesto e selecione novos elementos, de preferência que exalem diferentes cheiros quando manipulados.

Deixe os bebês livres para explorar os objetos e perceber seus aromas. Confira as sugestões de objetos olfativos para essa composição.

**Objetos olfativos:** canela em pau (de tamanho que não ofereça risco de serem engolidas pelos bebês), frutas e verduras da estação, trouxinhas de tecidos finos (meia de náilon ou TNT) com ervas e outros alimentos dentro, como cravo, anis-estrelado, lavanda, alecrim, manjeriço, hortelã, camomila, café, orégano, alho, louro, tomilho e outros.

Construa um móbile aromático com as trouxinhas utilizadas no Cesto dos tesouros. Amarre-as em fitas coloridas presas em cabides ou outro suporte para móveis.

Disponha os móveis na altura dos bebês para que possam sentir os cheiros e descobrir semelhanças e diferenças entre eles. Faça a mediação nas primeiras explorações, relatando o nome de cada elemento aromático. Não espere que o pequeno repita ou descubra o que há em cada "trouxinha", o objetivo é a experimentação dos cheirinhos e das sensações.

## Musicalizar e brincar

Os bebês costumam se divertir com os sons emitidos pelo próprio corpo e também pelo corpo dos adultos.

Muitos bebês chegam a gargalhar quando os adultos espirram e, depois, imitam esse espirro dramaticamente. Brinque de espirrar com os bebês e incentive-os a imitar a brincadeira. Você pode, ainda, apresentar a música *Ai meu nariz!*, interpretada pela Turma do Balão Mágico, facilmente encontrada em sites de compartilhamento de vídeos. Escutem e brinquem de fazer *atchim*.



### Ai meu nariz!

Eu não sei o que é que eu fiz  
Eu só sei que o meu nariz  
Funga-funga a-a-a-a!  
[...]

Ai meu nariz, ai meu nariz

Ele parece muito mais um chafariz (bis)

ALVAREZ, E. T. A.; BERMUDEZ, E. A.; POÇAS, E. Ai meu nariz! Intérprete: Turma do Balão Mágico. In: TURMA DO BALÃO MÁGICO. *As melhores músicas da Turma do Balão Mágico*. Brasil: Sony BMG Music Entertainment, 2006. 1 CD. Faixa: 9.

### Meleca na mão é pura diversão

Nesta seção, oportunizaremos explorações com tintas caseiras, cheias de aroma e textura, para aguçar ainda mais os sentidos dos pequenos. Procure apresentar cada sugestão em seu momento distinto para que os aromas não se misturem.

Seguem nossas sugestões de preparo para **tinta de gelatina** e, depois, **tinta de café**.

#### **Materiais**

Água; pó para gelatina.

#### **Como fazer**

Misture os ingredientes até obter a consistência desejada. Para uma tinta mais líquida, acrescente mais água e, para uma tinta mais espessa, use menos água. Priorize uma consistência de tinta que preserve alguns dos "granulados" do pó para gelatina, para que os pequenos estimulem, além do olfato, a visão e o tato (e ainda a gustação, pois provavelmente eles vão experimentar essa novidade também com a boca).

#### **Materiais**

Água; café solúvel granulado.

#### **Como fazer**

Misture o café com a água, até obter a consistência desejada. Para uma tinta mais líquida, acrescente mais água e, para uma tinta mais espessa, use menos água. Da mesma forma como foi sugerido na tinta de gelatina, priorize uma consistência de tinta que preserve alguns "granulados".



Móble aromático





Joaquim  
Moraes Pessoa  
1 ano e 2 meses

### Orientações para a brincadeira

Organize um espaço para que os pequenos possam pintar explorando movimentos amplos e em diferentes planos. Sugerimos que sejam oferecidos papéis grandes e presos com fita adesiva (para não escorregar enquanto eles pintam) e instrumentos que possam registrar marcas, como bolinhas e carrinhos de brinquedo.

### Estica, dobra e puxa

Em um dia ensolarado, em horário adequado, leve os bebês ao espaço externo para brincar de bolhinha de sabão. Além de incentivá-los a se movimentarem, tentando pegar e estourar as bolhinhas, instigue os bebês a assoprar a mistura de sabão para fazer as bolhas.

Como nessa fase os pequenos ainda não têm destreza para assoprar e acabam sugando, orientamos que não se utilizem canudos. Priorize materiais alternativos, como bobes de cabelo ou garrafas de PET (500 mL) sem o fundo.

Confira uma receita caseira de **bolhinha de sabão**.

#### **Materiais**

100 mL de detergente líquido; 250 mL de água; 2 colheres (sopa) de açúcar.

#### **Como fazer**

Misture a água e o açúcar. Em seguida, acrescente o detergente líquido e mexa com uma colher, delicadamente.

#### **Orientações para a brincadeira**

Será necessário demonstrar aos bebês como assoprar, diferenciando esse ato do de inspirar (cheirar). Uma maneira de ensinar essa diferença aos pequenos é relacionando o ato de inspirar ao de cheirar uma florzinha e o ato de expirar ao de assoprar uma velinha. A brincadeira pode ser repetida várias vezes, pois desenvolve a consciência da maneira como respiramos (inspirar e expirar).

Que tal incluir uma canção infantil para incentivar ainda mais os movimentos corporais dos bebês enquanto tentam estourar, pegar e/ou fazer as bolhinhas de sabão?

Para aproveitar o espaço externo, em um dia ensolarado, no horário adequado para os bebês, oportunize uma nova brincadeira: o **banho de bonecos(as)**!

O contato, de forma divertida, com água em diferentes temperaturas e com cheirinhos diversos visa potencializar os sentidos, incentivar a brincadeira simbólica e a afetividade, valorizar ações de higiene e cuidado e auxiliar na construção do conhecimento do corpo e de suas partes.

Selecione um espaço em que o piso não seja escorregadio e prepare os materiais descritos a seguir.



### **Materiais**

Água em temperaturas diferentes (ambiente, fria e morna); bacias ou banheiras; bonecos(as) de plástico (atente para a diversidade de características étnicas); sabonete líquido, xampu ou óleo para banho – específicos para bebês; toalhas de banho; fraldas de pano ou pedaços de tecidos.

### **Como fazer**

Separe os materiais antecipadamente, prevendo uma bacia ou banheira para cada dois bebês e um(a) boneco(a) para cada.

### **Orientações para a brincadeira**

Prefira realizar a proposta em duplas, para que todos os bebês tenham acesso à brincadeira tranquilamente. Cada dupla experimentará uma temperatura de água. Disponha a água nas bacias e misture o sabonete, o xampu ou o óleo de banho, formando espuma (no caso do sabonete e do xampu).

Incentive os pequenos a perceber os aromas (doce, fresco etc.) provenientes da(s) mistura(s). Em seguida, convide-os a se sentar próximos aos recipientes e a banhar os(as) bonecos(as). Se possível, dê banho em um(a) boneco(a) também, demonstrando algumas ações de higiene e cuidado.

Verbalize algumas de suas ações, propondo aos pequenos que as imitem, por exemplo: “Vou lavar o cabelo da minha boneca. Lavem também! Agora o nariz, as orelhas, os olhos, os braços, as mãos, a barriga”. No decorrer da brincadeira, varie as partes do corpo que estão sendo lavadas: pescoço, pernas, pés etc.

É esperado que os pequenos se encantem com a água e com a espuma; portanto, permita a eles brincar livremente, não os forçando a executar ações preestabelecidas de maneira a cumprir a atividade. Ao contrário, proponha ações com flexibilidade.

Depois do banho, peça aos bebês que enxuguem seus(suas) bonecos(as) e, após entregar as fraldinhas ou os pedaços de tecido secos, que eles os(as) ninem e os(as) coloquem para dormir. Cante uma canção de ninar, embalando um(a) boneco(a) até que ele(a) “durma”, fazendo gesto e barulho de silêncio (*shhhhh/psiu*).

Se na sala houver bebês que ainda não conseguem realizar a proposta com autonomia, leve-os para participar e, com eles no colo, molhe suas mãozinhas e/ou pés na água, demonstrando a brincadeira com alegria e entusiasmo.



Bebês dando banho em bonecos

### **Simal de alerta**

Lembre-se de que brincadeiras com água sempre requerem grande atenção e mediação. De preferência, realize essas propostas com um número pequeno de bebês e contendo com o auxílio de outros professores.





Francisco Del Vecchio  
de Lima Dalcim  
1 ano e 4 meses

## *Prlimpimpim, conte para mim*

Sugerimos, para esta seção, um pequeno, gracioso e ritmado poema:

### Plim-plim

O olecrim  
Foi plantado no xaxim.  
A-A-Atchim!  
Fez o espirro do Benjamim.  
É de cetim  
A fantasia do arlequim.

O papa-capim  
Fugiu do jardim.  
E assim  
Este livrinho chega ao fim.

LALAU; LAURABEATRIZ. Plim-plim. In: \_\_\_\_\_. *Bem-te-vi e outras poesias*. São Paulo: Companhia das Letrinhas: Itaú, 2010.

Que tal apresentar esse poema por meio de um fantoche? Priorize fantoches coloridos, com diferentes texturas e cheirosos. Para perfumá-los, borrife um pouco de “água com cheirinho” (confira a receita sugerida na sequência didática 6).

Antes de apresentar o poema aos pequenos, propicie a interação dos bebês com o fantoche. Construa um divertido diálogo fazendo o fantoche “conversar”, “brincar” e “espirrar” com a turma. Permita aos pequenos tocar no fantoche e sentir seu perfume.

## *Espelho, espelho meu*

Você já deve ter observado bebês “reclamando” ou chorando quando os adultos vão limpar seu nariz. O objetivo aqui é refletir sobre essa situação.

O que pode minimizar o desconforto dos bebês no momento de limpar o nariz é comunicar-lhes a ação antes de executá-la, por exemplo: “Júlia, vou limpar o seu nariz”. Ainda, é possível incluir os pequenos nessa ação, convidando-os a participar, por exemplo: “Júlia, vamos limpar o nariz?”.

Nesse sentido, oportunize aos bebês mais velhos a participação nas ações de cuidado e higiene com o próprio nariz, levando-os até o espelho e indicando que estão com o nariz sujo. Depois que os bebês perceberem que o nariz está sujo, entregue a eles um lenço de papel ou pedaço de papel higiênico (macio) e demonstre como assoar o nariz e limpá-lo.

Nessa fase, é comum que os bebês funguem (aspirem) em vez de assoarem (assoprarem) o nariz. Esse aprendizado se solidificará por volta dos 3 anos. Mas muitas crianças não o fazem porque não são ensinadas – um aprendizado que, desde cedo, auxilia na saúde e no bem-estar dos pequenos.



Mesmo não sabendo assoar o nariz, muitos dos pequenos já são capazes de limpar a coriza. Incentive-os nesse aprendizado e ajude-os a descartar o papel corretamente ou a entregá-lo para que você o faça.

O bebê não internalizará todos esses procedimentos de uma única vez. Por essa razão, inclua as ações de autonomia e de higiene e cuidados com o nariz na rotina.

Em outro momento, proponha algo divertido em frente ao espelho: brincar com diferentes narizes confeccionados com caixas de ovos.

#### **Materiais**

Caixas de ovos; tinta guache; canetinha; tesoura; elástico fino.

#### **Como fazer**

Longe da presença infantil, recorte os compartimentos para ovos (cada compartimento será um nariz). Pinte e decore-os com tinta guache atóxica e canetinhas. Crie narizes divertidos e inusitados. Podem-se fazer dois furinhos nas laterais e amarrar um elástico fino em sua volta, do tamanho que corresponda à circunferência da cabeça dos bebês. Tome cuidado para que o elástico não fique apertado e, assim, machuque-os.

#### **Orientações para a brincadeira**

Coloque os "narizes prontos" dentro de uma caixinha ou um saquinho e apresente os novos brinquedos aos pequenos, em clima de suspense. Se for possível, inclua narizes de palhaço feitos com espuma. Proponha a experimentação dos narizes em frente ao espelho, com a imitação de ações, sons e caretas. Em geral, os bebês mais novos não gostam da sensação oferecida pelo elástico. Então, utilize-o apenas nos que não demonstrarem resistência e desconforto.

### 1, 2, 3 e já

Esta seção ampliará o trabalho já realizado com o Cesto dos tesouros. Para isso, organize um novo cesto somente com alimentos: frutas, verduras e temperos. Ofereça-os aos pares (exemplo: 2 cenouras; 2 limões etc.). Antes de dispô-los no cesto, higienize-os.

A ideia é que, por meio das explorações, os bebês possam exercitar os sentidos e desenvolver conceitos brincando. Com a manipulação dos alimentos, os bebês podem classificar, seriar e comparar formas, cores, cheiros, gostos, texturas, temperaturas etc.



Bebês explorando o cesto com frutas, legumes e verduras



Lembre-se de priorizar as frutas, os legumes e as verduras da estação na sua região e verifique se estão autorizados na dieta dos bebês. Permaneça ao lado dos bebês, mas sem interferir; faça-o somente em caso de riscos ou se for solicitado.

Relembre os cuidados referentes ao banho com balde, lendo as orientações da seção *Relaxar e aproveitar: é só começar*, na sequência didática 2 deste capítulo.



## *Relaxar e aproveitar é só começar*

Depois de tantas experiências sensoriais, que tal preparar um banho relaxante e aromático? A ideia é proporcionar um ambiente calmo, com água quentinha e cheirinhos relaxantes e ainda ampliar a consciência corporal dos pequenos. Uma seleção de músicas instrumentais potencializa o relaxamento.

Sugerimos um banho de balde acrescentando algumas gotinhas de óleo essencial aromático (próprio para bebês) ou pétalas de rosas à água. Se a opção for utilizar as pétalas, permita aos bebês que as toquem, amassem, esfreguem e cheirem; interfira apenas se as pétalas forem levadas à boca.

Realize essa proposta com um grupo pequeno de bebês e com o auxílio de outro professor de referência, enquanto os demais estejam em outra brincadeira, com outro professor. Mas lembre-se de que toda a turma deve ter a oportunidade de experimentar esse delicioso banho!

Campos de experiências	Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento - BNCC	Onde encontrar? Brincadeiras e Interações
O eu, o outro e o nós	Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 2.2.
	Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa.	Todas as propostas com os Cestos dos tesouros; tapete das sensações; brincadeira da montanha de cobertores; exploração sensorial ao ar livre; tapete de plástico-bolha; pintura com tinta no espelho; brincadeiras com água, no espaço externo; jogo de imitação no espelho; varal musical; brincadeiras de encher e esvaziar; brincadeiras de encaixar; massagem; móbile de fitas coloridas; diferentes canções; brincadeira com panela e colher de pau; melecas e tintas; papel-celofane no espelho; saquinhos sensoriais; bolinha de sabão; banho em bonecos.
	Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar materiais, objetos, brinquedos.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 2.2.
	Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbucios, palavras.	Apreciação de diferentes obras de arte; todas as propostas com os Cestos dos tesouros; canções e cantigas como <i>Parabéns pra você</i> , <i>Bate palminha</i> , <i>Caranguejo</i> , <i>Sítio do Seu Lobato</i> , <i>Sopa</i> , <i>Ai meu nariz!</i> ; apreciação e interação com álbuns e fantoches; imitação dos sons dos animais; jogo de imitação no espelho.



Campos de experiências	Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento - BNCC	Onde encontrar? Brincadeiras e Interações
O eu, o outro e o nós	Reconhecer as sensações de seu corpo em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso.	Todas as propostas com os Cestos dos tesouros; tapete das sensações; exploração sensorial ao ar livre; tapete de plástico-bolha; pintura com tinta no espelho; brincadeiras com água, no espaço externo; brincadeiras com macarrão colorido, sagu, gelatinas e tinta de café; brincadeiras e interações no espelho com foco na higiene e no cuidado com o nariz; banho aromático no balde.
	Construir formas de interação com outras crianças da mesma faixa etária e adultos, adaptando-se ao convívio social.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 2.2.
	Demonstrar sentimentos de afeição pelas pessoas com as quais interage.	Massagens; poemas; banho de balde aromático; jogo de imitação no espelho; balanço na rede; foco em todas as propostas das seções <i>Recepção: momento de muita atenção</i> .
	Desenvolver confiança em si, em seus pares e nos adultos em situações de interação.	Todas as propostas com os Cestos dos tesouros; tapete das sensações; brincadeira da montanha de cobertores; exploração sensorial ao ar livre; tapete de plástico-bolha; instalação sonora; brincadeiras com água; jogo de imitação no espelho; brincadeiras de encher e esvaziar; brincadeiras de encaixar; massagens; balanço na rede; circuito motor; brincadeiras e interações no espelho com foco na higiene e no cuidado com o nariz; banho aromático no balde.
Corpo, gestos e movimentos	Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.	Canções e cantigas como <i>Parabéns pra você, Bate palminha, Caranguejo, Sítio do Seu Lobato, Sopa, Ai meu nariz</i> ; exploração sensorial ao ar livre; bonecos sensoriais; pintura no espelho; brincadeiras com objetos sonoros; instalação sonora; jogo de imitação no espelho; varal musical; brincadeira com panela e colher de pau; brincadeiras com tintas e melecãs; banho em bonecos(as); brincadeiras com fantoche.
	Ampliar suas possibilidades de movimento em espaços que possibilitem explorações diferenciadas.	Tapete das sensações; brincadeira da montanha de cobertores; exploração sensorial ao ar livre; tapete de plástico-bolha; instalação sonora; brincadeiras com água; jogo de imitação no espelho; brincadeiras com tintas e melecãs; banho em bonecos(as); balanço na rede; circuito motor em espaço externo; papel-celofane no espelho; banho de balde aromático.
	Experimentar as possibilidades de seu corpo nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes.	Exploração nos cantinhos fixos e transitórios da sala; tapete das sensações; brincadeira da montanha de cobertores; exploração sensorial ao ar livre; tapete de plástico-bolha; instalação sonora; brincadeiras com água; jogo de imitação no espelho; brincadeiras com tintas e melecãs; banho em bonecos; balanço na rede; circuito motor em espaço externo; papel-celofane no espelho; banho de balde aromático; massagens; saquinhos sensoriais.
	Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar.	Interações próprias da rotina; massagens; banho de balde aromático; brincadeiras no espelho com foco na higiene e no cuidado com o nariz.
	Imitar gestos, sonoridades e movimentos de outras crianças, adultos e animais.	Canções e cantigas como <i>Parabéns pra você, Bate palminha, Caranguejo, Sítio do Seu Lobato, Sopa, Ai meu nariz</i> ; poema <i>Sons</i> ; brincadeiras com objetos sonoros; móbil sonoro; brincadeiras com panela e colher de pau; circuito motor; apreciação e interação com álbuns e fantoches; imitação dos sons dos animais; jogo de imitação no espelho; banho em bonecos(as).
	Utilizar os movimentos de preensão, encaixe e lançamento, ampliando suas possibilidades de manuseio de diferentes materiais e objetos.	Todas as propostas com os Cestos dos tesouros; brincadeiras de encher e esvaziar; brincadeiras de encaixar; brincadeiras com objetos sonoros.



Campos de experiências	Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento - BNCC	Onde encontrar? Brincadeiras e Interações
Trêços, sons, ritmos e formas	Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.	Palmas (cantigas <i>Parabéns pra você</i> , <i>Bate palminha</i> , <i>Caranguejo</i> ); brincadeiras com objetos sonoros; exploração de instrumento musical; Cesto de tesouros com objetos sonoros; móbil sonoro; móbil no espelho; chocalho de conduite; brincadeiras com panela e colher de pau; imitação dos sons dos animais; jogo de imitação no espelho; brincadeiras com água; exploração sensorial ao ar livre; varal musical; instalação sonora.
	Traçar marcas gráficas, em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes e tintas.	Pintura no espelho; pintura em tecido (meias do varal musical); tinta de gelatina; tinta de café.
	Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), criando objetos tridimensionais.	Exploração com macarrão colorido, sagu e gelatina.
	Explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	Canções e cantigas como <i>Parabéns pra você</i> , <i>Bate palminha</i> , <i>Caranguejo</i> , <i>Sítio do Seu Lobato</i> , <i>Sopa</i> , <i>Ai meu nariz!</i> ; músicas instrumentais; canções de ninar; sons da natureza; brincadeiras com objetos sonoros; móveis sonoros; chocalho de conduite; brincadeiras com panela e colher de pau; exploração de instrumento musical (violão); varal musical; instalação sonora.
	Imitar gestos, movimentos, sons, palavras de outras crianças e adultos, animais, objetos e fenômenos da natureza.	Jogo de imitação no espelho (espirrar, tossir, estalar a língua, mandar beijo, bater palmas, bater os pés no chão, encher a boca de ar e "estourar", imitar o barulho de animais, imitar barulho de carro ou de avião ( <i>wrummm</i> ), entre outras possibilidades); imitação dos sons dos animais; escuta e imitação dos sons do ambiente (canto dos passarinhos, barulho do vento, ruídos do ambiente); imitação e apreciação de sons da natureza durante massagem; canções e cantigas <i>Parabéns pra você</i> , <i>Bate palminha</i> , <i>Caranguejo</i> , <i>Sítio do Seu Lobato</i> , <i>Ai meu nariz!</i> ; poema <i>Sons</i> .
Oralidade e escrita	Reconhecer quando é chamado por seu nome e reconhecer os nomes de pessoas com quem convive.	Interações de rotina e brincadeira com a canção <i>Parabéns pra você</i> .
	Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas e a apresentação de músicas.	Poemas de Sérgio Capparelli e de Lalau e Laurabeatriz; canções: <i>Parabéns pra você</i> , <i>Bate palminha</i> , <i>Caranguejo</i> , <i>Sítio do Seu Lobato</i> ; <i>Sopa</i> , <i>Ai meu nariz!</i> ; músicas instrumentais; canções de ninar.
	Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas).	Seção <i>Pirlimpimpim</i> , conte para mim, foco para a construção de álbuns sobre animais e alimentos saudáveis; brincadeira cantada <i>Ratinho</i> .
	Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor.	Seção <i>Pirlimpimpim</i> , conte para mim, foco para a construção de álbuns sobre animais e alimentos saudáveis.
	Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.	Poemas de Sérgio Capparelli e de Lalau e Laurabeatriz; canções: <i>Parabéns pra você</i> , <i>Bate palminha</i> , <i>Caranguejo</i> , <i>Sítio do Seu Lobato</i> , <i>Sopa</i> , <i>Ai meu nariz!</i> ; leitura e apreciação de álbuns; brincadeira cantada <i>Ratinho</i> .
	Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas 2.2.



Campos de experiências	Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento – BNCC	Onde encontrar? Brincadeiras e Interações
Oralidade e escrita	Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, revista, gibi, jornal, cartaz, CD, tablet etc.).	Foco para a manipulação de álbuns e para a ampliação do acervo de portadores textuais (orientação explicitada na seção <i>Musicalizar e brincar</i> , sequência didática 5).
	Ter contato com diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.).	Sugestão de ampliação de acervo literário, na sala de referência; orientação para trabalho com o conto <i>Os três porquinhos</i> ; propostas de leituras e construções de álbuns.
	Ter contatos com diferentes instrumentos e suportes de escrita.	Proposta com tintas, pincéis e pintura com o próprio corpo.
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura).	Foco para todas as propostas com os Cestos dos tesouros; tapete das sensações; exploração sensorial ao ar livre; tapete de plástico-bolha; exploração com macarrão colorido, sagu e gelatina; cartões com texturas; bonecos sensoriais; pintura com tinta no espelho; brincadeiras com objetos sonoros; móveis sonoros; varal musical; bolinhas sonoras; móbil de fitas coloridas e cheirinho (estrutura de PVC); brincadeiras com fitas no chão; brincadeira com papel-celofane no espelho; saquinhos sensoriais; móbil aromático; tintas de gelatina e café; bolinha de sabão; banho em bonecos; banho aromático no balde.
	Explorar relações de causa e efeito (transbordar, tingir, misturar, mover e remover etc.) na interação com o mundo físico.	Brincadeira montanha de cobertores; exploração com macarrão colorido, sagu e gelatina; pintura com tinta no espelho; instalação sonora; brincadeiras com água (encher e esvaziar potes e outros recipientes); varal musical; brincadeiras com materiais não estruturados para encher, esvaziar e encaixar; brincadeira com papel-celofane no espelho; tintas de gelatina e café; bolinha de sabão; banho em bonecos.
	Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.	Foco para todas as propostas com os Cestos dos tesouros; tapete das sensações; exploração sensorial ao ar livre; tapete de plástico-bolha; exploração com macarrão colorido, sagu e gelatina; cartões com texturas; bonecos sensoriais; pintura com tinta no espelho; brincadeiras com objetos sonoros; móveis sonoros; varal musical; bolinhas sonoras; móbil de fitas coloridas e cheirinho (estrutura de PVC); brincadeiras com fitas no chão; brincadeira com papel-celofane no espelho; saquinhos sensoriais; móbil aromático; tintas de gelatina e café; bolinha de sabão; banho em bonecos; banho aromático no balde.
	Manipular, experimentar, arrumar e explorar o espaço por meio de experiências de deslocamentos de si e dos objetos.	Tapete das sensações; brincadeira montanha de cobertores; exploração sensorial ao ar livre; tapete de plástico-bolha; instalação sonora; varal musical; brincadeiras de encher, esvaziar e encaixar; circuito motor.
	Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.	Foco para todas as propostas com os Cestos dos tesouros; brincadeiras com materiais não estruturados para encher, esvaziar e encaixar.
	Experimentar e resolver situações-problema do seu cotidiano.	Interações, brincadeiras e ações cotidianas. Algumas propostas que fomentam a experimentação e resolução de situações-problema: brincadeira montanha de cobertores; encher e esvaziar recipientes d'água; brincadeiras com materiais não estruturados para encher, esvaziar e encaixar; circuito motor; brincadeiras com fitas no chão; brincadeira com papel-celofane no espelho etc.
	Vivenciar diferentes ritmos, velocidades e fluxos nas interações e brincadeiras (em danças, balanços, escorregadores etc.).	Interações, brincadeiras e ações cotidianas. Algumas propostas que possibilitam a experimentação de diferentes ritmos, velocidades e fluxos: brincadeiras com objetos sonoros; instalação sonora; canções variadas; balanço na rede; banho aromático de balde.



## CAPÍTULO 3

*Sequências didáticas: 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses*



*Nicolas Lüders Castellar Bonato  
3 anos e 6 meses*



### 3.1 O brincar e as descobertas do olhar

As seqüências didáticas deste item são repletas de brincadeiras desafiantes e divertidas. Por meio do olhar, em suas diferentes perspectivas, os pequenos vão aprender sobre o "eu", desenvolvendo noções sobre o próprio corpo e autonomia, e construir uma imagem positiva sobre si. Aprenderão também sobre o olhar inclusivo para o outro e para o redor, por meio de experiências lúdicas com o olhar e a fotografia.

Permeando todas essas descobertas, há o desenvolvimento de olhares brincantes, divertidos e inusitados: o olhar colorido, o olhar preto e branco, o olhar grande, o olhar pequeno, o olhar de perto, o olhar de longe e até o olhar "maluco".

Para começar essa aventura, que tal descobrir mais sobre a importância do olhar?

#### A importância do olhar (além)

As crianças, desde que nascem, são expostas a diferentes estímulos visuais: cores, movimentos, luminosidades, sombras, contrastes, percepção de texturas que os pequenos veem, tocam e colocam na boca. Tudo isso ensina, e muito, sobre o funcionamento do mundo que os cerca.

O olhar é uma importante ferramenta para a apreensão da realidade e para aguçar a curiosidade e as descobertas infantis. No entanto, são poucas as crianças que têm acesso à aprendizagem do olhar.

Precisamos, sim, possibilitar às crianças aprendizagens sobre o olhar: o olhar dos detalhes, das diferenças, dos contrastes, das descobertas, das percepções, das brincadeiras, do inusitado.

Em um primeiro momento, isso pode lhe parecer banal e até simplório. No entanto, torna-se muito relevante se levarmos em consideração a sociedade em que vivemos, fortemente marcada pela poluição visual e pela correria produtiva, em que o olhar empregado é o da praticidade, o olhar rápido, apressado e distante.

O trabalho pedagógico na unidade de Educação Infantil, em um mundo em que a reprodução em massa sufoca o olhar das pessoas e apaga singularidades, deve voltar-se para uma sensibilidade que valoriza o ato criador e a construção pelas crianças de respostas singulares, garantindo-lhes a participação em diversificadas experiências. (BRASIL, 2009, p. 9)





Rosa Simam Franco  
2 anos e 7 meses



A sugestão de tempo para a realização da Sequência didática 1 é de aproximadamente **2 meses**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que as crianças possuem ritmos diferentes e devem ser respeitadas em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez, ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!

Estamos sempre "de olho" nas crianças, mas será que de fato as enxergamos? Na rotina agitada do trabalho com os pequenos, muitas vezes, deixamos de olhar com a atenção suficiente para sentir o que eles nos comunicam e também o que não nos comunicam, seja pelo olhar, gesto, choro, sono, tentativas de falas etc.

São os olhares das professoras que estarão dando sentido a tudo o que acontece com as pequenas crianças, podendo cair no turbilhão característico da rotina do trabalho diário, tratando-os como um todo homogêneo, ou fomentando experiências para os pequenos, percebendo-os como plurais, heterogêneos. Parece-me que um determinante para que as práticas docentes deem-se de uma ou de outra forma é o quanto a professora conhece cada uma das crianças, reconhece suas múltiplas linguagens, valoriza os seus gestos, expressões, silêncios, olhares... demonstrando, assim, o quanto está disponível para perceber cada uma delas, abrindo mão, muitas vezes, do repertório de conceitos (e pré-conceitos) que construiu ao longo da sua prática docente. (TRISTÃO, 2004, p. 5)

Um olhar é capaz de sensibilizar, acolher, incluir, aprovar, emocionar; por outro lado, é capaz de distanciar, reprovar e excluir. Como fundamenta Rubem Alves (2011, p. 82): "Há tantos olhares diferentes! Há o olhar de desprezo, de admiração, de ternura, de ódio, de vergonha, de alegria...".

O olhar sensível do professor pode incentivar a descoberta e valorizar as conquistas infantis, promovendo aprendizagem e desenvolvimento. Um exemplo é quando uma criança está ensaiando seus primeiros passos. Nessa fase (e em muitas outras), o olhar do adulto de referência, bem como do professor da creche, é capaz de encorajar, fortalecendo a segurança do pequeno, ou de censurar, fazendo-o recuar.

A educação do olhar é a educação dos sentidos. Assim, é possível ensinar a olhar, a ver, também para as crianças que, por razões físicas, não enxergam ou têm baixa visão. Para a criança pequena, o olhar perpassa pelo pegar, amassar, olhar novamente, levar à boca, cheirar, enfim, apropriar-se, mediante o corpo e o movimento, das características dos objetos, das experiências e de tudo a que tem acesso.

Dessa maneira, convidamos você, professor, ao exercício do olhar sensível e também ao desafio de provocar e nutrir o olhar das crianças, com muitas brincadeiras e ampliação cultural.

## Sequência didática 1 – Cabeça, ombro, joelho e pé!

A primeira sequência didática sugere o trabalho com a consciência corporal, com o olhar para si, com a descoberta das próprias singularidades e com o respeito à diversidade, objetivando o desenvolvimento da identidade, da autonomia, do protagonismo infantil e do sentido de pertencimento ao grupo. É o pontapé inicial, uma vez que a identidade é construída ao longo da vida.



## Recepções: momento de muita atenção

Uma maneira eficaz de iniciar o trabalho com a percepção da autoimagem é pela chamada. Mediante o trabalho diário e persistente com a chamada, a criança reconhece a própria imagem, bem como a dos colegas da sala. A chamada deve ser incorporada à rotina da sala. A indicação é realizá-la no início da jornada, logo após a recepção das crianças por meio dos cantinhos e do seu olhar atento e afetivo. Quando as crianças demonstrarem segurança e conhecimento nesse processo, amplie as propostas de recepção.

Que tal organizar a chamada por meio de cartões que apresentem as fotos das crianças (o nome pode ser apresentado, mas concomitante ao recurso visual)? As fotos podem ser tiradas na creche, impressas em papel sulfite, coladas em papel de alta gramatura e encapadas com plástico adesivo transparente (para melhor conservação).

Esses cartões podem ser utilizados, além da chamada, em outros momentos da rotina, como para votações e escolhas diversas (quem quer escutar a história *Chapeuzinho Vermelho* e quem prefere *Cachinhos Dourados*, por exemplo).

Outra sugestão para o trabalho com os cartões e a chamada é convidar as crianças a um momento de seleção das fotos dos integrantes da turma, classificando quem está presente e quem está ausente nesse dia na creche. Utilize caixinhas de papelão ou potes vazios de sorvete para a confecção dos objetos que vão representar a creche e a casa. Depois de finalizados, apresente os "brinquedos" aos pequenos, possibilitando que os toquem e os manipulem.

Em seguida, faça a classificação das fotos com a turma, guardando as fotos das crianças que estão presentes na caixinha identificada como creche e as das crianças ausentes na outra caixinha, que representa uma casa. Trabalhe conceitos como: ontem, hoje e amanhã, por exemplo, levando as crianças a perceber que um colega faltou ontem, mas está presente hoje ou, então, que outro faltará amanhã porque vai ao médico.

Conforme a idade das crianças, faça variações na proposta com a chamada. Por exemplo: as crianças de mais de 3 anos podem ser incentivadas a registrar a quantidade de colegas ausentes e presentes no dia por meio de desenhos, notação numérica e/ou registros não convencionais, como risquinhos ou bolinhas.

Envolve as famílias dos pequenos na proposta. Para isso, solicite o envio de uma foto recente, bem como a escrita, em uma folha de papel, sobre algumas características físicas e/ou emocionais das crianças. Para



Potes de sorvete vazios personalizados para o momento da chamada





*Júlia Dumont Petry  
2 anos e 11 meses*

motivar os familiares a participar ativamente e com um olhar atento e significativo para as características e o desenvolvimento dos pequenos, explique a importância do trabalho sobre identidade e pertencimento ao grupo. As solicitações devem ser feitas com antecedência suficiente para eles providenciarem o texto e a foto. Estipule um prazo e lembre os responsáveis, um ou dois dias antes, da necessidade da entrega.

Quando todas as fotos e textos forem devolvidos, apresente-os aos pequenos. Disponha todas as fotos no chão e incentive cada criança a procurar a sua. Juntos, observem as cores, as diferenças entre elas e a forma como cada criança foi retratada: Quantas crianças estão retratadas de corpo inteiro? Quantas somente de rosto? Alguma criança aparece com um familiar ou um animal de estimação?

Em seguida, leia para as crianças o que os familiares escreveram sobre elas, valorizando características e potencialidades. Após esse trabalho, que tal organizar um mural com todo esse material para que a comunidade da creche possa exercer um olhar atento às características singulares das crianças?

### *Meleca na mão é pura diversão*

O primeiro passo desta seção é a confecção de **massinha de modelar caseira**, com textura mais fácil de manipular e segura quanto à sua utilização (certamente não é tóxica).

#### **Materiais**

2 xícaras e meia de farinha de trigo; 1 xícara de sal (auxilia na conservação e também faz com que os pequenos não queiram devorá-la); 1 xícara de água; 2 colheres (sopa) de óleo; corante alimentício.

#### **Como fazer**

Misture todos os ingredientes em uma tigela grande, amassando bem até ficar com uma boa consistência para manipular. Se necessário, acrescente mais farinha, água ou óleo para dar liga à massa. Divida-a em porções e, para cada porção, pingue algumas gotas de corante alimentício para colorir. Após o uso, guarde a massinha em sacos plásticos ou potes bem vedados na geladeira. Conforme o número de crianças, faça mais de uma receita.

#### **Orientações para a brincadeira**

Que tal transcrever a receita da massinha em um cartaz? Ele pode conter ilustrações, por exemplo, de xícaras e de colheres em alusão às respectivas quantidades. As crianças que já demonstram ter conhecimento da relação entre quantidades podem ser envolvidas na ilustração.

Disponha o cartaz no campo visual do grupo, para que as remissivas ao texto sejam constantes e, assim, as crianças percebam a sua função social. Dessa maneira, os pequenos podem ser incentivados a ler, ainda que de forma não convencional.



A receita pode ser confeccionada com a colaboração das crianças; elas podem auxiliar na mistura dos ingredientes, amassando e também colorindo as porções. Durante a experimentação, aborde conceitos como antes, agora e depois ("Agora, vamos colocar todos os ingredientes secos; depois, a água e o óleo."), bem como quantidades ("Precisamos de mais água ou mais farinha?"; "Quantas xícaras de sal usamos?"; "Em quantas porções precisamos dividir a massinha (uma para cada criança)?"; "Quantas crianças ficaram sem massinha?") etc.

Organize a massinha em mesas e disponibilize materiais para auxiliar na brincadeira. Sugerimos os seguintes objetos:

- forminhas de papel para doces;
- palitos de sorvete, com pontas arredondadas;
- forminhas de plástico para bolachas;
- canudinhos de plástico cortados ao meio;
- rolinhas de cortiça grandes;
- tampas de metal (como as usadas em recipientes para alimentos em conservas, mas não use tampas removidas com abridor de latas);
- folhas, gravetos, sementes grandes e outros elementos naturais;
- espremedor (de alho).

Será preciso demonstrar o uso dos materiais aos pequenos, principalmente o do espremedor de alho, que pode criar "cabelinhos". Cuide para que não prendam os dedinhos no espremedor. Lembre-se de guardar a massinha de modelar na geladeira; os demais materiais também serão novamente utilizados.

Em outra oportunidade, organize a turma, preferencialmente em pequenos grupos, disponibilizando a massinha de modelar e os materiais de experimentação, propondo que componham um rosto.

Se desejar, distribua também um pedaço de papel de alta gramatura e cola branca atóxica para as crianças. Pergunte onde estão os olhos, o nariz e a boca do rosto montado. Contudo, lembre-se de que isso é uma brincadeira! Possibilite às crianças que façam divertidas composições. Todas as crianças devem participar desta brincadeira, em forma de rodízio.

Em um outro dia, retome a proposta de construção de rostos. Dessa vez, eles serão construídos por meio da manipulação de figuras impressas ou pré-selecionadas de revistas. Faça a busca por imagens de partes que componham o rosto humano, prezando pela diversidade.



Criança manipulando os ingredientes de massa de modelar caseira





Criança brincando  
com acetato pintado

Providencie também, se possível, folhas de acetato transparente (facilmente encontradas em papelarias e também conhecidas como folhas de transparência) e canetinhas permanentes atóxicas.

Recorte as imagens, conversem sobre elas e permita que sejam exploradas com a brincadeira sobre e sob a folha de acetato. Proponha aos pequenos que montem diferentes composições de rostos. Que tal imitando as suas expressões faciais?

Em seguida, oriente a disposição do acetato sobre a montagem de um dos rostos (fixe o plástico sobre o rosto com pedaços de fita adesiva) para que as crianças criem detalhes, como o cabelo. Outra opção é solicitar uma montagem parcial do rosto (com as imagens recortadas), a fim de que as partes faltantes sejam completadas por meio de desenho, no plástico, criando uma nova e diferente composição de face.

Demonstre que ao retirar o plástico transparente, os desenhos criados "desaparecem" da base (mesa, folha etc.). Depois dessa exploração, incentive as crianças a desenhar livremente, no plástico, percebendo a transparência do material. Se for preciso, cole as pontas do plástico transparente com fita adesiva, conferindo assim mais estabilidade para a produção infantil.

Depois, retire o plástico demonstrando aos pequenos que os desenhos não ficaram nas mesas ou em outras bases utilizadas. Permita que olhem através do plástico, vendo tudo desenhado e colorido. Não espere que desenhem formas nítidas no acetato, parecidas com olhos, narizes ou bocas. Provavelmente, as crianças pintarão todo o acetato (frente e verso). Isso faz parte do desenvolvimento do grafismo infantil e deve ser respeitado.

## 1, 2, 3 e já

O objetivo desta seção é fortalecer o conhecimento sobre as partes do rosto e do corpo mediante a composição de formas, utilizando, para isso, uma espécie de **quebra-cabeça** feito com pedras de jardim.



Caixas encapadas e ilustradas

### **Materiais**

Pedras de seixos (de tamanho que não ofereça risco de serem engolidas pelas crianças); tinta guache atóxica em diferentes cores ou canetinhas permanentes. Caso não seja possível criar o jogo com pedras, substitua-as por caixinhas de alimentos, de remédios e/ou de pasta de dentes, devidamente encapadas.



### Como fazer

Desenhe, em cada pedra, uma parte do corpo humano. Por exemplo: em uma pedra, desenhe a cabeça; em outra, o tronco com os braços; e, em mais duas pedras, desenhe as pernas. Ilustre várias pedras, retratando pessoas com diferentes características. É possível ainda criar um novo jogo, ilustrando nas pedras somente as partes que compõem o rosto: uma pedra para um olho; outra pedra para o outro olho; uma pedra para o nariz; outra pedra para a boca.

### Orientações para a brincadeira

O desafio será a montagem das pessoas ou dos rostos, com todas as suas partes. Auxilie os pequenos na brincadeira. Que tal disponibilizar pedras para que as crianças façam os seus próprios desenhos? Para isso, sugerimos a utilização de giz de cera e canetinhas.



Pedras ilustradas

## Musicalizar e brincar

Que tal cantar, dançar, criar sons e ainda explorar o conhecimento das possibilidades e dos limites corporais?

Para tanto, sugerimos canções e cantigas que trabalhem com as partes do corpo, como *A formiguinha* (já explorada no item 1.5 como brincadeira cantada na troca de fraldas) e *Pulguinha*.

### A formiguinha

Fui ao mercado comprar café  
Veio a formiguinha e subiu no meu pé  
Eu sacudi, sacudi, sacudi  
Mas a formiguinha não parava de subir

Fui ao mercado comprar batata roxa  
Veio a formiguinha e subiu na minha coxa  
Eu sacudi, sacudi, sacudi  
Mas a formiguinha não parava de subir

Fui ao mercado comprar melão  
E a formiguinha subiu na minha mão  
Eu sacudi, sacudi, sacudi  
Mas a formiguinha não parava de subir





*Aisha Valentina  
Cardosa Coimbra de  
Santos  
3 anos e 9 meses*

Fui ao mercado comprar jerimum  
E a formiguinha subiu no meu bumbum  
Eu sacudi, sacudi, sacudi  
Mas a formiguinha não parava de subir

Fui ao mercado comprar um giz  
Veio a formiguinha e subiu no meu nariz  
Eu sacudi, sacudi, sacudi  
Mas a formiguinha não parava de subir

Cultura popular

### Pulguinha

A pulguinha pula à beça e  
belisca o seu pé  
Do pé pula pra cabeça  
vai fazendo cafuné  
A pulguinha tão ligeira  
pula logo pra barriga  
Tudo é uma brincadeira,  
você quer ser minha amiga?  
Da barriga pro nariz,  
do nariz pra bochecha  
Da bochecha pro umbigo,  
do umbigo pro joelho  
Do joelho pro pescoço,  
do pescoço pra perna  
Da perna pra orelha,  
da orelha pra mão

A pulguinha pula à beça e  
belisca o seu pé  
Do pé pula pra cabeça  
vai fazendo cafuné  
A pulguinha tão ligeira  
pula logo pra barriga  
Tudo é uma brincadeira,  
você quer ser minha amiga?  
Da barriga pro bumbum,  
do bumbum pro braço  
Do braço pra perna,  
da perna pra cabeça  
Da cabeça pro umbigo,  
do umbigo pro pé  
Do pé pra mão,  
da mão pra barriga

TATIT, Paulo; DERDYK, Edith. Pulguinha. In: PALAVRA CANTADA.  
*Canções de brincar*. São Paulo: MCD, 1996. 1 CD. Faixa: 2.

PULGUINHA- Paulo Tatit/Edith Derdyk- CD CANÇÕES DE BRINCAR- Palavra Cantada

Essas canções permitem o trabalho com a consciência corporal de maneira lúdica. Em um primeiro momento, apresente uma das canções e incentive os pequenos a se movimentarem espontaneamente. Em uma segunda audição, faça movimentos simulando o "pular" da pulguinha ou o "subir" da formiguinha, tocando as partes do corpo, mencionadas na canção, com a ponta dos dedos. Esse movimento pode ser feito, antes, em seu próprio corpo e, depois, com delicadeza, no corpo das crianças. Incentive os pequenos a imitar suas ações e a seguir o ritmo da canção, ora



mais acelerado, ora mais lento. Finalize a brincadeira fazendo cócegas leves nas crianças.

Em outra oportunidade, confeccione um instrumento musical que simule os sons apresentados na canção *Pulguinha*. Para isso, separe algumas fôrmas de alumínio e elásticos de borracha (o som obtido varia conforme a largura do elástico). Posicione os elásticos esticados na largura das fôrmas, simulando as cordas de instrumentos musicais, como baixo, guitarra e violão.

Com os instrumentos prontos, posicione-os no chão, apresentando-os aos pequenos. Incentive-os na experimentação de sons, em diferentes intensidades. A sugestão é que haja um instrumento para cada três crianças.

Depois da experimentação, apresente novamente a canção *Pulguinha* e proponha o acompanhamento mediante a produção de sons. Lembre-se de que não existe certo ou errado, e sim explorações sonoras, que devem ser lúdicas e permeadas de significados.

Outra opção que auxilia no conhecimento dos limites do próprio corpo e costuma ser muito apreciada pelos pequenos é a canção da cultura popular *Cabeça, ombro, joelho e pé*. Que tal ensiná-la aos pequenos?

### *Cabeça, ombro, joelho e pé*

*Cabeça, ombro, joelho e pé*

*Joelho e pé*

*Cabeça, ombro, joelho e pé*

*Joelho e pé*

*Olhos, ouvido, boca e nariz*

*Cabeça, ombro, joelho e pé*

*Joelho e pé*

Cultura popular

Incentive as crianças a apontar para as partes do corpo mencionadas na canção. A repetição dessa brincadeira (apontar as partes do corpo) permite aos pequenos, gradualmente, acompanhar o andamento da música.

Conforme a compreensão de cada criança, amplie o trabalho com a consciência corporal. Para tanto, faça novas brincadeiras, ou em momentos de interação, como a troca de roupas, ensine a localização de outras partes do corpo, como calcanhar, punho, axilas, umbigo, cotovelo, nuca, sobrancelha, cílios etc.



Criança pequena explorando objeto sonoro

### *8ª Sinal de alerta*

Mostre como manipular os elásticos, cuidando para que as crianças não os puxem com muita força, pois eles podem arrebentar, machucando a mãozinha dos pequenos.



## Estica, dobra e puxa

Vamos dar continuidade ao trabalho com corpo, gestos, movimentos, identidade e autonomia? Em um dia ensolarado, em horário apropriado às crianças, leve-as à área externa da sala e convide-as a sentarem-se formando uma grande roda.

A primeira brincadeira é solicitar a cada criança que tire o calçado e coloque-o no meio da roda. Oriente para que isso seja feito individualmente. Enquanto a criança leva o calçado para o meio da roda, fale algumas características do objeto (modelo, cor, estampa etc.).

Depois que todos os calçados estiverem na roda, misture-os e proponha que cada criança procure o seu. Crie comandos que possam desafiar e problematizar a brincadeira, como: "Onde está o chinelo azul da Larissa?"; "As sandálias do Mateus e do João são do mesmo modelo, mas a do Mateus é de tamanho maior. Então, qual é a sandália do Mateus e qual é a do João?". Que tal colocar uma canção alegre para animar ainda mais essa brincadeira?

Em outra oportunidade, convide a turma para uma divertida brincadeira de **desenho do contorno corporal**.



Criança brincando de vestir bonecos desenhados no chão

### **Materiais**

Giz de quadro; papelão (opcional); peças de roupas e acessórios infantis (exemplos: camiseta, bermuda, chinelo e boné); papelão (opcional).

### **Como fazer**

Convide uma (ou mais) das crianças a se deitar no chão, em uma superfície em que seja possível fazer os contornos com o giz. Outra opção é usar um pedaço de papelão e, sobre ele, fazer o contorno do corpo. Assim, é possível "vestir o boneco" e pendurá-lo na sala.

### **Orientações para a brincadeira**

Quando as marcas estiverem prontas, converse com a turma sobre o desenho formado (suas partes e seu tamanho), solicitando às crianças que identifiquem algumas partes do corpo desenhado (cabeça, pernas, braços e pescoço). Em seguida, apresente a seleção de roupas/acessórios, destacando suas características (cor, estampa, modelo etc.) e desafie as crianças a posicionar as peças sobre o contorno do corpo infantil nos locais corretos.

A brincadeira pode ser repetida – e ampliada – com contornos de corpos diferentes: adulto, bebê, criança, por exemplo. Durante a exploração, trabalhe conceitos como maior, menor, dentro e fora (do contorno), cores, entre outros que surgirem na brincadeira.



Seja qual for a escolha, o importante é possibilitar às crianças oportunidades para que façam relações entre seus próprios corpos e o desenhado, bem como incentivar ações de autonomia, tal como vestir-se sozinho (tanto roupas quanto acessórios).

Para a ampliação desse trabalho, sugerimos, nesta seção, a construção ou a renovação do Cantinho da fantasia (abordado no item 1.3). Para isso, providencie elementos que sirvam de referência para a brincadeira de faz de conta. Não se preocupe com fantasias prontas, e sim com objetos que podem ser utilizados de diferentes maneiras, como pedaços de tecido, lenços, colares, bolsas, chapéus, óculos, tiaras etc.

Esse espaço deve propiciar a identificação do próprio corpo, de preferências e de gostos, bem como potencializar o trabalho com diferentes expressões faciais e corporais, incentivando a brincadeira simbólica. Preferencialmente, organize esse cantinho próximo ao espelho da sala. Se possível, solicite a colaboração dos familiares das crianças para angariar novos objetos.

Incentive as crianças a explorar diferentes possibilidades de se movimentar usando as fantasias. Como será que um monstrinho se movimenta? Será que ele pula, corre, rasteja, rola ou engatinha? Como andam o rei ou a rainha? Como eles dançam? Vamos nos movimentar bem rápido? E, agora, quem sabe se movimentar bem lento, igual a uma tartaruga?

Crie várias possibilidades de movimentação para que as crianças o imitem. Incentive-as também a criar diferentes movimentos corporais, conforme as referências propostas.

Que tal tirar fotos das crianças brincando nesse cantinho? O registro fotográfico das crianças em brincadeiras livres pode compor a documentação pedagógica e, assim, subsidiar a avaliação de toda a ação pedagógica.

### Espelho, espelho meu

Esta seção pretende dar continuidade ao trabalho com a consciência corporal, auxiliando na construção de uma imagem positiva do próprio corpo e do corpo do outro.

Desenhe e recorte imagens de bocas que representam tristeza e alegria. Cole esse material, com fita adesiva transparente, no espelho da sala, na altura do rosto das crianças, para que elas possam brincar de se enxergar com "outras bocas" (para isso, auxilie cada uma a se posicionar de modo que a imagem no espelho cubra a boca dela ao se ver refletida). Converse com as crianças sobre as expressões faciais observadas e os sentimentos que provocam.

Aproveite e oportunize a participação de ações de cuidado e higiene. Como visto em sequências didáticas do item 2.2, o trabalho na frente do espelho com a autonomia infantil no que se refere à higiene do nariz é de extrema importância. Afinal, nessa fase, ainda é comum algumas crianças fungarem (aspirarem) em vez de assoarem (assopram) o nariz.



*Arthur Dumant Petry*

*2 anos e 2 meses*





Móbil feito com CDs e fotos das crianças

Leve as crianças até o espelho e, demonstrando que estão com o nariz sujo, entregue a cada uma um lenço de papel ou pedaço de papel higiênico (macio) e demonstre como assoar o nariz e limpá-lo. Como também já visto, mesmo não sabendo assoar o nariz, muitos dos pequenos já são capazes de limpar a coriza. Incentive-os nesse aprendizado, incluindo descartar o papel corretamente no lixo e lavar as mãos depois da limpeza do nariz. Mantenha o papel ao alcance infantil. Inclua as ações de autonomia e de higiene e cuidados com o nariz na rotina das crianças durante o decorrer do ano.

Outra sugestão de trabalho é a construção de um **móbil** para ser disposto na frente do espelho.

#### **Materiais**

CDs usados; suporte para móbil (cabide ou bambolê); fitas; fotos das crianças ou recortes de revistas; fitas de tecido ou barbante; papel colorido de alta gramatura; enfeites para decorar (se desejar); cola branca; cola quente; fita dupla face.

#### **Como fazer**

De preferência, tire fotos das crianças na creche, focando o rosto delas, e imprima-as em folha de sulfite. Proponha aos pequenos que façam diferentes expressões faciais (cara de sono, de susto, de choro, de brabeza, de alegria e de tristeza, caretas etc.). Caso não seja possível, selecione e recorte imagens de revistas que retratem diferentes expressões faciais.

Recorte círculos de papel colorido, do tamanho dos CDs. Em seguida, recorte as fotos em formato redondo, um pouco menor do que os círculos coloridos. Reserve esse material. Cole a fita de tecido em uma das faces dos CDs utilizando cola quente, formando "tiras de CDs" (como na foto ao lado). Depois, cole os círculos de papel, com cola branca, em ambas as faces dos CDs. Em cima do papel colorido, fixe as fotos das crianças com fita adesiva dupla face (a cola pode manchar as fotos) em ambas as faces dos CDs. Decore como desejar. Por último, fixe uma das extremidades da fita de tecido no suporte de móbil escolhido. Certifique-se de que todas as crianças estão retratadas nas fotos.

#### **Orientações para a brincadeira**

Lembre-se de dispor o móbil no espelho ao alcance visual e tátil dos pequenos. Apresente a novidade com entusiasmo. Verifique se as crianças reconhecem a própria imagem, bem como se reconhecem os colegas. Brinquem de imitar, no espelho, as expressões e caretas retratadas nas imagens.



## *Purlimpimpim, conte para mim*

Esta seção apresenta um conto de fadas clássico: *Chapeuzinho Vermelho*. As crianças costumam apreciar muito os contos, uma vez que seus enredos tratam de diferentes sentimentos próprios da infância (medos, desejos e fantasias) e oferecem recursos para lidar com eles, no imaginário.

A seguir, apresentamos uma adaptação do conto *Chapeuzinho Vermelho*, original de Charles Perrault.

### Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma linda menina chamada Chapeuzinho Vermelho. Ela era chamada assim por conta de um chapéu vermelho que sempre usava, presente de sua querida vovozinha.

Chapeuzinho Vermelho vivia feliz com sua mãe em uma casa pertinho da floresta. Apreciava brincar pela redondeza, colher frutas e jogar pedrinhas no lago. Até que um dia, enquanto brincava tranquila, escutou barulho de cães e uma voz forte de homem, que conversava com sua mãe e seus vizinhos:

– Cuidem de suas crianças, temos um lobo perigoso rondando a nossa vila!

Logo, Chapeuzinho escutou sua mãe gritando:

– Chapeuzinho, Chapeuzinho, corra, entre em casa; porque um lobo, um lobo malvado está salto por aí!

Depressa, Chapeuzinho obedeceu à mãe e passou dias e mais dias com medo, brincando somente dentro de casa.

Como não se ouviram mais notícias do perigoso lobo, a mãe de Chapeuzinho a chamou e disse:

– Chapeuzinho, como há vários dias não sabemos nada sobre a vovó, e ela andava adoentada, vá até a casa dela e leve esta cesta de doces e frutas que preparei. Mas, atenção, vá pelo caminho mais longo, passando longe da floresta, para não correr o risco de se encontrar com o lobo! Ah, e lembre-se de não falar com estranhos!

– Tá bom, mamãe – respondeu alegremente a menina. Chapeuzinho saiu feliz para visitar a sua vovozinha! No caminho, teve uma ideia:

– Também quero dar um presente para minha vovó. Vou presentear minha vovozinha com flores, lindas flores!

Mas, se continuasse por aquele caminho, não encontraria flores. Então, Chapeuzinho desobedeceu à sua mãe e pegou o caminho mais perigoso: o da floresta. Enquanto Chapeuzinho brincava com as borboletas e colhia flores, foi surpreendida pelo lobo, que, fingindo-se de bonzinho, perguntou:

– Onde vai uma menina tão linda e carregando uma cesta tão apetitosa?

### *Você sabia?*

Uma das características marcantes da criança de 2 anos é a repetição. Provavelmente, as crianças da sala pedem a você que repita a mesma brincadeira várias vezes, e isso também acontecerá com o conto *Chapeuzinho Vermelho*.

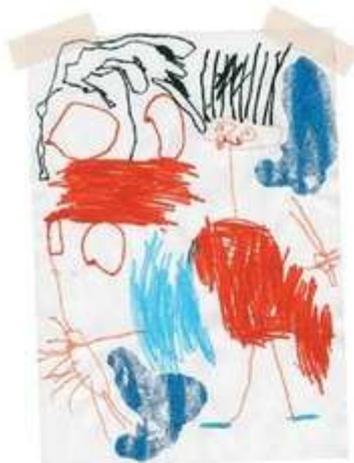
A repetição, como abordada em itens anteriores, é uma ferramenta de aprendizagem que proporciona bem-estar e segurança. Por meio da repetição, a criança “confere” que as coisas realmente acontecem da mesma maneira, inclusive nos contos de fadas. Além disso, resolve diferentes conflitos internos (certo e errado, obediência e desobediência etc.).

Nessa ânsia de resolverem seus conflitos e se sentirem seguras (com o enredo que nunca muda), muitas crianças antecipam os trechos da história. Isso é normal e saudável, por isso não aconselhamos modificar o enredo ou inventar novos finais. Ao contrário, respeite inclusive as pausas e os suspenses, pois isso gera ainda mais aprendizagem e segurança aos pequenos.

Para conhecer mais sobre o papel dos contos de fadas no desenvolvimento emocional das crianças, leia:

BETTELHEIM, Bruno. *A psicandise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.





Caetano Moraes  
Pessoa  
3 anos e 1 mês

Chapeuzinho respondeu:

- Não devo falar com estranhos!

E o lobo, para enganá-la, falou:

- Mas eu não sou um estranho; sou o guardião da floresta. Estou aqui para cuidar de você!

Chapeuzinho acreditou na conversa do lobo e acabou contando a ele que estava indo visitar a sua vovozinha doente. Falou também onde sua vovó morava.

Faminto, o lobo teve logo uma brilhante ideia:

- Vou chegar antes do que esta boba menina; devoro sua vovó, ela e também a sua apetitosa cesta!

O lobo se despediu educadamente de Chapeuzinho e correu, correu, correu o mais rápido que pôde para chegar antes à casa da vovó.

Chegando à casa da boa velhinha, bateu à porta, fingindo ser Chapeuzinho.

Toc, toc, toc!

- Vovó, sou eu, sua netinha Chapeuzinho, vim trazer uma bela cesta para você - mentiu o lobo.

A vovó, feliz com a visita da netinha, pediu que entrasse, pois a porta estava aberta.

Mais do que depressa, o lobo pulou e nhaccccc... Devorou a vovó inteirinha! Rapidamente, vestiu-se com a touca, a camisola e os óculos da vovozinha e esperou Chapeuzinho, deitado na cama da velhinha.

Passado um tempo, Chapeuzinho bate à porta.

Toc, toc, toc!

- Vovó, sou eu, a Chapeuzinho. Vim trazer uma bela surpresa para você - falou a verdadeira netinha.

O lobo, tentando imitar a voz da vovozinha, falou:

- Pode entrar, minha netinha!

Chapeuzinho estranhou a voz grossa da avó, mas achou que fosse por conta do resfriado. Então, a menina entrou e foi até a cama da vovó lhe dar um abraço, mas levou um grande susto!

- Vovó, como a senhora está diferente!

- É por causa do resfriado, minha netinha. Cofff, Cofff, Cofff. - tossiu o lobo.

- Mas... e essas orelhas compridas, vovó? - perguntou a netinha.

- São para te ouvir melhor - falou o lobo, imitando a vovozinha.

- E esses olhos tão grandes? - perguntou Chapeuzinho.

- São para te enxergar melhor, minha netinha!

- E esses braços longos, vovó?

- São para te abraçar melhor, minha menina!

- E esse nariz tão grande?

- É para te cheirar melhor, Chapeuzinho!

- Mas, vovó, e essa boca enorme?



– É para te comer! – falou o lobo mentiroso.

Chapeuzinho, gritou:

– Socorro, socorro!

Mas o lobo foi tão rápido que, com uma única abocanhada, nhaccc... Devorou a pobre menina!

Neste mesmo instante, os caçadores que passavam pela redondeza escutaram barulhos na casa da vovó e resolveram verificar se estava tudo bem.

Entrando na casa, os caçadores encontraram o lobo deitado na cama, dormindo e roncando, depois de tanta comilança. Os caçadores, então, amarraram o lobo e, com cuidado, abriram a sua pança.

Rapidamente, Chapeuzinho e a vovó pularam da barriga do lobo, assustadas com tanta confusão.

– Vocês estão salvas! – falou um dos caçadores.

Chapeuzinho e a vovó se abraçaram. Enquanto isso, os outros caçadores colocaram pedras na barriga do lobo e a costuraram inteirinha!

Depois, os caçadores mandaram o lobo embora:

– Vá embora daqui e nunca mais volte, seu lobo malvado!

A barriga do lobo ficou tão, tão pesada que ele nunca mais conseguiria correr atrás de crianças e velhinhas!

Chapeuzinho, a vovó e os caçadores comemoraram comendo as delícias da cesta.

Nunca mais se ouviu falar em lobo nenhum naquela região!

Reconto do texto *Chapeuzinho Vermelho* com base em: PERRAULT, Charles. *Chapeuzinho Vermelho*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.





Isabelle Andrade Cabral  
3 anos e 11 meses

Depois de as crianças conhecerem bem o enredo desse conto clássico, ofereça livros de literatura e de imagens que apresentem outras versões dessa história e, se possível, confeccione fantoches dos personagens. Acrescente os livros ao acervo da sala. Lembre-se da importância de disponibilizar diferentes gêneros textuais e obras que apresentem qualidade literária.

Conversem sobre a história, os cenários (floresta, casa da vovó), as características dos personagens e brinquem com as principais partes do conto, como quando Chapeuzinho e o lobo conversam sobre algumas partes do corpo – orelhas pontudas, olhos grandes, braços longos, nariz grande e boca enorme.

Por fim, que tal propor às crianças a dramatização da história? Incentive a turma na criação do cenário, com materiais não estruturados, na improvisação de fantasias, com panos e acessórios dos cantinhos, e na organização e distribuição de papéis.

### Relaxar e aproveitar, é só começar

Para encerrar esta sequência didática, sugerimos o relaxamento por meio de uma deliciosa massagem.

Oriente as crianças a se acomodarem confortavelmente no chão; sente-se também. Convide uma criança para auxiliá-lo. Demonstre no pequeno a posição das mãos para a massagem (mão em forma de pinça). Massageie o pescoço, os ombros, os braços e as costas. Termine a sessão com um gostoso cafuné e um abraço apertado.

Peça às crianças que escolham um colega para fazer e, depois, receber a massagem. Relate quais são as áreas a serem massageadas e estipule o momento da troca.

Em outra oportunidade, proponha uma massagem coletiva. Será necessária uma grande roda, da qual você também deve participar. Enquanto massageia e é massageado, oriente a brincadeira.

Que tal potencializar as sensações de relaxamento utilizando, ao fundo, uma música calma ou sons da natureza?



## Sequência didática 2 – *Click, click, zoom!*

Depois de tantas descobertas sobre a imagem e as possibilidades do próprio corpo, esta sequência didática oportuniza diferentes vivências e experiências de pesquisa sobre o olhar fotográfico. Histórias, poemas, músicas, jogos, exploração de diferentes possibilidades gráficas e gestuais, brincadeiras e brinquedos são algumas das estratégias utilizadas para apresentar um pouquinho do mundo da fotografia aos pequenos.

Atualmente, com a tecnologia, fotografar é um ato bem comum. Grande parte das crianças na faixa etária de 2 e 3 anos tem acesso à fotografia digital (por meio de celulares, *smartphones*, *tablets* ou câmeras fotográficas digitais) e sabem que, depois que posam para uma foto, podem conferir a própria imagem nos aparelhos. O fato de se enxergar em outro lugar, além do espelho, gera curiosidade e alegria nos pequenos.

A fotografia é um importante recurso de registro e avaliação docente. A intencionalidade no registro fotográfico de brincadeiras espontâneas, dos momentos de leitura, de cuidados, de interação entre as crianças e entre elas e seus professores pode direcionar o planejamento e a documentação do trabalho pedagógico. Assim, invista em fotografias não clichês, aquelas que destacam sentimentos e registram intenções, e fique atento sobre o que elas podem nos revelar. Como afirma Junqueira Filho (2001, p. 145):

Registrar-se, registrar nossa humanidade; em diferentes linguagens; desde que se nasce, é algo que podemos e devemos fazer na educação infantil; para, junto com as crianças, irmos olhando, nos acompanhando, nos revendo, nos transformando; nos aprendendo, aprendendo a nos produzir e, coletivamente, produzir melhor nossa humanidade.

Algumas seções desta sequência didática orientam para a revelação ou a impressão de fotos. Converse com a Coordenação/Direção da creche sobre essa possibilidade.

### *Recepção: momento de muita atenção*

Para organizar uma recepção especial aos pequenos, sugerimos a criação do Cantinho da fotografia.

Esse espaço pode ser composto de máquinas fotográficas de brinquedo e de verdade. Converse com os familiares das crianças, verificando se eles possuem máquinas fotográficas estragadas ou que não estão em uso e que poderiam ser doadas. Construa também equipamentos de brinquedo, em alguns casos, com o auxílio dos pequenos.



A sugestão de tempo para a realização da Sequência didática 2 é de aproximadamente

**1 mês e meio.** Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que as crianças possuem ritmos diferentes e devem ser respeitadas em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez, ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!





Máquinas fotográficas de brinquedo

### Você sabia?

Você já ouviu falar em monóculos? Eles foram muito utilizados como lembrança da ida ao circo e de viagens. É um objeto de plástico colorido com uma fotografia dentro, que pode ser observada através de uma lente de aumento. Para ver a imagem, é preciso espia-la com um olho só, por isso o nome "monóculo".



Monóculos

As máquinas fotográficas de brinquedo podem ser feitas com caixinhas de alimentos encapadas e diferentes sucatas ou, então, de tecido, como feltro ou algodão cru. Ao lado, veja algumas sugestões e, com base nelas, crie e recrie, construindo as suas próprias máquinas fotográficas de brinquedo.

O Cantinho da fotografia também pode ser composto de acessórios, como chapéus, bonés, tiaras, colares, lenços, tecidos e outros elementos que permitam que algumas crianças, na brincadeira simbólica, sejam modelos e outras sejam fotógrafas.

Outra sugestão é solicitar aos familiares o envio de um álbum de fotografia ou de algumas fotos da criança. Cada família pode enviar o material em um dia específico.

A ideia é, logo após todas as crianças estarem na sala, criar um momento de diálogo e interação. Convide a turma para sentar confortavelmente no chão. Depois, folheie o álbum com cuidado, mostrando as imagens aos pequenos. Conversem sobre as imagens, incentivando as crianças a falar sobre o que estão vendo e sentindo.

Fotografias são registros especiais. Por isso, tome muito cuidado ao manipulá-las. Permita aos pequenos olhar e conversar sobre as fotos, mas alerte-os quanto ao manuseio, caso o permita: devem ter atenção e delicadeza para pegar nas fotos. Guarde o material enviado à creche (álbum e fotos) em lugar seguro depois do uso, longe do alcance das crianças. Lembre-se de devolver o álbum ou as fotografias no mesmo dia aos familiares.

Que tal organizar uma recepção para as crianças com um **móBILE de monóculos**? Sugerimos uma maneira de construir esses brinquedos feitos para espia imagens.

#### **Materiais**

Suporte para móBILE (cabides ou bambolês); garrafas de PET; folhas em EVA; fitas adesivas coloridas; fitas de tecido; fotografias das crianças ou imagens recortadas de revistas; cola quente.

#### **Como fazer**

Recorte a garrafa de PET medindo, aproximadamente, 13 centímetros do gargalo até a parte cortada. Meça o diâmetro da abertura maior da garrafa de PET e recorte círculos, um pouco maiores que esse diâmetro, nas folhas em EVA. Cada garrafa de PET deve ter o seu círculo de EVA.



Cole as fotografias ou as imagens recortadas no centro do EVA usando cola quente ou fita adesiva. Em seguida, fixe os círculos de EVA (com as imagens) nas bordas da garrafa (parte recortada), de modo a cobrir toda a superfície de plástico (evitando que a criança tenha contato com pontas ou rebarbas).

Depois, cole a fita adesiva colorida ao redor de toda a garrafa. Por último, amarre um pedaço de fita no gargalo da garrafa e a outra ponta da fita no suporte de móvel.

#### Orientações para a brincadeira

Crie vários "monóculos" de garrafa de PET. Certifique-se de que todas as crianças estão retratadas. Se for preciso, utilize vários suportes de móveis. Lembre-se de que será necessário ensinar as crianças a manipular esses novos brinquedos. Conversem sobre as imagens que podem ser espiadas pelo "gargalo" dentro das garrafas.



Monóculo feito com garrafa de PET



Vista do interior do monóculo

### Purlimpimpim, conte para mim

A sugestão é construir um livro de imagens que permita a interação lúdica e a criação de diferentes arranjos com as imagens dos pequenos.

Faça uma nova impressão das fotos (podem ser as mesmas fotos utilizadas nos monóculos). Cole-as em papel de alta gramatura e una todas mediante a perfuração da lateral esquerda e a amarração de uma fita de tecido. Em outro momento, corte as imagens do livro em uma linha horizontal, dividindo-as em duas partes: olhos/nariz e nariz/boca. Não as recorte completamente, para que as páginas não se desprendam.

Depois que o livro estiver montado, apresente a novidade aos pequenos e brinquem de imitar as expressões faciais das imagens.

Por meio do recorte, as crianças poderão folhear as tiras de cada página, criando expressões faciais "malucas". Será preciso demonstrar como fazer os arranjos das imagens, folheando as tiras. Apresente essa variação, possibilitando aos pequenos que façam suas as leituras e observações. Que tal explorar esses livros próximos ao espelho? A turma terá diferentes referências de expressões faciais para imitar e brincar.

O livro ainda pode ser disponibilizado, em forma de rodízio, para ser levado para casa.



Montagem de livro interativo de fotografias



## Meleca na mão é pura diversão

Convide as crianças para a construção de câmeras de fotografia por meio de sucatas, como potes, embalagens de alimentos, copos descartáveis, tubos de papelão, entre outros materiais que estejam disponíveis.

Auxilie os pequenos no encaixe, no recorte ou na fixação dos materiais com fita adesiva. Problematize a construção do brinquedo para que as crianças planejem o espaço em que vão "focar" as imagens.

Distribua pincéis e tinta para as crianças pintarem os equipamentos construídos. Quando todas as máquinas fotográficas estiverem prontas, convide a turma para um "passeio fotográfico" na área externa à sala de referência.

Selecione as máquinas fotográficas de brinquedo, confeccionadas, e, se possível, os equipamentos fotográficos de verdade. Os equipamentos serão utilizados pelas crianças com a sua supervisão e mediação, o que diminui consideravelmente os riscos de acidentes.

Divida a turma em pequenos grupos e trabalhe em forma de rodízio para que todas as crianças participem desta proposta.

Entregue as máquinas fotográficas de brinquedo e incentive os pequenos a "fotografar" as pessoas que encontrarem pelo caminho e o que mais chamar a atenção do grupo: um inseto, uma flor, o colega, um brinquedo etc.

Lembre-se de criar um clima de alegria e também brincar para que as crianças entrem na brincadeira, ou seja, você atuará como referência para as experimentações infantis!

Em outra etapa, apresente aos pequenos o equipamento selecionado e demonstre a eles como fotografar, que botão apertar e como visualizar as imagens feitas. As crianças precisarão da sua ajuda, por isso esteja atento e disponível.

Ao longo do passeio, desafie as crianças a fotografar alguns fenômenos naturais, como a ação do vento e a luz solar ou outros detalhes que instiguem o olhar e o contemplar.

Valorize as imagens feitas pela turma. Se possível, revele ou imprima as fotos e apresente-as ao grande grupo, verificando se as crianças reconhecem as imagens e relembrando-as da brincadeira que deu origem às fotografias.

Aos poucos, e em contexto lúdico, apresente aos pequenos termos específicos da fotografia, mas muito utilizados popularmente, como: *close*, *pose*, *selfie* e *zoom*. Confira alguns dos principais significados para estes termos:



Criança pintando máquina fotográfica feita com sucata



Criança brincando com máquina fotográfica feita de sucata



- *close* – enquadramento que permite uma visão aproximada e com mais detalhes.
- *pose* – postura do corpo criada para uma foto.
- *selfie* – foto feita pela própria pessoa que também aparece na fotografia.
- *zoom* – efeito de ampliar ou diminuir uma imagem.

### *Estica, dobra e puxa*

Esta seção apresenta uma brincadeira tradicional muito apreciada pelos pequenos: **Meu mestre mandou**, também conhecida como **Macaco Simão**.

A brincadeira consiste na criação de consignas – comandos de ação – para as crianças seguirem, mas a ação é sempre precedida do jargão “Meu mestre mandou”.

Convide as crianças a participar, explicando que elas deverão seguir os seus comandos. Primeiramente, priorize comandos simples: mostrar a língua, mandar beijo, imitar um espirro, dar um pulinho, colocar a mão na cabeça, esconder o rosto, bater palmas etc. Caso perceba que as crianças não conseguem compreender o comando, realize-o também para que elas tenham referência para criar os próprios movimentos corporais.

Aumente a dificuldade dos comandos gradualmente; primeiro explorando o tempo: “Meu mestre mandou pular devagarinho, agora rápido, mais rápido”. Siga com ações que explorem a imitação de diversos personagens (pessoas, animais e objetos): “Meu mestre mandou imitar o pulo do sapo; o voo do passarinho; o andar da girafa (esticando o pescoço e tentando ficar na ponta dos pés)” etc.

Com o entendimento dos pequenos, crie comandos duplos, como: “Meu mestre mandou colocar uma mão na barriga e uma na bochecha”; “Meu mestre mandou cruzar o braço e mandar beijinho”; “Meu mestre mandou gritar bem alto e depois bem baixinho”; “Meu mestre mandou dar um passo para a frente e outro para trás”; etc.

O professor, que estará no comando da brincadeira, pode solicitar a alguém que tire fotografias desse momento, registrando as tentativas e a realização de movimentos pelas crianças. Se possível, revele ou imprima as fotos e crie um mural para apresentar, aos familiares, os diferentes e divertidos movimentos corporais criados pela turma.



Crianças manipulando equipamentos fotográficos



## Musicalizar e brincar

Esta seção possibilita o acesso a um ritmo, geralmente, pouco trabalhado com os pequenos: o coco.

Antes de apresentar às crianças, faça uma pesquisa para conhecer as músicas e os principais passos da dança. Se possível, providencie imagens impressas ou fotografias que retratem pessoas dançando o coco. A pesquisa pode ser feita na internet ou em livros.

Na apresentação do ritmo às crianças, encaminhe a leitura das imagens que retratam a dança, contando um pouco sobre a sua história e mostrando como mexer os pés, acompanhando as batidas do tambor. Proponha a brincadeira de roda ao som do coco. Permita também às crianças que se movimentem livremente.

Que tal registrar a brincadeira com o coco por meio de fotografias e vídeo? Lembre-se de apresentar o registro às crianças para que elas apreciem sua própria atuação durante a exploração musical.

Para uma nova brincadeira, prepare, antecipadamente, dois tipos de instrumentos musicais de brinquedo: tambores e chocalhos.

Para a confecção dos tambores e chocalhos, confira as sugestões na página 149; consulte também a página 169 para construir chocalhos de conduíte. Certifique-se de que nenhum brinquedo oferece risco aos pequenos, conferindo se não existem pontas, lascas e se as embalagens estão bem vedadas. Apresente os instrumentos prontos às crianças, demonstrando os sons que produzem, bem como as diferenças entre eles. Permita à turma explorar a novidade livremente criando sons variados.

Em seguida, proponha a brincadeira de acompanhamento musical: a ideia é criar sons conforme o volume de uma canção com ritmo de coco. Apresente uma música e incentive o acompanhamento sonoro; vá diminuindo o volume da música e demonstrando às crianças como criar sons cada vez mais baixos. Prossiga reduzindo o som até silenciar a música e os instrumentos.

## 1, 2, 3 e já

As crianças vão se divertir com a proposta de um quebra-cabeça duplo. Primeiramente, lembre/ensine o objetivo do jogo: montar as peças para que componham uma imagem inteira.

Selecione duas versões da mesma imagem, uma colorida e outra em preto e branco. Sugerimos a utilização de fotografias ampliadas ou de reproduções de obras de arte. Divida as imagens em duas ou mais



Dança do coco

### Você sabia?

O livro *Festas e danças brasileiras* compõe a Coleção Brinco e Canto, uma referência para a ampliação de repertório cultural sobre o folclore brasileiro. As obras apresentam propostas musicais com sugestões de como brincar e dançar.



LOUREIRO, Maristela; TATIT, Ana. *Festas e danças brasileiras*. São Paulo: Melhoramentos, 2016.



partes, conforme a faixa etária e a familiaridade das crianças com esse tipo de jogo. Para facilitar o manuseio infantil e aumentar a durabilidade das peças, cole as imagens em um papelão ou outro papel de alta gramatura e utilize plástico adesivo transparente para encapá-las.

O objetivo é proporcionar um jogo que pode ser montado tanto tradicionalmente quanto misturando as peças das imagens coloridas e as em preto e branco. Durante a brincadeira, explore conceitos como cores, formas e quantidades.

### *Espelho, espelho meu*

A brincadeira fica por conta das crianças se enxergarem de formas criativas e divertidas para posar para fotos.

Para isso, providencie perucas, lenços, turbantes, chapéus, toucas e outros adereços. Proponha aos pequenos a criação de poses e movimentos corporais e registre esse momento mediante fotografias espontâneas. Lembre-se sempre de que todas as crianças devem ser fotografadas.

Encaminhe a leitura e a apreciação das fotos, seja na tela do aparelho, seja na versão impressa/revelada. Nesse momento, incentive o diálogo e o respeito à diversidade.

### *Relaxar e aproveitar, é só começar*

Para esta seção de relaxamento, diminua as luzes consideravelmente, sem deixar completamente escuro. Grande parte das crianças dessa faixa etária tem medo de escuro; esta é uma ótima oportunidade de conversar com elas sobre isso.

Organize a sala com almofadas e/ou colchonetes e elementos luminosos que instiguem o olhar, a atenção e a curiosidade dos pequenos (exemplos: lanterna, abajur, pisca-pisca ou adesivos de estrelas ou planetas que brilham no escuro). Faça isso sem a presença dos pequenos, para que eles sejam surpreendidos ao entrar na sala.

Convide as crianças a se acomodarem confortavelmente para escutar uma história. Acolha as que demonstrarem insegurança. Antes da leitura, converse com elas sobre as luzes, o escuro e o que elas estão enxergando; caso contrário, a história receberá muitas interferências, fruto da curiosidade infantil.

Depois da história, coloque músicas instrumentais tranquilas, para contribuir para o relaxamento dos pequenos.



Criança usando peruca para registro fotográfico

### *Você sabia?*

A quantidade de luz interfere na produção do hormônio responsável pelo sono, a melatonina. Quando a luminosidade está mais baixa, o cérebro eleva a produção da melatonina. É por isso que muitas pessoas, quando estão em um lugar escuro, têm vontade de bocejar e até mesmo de dormir.





A sugestão de tempo para a realização da *Sequência didática 3* é de aproximadamente **1 mês e meio**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que as crianças possuem ritmos diferentes e devem ser respeitadas em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez, ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!



Cantinho do olhar

### Sequência didática 3 – Visão e diversão: ação!

Esta sequência didática dá continuidade ao trabalho com a importância do olhar, agora com foco no olhar divertido, inusitado e da transformação. Por meio de lupas, lanternas, caleidoscópios, óculos com lentes coloridas e outros recursos, os pequenos vão descobrir um mundo com outras cores, cheio de detalhes e muito divertido!

#### *Recepção: momentos de muita atenção*

A recepção para esta seção didática é organizada por meio do Cantinho do olhar, o qual consiste em um lugar especial para a apreciação artística e para incentivar as diferentes maneiras de olhar. Esse pequeno espaço pode ser composto de móveis com obra de artes, telas emolduradas na parede, livros e revistas artísticas, álbum de fotos, binóculos, óculos com lentes coloridas, lanternas, caleidoscópios etc.

Para enriquecer o trabalho com esse cantinho, sugerimos reproduções de obras de fotógrafos de renome, como Sebastião Salgado, brasileiro considerado um dos maiores fotógrafos mundiais. Lembre-se de que, para o cantinho continuar atrativo, é preciso que ele seja renovado com frequência. A sugestão ao lado foi organizada com base em obras de arte expostas em discos de vinil.

Depois de as crianças terem explorado e se divertido no Cantinho do olhar, convide-as para uma brincadeira que consiste na construção de **estruturas para interações lúdicas e visuais**.

#### **Materiais**

Bastidores de madeira de diferentes tamanhos; papel-celofane em diferentes cores; retalhos de tecido; tesoura; fita de tecido ou barbante; suporte para móbile (cabides, bambolês ou ganchos no teto).

#### **Como fazer**

Posicione o papel-celofane nos bastidores utilizando, de preferência, uma cor de papel para cada bastidor. Prenda os bastidores ao suporte de móbile escolhido utilizando barbante ou fita de tecido, somente depois da exploração infantil.

Recorte os retalhos de tecido, compondo diferentes formas vazadas. Para isso, dobre o tecido em duas ou quatro partes e recorte pequenas formas, nos quatro lados e também no centro. Cada retalho de tecido pode ser recortado de uma maneira diferente. Abrindo o tecido, ele apresentará os recortes em criativas composições.



### Orientações para a brincadeira

Apresente a novidade à turma, incentivando a experimentação das cores e das transparências dos materiais. Proponha às crianças que peguem um pedaço de tecido e brinquem de olhar através de suas formas vazadas, bem como explorem os bastidores, enxergando os colegas e os objetos da sala em diferentes cores.

Depois desta experimentação, recolha os tecidos com formas vazadas, pois eles serão utilizados na seção *Meleca na mão é pura diversão*.

### Musicalizar e brincar

Agora, vamos resgatar as cantigas de roda, importante manifestação cultural que favorece a socialização, o gosto pela música e ainda desenvolve a oralidade, o ritmo, a coordenação motora, as noções de lateralidade, o equilíbrio, a atenção etc.

O primeiro passo para o planejamento desta seção é escolher um espaço amplo, que possibilite a movimentação infantil. Caso as crianças não estejam acostumadas com essa brincadeira, ensine-as a dar as mãos e a rodar no ritmo da canção. É normal que se desequilibrem. Com o tempo e a repetição da brincadeira, os pequenos desenvolverão equilíbrio e fluência.

Escolham uma cantiga e comecem a se movimentar na roda, acompanhando o ritmo da canção.

Crie estratégias para desenvolver a atenção infantil e a relação entre som e silêncio. Para isso, sugerimos a proposição de pausas em determinados trechos da canção, incentivando que, nesses momentos, as crianças coloquem a mão na cintura e mexam os quadris. Outras estratégias apreciadas pelas crianças são a mudança do sentido de rotação da roda ou do andamento do giro da roda: ora lento, ora rápido. Proponha ainda aos pequenos que dançam e encenem livremente enquanto escutam a cantiga de roda.

Depois que as crianças tiverem conhecido diferentes brincadeiras de roda, crie uma votação para eleger a preferida da turma.

Se possível, crie uma espécie de gráfico, utilizando os cartões com as fotos da chamada, construídos na seção *Recepção: momento de muita atenção* da sequência didática 1. Para isso, crie símbolos para ilustrar as opções de voto, por exemplo: desenho de uma margarida para ilustrar a cantiga *Onde está a margarida?*; de um trem para



Crianças brincando com tecido recortado e bastidor com celofane





Laura Munhoz Jordão  
2 anos e 9 meses

representar a canção *Trem de ferro*; e assim por diante. Oriente as crianças a posicionar suas fotos abaixo dos símbolos que representam seus votos.

Quando a cantiga preferida da turma for escolhida, que tal propor às crianças que ensinem outras turmas da creche a brincar com ela?

### *Estica, dobra e puxa*

A brincadeira desta seção possibilitará uma movimentação ampla e com locomoção. Para isso, será necessário o uso de lanternas de plástico (com foco grande), de preferência uma para cada professor da sala.

O objetivo é apresentar a lanterna aos pequenos, demonstrar sua iluminação e criar movimentos com a projeção, incentivando as crianças a "pegar" a luz projetada.

Se for organizar esta brincadeira em sala, deixe o espaço o mais livre possível, para evitar acidentes, e feche as cortinas para que a luz da lanterna fique mais evidente. Faça uma seleção de músicas, priorizando, por um lado, canções alegres e dançantes e, por outro, faixas mais calmas e relaxantes.

Demonstre aos pequenos o funcionamento da lanterna, permitindo-lhes tocar e manipular esse instrumento. Agora, coloque a seleção de músicas alegres e proponha aos pequenos "pegar" as luzes. Projete os feixes de luz no chão de maneira que as crianças consigam "pegá-los" e, depois, aumente os desafios projetando as luzes na parte baixa das paredes. O objetivo é incentivar diferentes movimentos corporais: agachar, engatinhar, arrastar, pular e até correr.

Durante a brincadeira, explore conceitos como "no alto", "embaixo", "lados", entre outros. Ressaltamos que esses conceitos devem ser trabalhados na prática, de maneira contextualizada e lúdica, por exemplo, incentivando as crianças a pular "mais alto" para alcançar os feixes de luz.

Altere a intensidade de mudança na posição da projeção dos feixes de luz das lanternas conforme o ritmo das músicas selecionadas. Por último, deixe as crianças brincarem livremente com as lanternas. Guarde-as, pois as lanternas serão utilizadas ainda nesta sequência didática, na seção *Relaxar e aproveitar: é só começar*.

### *Pirlimpimpim, conte para mim*

Provavelmente, as crianças ainda não conhecem um binóculo. Então, sugerimos a construção com sucata de um binóculo para cada criança, para que elas possam brincar e se apropriar, ludicamente, desse objeto.

Confira, a seguir, opções de construção para o **binóculo de rolinhos** (de papel higiênico) e o **binóculo de embalagens** (de iogurte).



### Materiais

2 bases de rolinhos de papel higiênico (para cada binóculo); riscantes para ornamentação; papel-celofane colorido; elástico de borracha; fita adesiva.

### Como fazer

Entregue dois rolinhos para cada criança, bem como os riscantes para elas ornamentarem. Com os rolinhos prontos, fixe um pedaço de celofane nas extremidades com o auxílio do elástico de borracha (como na imagem ao lado). Una os rolinhos com fita adesiva.

A parte sem o celofane é aquela em que a criança espiará; a parte com celofane dará o efeito colorido para tudo o que ela enxergar. Colocar um celofane de cada cor nas bases dos rolinhos oferece uma visão diferente e ainda mais divertida!



Binóculo feito com rolinho de papel higiênico

### Materiais

2 embalagens higienizadas do tipo geralmente usado para iogurte 180 g (para cada binóculo); estilete; adesivos para ornamentar; fita adesiva.

### Como fazer

Depois de higienizar e secar as embalagens, ofereça adesivos diversos para as crianças ornamentá-las. Sem a presença das crianças, recorte os fundos das garrafas com estilete. Verifique se não ficou nenhuma lasca ou ponta de plástico; caso as perceba, utilize uma lixa para removê-las. Una duas garrafinhas com fita adesiva e estará pronto mais um modelo de binóculo. Caso deseje, utilize também papel-celofane (como na sugestão anterior).



Binóculo feito com embalagem de iogurte

### Orientações para a brincadeira

Com os binóculos de brinquedo prontos, proponha um passeio na área externa da sala, durante o qual as crianças devem ser instigadas a observar diferentes detalhes: uma flor, um inseto, um brinquedo, as nuvens, a grama, a areia etc.

Incentive os pequenos a olhar uma mesma cena de duas maneiras: com o binóculo e sem o binóculo. Pergunte a eles como estão enxergando: Igual ou diferente? De que cor? Como preferem enxergar?

Depois do passeio, proponha um momento de conversa sobre a experiência. Incentive-os a falar sobre o que viram, do que gostaram e do que não gostaram.

Em seguida, peça que se acomodem confortavelmente pela sala para ouvir a declamação do poema *Bom de ver*, de Lalau e Laurabeatriz. Declame o poema à turma caprichando nas modulações e na entonação de voz.

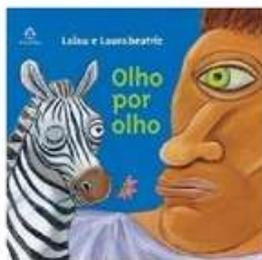
### Sinal de alerta

Proponha aos pequenos que usem os binóculos somente quando estiverem parados, uma vez que andar com o binóculo posicionado nos olhos pode ocasionar acidentes.



## 👁️ Você sabia?

O livro *Olho por olho*, de Laila e Laurabeatriz, da Editora Amarelly, reúne 11 poemas sobre a temática do olhar, todos acompanhados de belas e coloridas ilustrações.



Bom de ver  
Um amigo pela janela,  
Brigadeiro derretido na panela.  
O rabisco luminoso de um raio,  
Espigas de milho no balaio.  
Desenho animado na televisão,  
O vento levando bolhas de sabão.  
Cachorro brincando com bola,  
Festa Junina cheia de bandeirola.  
Um passarinho diferente,  
O sorriso da mãe da gente.



LALAU; LAURABEATRIZ. Bom de ver. In: \_\_\_\_ *Olho por olho*. Barueri: Amarelly, 2013.

## 🌸 Meleca na mão é pura diversão

Esta seção utiliza os retalhos dos tecidos recortados na seção *Recepção: momento de muita atenção*. A ideia é utilizar essas formas vazadas para criar marcas em suportes diferentes, como em papéis coloridos, paredes de azulejo (que possam ser limpas com facilidade) ou chão (do espaço externo da sala de referência e que possa receber interferências).

Para isso, é preciso fixar o tecido no suporte, prendendo suas pontas com fita adesiva. As marcas serão obtidas por meio de tinta guache atóxica e de esponjas.

Providencie vários pequenos pedaços de esponjas macias, medindo, em média, 5 cm x 5 cm. Depois de fixar os tecidos nos suportes e disponibilizar as esponjas e a tinta, organize as crianças em pequenos grupos e realize a experimentação em forma de rodízio. Demonstre aos pequenos como carimbar sobre as formas vazadas do tecido. Se eles preferirem, podem pintar com os dedinhos.

Dependendo da quantidade de tinta utilizada, ela poderá ultrapassar o tecido, manchando o suporte, além dos espaços vazados. Se isso acontecer, não se preocupe, porque a intenção da proposta não reside em criar formas reconhecíveis, mas, sim, em oportunizar mais uma experimentação sensorial, lúdica e estética.

Deixe a tinta secar e, cuidadosamente, retire as fitas adesivas que fixam o tecido ao suporte. Descarte o tecido e apresente as composições às crianças.

Organize uma exposição das pinturas feitas, incentivando o olhar atento e o respeito dos pequenos às próprias produções e também às produções dos colegas. Caso as pinturas tenham sido realizadas no chão ou nas paredes, sinalize esse local, chamando a atenção das pessoas para a intervenção artística criada pela turma.



## Pulimpimpim, conte para mim

Esta seção possibilita a construção de um **álbum de imagens** muito divertido que trabalha com a percepção visual, a imaginação e a criatividade infantil.

### **Materiais**

10 folhas de papel colorido de alta gramatura; 10 folhas de papel sulfite (para o recorte de formas vazadas); imagens impressas ou recortadas de revistas; cola; estilete; perfurador de papel; fita de tecido; lupa.

### **Como fazer**

Selecione, em média, dez imagens, grandes e próprias do universo das crianças (priorize imagens de animais, brinquedos ou pessoas). Cole as imagens em papéis de alta gramatura. Cada imagem deve ser colada em uma folha (o verso das folhas não deverá ser utilizado). Nas folhas de papel sulfite, recorte, com o estilete, formas vazadas (pequenos quadrados, retângulos ou losangos), mas atenção: recortar apenas uma ou duas formas vazadas em cada uma dessas folhas, em posições estratégicas, prevendo que esses recortes vão possibilitar às crianças enxergar partes das imagens, instigando-as a descobrir o que a imagem retrata quando vista por inteiro.

Organize as páginas do álbum intercalando, primeiro, uma folha de papel sulfite com as formas vazadas e, depois, a página com a imagem de revista. Prossiga com essa organização em todas as páginas. Crie uma capa para esse álbum, perfure todas as páginas na lateral esquerda e una-as com a fita de tecido. Assim, está pronto mais um álbum que instigará o olhar atento e a imaginação das crianças.

### **Orientações para a brincadeira**

Apresente o álbum aos pequenos em clima de suspense, incentivando-os a adivinhar a imagem por trás da página com o recorte vazado. Que tal utilizar uma lupa para enriquecer essa experimentação? Demonstre como utilizá-la focando os detalhes através das formas vazadas.

Acolha as hipóteses infantis e crie alternativas rimadas para prender a atenção das crianças, por exemplo: "O que será que é? Um jacaré ou um pé com chulé?". Depois de virar a página recortada, apresente a imagem inteira, falando o que ela realmente apresenta e instigue as crianças a expressar lembranças, pensamentos e sentimentos diante da imagem. Medie essa exploração várias e várias vezes, mas também permita às crianças manipular o álbum e realizar suas próprias leituras.



Álbum de imagens com páginas com recorte vazado



## 1, 2, 3 e já

Esta seção apresenta o trabalho com raciocínio lógico, classificação, identidade e imaginação dos pequenos. Conheça as **caixas malucas**.



### **Materiais**

Várias caixas de papelão do mesmo tamanho (o ideal é, em média, de 30 cm de altura); fotografias infantis impressas em tamanho real; tesoura; cola.

### **Como fazer**

Para as fotografias, retrate as crianças de corpo inteiro. Que tal propor que usem os recursos do Cantinho da fantasia (conforme a seção *Estica, dobra e puxa* da sequência didática 1) e façam diferentes poses para a foto? Providencie a impressão dessas fotos em tamanho real. As impressões podem ser feitas em empresas de comunicação visual.

Separe as caixas de papelão. Cada três caixas retratarão quatro crianças; dessa maneira, se na sala houver 16 crianças, serão necessárias 12 caixas. Recorte as fotos, dividindo-as em três partes: cabeça, tronco e pernas. Cada uma dessas partes deve ser colada em uma das faces de três caixas diferentes.

### **Orientações para a brincadeira**

As caixas podem ser arranjadas de diversas maneiras, criando composições "malucas": cabeça de uma criança, tronco de outra e pés de uma terceira. Incentive os pequenos a montar as caixas com os arranjos corretos (a cabeça, o tronco e as pernas da mesma criança), mas também a criar diferentes composições. Lance desafios de composição e classificação para a turma, por exemplo: "Montem as caixas com a cabeça da Luiza, com o tronco do Francisco e com os pés da Cecília".

As crianças vão se divertir empilhando e derrubando as caixas. O objetivo pode ser alcançado também com uma alternativa à impressão em tamanho real. Faça composições menores utilizando caixas de sapatos ou de alimentos e impressões proporcionais ao tamanho das caixas. Se mesmo assim não for possível obter as fotos, utilize essa estratégia substituindo as fotos por desenhos ou por imagens recortadas de revistas. Você pode criar as "caixas dos animais" seguindo a mesma lógica, por exemplo: cabeça de um cachorro retratada em uma caixa; corpo do cachorro em outra; e pernas do cachorro na terceira caixa.



## Espelho, espelho meu

Esta seção traz novidades divertidas para serem trabalhadas em frente ao espelho: disfarces!

Separe alguns itens do Cantinho da fantasia e coloque dentro de uma caixa baixa (o tamanho deve ser adequado para as crianças manipularem os itens que estiverem dentro dela com autonomia). Sugere-mos: óculos coloridos, tecidos e chapéus. Posicione essa caixa em frente ao espelho.

Antecipadamente, confeccione ilustrações divertidas de olhos, narizes, bocas e bigode. Com fita adesiva, fixe um palito de madeira sem pontas ou um canudinho grosso de plástico atrás das ilustrações criadas.

Outra opção é disponibilizar papéis variados, pedaços de fios de lã, riscantes diversos e cola branca atóxica para a composição de diferentes e divertidas máscaras.

Convide as crianças a se disfarçarem, criando composições "malucas". Se necessário, auxilie-as na colocação dos acessórios. Incentive os pequenos a se olharem disfarçados no espelho e a criar diferentes caretas e expressões corporais. Valorize as composições feitas por eles.

Que tal organizar um desfile das crianças disfarçadas? Os convidados podem ser os familiares e as outras crianças da creche. Lembre-se de registrar, em fotos, mais esse momento especial.

## Estica, dobra e puxa

Esta seção propõe uma brincadeira tradicional e muito apreciada pelas crianças: o esconde-esconde.

De preferência, realize essa brincadeira com a participação de dois professores. Um dos professores deve contar, pausadamente, até 10 ou mais, enquanto o outro deve ficar com as crianças, incentivando-as a se esconderem e a se manterem escondidas.

Depois da contagem, anuncie: "Lá vou eu!". Então, procure as crianças e vá narrando algumas de suas ações: "Eu vou procurar a Joana. Joana, cadê você? Não estou vendo você!". O outro professor deve incentivar a criança a esperar, sem fazer barulhos. Quando achar as crianças, comemore e tente pegá-las. O outro professor deve incentivá-las a fugir correndo.

Esta é uma brincadeira que deve ser realizada com frequência e intencionalidade em vários momentos, até a criança internalizar as regras e sequências. Com o tempo, proponha variações, como uma das crianças contar (à maneira dela) e achar, por meio do olhar atento, os professores e os colegas.



Máscara de bigode e boca



Máscara feita com papéis, lã, riscantes e cola

## Você sabia?

A princípio, a brincadeira de esconde-esconde pode parecer simplória, mas ela desenvolve importantes habilidades nas crianças. Confira alguns dos benefícios.

### **Construção da noção de tempo**

Escutar a contagem enquanto se esconde demonstra o conceito de tempo para a criança, pois ela precisa esperar, enquanto não é encontrada, bem como perceber que sua espera termina depois de certo período.

### **Compreensão de sequências**

A brincadeira de esconde-esconde é composta de etapas: planejar onde se esconder; esconder-se; esperar a contagem terminar e ser encontrado; fugir da pessoa que está contando. A repetição dessa brincadeira ensina aos pequenos a sequência e a ordem dos eventos.

### **Diminuição da ansiedade da separação**

Crianças pequenas ficam ansiosas quando não conseguem ver o seu adulto de referência. Brincar de esconde-esconde ensina que pode ser divertido ter o adulto, por pouco tempo, fora de sua visão. Isso gera uma sensação de controle e poder, o que diminui a ansiedade de separação.

CAVE, Simone; FERTLEMAN, Caroline. *Brincadeiras criativas para bebês inteligentes*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.



## Relaxar e aproveitar, é só começar

Esta seção de relaxamento usa instrumentos que possibilitam a visualização de imagens belas e coloridas: lanternas e caleidoscópios.

As lanternas (já utilizadas na seção *Estica, dobra e puxa*) serão preparadas de maneiras diferentes. Para o primeiro modelo, tampe o foco da lanterna com um pedaço de papel-celofane, fixando-o com fita adesiva. A outra lanterna deve ser preparada com um pedaço de papel-cartão preto, recortado em forma redonda, do mesmo tamanho que o foco da lanterna, a fim de tampá-lo. No centro desse círculo, recorte, com o estilete, uma forma vazada (lua, triângulo ou estrela). Fixe o círculo com a forma vazada no foco da lanterna, com fita adesiva.

Com as lanternas prontas, convide as crianças para descansar. Feche as cortinas enquanto elas se acomodam confortavelmente nos colchonetes e/ou nas almofadas. Coloque uma seleção de músicas calmas e suaves.

Cada professor deve ficar com uma lanterna e projetar o feixe de luz no teto, incentivando as crianças a observar o movimento lento das luzes e a ficar em silêncio enquanto relaxam e escutam as músicas selecionadas.

Em outro momento, organize o relaxamento por meio da manipulação de caleidoscópios. Para isso, será preciso disponibilizar esses instrumentos, um por criança. Se não for possível, realize esta proposta em pequenos grupos ou duplas.

Caso você não encontre caleidoscópios em sua região, construa um brinquedo similar com materiais recicláveis. Veja como construir dois modelos: **caleidoscópio com régua** e **caleidoscópio com tubo de papelão**.



Caleidoscópio feito com régua

### Materiais

3 régua pequenas de acrílico e transparentes; um círculo de papel vegetal, medindo 6 cm de diâmetro; canetas coloridas permanentes e/ou giz de cera; fita adesiva transparente; plástico adesivo colorido ou fita adesiva colorida (na cor preta, de preferência, ou outra cor escura).

### Como fazer

Solicite às crianças que decorem o círculo de papel vegetal com as canetas e/ou o giz. Faça um prisma de base triangular com as três régua, unindo-as com a fita adesiva. Em seguida, cubra



toda a extensão do prisma com o plástico adesivo colorido ou com a fita adesiva colorida. É importante não restarem transparências. Tampe uma das extremidades do prisma com o papel vegetal decorado usando a fita adesiva transparente.

Enquanto as crianças estiverem espiando o caleidoscópio pelo lado aberto, explique que, ao bater levemente o dedinho no papel vegetal fixado do outro lado do prisma, novas formas são criadas.

### **Materiais**

Tubos de papelão (rolos de papel higiênico, papel-toalha ou outros); riscantes; papel-cartão laminado prata; fita adesiva transparente.

### **Como fazer**

Distribua os tubos de papelão e os riscantes para que as crianças personalizem os materiais. Em outra oportunidade, longe da presença infantil, dobre em formato triangular um pedaço do papel-cartão laminado para cada tubo, de maneira que crie um prisma (mesmo formato obtido com a junção das régua no caleidoscópio anterior), da mesma medida do interior do tubo de papelão. A face laminada do papel deve ficar para dentro. Encaixe o prisma feito com papel-cartão laminado dentro do tubo de papelão.

Quando as crianças olharem pelas aberturas dos tubos e os girarem, o efeito das imagens será similar ao de um caleidoscópio.

### **Orientações para a brincadeira**

Leve as crianças para a área externa da sala e organize colchonetes para elas deitarem confortavelmente. Apresente o brinquedo para a turma, demonstrando como usá-lo (de acordo com o modelo). Converse com as crianças sobre as formas e as cores visualizadas, incentivando-as a descrever o que veem e sentem.

Convide alguns pequenos para deitar em seu colo e, enquanto se divertem e relaxam olhando as formas criadas pelo caleidoscópio, faça um delicioso cafuné. Lembre-se de que todas as crianças precisam ganhar cafuné!

### **⚠ Sinal de alerta**

Proponha aos pequenos que usem os caleidoscópios somente quando estiverem parados, uma vez que andar com este brinquedo posicionado nos olhos pode ocasionar acidentes.



Caleidoscópio feito com tubo de papelão



CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO – BNCC	ONDE ENCONTRAR? BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES
O eu, o outro e o nós	Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 3.1.
	Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.	Chamada; brincadeiras com massinha de modelar; brincadeiras envolvendo relações entre o corpo das crianças, suas roupas e seus acessórios; quebra-cabeça de pedras com partes do rosto; contorno do corpo no papelão; todas as propostas das seções <i>Espelho, espelho meu</i> e <i>Relaxar e aproveitar, é só começar</i> ; Cantinho da fotografia; confecção de livro com fotografias das crianças; propostas de fotografar; Cantinho do olhar; brincadeira a partir de álbum de imagens; composições com caixas e fotografias em tamanho real; brincadeira de esconde-esconde; confecção de máscaras.
	Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 3.1.
	Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 3.1.
	Habituar-se a práticas de cuidado com o corpo, desenvolvendo noções de bem-estar.	Interações de rotina: uso do banheiro, higiene das mãos e do rosto – aprender a limpar seu próprio nariz, vesti-se e despir-se conforme o tempo; todas as propostas das seções <i>Relaxar e aproveitar, é só começar</i> .
	Respeitar regras básicas de convívio social nas interações e brincadeiras.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 3.1.
	Valorizar a diversidade ao participar de situações de convívio com diferenças.	Chamada; quebra-cabeça de pedras com partes do rosto; brincadeiras envolvendo relações entre o corpo das crianças, suas roupas e seus acessórios; contorno dos corpos em papelão; Cantinho da fantasia; todas as propostas das seções <i>Espelho, espelho meu</i> e <i>Relaxar e aproveitar, é só começar</i> ; Cantinho da fotografia; seção <i>Musicalizar e brincar (ritmo do coco)</i> ; propostas de fotografar; Cantinho do olhar; seção <i>Musicalizar e brincar (cantigas de roda)</i> ; composições com caixas e fotografias; confecção de máscaras.
	Resolver conflitos nas interações e brincadeiras, com a orientação de um adulto.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 3.1.
Corpo, gestos e movimentos	Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.	Interações de rotina; canções e cantigas <i>A pulguinha, A formiguinha, Cabeça, ombro, joelho e pé</i> ; explorar diferentes movimentos utilizando fantasias; todas as propostas das seções <i>Espelho, espelho meu</i> e <i>Relaxar e aproveitar, é só começar</i> ; brincadeira <i>Meu mestre mandou</i> ou <i>Macaco Simão</i> ; seção <i>Musicalizar e brincar (cantigas de roda)</i> ; brincadeira de esconde-esconde.
	Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.	Canções e cantigas <i>A pulguinha, A formiguinha, Cabeça, ombro, joelho e pé</i> ; explorar diferentes movimentos utilizando fantasias; brincadeira <i>Meu mestre mandou</i> ou <i>Macaco Simão</i> ; seção <i>Musicalizar e brincar (cantigas de roda)</i> ; brincadeiras com lanterna.
	Fazer uso de suas possibilidades corporais, ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.	Brincar livre; canções e cantigas <i>A pulguinha, A formiguinha, Cabeça, ombro, joelho e pé</i> ; explorar diferentes movimentos utilizando fantasias; brincadeira <i>Meu mestre mandou</i> ou <i>Macaco Simão</i> ; seções <i>Musicalizar e brincar (ritmo do coco e cantigas de roda)</i> ; brincadeiras com lanterna; brincadeira de esconde-esconde.
	Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.	Interações de rotina: higiene, alimentação, vestir-se e despir-se; brincadeira “vesti o boneco”; cantinho da fantasia; todas as propostas das seções <i>Relaxar e aproveitar, é só começar</i> .
	Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc.	Canções e cantigas <i>A pulguinha, A formiguinha, Cabeça, ombro, joelho e pé</i> ; brincadeiras envolvendo relações entre o corpo das crianças, suas roupas e seus acessórios; explorar diferentes movimentos utilizando fantasias; brincadeira <i>Meu mestre mandou</i> ou <i>Macaco Simão</i> ; seção <i>Musicalizar e brincar (ritmo do coco e cantigas de roda)</i> ; brincadeiras com lanterna; brincadeira de esconde-esconde.
	Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.	Brincar com massinha de modelar; desenhar no quebra-cabeça de pedras; desenhar o contorno do corpo; construção de câmera fotográfica; todas as propostas da seção 1, 2, 3 e <i>Já</i> ; confecção de objetos sonoros, binóculos e máscaras.



CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO - BNCC	ONDE ENCONTRAR? BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES
Traços, sons, cores e formas	Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.	Canções e cantigas <i>A pulguinha, A formiguinha, Cabeça, ombro, joelho e pé</i> ; seções <i>Musicalizar e brincar</i> (ritmo do coco e cantigas de roda).
	Utilizar diferentes materiais, suportes e procedimentos para grafar, explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes.	Desenho de rosto com canetinha no acetato, desenho com canetinha ou giz de cera em pedras, contorno do corpo com giz de quadro no papelão; propostas de fotografar; pintura com tinta guache em tecidos vazados.
	Expressar-se por meio de linguagens como a do desenho, da música, do movimento corporal, do teatro.	Desenho de rosto com canetinha no acetato; desenho com canetinha ou giz de cera em pedras; contorno do corpo com giz de quadro no papelão; canções e cantigas <i>A pulguinha, A formiguinha, Cabeça, ombro, joelho e pé</i> ; explorar diferentes movimentos utilizando fantasias; dramatização da história <i>Chapeuzinho Vermelho</i> ; brincadeira <i>Meu mestre mandou</i> ou <i>Macaco Simão</i> ; seção <i>Musicalizar e brincar</i> (ritmo do coco e cantigas de roda); propostas de fotografar; brincadeiras com lanterna; confecção de máscaras.
	Utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	Canções e cantigas <i>A pulguinha, A formiguinha, Cabeça, ombro, joelho e pé</i> ; seção <i>Musicalizar e brincar</i> (ritmo do coco e cantigas de roda).
	Imitar e criar movimentos próprios, em danças, cenas de teatro, narrativas e músicas.	Canções e cantigas <i>A pulguinha, A formiguinha, Cabeça, ombro, joelho e pé</i> ; dramatização da história <i>Chapeuzinho Vermelho</i> ; brincadeira <i>Meu mestre mandou</i> ou <i>Macaco Simão</i> ; seções <i>Musicalizar e brincar</i> (ritmo do coco e cantigas de roda).
Oralidade e escrita	Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.	Interações de rotina; chamada; desenho de expressões faciais no acetato; todas as propostas da seção <i>Espelho, espelho meu</i> ; cantinho da fotografia; propostas de fotografar; cantinho do olhar; propostas com binóculos; brincadeira de adivinhação a partir de álbum de imagens; composições com caixas e fotografias; confecção de máscaras; brincadeiras com prismas.
	Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e alterações em cantigas de roda e textos poéticos.	Canções: <i>A pulguinha, A formiguinha, Cabeça, ombro, joelho e pé</i> ; seção <i>Musicalizar e brincar</i> : cantigas de roda; Poema: <i>Bom de ver</i> , de Lalau e Laurabeatriz.
	Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).	Seções <i>Pirlimpimpim</i> , conte para mim.
	Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.	Seções <i>Pirlimpimpim</i> , conte para mim, foco para o conto <i>Chapeuzinho Vermelho</i> .
	Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.	Interações de rotina; seções <i>Pirlimpimpim</i> , conte para mim; cantinho do olhar.
	Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas seções <i>Pirlim pim pim</i> , conte para mim
	Manusear diferentes portadores textuais, demonstrando reconhecer seus usos sociais e suas características gráficas.	Cartões de chamada; cartaz da receita de massinha de modelar; seções <i>Pirlimpimpim</i> , conte para mim; cantinho do olhar.
	Ampliar o contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala, cardápios, notícias etc.).	Cartões de chamada; receita de massinha de modelar; seções <i>Pirlimpimpim</i> , conte para mim; cantinho do olhar; cantigas de roda.



CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO – BNCC	ONDE ENCONTRAR? BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES
	Manusear diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos.	Canetinhas, giz de cera, giz de quadro, tinta, pincéis, esponjas, folhas de papel, acetato, papelão, pedras etc.
	Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (sonoridade, textura, peso, tamanho, posição no espaço).	Confeção e brincadeiras de massinha de modelar; quebra-cabeças de pedras com partes do rosto; contorno do corpo no papelão; interações em frente ao espelho; todas as propostas da seção 1,2,3 e já; construção de câmera fotográfica; confecção de objetos sonoros; propostas de fotografar; cantinho do olhar; propostas de olhar por tecidos vazados em diferentes formatos e bastidores com celofane; confecção de binóculos; brincadeira de adivinhação a partir de álbum de imagens; composições com caixas e fotografias.
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).	Interações de rotina; observação do tempo para saber quais roupas e acessórios utilizar e também se é possível brincar no espaço externo; propostas de fotografar; brincadeiras com lanterna, binóculos e prismas.
	Identificar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois).	Brincadeiras com massinha de modelar; quebra-cabeças de pedras com partes do rosto; contorno do corpo no papelão; interações em frente ao espelho; monóculos de garrafa de PET; todas as propostas da seção 1,2,3 e já; construção de câmera fotográfica; confecção de objetos sonoros; propostas de olhar por tecidos vazados em diferentes formatos e por bastidores com celofane; brincadeiras com lanterna; brincadeiras com binóculos; composições com caixas e fotografias; brincadeira de esconde-esconde.
	Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).	Brincadeiras envolvendo relações entre os corpos das crianças, suas roupas e acessórios; quebra-cabeças de pedras com partes do rosto; contorno do corpo no papelão; cantinho da fantasia; todas as propostas da seção 1,2,3 e já; brincadeira de adivinhação a partir de álbum de imagens; composições com caixas e fotografias.
	Analisar situações-problema do cotidiano, levantando hipóteses, dados e possibilidades de solução.	Chamada; brincadeiras com massinha de modelar; todas as propostas da seção 1,2,3 e já; confecção de objetos sonoros; olhar por tecidos vazados em diferentes formatos e bastidores com celofane; brincadeiras com lanterna; brincadeira de adivinhação a partir de álbum de imagens; composições com caixas e fotografia; brincadeira esconde-esconde; confecção de máscaras.
	Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).	Chamada; confecção da massinha de modelar; brincadeiras com fantasias imitando o ritmo do movimento; brincadeiras com fantasias; brincadeira <i>Meu mestre mandou ou Macaco Simão</i> ; seções <i>Musicalizar e brincar</i> ; <i>ritmo do coco</i> e <i>cantigas de roda</i> .
	Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.	Interações e brincadeiras de rotina; chamada; receita de massinha de modelar; contar as peças dos quebra-cabeças e caixas da seção 1,2,3 e já; brincadeira de esconde-esconde.
	Registrar com números a quantidade de crianças (meninas e meninos, presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas, livros etc.).	Chamada.





### 3.2 Terra, ar, fogo e água: elementos essenciais para o brincar

O brincar é a linguagem universal da infância. Segundo Falk (2011, p. 42), “a criança não brinca, vive”. Essa afirmação demonstra que o brincar e o viver são intrínsecos, algo tão natural para a criança que ela não os diferencia.

Como abordado no Capítulo 1, as crianças têm o direito de brincar previsto em inúmeros documentos legais e os professores de Educação Infantil têm o dever de resguardar esse direito.

Portanto, este item foi planejado e escrito para proporcionar experiências brincantes que respeitem a cultura da infância e auxiliem na formação do protagonismo infantil.

Nas sequências didáticas descritas a seguir, serão utilizados elementos da natureza – terra, ar, fogo e água – como fontes de experiências, investigações, descobertas e oportunidades para possibilitar o contato com a natureza e potencializar a brincadeira, a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Você deve estar se perguntado: Fogo? É isso mesmo? Afinal, fogo e criança são uma combinação muito perigosa! Mas calma, apesar de o fogo exercer um verdadeiro fascínio nas crianças (um exemplo disso é o assoprar das velas de bolo de aniversário), a abordagem que daremos a esse elemento será a do calor e da luz (e sombra).

Você também pode ter ficado intrigado com a escolha da água como tema de uma sequência didática brincante. Isso porque a crise hídrica mundial se agrava a cada dia e não devemos tolerar nenhum tipo de desperdício. Portanto, a abordagem inicial que daremos a essa temática será a da conscientização e redução, para, depois, possibilitarmos um contato lúdico com esse elemento.

A escolha dos quatro elementos como foco de trabalho se justifica pela importância de responder às demandas naturais da curiosidade infantil, bem como pela necessidade de proporcionar aos pequenos oportunidades de observar, experimentar, analisar e compreender (nem que seja inicialmente) tudo o que os cerca.

A materialidade do brincar (água, terra, fogo e ar) abre caminhos que desembocam na substancialidade do imaginar. As matérias da brincadeira alcançam os sentidos da criança como o arco, as cordas do violino. Produz efeito esse encontro, um riquíssimo espectro de impressões e sentidos. (PIORSKI, 2016, p. 161-162)

A estrutura das sequências didáticas deste item não é fixa, podendo ser alterada conforme as especificidades climático-meteorológicas. Assim, a sequência que





A sugestão de tempo para a realização da **Sequência didática 4** é de aproximadamente **1 mês e meio**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que as crianças possuem ritmos diferentes e devem ser respeitadas em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez, ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!



Cantinho do trânsito

aborda a água poderá ser trabalhada, nas regiões frias, no período do ano em que a temperatura estiver mais elevada.

Fica o convite para estudar, planejar e proporcionar aos pequenos um ambiente rico em sensações, descobertas, desafios e muita, muita brincadeira.

Seja bem-vindo ao fantástico mundo dos elementos!

## Sequência didática 4 – Terra: brincadeira à vista!

Esta sequência didática aborda o elemento natural terra. Para tanto, as brincadeiras oportunizam o contato com o chão, com a investigação, com o gosto pelas descobertas e com o despertar da curiosidade.

### *Recepção: momento de muita atenção*

Como é a recepção das crianças no início da jornada? Os cantinhos continuam sendo utilizados? Quais são os mais apreciados pelas crianças da turma? E os menos procurados? Com que periodicidade os cantinhos transitórios são modificados?

Para diversificar, sugerimos mais dois cantinhos, que possibilitam diferentes movimentos corporais, como agachar-se, sentar-se, ajoelhar-se e rastejar, bem como a aproximação com o chão, o contato com o elemento terra.

Primeiramente, conheça o **Cantinho do trânsito**.

#### **Materiais**

Fita adesiva colorida; fita-crepe; tesoura; caixa de papelão; papéis diversos; caixinhas de embalagens de diferentes tamanhos; carrinhos de brinquedo.

#### **Como fazer**

Cole as fitas adesivas e os papéis no chão, em um cantinho reservado da sala, de maneira a simular caminhos, como avenidas e ruas. As caixas de papelão e as de embalagem podem representar rampas, túneis e estacionamento para os carrinhos.

#### **Orientações para a brincadeira**

Com o cenário pronto, disponha os carrinhos sobre os caminhos. Convide as crianças para a brincadeira e mostre-lhes que os carrinhos devem andar entre os limites do cenário montado. Demonstre que, se elas se abaixarem (agachando, sentando, ajoelhando e/ou rastejando), ficando mais próximas do chão, será mais fácil manipular os carrinhos.



Durante a brincadeira, explore conceitos relacionados à segurança no trânsito. Acrescente ou suprima elementos do cenário, conforme o interesse e a curiosidade infantil. Que tal propor às crianças mais velhas a confecção de placas de trânsito para o cantinho? Lembre-se de explorar a relação entre símbolo e significado.

Apresentamos agora a sugestão para o **Cantinho da fazenda**.

### **Materiais**

Caixa plástica ou bacia grande; terra; pedras grandes; folhas secas; palitos de sorvete com pontas arredondadas; imagens de animais terrestres (sugerimos os típicos de fazenda, como cavalo, vaca e porco); prendedores de roupa.

### **Como fazer**

Faça a seleção dos materiais, se possível com o auxílio das crianças. Depois, encha a caixa de terra, de modo que ela fique firme e compacta dentro do recipiente. Disponha as pedras e as folhas sobre a terra. Em seguida, insira alguns palitos na terra, simulando cerquinhas. Por último, coloque os animais de brinquedo.

Esse cantinho deve ser disposto em um lugar da sala em que a limpeza possa ser rápida e fácil, pois as crianças podem derrubar um pouco de terra no chão.

### **Orientações para a brincadeira**

Depois que os pequenos já tiverem explorado esse cantinho, sentido a textura da terra, das pedras e das folhas e criado diferentes posições para as cerquinhas e brinquedos, apresente-lhes os novos personagens.

Para isso, recorte as imagens dos animais. No lugar das pernas, serão usados prendedores de roupas (dois prendedores para cada animal) para que os animais fiquem de pé. As crianças maiores podem prender os grampos sozinhas.

Converse com as crianças sobre os animais ilustrados: nome, como se locomovem, cores, revestimento do corpo, onde vivem, o que comem, sons produzidos etc. Brinquem de imitar os sons produzidos por esses animais, assim como a forma de se locomoverem.

Após as crianças terem explorado bastante esses brinquedos, envie-os para casa, para que a brincadeira continue. Informe aos familiares a temática que está sendo trabalhada e a importância de eles também incentivarem brincadeiras simples, privilegiando o contato com terra, areia, pedras grandes, folhas etc. em casa.



Animais de fazenda feitos com prendedores de roupas para o Cantinho da fazenda



*Maite Moraes Amatiutti*  
3 anos e 3 meses



## Meleca na mão é pura diversão

Esta seção apresenta duas propostas de trabalho, a serem realizadas em dias distintos. Leia as orientações a seguir e decida qual delas será feita primeiro.

Selecione um local em que as crianças possam explorar um riscante natural muito atrativo: a "tinta da terra". Priorize um lugar que possa ser higienizado com facilidade, onde o piso não seja escorregadio. Sugerimos mesinhas colocadas na área externa ou em um pátio coberto. Em seguida, providencie um recipiente com terra e outro com um pouco de água.

A proposta deve ser realizada em pequenos grupos, em forma de rodízio e com pelo menos dois professores. Apresente a terra aos pequenos, permitindo que a manipulem à vontade. Depois, sugira que misturem, em cima das mesinhas, a terra com a água, produzindo uma combinação que possibilite à turma desenhar na superfície e criar marcas com a ponta dos dedinhos e com a mão inteira.

Conversem sobre a textura dessa mistura nas mãos, enquanto a terra estiver molhada e quando ela for secando e enrijecendo.

Lembre-se de que todas as crianças devem ter a oportunidade de brincar com a "tinta da terra". Logo após a experimentação, será necessário que um dos professores acompanhe as crianças, individualmente, para auxiliá-las na higienização.

A segunda proposta desta seção requer o uso de argila. Providencie argila maleável em quantidade suficiente para que cada criança da sala possa explorar o material com liberdade.

Selecione materiais que imprimam texturas e marcas sobre a argila, como régua de plástico, folhas de árvores de diferentes tamanhos e formatos, tampas de potes de alimentos, pedaços de conduíte, carrinhos de brinquedo, pentes descartáveis, entre outros.

Forre o chão com plástico ou com um grande papel bobina e proponha aos pequenos que sentem ao redor. Distribua, inicialmente, uma bola de argila úmida para cada criança (do tamanho médio da mãozinha infantil aberta). Incentive os pequenos a amassar e modelar a argila livremente.

Em seguida, disponha, no centro do plástico ou do papel bobina, os materiais para a criação de marcas e texturas. Demonstre aos pequenos as diferentes possibilidades dessa brincadeira e incentive a troca de materiais e de argila entre eles.

Caso as crianças precisem de mais argila, disponibilize-a. Identifique as produções infantis e deixe-as secar (o que pode levar dias).



Crianças brincando com "tinta da terra"

### Você sabia?

A argila é um material natural, também conhecido como barro, composto de minúsculas partículas de minerais, que quando misturadas à água, ganham maleabilidade. O uso da argila pelas crianças desenvolve a sensibilidade tátil e estética, a coordenação motora, a compreensão de conceitos de tridimensionalidade e, ainda, alivia a tensão, relaxando os pequenos.



Depois, apresente-as aos pequenos e conversem sobre as diferenças entre as texturas do material seco e úmido e sobre a experiência de brincar com argila. Tome cuidado para a produção não quebrar.

Se possível, leve diferentes peças de argila para as crianças conhecerem. Sugerimos também a apresentação de imagens de esculturas de argila, como as obras de Mestre Vitalino, considerado o maior ceramista popular de nosso país.

Que tal organizar uma exposição das peças de argila para que os familiares das crianças, os funcionários e outras crianças da creche possam conhecer as ricas possibilidades de trabalho com esse material natural?

### Estica, dobra e puxa

Para trabalhar o movimento, sugerimos, nesta seção, a construção de um brinquedo simples que possibilita a exploração do espaço em nível baixo (no chão), por meio de movimentos corporais, como puxar, arrastar, andar e correr.

#### **Materiais**

Caixas de leite ou de sapatos vazias; barbante; fita adesiva larga; fita adesiva colorida; papel colorido; canetinhas coloridas atóxicas; giz de quadro.

#### **Como fazer**

Com antecedência, faça uma campanha para angariar caixas vazias. Cada criança deverá ter a sua caixa. Faça dois furos em uma das laterais menores da caixa, passe o barbante pelos furos e amarre-o firmemente para não escapar. Feche as caixas com fita adesiva larga. Essas caixas poderão ser encapadas com papel resistente e personalizadas com canetinhas coloridas atóxicas pelas crianças.

#### **Orientações para a brincadeira**

Mostre aos pequenos que as caixas podem virar carrinhos se puxadas pelo barbante. Eles gostarão de experimentar a nova brincadeira! Para que fique mais divertida, crie uma estrada de faz de conta, com fita adesiva colorida ou riscos de giz de quadro no chão.

Incentive as crianças a passear pelo caminho com o novo brinquedo. Crie consignas associadas ao tempo (lento, normal e rápido), como: "Vamos andar mais rápido!"; "Agora, buzinem"; "Freiem, precisamos ficar parados!"; "Já podemos voltar a andar".

Possibilite momentos em que as crianças possam puxar os carrinhos de maneira autônoma, explorando novos caminhos e desafios e reconhecendo as diferenças do solo em que pisam e brincam (terra, gramado, calçada, areia etc.).



SANTOS, Vitalino Pereira dos. *Novos a cavalo*. [s.d.]. Cerâmica.



Crianças brincando de puxar carrinhos feitos de caixas de leite





Nicélas Lúdero  
Castellar Bonato  
3 anos e 5 meses

Às vezes, a criança não deixa a caixa deslizando no chão, pois não percebe que seu braço precisa ficar abaixado. Coloque um pouco de areia dentro da caixa para que fique mais pesada ou deixe o barbante bem comprido, assim o carrinho dificilmente "sairá voando".

### *Purlimpimpim, comite para mim*

Sugerimos aqui o trabalho com a terra de uma maneira simbólica: a relação de pertencimento a uma localidade e à sua cultura. Para tanto, propomos o resgate e a recitação de parlendas, o que desenvolve a oralidade, o sentido de pertencimento ao grupo, a interação e também ampliação do repertório cultural dos pequenos.

Em um primeiro momento, apresente à turma a parlenda *Cadê o toucinho que estava aqui?*, da cultura popular brasileira.

#### *Cadê o toucinho que estava aqui?*

O gato comeu.

Cadê o gato?

Foi pro mato.

Cadê o mato?

O fogo queimou.

Cadê o fogo?

A água apagou.

Cadê a água?

O boi bebeu.

Cadê o boi?

Amassando trigo.

Cadê o trigo?

O passarinho comeu.

Cadê o passarinho?

Voou!

Por aqui, por aqui, por aqui!

Cultura popular

Brinquem mediante as perguntas e as respostas sugeridas pelos versos, bem como criando gestos para a parlenda, e, no final dela, quando o verso sugere que o passarinho "voou por aqui", proponha um divertido momento de cócegas coletivas.

Crie um cartaz com a letra da parlenda e convide a turma para ilustrá-lo. Exponha-o no campo visual dos pequenos.

Apresente às crianças algumas parlendas conhecidas na comunidade em que a creche se insere. Que tal criar uma coletânea da turma, em formato de livro, com esses versos? Envolve os familiares das crianças, solicitando o envio de sugestões desses versinhos rimados, de fácil memorização, usados em brincadeiras infantis; dê alguns exemplos de parlendas, para facilitar a tarefa da família.

Sugerimos que as crianças escolham, por meio de voto, quais parlendas vão compor o livro e que ilustrem as suas páginas. Com o livro pronto, encaminhe-o, em forma de rodízio, para a casa de todas as crianças, para a apreciação do trabalho desenvolvido em parceria.



As crianças também podem ser convidadas a registrar, por meio de desenhos, a sua parlenda preferida. Para isso, distribua papéis coloridos e diferentes riscantes.

## 1, 2, 3 e já

A proposta agora é a confecção de um **móvil externo** que desenvolve, de maneira lúdica, conceitos de raciocínio lógico, além de propiciar o contato com a natureza.

### **Materiais**

Caixas de leite vazias e higienizadas, cortadas ao meio e perfuradas (como nas fotos ao lado); baldinhos de plástico (próprios para brincadeiras na areia); elástico grosso de tecido; tesoura; corda ou barbante grosso; terra; pedras grandes; folhas; areia.

### **Como fazer**

Amarre uma corda (bem firme e esticada) entre duas árvores ou nas estruturas disponíveis na área externa. Passe o elástico nos furos das caixas de leite e amarre-o na corda, faça o mesmo com os baldinhos, só que passando o elástico pelas alças.

### **Orientações para a brincadeira**

Aproveite um lindo dia de sol e um horário adequado para a realização desta proposta. Separe os demais materiais solicitados (as crianças poderão recolher a terra, a areia e as folhas da área externa; já as pedras devem ser selecionadas por você, com antecedência – escolha pedras grandes, que não possam ser engolidas). Converse sobre as características dos materiais recolhidos: textura, forma, peso, cheiro etc.

Sem a presença das crianças, construa a estrutura do móvil. Convide-as para um passeio na área externa e apresente a novidade. A brincadeira consiste em encher os baldinhos e as caixas com os diferentes materiais (pedras, areia, terra, folhas e até mesmo brinquedos).

Os pequenos vão se divertir ao descobrirem que, conforme colocam os materiais dentro dos recipientes, eles vão “descendo”, em função do peso exercido no elástico. Essa “balança de brinquedo” pode ser o propulsor de muitas descobertas e aprendizagens de alguns conceitos importantes (dentro, fora, em cima, embaixo, leve, pesado, cheio, vazio etc.).

Possibilite aos pequenos que explorem à vontade e participe da proposta, problematizando situações e brincando com eles.



Recorte da caixa de leite



Perfuração lateral da caixa de leite



Crianças brincando no móvil externo



Para continuar o trabalho de exploração do solo, sugerimos mais duas propostas para serem realizadas no espaço externo, no jardim/na horta.

Caso a creche não tenha esse espaço, será preciso providenciar, antecipadamente, folhas, flores e sementes secas. Converse com a Coordenação/Direção para solicitar o apoio das famílias nessa arrecadação. Lembre-se de orientar os familiares para o fato de que os materiais devem ser recolhidos do chão, não devendo ser colhidos.

Se houver o espaço de jardim, escolha um dia ensolarado, em horário adequado para a exposição solar dos pequenos, e proponha um passeio (leve um recipiente – uma sacola, um pote ou uma cesta – para acondicionar as folhas, flores e sementes secas que serão recolhidas).

Guie as crianças até a área gramada ou de terra e proponha que andem descalças (somente se você fizer a conferência antecipada do espaço e ele estiver livre de insetos e qualquer outro perigo). Em seguida, peça às crianças que cortem um pouquinho de grama com as mãos e cheirem-na; proponha que assoprem a grama das próprias mãos; demonstre que, embaixo da grama, existe terra.

Prossiga o passeio, chamando a atenção infantil para os detalhes das flores e de outras plantas, dos pequenos animais encontrados no solo, das pedras, dos gravetos etc. Solicite aos pequenos que recolham as flores, folhas e sementes secas que encontrarem. Caso preveja que a quantidade de material não será suficiente, faça previamente a campanha de arrecadação e distribua os materiais na área do passeio.

Na volta para a sala, apresente o que foi recolhido e peça às crianças que, sentadas no chão, separem "montinhos", classificando os materiais por tamanho, cor e formato. Pergunte em que montinho há mais ou menos folhas, flores ou sementes. Elas chegarão às respostas fazendo a comparação entre os montinhos. Incentive as crianças a criar um acervo de elementos naturais na sala.

Outra proposta a ser realizada na área externa é a criação de uma horta. Que tal conversar com os familiares para a produção de uma horta conjunta? Se a creche não dispuser de espaço de terra amplo, não há problema, pode ser criada uma horta suspensa, utilizando garrafas de PET ou pequenos vasos. O importante é permitir às crianças a participação efetiva nesse processo. Elas podem auxiliar no momento de plantar e de regar as plantinhas (diariamente ou quando necessário).

Para espaços pequenos, priorize o plantio de sementes e mudas de espécies como hortelã, cenoura, alface e rabanete. Se a opção for por vasos ou garrafas de PET, eles precisam ter furos embaixo e uma camada de pedrinhas, para a água escoar. Lembre-se de respeitar o espaço entre as espécies; se os vegetais tiverem características similares, em média, 20 cm de distância é o suficiente.



Crianças examinando muda de planta antes do plantio



Antes de iniciar uma horta, se possível, converse com um engenheiro agrônomo ou um técnico agrícola para auxiliá-lo na escolha do melhor local para o plantio, na seleção das espécies a serem cultivadas, na exposição dessas espécies ao sol e na maneira correta de adubá-las e regá-las.

Nunca utilize adubos químicos; dê preferência aos adubos orgânicos. Priorize o plantio de espécies que as crianças possam colher e degustar em receitas de sucos, bolos ou saladas.

### Musicalizar e brincar

Que tal criar uma "bandinha do barulho" para o acompanhamento sonoro de uma canção muito especial?

Será necessário angariar diferentes instrumentos musicais. Separe aqueles confeccionados anteriormente e converse com as demais turmas, verificando se há outros instrumentos para emprestar.

Confira as sugestões para dois novos instrumentos musicais de brinquedo. Primeiro, uma maneira bem simples de confeccionar o **prato**.

#### **Materiais**

2 tampas de metal (de panela) de mesmo tamanho, com puxadores grandes.

#### **Como fazer**

Fixe os puxadores nas tampas (no caso de precisar colocar novos) ou apenas confira que estejam bem firmes. As crianças vão segurar nos puxadores para bater uma tampa na outra.

Agora, apresentamos o **xilofone**.

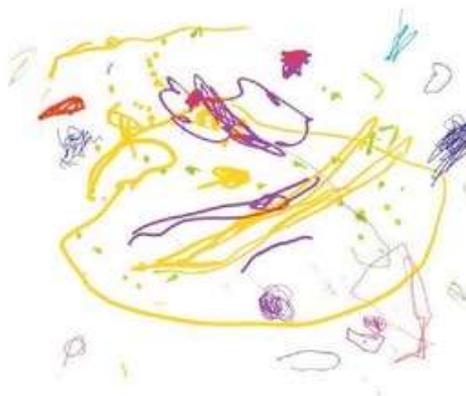
#### **Materiais**

Caixa de ovos vazia; colheres de metal de diferentes tamanhos; fita adesiva colorida; objetos para testar o som (simulando baquetas, podem ser colheres de plástico ou de madeira, lápis de cor etc.).

#### **Como fazer**

Feche a caixa de ovos, passando a fita adesiva ao redor. Em seguida, encaixe as colheres de alumínio, por ordem de tamanho, da maior para a menor, na parte inferior da caixa de ovos, nos vãos entre os espaços destinados aos ovos e fixe-as com a fita adesiva colorida.

Seu xilofone de metal está pronto! No momento de sua utilização, evidencie aos pequenos que as colheres maiores produzem sons mais graves e que as colheres menores produzem sons mais agudos.



*Aisha Valentina Cardoso*  
*Cximbra das Santas*  
3 anos e 9 meses



Xilofone de colheres





Nartem Frehse  
Nicalaggi Neto  
3 anos e 7 meses

### Orientações para a brincadeira

Com esses instrumentos de brinquedo (prato e xilofone) prontos e os demais an-gariados, providencie uma mala ou caixa para acondicioná-los. Apresente-a em clima de suspense e curiosidade, perguntando aos pequenos o que eles acham que há den-tro dela. Acolha as hipóteses infantis e abra a mala/caixa vagarosamente, mantendo o suspense.

Ao abrir a mala, peça ajuda à turma para retirar os brinquedos. Disponha-os no chão e proponha aos pequenos que explorem livremente os diferentes sons que podem ser produzidos. Que tal cantar uma canção da cultura popular para os pequenos acompanharem tocando? Crie consignas para a exploração sonora (mais forte, devagar etc.). Uma estratégia interessante é a criação de uma consigna para o silêncio, ou seja, quando você fizer um gesto padrão, como bater palmas, todos devem parar de manipular os brinquedos.

Lembre-se de que, nessa exploração, todas as crianças devem ter um brinque-do musical; realize essa proposta em pequenos grupos, caso necessário.

Quando as crianças já estiverem familiarizadas com os brinquedos musicais, sugerimos a apresentação da música *Suíte Quatro elementos/Abertura*, do Grupo Amaranato, para que as crianças façam, conjuntamente, o acompanhamento sonoro. Esta canção pode ser encontrada em sites de busca na internet.

### Suíte Quatro elementos/Abertura

	Um, dois, três, quatro amigos		Ar de respirar	
	Nem precisa apresentar		Huuuummmmm	
	Somos os quatro elementos		Água de banhar camará	
	Água, fogo, terra, ar!		Fogo de queimar olerê	
	Somos muito importantes		Terra de colher olerá	
	Cada qual no seu lugar		Tudo pelo ar!	
	Um, dois, três, quatro amigos		Ohhhhl	
	Água, fogo, terra, ar!		Um, dois, três, quatro amigos	
	Água de beber camará		Água, fogo, terra, ar!	
	Fogo de acender olerê		Nós fazemos tantas coisas	
	Terra de plantar olerá		Deixa cada um contar (bis)	

STROETER, R.; POÇAS, E. *Suíte Quatro elementos/Abertura*. In: AMARANTO. *Três pontes*. Belo Horizonte: Sonhos e Sons, 2006. 1 CD. Faixa: 2.



## Espelho, espelho meu

Esta seção dá continuidade ao trabalho com a consciência corporal, iniciado nas sequências didáticas do item 3.1, auxiliando na construção de uma imagem positiva do próprio corpo e do corpo do outro.

Para tanto, sugerimos que o chão seja estruturado para refletir a imagem dos pequenos. A mudança do plano de visão se dá em virtude de a maior parte das experiências com espelhos e crianças acontecer com elas em pé, muitas vezes focando apenas os rostos. Reiteramos a importância de a criança se enxergar de corpo inteiro no espelho e, de preferência, em diferentes posições e ângulos.

Com esse intuito, selecione diferentes objetos que reflitam a imagem infantil, como CDs, tampas de panela, papel laminado, espelhos de diversos tamanhos etc. A ideia é que esses materiais fiquem no chão para que as crianças consigam se enxergar de diferentes formas.

Os materiais refletivos podem ser fixados no chão com fita adesiva ou simplesmente posicionados. Estude a melhor disposição e arranjo, levando em consideração a posição em que as crianças conseguirão se enxergar: sentadas, em pé ou deitadas próximas aos materiais. O importante é que elas consigam enxergar o próprio corpo de maneira diferente da convencional.

Não se preocupe com a nitidez, pois as crianças aprenderão, com a experiência, que alguns objetos distorcem as imagens, enquanto outros as refletem mais nitidamente.

Incentive esse contato das crianças com o plano baixo (chão) e faça perguntas e provocações sobre como é se enxergar dessa maneira: "Olhem como fica a minha bochecha quando me olho nesta posição" (em quatro apoios, próximo ao material refletivo); "Mariana, o que você consegue ver quando está em pé e olhando para baixo?". Prossiga com essa experimentação, propondo alternativas, tais como a utilização de óculos com lentes coloridas, olhar com apenas um dos olhos aberto, olhar de pertinho e de longe etc.

Se achar conveniente, depois dessa exploração, distribua canetinhas permanentes e giz de cera para que a turma desenhe sobre alguns dos suportes (papel laminado, CDs e espelhos). O ato de desenhar em planos diferentes do sentado explora outras musculaturas e posturas, bem como potencializa a criação de estratégias.

## Relaxar e aproveitar, é só começar

Para encerrar esta sequência didática, sugerimos o relaxamento por meio de uma proposta lúdica, repleta de alongamentos.

Convide as crianças a se acomodarem, confortavelmente, deitadas sobre colchonetes. Enquanto se posicionam, coloque uma música instrumental alegre.

### Sinal de alerta

A proposta de trabalho com objetos refletivos no chão deve ser acompanhada e mediada com cuidado e atenção pelos professores. Não permita que as crianças pisem nos objetos, pois isso pode ocasionar acidentes.





Nicolas Lidera  
Castellar Bonato  
3 anos e 5 meses

Silencie a música em alguns momentos e crie uma estratégia simbólica, um clima de faz de conta, no qual as crianças vão passear em uma floresta. Oriente a turma a “escutar” os sons do ambiente: “Vocês estão escutando o barulho das árvores? E o dos animais? Agora, vamos imaginar que estamos pisando descalços no chão, sobre as folhas”. Incentive os pequenos a produzir os sons mencionados.

Em seguida, convide-os a se levantarem e continue explorando o cenário fictício e criando consignas do que vão encontrar na floresta. Todo animal ou objeto “encontrado” deverá ser imitado pelas crianças (escolha elementos que não façam os pequenos se agitarem muito). Veja os exemplos a seguir (adapte-os acrescentando ou suprimindo consignas).

- O que é isso? Um gato-do-mato! Sabem como ele anda? (Ensinar as crianças a ficar em quatro apoios, olhar para o peito, posicionando o queixo próximo ao peito e erguer a coluna como um gato “arrepiaado”.)
- Vamos andar mais um pouco? Quantos insetos! (Espantar os insetos balançando as mãos e alongando os pulsos.)
- Mais um bicho em nosso caminho, é um tatu-bola! Sabem como o tatu-bola fica quando está em perigo? (Deitar no chão segurando as pernas e os braços, imitando uma bolinha.)
- Olhem para cima, nessa árvore tem um bicho-preguiça. (Movimentar-se lentamente em quatro apoios.)
- Está anoitecendo, os bichos vão dormir! (Deitar nos colchonetes e fingir que está dormindo.)

Escolha uma nova canção, agora mais calma. Prossiga com a aventura, dizendo, em voz calma e suave, que os animais estão bocejando, de olhos fechados e, por fim, dormindo. Incentive que façam silêncio, nem que seja por poucos segundos.

Em seguida, abaixe o som da canção e, em tom suave, convide os pequenos a mexer as mãos, abrindo-as e fechando-as, e a movimentar os pés, apontando-os para cima e para baixo. Proponha que sentem e se espreguicem, lentamente, e tentem alcançar o teto com os braços (esticando-os e alongando-os). Por fim, peça que se levantem, olhem para cima, para baixo, para os lados, façam movimentos de girar a cabeça e deem um abraço bem gostoso e demorado no colega.

## Sequência didática 5 – Ar: inspire e expire, antes que a brincadeira termine!

As aventuras desta sequência didática envolvem o ar. O objetivo não é fazer com que as crianças compreendam conceitos científicos complexos, mas que elaborem hipóteses sobre os fenômenos da natureza brincando com o funcionamento de alguns materiais: lenços, sacolas voadoras, cata-ventos, aviõezinhos de papel, bolinhas de sabão etc.

Esta sequência didática ainda reserva surpresas, como a escuta da clássica história *Três porquinhos*, de um poema gracioso, de músicas alegres e com ritmos contagiantes e a participação em muitas brincadeiras com este amigo poderoso e invisível: o ar!



A sugestão de tempo para a realização da Sequência didática 5 é de aproximadamente **1 mês e meio**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que as crianças possuem ritmos diferentes e devem ser respeitadas em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez, ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!



## Recepções: momento de muita atenção

Recepção os pequenos de forma especial, com muitas bexigas.

Priorize os modelos coloridos de bexigas e, se possível, de diferentes tamanhos e formatos. Encha-as antecipadamente, mas reserve algumas para que sejam cheias na presença dos pequenos.

Selecione materiais que as crianças possam brincar junto com as bexigas, como escumadeiras e hastes de plástico (usadas para matar insetos, novas e sem uso). A ideia é que os utilizem para "bater" na bexiga, fazendo-a voar.

Recepção as crianças com a sala repleta de bexigas, sem oferecer ainda os materiais de exploração. Observe suas reações e interações.

Com todas as crianças em sala, brinquem de jogar as bexigas para cima, sem deixar que caiam no chão. Depois, incentive as crianças a assoprar (bem forte e, depois, fraco) as bexigas para notar o que acontece. Em seguida, entregue os materiais que ajudarão as crianças a fazer a bexiga voar.

Que tal levar alguns balões para o espaço externo para que as crianças presenciem a ação do vento fazendo as bexigas voarem?

Em um outro dia, use as bexigas vazias que sobraram. Depois de receber as crianças, convide-as a se sentarem em roda e demonstre como encher uma bexiga. Brinque de soltar o ar no seu próprio rosto, demonstrando diversão com o experimento. É importante nomear suas ações, relatando o que está fazendo (enchendo a bexiga de ar e soltando o ar de dentro da bexiga).

Disponibilize um balão por criança para que elas tentem enchê-lo. Provavelmente, as crianças não conseguirão fazê-lo, mas vão se divertir tentando e imitando a ação de encher, assoprando as bexigas. Cada criança deverá ter sua própria bexiga porque os vestígios de saliva podem contaminá-la e transmitir possíveis doenças.

As bexigas que não foram cheias pelos pequenos devem ser descartadas. Encha mais de uma bexiga, relatando que uma você vai deixar bem cheia de ar e por isso ela ficará grande, enquanto na outra você assoprará pouco ar e ela ficará pequena.

Uma ampliação divertida desta proposta é levar um secador de cabelos para a sala. Apresente esse aparelho aos pequenos, perguntando quem sabe o seu nome e o que ele faz. Explique sua utilidade e o fato de ele fazer barulho, ressaltando que as crianças não precisam sentir medo. Ligue o aparelho em uma função de velocidade baixa, na qual haja a emissão de pouco vento e, conseqüentemente, menos barulho.

### Sinal de alerta

É importante que as crianças já tenham brincado com bexiga e, inclusive, presenciado o estouro dela, para que não se assustem. Caso alguma bexiga estoure, recolha rapidamente os vestígios de borracha para que nenhuma criança os coloque na boca.



Criança brincando com balão no espaço externo



### Sinal de alerta

Sugerimos a utilização de uma extensão para ligar o secador à tomada, o que oferece mais mobilidade à brincadeira. No entanto, isso exige cuidado para que os pequenos não tropecem no fio e se machuquem. Verifique também se as crianças não terão acesso à tomada na qual o secador vai estar ligado, pois elas podem levar choques. Lembre-se: tomadas devem estar sempre longe do alcance infantil.



Móbil feito com materiais alternativos

Demonstre em você a ação do secador, deixando seus cabelos voarem, depois no rosto, braços etc. Pergunte às crianças quem gostaria de experimentar o ventinho do secador. Permita a experimentação às crianças que desejarem.

Depois, demonstre como o secador pode fazer alguns objetos voarem, realizando essa experiência com a bexiga. Solicite aos pequenos que selecionem outros objetos para serem testados (um pedaço de papel ou tecido leve fará a alegria deles). É importante demonstrar a ação do secador em vários objetos, para que as crianças percebam que os objetos leves voam, e os pesados não. Mas lembre-se de que o secador deve ser manipulado apenas por você!

Outra sugestão para o momento de recepção é criar um **móbil "sino dos ventos"**. Se possível, providencie materiais comuns ao artesanato (mais acessíveis) em sua região. Caso contrário, construa com materiais alternativos, como os sugeridos a seguir.

#### Materiais

1 balde metálico pequeno com alça (ou outro suporte, como cabide ou um galho seco, sem pontas); objetos que produzam sons quando se chocam (chaves, colheres, conchas, guizos grandes, pedaços de bambu etc.); objetos que se movimentem facilmente com a ação do vento (fitas de tecido coloridas, penas etc.); um prego ou outro material pontiagudo e uma fita para pendurar o móbil.

#### Como fazer

O balde deve ser virado de boca para baixo. Fure seu fundo com um prego ou outro material pontiagudo (longe da presença das crianças) e passe uma fita, pelo furo, para pendurar o móbil. Na alça do balde, prenda os materiais selecionados. Posicione-os de modo que, quando o vento soprar, eles se movam e/ou produzam sons. Certifique-se de que esses materiais não ofereçam o risco de se soltarem.

#### Orientações para a brincadeira

Posicione o móbil na janela, porta ou área externa, em um local em que haja corrente de ar para movimentá-lo. Apresente a novidade às crianças, propondo-lhes que observem o móbil por algum tempo para verificar como ele se movimenta e produz sons. Potencialize essa experimentação assoprando o móbil e sugerindo o mesmo às crianças. Elas podem combinar de assoprar todas juntas, criando uma "ventania" ou, se o móbil estiver fora do alcance dos pequenos, erga-os na altura ideal para que o assoprem individualmente.

Deixe o móbil exposto e, de vez em quando, incentive a sua observação, bem como a escuta atenta dos sons produzidos por ele, inclusive com o toque das crianças para que experimentem novos sons.



## Musicalizar e brincar

Agora, o foco é para os brinquedos que produzem sons por meio do sopro.

Apresente à turma a canção *O ar (O vento)*, de Vinicius de Moraes, facilmente encontrada em sites de compartilhamento de vídeos na internet. Faça um cartaz com a letra da canção, sugerindo que as crianças o ilustrem, conforme o seu conteúdo.

### O ar (O vento)

Estou vivo mas não tenho corpo  
Por isso é que eu não tenho forma  
Peso eu também não tenho  
Não tenho cor:

Quando sou fraco  
Me chamo brisa  
E se assobio  
Isso é comum  
Quando sou forte  
Me chamo vento  
Quando sou cheiro  
Me chamo pum!

O AR – O VENTO – Toquinho / Vinicius de Moraes / Bacalov - 100% Tonga (Universal MGB)  
Os direitos relativos ao uso do poema de autoria de Vinicius de Moraes foi autorizado pela  
VM Empreendimentos Artísticos e Culturais Ltda.  
©VM Cultural

Apresente a canção e incentive os pequenos a dançar conforme o andamento. Depois, proponha que dancem em duplas, dando as mãos. Por último, façam uma grande roda e girem em ambos os sentidos.

Repita a canção quantas vezes as crianças solicitarem. Após isso, convide a turma para a construção de uma **flauta de canudinhos**, conforme a sugestão a seguir.

#### **Materiais**

Canudinhos grossos de plástico; tesoura sem ponta; fita adesiva.

#### **Como fazer**

Primeiro, deixe à parte alguns canudos (um para cada professor e um para cada criança, pelo menos) para a experimentação inicial. Corte os demais canudos em diferentes tamanhos e ordene-os, lado a lado, dispostos em forma de



*Maria Luiza  
Amarim Rocha  
2 anos e 2 meses*





Flauta feita com canudinhos

### Você sabia?

As flautas construídas com canudinhos são similares às flautas de pã (ou pan) – instrumentos musicais de sopro formados por tubos fechados em uma das extremidades. Os tubos de diferentes tamanhos são dispostos de maneira graduada. Essas flautas podem variar de tamanho e de material, dependendo da região em que são fabricadas. O nome “flauta de pã” tem sua origem na Grécia. Já na América do Sul, também são conhecidas como zamponhas e sikus.



escadinha, do maior para o menor, sobre a fita adesiva (as crianças podem participar dessa organização). Por uma questão de higiene, construa um “instrumento” para cada criança e o identifique com o respectivo nome.

#### Orientações para a brincadeira

Distribua um canudo para cada criança e mostre como aspirá-lo, testando a ação do ar que sai do canudinho nas próprias mãos, braços e outras partes do corpo. Certifique-se de que as crianças farão essa experimentação sentadas, pois podem se machucar caso andem com o canudo na boca. Pergunte a elas como é o “ventinho” que sai: “É quente ou frio?”; “Forte ou fraco?”. Depois dessa experimentação, descarte os canudos.

Em seguida, mostre às crianças como brincar com a flauta: aspirando próximo aos canudos (em todos), mas sem encostar a boca neles.

Se possível apresente áudios com sons de diferentes flautas, como flauta doce, transversal, de pã, entre outras.

### Meleca na mão é pura diversão

Esta seção proporciona o contato com um material muito divertido: o plástico-bolha. Providencie os materiais a seguir e realize a proposta com a experimentação usando os **sapatos artísticos**.

#### Materiais

Tiras de plástico-bolha compridas e largas; papel bobina; tinta atóxica em diferentes cores; fita-crepe; rolinho de espuma para pintura.

#### Como fazer

As tiras de plástico-bolha serão exploradas separadamente, em um momento inicial (conforme descrito nas orientações abaixo). Depois, organize um espaço amplo que as crianças possam sujar de tinta, como o pátio ou o solário. Disponha o papel bobina e prenda-o no chão com fita-crepe, criando um grande tapete. Disponibilize as tintas em recipientes rasos, como pratinhos descartáveis. Crie os “sapatos artísticos” envolvendo os pezinhos dos pequenos com o plástico-bolha e prendendo-o com fita-crepe.



### Orientações para a brincadeira

Primeiramente, entregue pedaços de plástico-bolha às crianças para que conheçam o material. Demonstre como estourar as bolhinhas de ar, fazendo barulho. Incentive os pequenos a amassar, apertar, olhar através da transparência, enfim, possibilite que o experimentem de diferentes modos.

Então, já no espaço organizado para a brincadeira, explique aos pequenos que a ideia é usar um "sapato" de plástico-bolha para pintar o papel bobina, pisando, pulando, correndo, ou seja, movimentando-se.

Permita que se movimentem explorando as sensações desse novo acessório. Depois que as crianças já estiverem acostumadas, proponha a elas que escolham as cores com as quais querem pintar. Com o rolinho de pintura, passe a tinta no plástico-bolha posicionado na sola dos pés das crianças ou oriente-as a pisar nos recipientes de tinta.

Com os sapatos de plástico-bolha lambuzados de tinta, incentive os pequenos a pisar sobre o papel bobina, criando diferentes marcas.



Sapatinhos feitos com plástico-bolha

O ideal é realizar essa proposta com pequenos grupos, de forma que todas as crianças participem da brincadeira. Que tal criar uma exposição dessa pintura junto a algumas fotos da brincadeira?

### Estica, dobra e puxa

Esta seção reserva brincadeiras incríveis. Afinal, o espaço externo é a casa do vento!

O simples fato de proporcionar espaço para as crianças se movimentarem já é uma experimentação muito rica. Durante esse processo, incentive-as a correr com os braços e as mãos abertas, sentindo o contato com o ar.

Depois da corrida, que tal procurarem plantinhas que, quando assopradas, voam ao vento, como a flor seca de dente-de-leão? Em seguida, proponha a brincadeira tradicional com bolinhas de sabão. Incentive as crianças a perceber a ação do vento nas bolinhas.

Em outra oportunidade, apresente às crianças uma variação muito divertida da brincadeira com bolinha de sabão. Confira, a seguir, como construir o brinquedo.





Criança brincando com bolinha de sabão



Criança brincando com espuma de água e sabão

### Materiais

1 garrafa de PET cortada, medindo em média 15 cm (do gargalo até a parte do corte); 1 meia de tecido limpa; elástico de borracha; cola quente; materiais variados para personalizar; água e detergente neutro.

### Como fazer

Posicione a meia na extremidade cortada da garrafa; se for preciso, prenda-a com um elástico de borracha. Personalize o brinquedo criando olhinhos divertidos com papéis coloridos fixados com cola quente.

### Orientações para a brincadeira

Apresente o brinquedo às crianças molhando a parte revestida com a meia em um recipiente com o líquido (mistura de água e detergente neutro) e assoprando pelo gargalo da garrafa (não ponha a boca no brinquedo). É preciso levar o brinquedo pronto para a área externa. Dessa forma, o brinquedo produzirá uma espuma comprida, formada por pequenas bolinhas de sabão. Com a mão, apoie a espuma que vai caindo da extremidade do brinquedo e assopre-a para que as crianças a peguem. Tome cuidado para não levarem essa espuma à boca e aos olhos.

Possibilite aos pequenos experimentar o brinquedo, assoprando-o (e nunca "puxando" o ar); oriente-os a não colocar a boca no gargalo, evitando contaminações. Problematize a experimentação, propondo que assoprem devagarinho e, depois, mais forte, o que resultará em espumas grandes e pequenas.

O ideal é que cada criança tenha o seu brinquedo, pois é mais fácil para apoiarem na boca. Para isso, solicite aos familiares que enviem para a creche uma garrafa de PET higienizada e uma meia de tecido limpa.

Em outro dia, disponibilize cata-ventos para as crianças. Entregue-os em clima de suspense e alegria. Demonstre o mecanismo do brinquedo, ensinando-as a assoprá-lo para que gire; oriente-as a se movimentarem para que o cata-vento gire; crie situações-problema para a turma experimentar o novo brinquedo.

As crianças constroem, com certa facilidade, a ideia de ar em movimento. O vento é ar em movimento. O cata-vento é um dos objetos que possibilita explorar a situação em que o ar em movimento produz ação em um objeto. Muitos aspectos podem ser observados a partir de brin-



cadeiras tão simples como essa. Por exemplo, o ar em movimento empurra as coisas, a relação entre força que se assopra ou movimenta o cata-vento e o movimento do objeto. Apresentar aos pequenos situações-problema, como "O que fazer para o cata-vento girar mais rápido?", "O que fazer para ele girar bem devagarinho?", "Como irá o cata-vento se comportar se o segurarmos na mão e sairmos correndo pela sala?" e "O que fazer?". (COSTA, 2010)

Em outros dias, proponha às crianças novas explorações ao ar livre. Para isso, separe os seguintes materiais: lenços de diferentes tecidos, sacolas plásticas e barbante.

A primeira experimentação será feita com os lenços. Apresente-os às crianças e jogue-os para cima, a fim de perceberem que alguns tecidos demoram mais para cair do que outros. Permita-lhes tocar, cheirar, amassar, enfim, experimentar as sensações que os tecidos provocam. Depois, demonstre como fazer os tecidos voarem, segurando suas pontas enquanto correm.

Incentive as crianças a segurar os tecidos em duplas (uma em cada ponta do tecido) e a correr juntas, sentindo o vento bater no tecido e em seu próprio corpo. Demonstre outras maneiras de se movimentar segurando os tecidos, como girar e dançar. Em outro dia, apresente uma nova brincadeira: soltar pipa (também conhecida por raia, papagaio ou pandorga). A ideia é construir uma versão muito simples, usando sacola de plástico e barbante. Amarre um barbante nas duas alças da sacola, unindo-as e deixando um pedaço de, em média, 50 cm (onde as crianças vão segurar o brinquedo). Cada criança deve ter seu exemplar. Com os brinquedos prontos, demonstre aos pequenos que, ao correrem, a sacola se encherá de ar e "voará".

Permita aos pequenos testar o novo brinquedo, observando-o e experimentando-o de jeitos diferentes. Pergunte à turma: "Como fazer a sacola voar mais alto?"; "E para ela ficar cheia de ar?"; "Como esvaziar o ar da sacola?". Deixe que reflitam e busquem explicações para suas ações e para os fatos.

Todas as brincadeiras apresentadas nesta seção exploram diferentes movimentos, desenvolvendo o controle do próprio corpo, a coordenação motora, o equilíbrio, entre outras habilidades. Que tal repeti-las? As crianças vão apreciar e fazer novas descobertas.



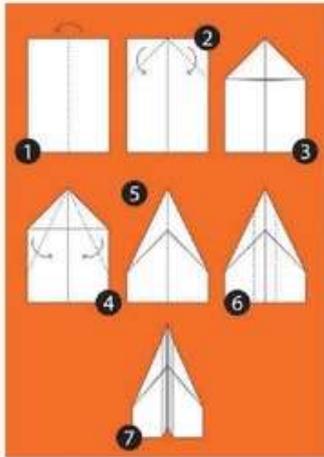
Crianças brincando com tecidos e vento



Criança brincando de pipa com sacola e vento



## 1, 2, 3 e já



Passo a passo para a confecção do aviãozinho de papel



Criança brincando com avião de papel no espaço externo

Esta seção apresenta um brinquedo clássico e que encanta as crianças, construído de modo fácil: o aviãozinho de papel.

Faça um para cada criança. Confira o passo a passo (ao lado).

Entregue os aviõezinhos aos pequenos e incentive-os a brincar explorando movimentos que simulem que os brinquedos estão voando. Quando todas as crianças tiverem recebido o avião, demonstre como fazê-lo voar, lançando-o ao ar. Evidencie os movimentos do brinquedo enquanto ele estiver planando no ar.

As crianças podem ter dificuldade em fazer o aviãozinho planar por arremessarem o brinquedo para baixo. Ajude-as a fazer movimentos mais amplos com os braços e a soltar o brinquedo na hora certa (quando o braço estiver bem à frente do próprio corpo).

Depois que as crianças já tiverem experimentado os brinquedos por algum tempo, proponha uma corrida de avião. Para isso, coloque um pedaço de fita-crepe no chão para demarcar a linha de largada e, um pouco adiante, use outro para demarcar a linha de chegada.

Explique às crianças que elas devem se posicionar na linha de largada para arremessar os aviõezinhos. A criança que conseguir arremessar o brinquedo mais longe "ganhará" a corrida. Incentive-as a achar soluções para que seus brinquedos voem mais longe. Que tal segurar uma criança no colo para que ela arremesse o avião e para que toda a turma constate que, estando em um nível elevado, o avião voará por mais tempo?

Durante a brincadeira, a criança poderá vivenciar conceitos de distância (longe e perto), de altura (alto e baixo), de posição (em cima e embaixo), de intensidade (forte e fraco) etc. Para que isso ocorra, é preciso nomear quando essas ações ocorrerem: "Júlia, como seu avião voou alto! Você o lançou muito forte. Que legal!"; "Luiz, o seu avião voou longe! Igual ao da Ana".

## Pirlimpimpim, conte para mim

Esta seção apresenta aos pequenos mais um conto clássico: a história *Três porquinhos*, que trata, entre tantos temas, da dualidade entre o princípio do prazer (construir casas rapidamente para brincar) e da realidade (adiar a satisfação da brincadeira a fim de construir uma casa resistente). O tema é complexo, mas, tratado de uma maneira divertida, favorece o desenvolvimento da personalidade infantil.

Reúna as crianças e peça a elas que se acomodem confortavelmente para escutar esta versão do conto.



## Três porquinhos

No tempo do 'era uma vez', três porquinhos viviam felizes em uma floresta com sua mamãe. Um dia, como já estavam bem crescidinhos, decidiram morar sozinhos.

Então, eles resolveram ser vizinhos, assim morariam pertinho um do outro, cada um na sua casinha.

O irmão mais novo se chamava Cícero e gostava muito de brincar e cantar. Para não perder tempo, quis construir sua casa bem rapidinho, todinha de palha. Seus irmãos mais velhos o avisaram:

– Cícero, esta casa está muito frágil! Se o lobo mau aparecer por aqui, será um sopro só para sua casa se espatifar no chão!

Cícero nem deu bola e logo ficou livre para brincar e cantar.

O irmão do meio se chamava Heitor e adorava tocar flauta. Ele queria uma casa mais resistente, então resolveu construí-la de madeira.

Enquanto Heitor trabalhava, ouviu Cícero brincando e cantando. Para se juntar logo ao porquinho brincalhão, resolveu não usar pregos em sua casa, somente encaixou as madeiras e, mais do que depressa, pegou sua flauta para acompanhar a cantoria do irmão.

O irmão mais velho, chamado Prático, ficou muito irritado e alertou os dois irmãos:

– Pareem de preguiça, suas casas estão frágeis demais! Vocês serão devorados pelo lobo mau!

Cícero e Heitor não escutaram o irmão e continuaram na diversão, enquanto Prático trabalhava duro na construção de uma resistente casa de tijolos.

Depois de algumas semanas, quando terminou sua casa, Prático chamou seus irmãos:

– Olhem que belezura, minha casa é muito segura! Tenho até cadeado na porta e um lindo fogão com chaminé!

Cícero e Heitor concordaram: a casa realmente estava uma belezura!

Dias mais tarde, um lobo mau estava passando pela região e sentiu cheiro de porquinho, sua comida preferida.

Assim que os três irmãos avistaram o lobo, correram e trancaram-se cada um em sua casa.

O lobo, que não era bobo nem nada, foi até a casa de palha.

– Abra esta porta, porquinho. Estou mandando!

Cícero, tremendo de medo, ficou quietinho!

– Já mandei abrir! Se não abrir, vou assoprar e a sua casa derrubar!

E foi isso que o lobo fez: assoprou e a casa de palha foi parar no chão!

O porquinho, assustado, correu se esconder na casa de seu irmão Heitor.



Isabelle Andrade Cabral

3 a 11 anos



O lobo não desistiu e o perseguiu, chegando rapidamente à casa de madeira.

– Abram esta porta, estou mandando!

Os dois porquinhos, tremendo de medo, mandaram o lobo embora:

– Vá embora, seu lobo malvado! O lobo, irritado, falou:

– Eu sou muito mau, por isso assoprarei mais forte que um vendaval!

E assoprou, assoprou e a casa de madeira derrubou!

Enquanto a casa de madeira estava indo pelos ares, os porquinhos correram para a casa de tijolos de Prático!

O lobo, mais irritado ainda, pensou: “Agora, derrubo mais esta casa e como os três porquinhos em um só instantel”.

O lobo, desta vez, nem bateu à porta, foi logo assoprando!

Assoprou... Assoprou... Assoprou de novo, mas a casa não se movimentou!

Então, ele bufou e assoprou... Assoprou... Assoprou! Nadinha aconteceu!

O lobo, mais bravo e malvado do que nunca, teve uma ideia: “Vou entrar nesta casa pela chaminé. Assim, poderei devorar estes porquinhos de uma vez por todas!”.

Mas os porquinhos escutaram barulhos no telhado e foram mais espertos que o lobo malvado: colocaram um caldeirão de água para ferver no fogão que ficava bem debaixo da chaminé!

Assim que o lobo escorregou pela chaminé, caiu dentro do caldeirão, queimando seu bumbum. Ele deu um pulo tão grande, mas tão grande, que saiu voando pelo mesmo buraco que entrou, gritando e chorando:

– Auuuuuuuuuuu! Que dor no meu bumbum! Pensando bem... Sniffff... Eu nem gostava de carne de porquinho mesmo! Sniffff...

Os três porquinhos ficaram com medo de o lobo mau voltar e resolveram se mudar para um lugar bem longe dali. Agora, eles moram todos juntos, sempre felizes, numa casa bem resistente.

Reconto do texto *Três porquinhos* com base em: JACOBS, Joseph. *A história dos três porquinhos: um conto de fadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.



Converse com as crianças sobre o enredo desse conto, evidenciando as partes em que o lobo assopra para derrubar as casinhas dos porquinhos. Proponha que imitem o lobo, assoprando as casas, ora mais fraco, ora bem forte, e peça-lhes que coloquem as mãozinhas em frente à boca para sentir o ar saindo.

Apresente às crianças outras versões desse mesmo conto, se possível, levando para a sala diferentes livros com a mesma história. Lembre-se da importância de ter, na sala, um acervo de livros com diferentes gêneros textuais.

Depois de as crianças conhecerem bem esse conto, convide-as para a dramatização. Assim como no conto *Chapeuzinho Vermelho* (item 3.1), incentive a turma na criação do cenário, com materiais não estruturados, na improvisação de fantasias, com panos e acessórios dos cantinhos e na organização e distribuição de papéis.

Com as crianças mais velhas, explore os conceitos da quantidade e de correspondência na história (três porquinhos, um porquinho para cada casinha). Proponha às crianças, por exemplo, que desenhem os três porquinhos, que coleem ou construam elementos que representem cada porquinho ou as casinhas, que registrem com números a quantidade de porquinhos etc.

### *Espelho, espelho meu*

Esta seção objetiva a continuidade do trabalho com o ar, focando na conscientização da respiração: o inspirar e o expirar. Será também retomado o trabalho com a autonomia nos cuidados com a higiene do nariz.

Para realizar esta proposta, disponha as crianças em pequenos grupos, sentadas em frente ao espelho (atenção: todas devem se enxergar com facilidade). Inicie conversando sobre a limpeza do nariz, como se as crianças precisassem limpá-lo. Faça de conta que vai limpar o seu nariz e assoe-o em um pedaço de papel higiênico. Pergunte quem sabe assoar o nariz. Provavelmente, todos vão imitá-lo.

Em seguida, demonstre que, quando assoamos o nariz, "sai um ventinho" dele. Peça aos pequenos que comprovem esse fato colocando as mãozinhas na frente do nariz. Caso tenha alguma criança com gripe, alergia, coriza ou nariz entupido, explique que o nariz, desse jeito, possivelmente não "soltará ventinho", porém, é preciso assoá-lo sim.

Depois de as crianças assoarem o nariz, explique a elas que vocês vão respirar olhando para o espelho, a fim de observar o ar entrando e saindo. Finjam que estão cheirando uma florzinha e assoprando como o lobo mau da história. Essa brincadeira ajudará as crianças a se conscientizarem da diferença entre inspirar e expirar.

Depois dessa experiência, apresente aos pequenos narizes diferentes e engraçados: **focinhos de porquinhos e de lobo mau**. Veja como é fácil fazê-los!



*Nicolas Lidens  
Castellán Bomato  
3 anos e 5 meses*





Crianças brincando com narizes de animais feitos com caixa de ovos



Leque de papel

### Materiais

Caixa de ovos vazia; canetinhas; cola quente; tinta colorida; tesoura; papel colorido.

### Como fazer

Para o focinho de porquinho, recorte da caixa um dos espaços reservados para o ovo. Pinte-o da cor que preferir e, depois que a tinta estiver seca, desenhe ou fure as narinas do animal.

Para o focinho de lobo, recorte a parte da caixa que serve como separador interno para os ovos. Pinte-a da cor de sua preferência. Recorte os bigodes do lobo em papel colorido e fixe com cola quente; faça os detalhes do focinho com canetinha.

### Orientações para a brincadeira

Mostre a novidade às crianças, posicionando os brinquedos, um por vez, em seu próprio nariz e imitando o som emitido pelo porco e o assoprar do lobo. Incentive as crianças a experimentar os "narizes" e a imitar esses animais.

## Relaxar e aproveitar, é só começar

Esta seção de relaxamento está dividida em dois momentos. O primeiro deles é destinado à confecção de mais um brinquedo relacionado ao ar em movimento. A segunda parte apresenta sugestões de alongamentos embalados ao som relaxante de brisas, ventos e ventanias.

Providencie folhas de papéis coloridos para a construção de leques. Envolve as crianças no ato de dobrar o papel. Em seguida, ajude a turma a unir todas as dobras da parte inferior e passar fita-crepe ou cola atóxica. Isso deixará mais firme o local em que as crianças segurarão o brinquedo. Se desejar, coloque uma fita para dar acabamento ao brinquedo.

Demonstre aos pequenos o funcionamento do leque. Incentive-os a fazer ventinho no próprio rosto e no rosto dos colegas. Pergunte à turma o que fazer para conseguir mais vento (abandar rapidamente) e para ter menos vento (abandar devagar e sem muita força). Permita aos pequenos desfrutar com calma dessa gostosa sensação.

Depois da experimentação com os leques, convide a turma a acomodar-se, confortavelmente e sem calçados, em colchonetes. Proponha aos pequenos que escutem sons de diferentes ventos: fracos (brisas), moderados e fortes (ventania). Faça uma busca desses áudios na internet.



Enquanto desfrutam do áudio, fale em voz suave para as crianças sentarem-se e apalparem os próprios pés, tocando seus dedos e massageando a sola de ambos os pés. Em seguida, oriente-as a girar os tornozelos, um de cada vez. Lembre-se de que será necessário demonstrar esses movimentos, como uma referência para a imitação.

Depois, proponha aos pequenos que deem chutinhos no ar, alongando um pé de cada vez. Por último, demonstre como alongar os ombros, mexendo-os para cima e para baixo e em movimento de rotação, ora juntos, ora separados.

Se desejar, oriente novos movimentos simples de alongamento. Finalizem a seção espreguiçando-se; levantem-se e distribuam gostosos e demorados abraços.

## Sequência didática 6 – Fogo: a brincadeira vai esquentar, mas sem perigo de se queimar!

Como já abordado no texto de abertura, esta sequência não trata do fogo em si, mas trabalha situações que possam representá-lo: calor, luz e sombra.

Esses conceitos deverão ser direcionados de maneira lúdica e concreta com as crianças. O conceito de calor e as sensações de quente e frio devem ser trabalhados também no cotidiano dos pequenos enquanto assopram uma comida, seguram uma xícara de chá ou um copo de suco, experimentam a água do banho ou sentem na pele os raios solares em brincadeiras no parque.

Os conceitos de luz e de sombra e a diferença entre claro e escuro costumam chamar a atenção dos pequenos, por isso serão abordados de maneira especial nesta sequência didática.

As crianças se divertem ao perceber os efeitos de clicar o interruptor, quando acendem e apagam a luz. Isso também acontece quando manuseiam uma lanterna. É possível observar, além da aparente euforia, o sentimento de medo por causa do escuro e da descoberta de sua própria sombra; afinal, essa "desconhecida" parece querer pegá-los. Aos poucos e com a interferência dos adultos, os pequenos percebem a projeção da sombra como algo engraçado, sendo comum alguns deles brincarem de pegar a própria sombra e as demais que os cercam.

Dessa maneira, esta sequência didática pretende contribuir para que a curiosidade infantil seja instigada, bem como para que as crianças pequenas compreendam experimentos simples e explorem os espaços, os fenômenos e os objetos que as rodeiam, brincando e aprendendo ainda mais!

### *Recepção: momento de muita atenção*

A recepção para esta seção didática é organizada por meio de um objeto já conhecido pelas crianças: as lanternas. Exploradas em outras sequências pela projeção de luz, agora o objetivo é ampliado com brincadeiras que possibilitam a criação de sombras e a exploração do espaço físico e de diferentes objetos.



A sugestão de tempo para a realização da Sequência didática 6 é de aproximadamente **1 mês e meio**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que as crianças possuem ritmos diferentes e devem ser respeitadas em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez, ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!





Crianças brincando com lanternas

É fundamental que os objetos possam variar de uma situação para outra, possibilitando oportunidades de novas interações. Também é importante a repetição da oferta dos mesmos brinquedos, para que a criança possa aprender com ele, explorá-lo, compor diferentes brincadeiras de acordo com seu interesse do dia. (ORTIZ; CARVALHO, 2013, p. 123)

Para isso, disponibilize as lanternas, bem como objetos para exploração: tecidos com transparência e opacos; garrafas de PET lacradas e com água em diferentes colorações (coloridas por meio de corante alimentício ou tinta guache); papéis-celofanes coloridos; objetos do cotidiano que sejam vazados (cestinhas, escumadeira, toalhinhas rendadas etc.); CDs usados e outros elementos.

As lanternas e alguns tecidos podem estar disponíveis para as crianças logo na entrada, para que possam manipulá-los livremente. Relembre o uso e o funcionamento das lanternas, bem como demonstre sua exploração com os tecidos e os outros materiais disponíveis na sala. É importante providenciar uma quantidade satisfatória de lanternas, evitando conflitos ou muita espera para a brincadeira. O ideal é que cada criança tenha uma lanterna.

Os objetos selecionados podem ser acondicionados dentro de uma caixa e apresentados em clima de surpresa e suspense. Incentive as crianças a explorar os objetos com a lanterna e a brincar com a luminosidade e as projeções de sombras coloridas e vazadas.

Após a exploração, solicite a ajuda das crianças para guardar os objetos. A caixa pode ser deixada à disposição para que os pequenos brinquem à vontade com os objetos, tanto no momento de recepção quanto em outros momentos do dia.

### Estica, dobra e puxa

Em um dia ensolarado, em horário apropriado, convide as crianças para brincar de sombras no espaço externo da sala de referência. Escolha um lugar amplo, no qual as sombras possam ser vistas com clareza.

Crie um clima de surpresa já na saída da sala, contando às crianças que elas vão procurar a própria sombra. Para que a turma se envolva na proposta, é essencial a participação ativa do professor, fazendo de conta que está procurando sua sombra. As crianças vão se divertir se você perguntar, em voz alta: "Sombra, cadê você?". E provavelmente o imitarão, procurando a sombra e perguntando sobre ela.

Quando, enfim, chegarem ao local com fonte luminosa (nesse caso, o sol), mostre às crianças a sua sombra, movimentando-se e



Criança brincando com sombra



evidenciando os movimentos reproduzidos pela sombra, bem como o fato de ela ser mais escura. Lembre-se de demonstrar alegria por ter encontrado sua sombra.

Incentive os pequenos a brincar com as próprias sombras e com a dos colegas. Eles podem dar tchau, pular, colocar as mãos na cabeça, na cintura e fazer outras movimentações. Uma brincadeira também apreciada pelas crianças é a imitação de avião (os braços abertos fazem referência às asas); evidencie a projeção da sombra e proponha que imitem o barulho feito pela aeronave.

Caso alguma criança demonstre medo da sombra, acalme-a e acolha-a, respeitando seus sentimentos. Aos poucos, ela se sentirá confiante.

Depois dessa exploração, uma sugestão é distribuir riscantes aos pequenos. Para esta opção, lembre-se de, ao sair para o passeio, levar uma caixa de giz de quadro colorido para usar em calçadas ou um tipo de riscante que crie marcas em quadras de areia.

A brincadeira consiste em desenhar o contorno da sombra do amigo. Para isso, uma das crianças deve ficar parada, enquanto a outra desenha, risca e rabisca o local da sombra. O objetivo desta proposta não é contornar desenhos, mas, sim, o contato das crianças com as sombras e a compreensão de que o movimento da sombra depende do movimento da pessoa. Sendo assim, não se preocupe se as crianças não conseguirem traçar o contorno; permita-lhes, apenas, a experimentação e a produção de marcas com os riscantes.

Em outras oportunidades, possibilite a brincadeira de desenhar as sombras de objetos (indicada para as crianças mais velhas). Para isso, posicione no ambiente externo, com luz solar, objetos de diferentes tamanhos e formas (peças de montar, brinquedos, objetos da sala etc.), folhas de sulfite e riscantes sobre uma mesinha ou diretamente no chão. Organize os objetos de maneira que projetem sombras no papel e então, convide os pequenos a desenhá-las.

Em outro dia, retome as vivências com as sombras realizadas no espaço externo. Lembre a turma de que todos os movimentos feitos eram "imitados" pela sombra. Proponha, então, uma nova brincadeira.

As crianças agora serão as "sombras" do professor. Alteme movimentos sem locomoção (como fazer caretas, abrir e fechar os braços, posicionar as mãos nos joelhos ou na cabeça, agachar-se etc.) com exercícios corporais (pular, rolar, correr no lugar, imitar animais etc.). Explique às crianças que elas terão de imitar todos os seus movimentos, mexendo exatamente as mesmas partes do corpo que você mexer (só não vale cobrar que acertem a direção do movimento – pra direita ou esquerda – porque você, provavelmente, estará na frente delas e elas não têm a noção da inversão).

## Você sabia?

Os retroprojetores eram muito requisitados antes da chegada dos projetores digitais. Caso a creche os possua, será uma oportunidade para resgatá-los e encantar as crianças em brincadeiras como: teatro de sombras e projeção de objetos com texturas vazadas, de obras de arte e de desenhos. Esses aparelhos podem também ser adquiridos por preço acessível na internet ou casas de eletrônicos ou, ainda, ser emprestados de outra creche ou escola da redondeza.



Retroprojetor





Crianças brincando com sombra

Em outro momento, proponha a brincadeira de criação de sombras com o próprio corpo, agora usando uma fonte de luz artificial, como lanterna, abajur ou retroprojektor. Para isso, prepare uma parede ou um tecido (pode ser um lençol) branco para servir de anteparo (local onde a sombra vai aparecer) e escureça a sala fechando as cortinas ou vedando as janelas com cobertores, lençóis ou papéis escuros.

Projete a luz da lanterna, do abajur ou do retroprojektor na direção da parede/do tecido e peça a outro professor que fique entre o anteparo e a fonte de luz, movimentando-se. As crianças logo imitarão o adulto, posicionando-se para criar sombras com seus próprios movimentos.

Chame a atenção para o fato de que, se eles se aproximarem da fonte de luz, a sombra ficará maior, porém mais desfocada; e, se ficarem mais próximos do anteparo (parede/tecido), as sombras ficarão menores, porém mais nítidas.

As crianças ficarão extremamente curiosas com as fontes de luz e vão querer testá-las; acompanhe a experimentação dos pequenos, incentivando-os nessa brincadeira. Lembre-se de cuidar com a temperatura das lâmpadas, não permitindo que as toquem nem que olhem diretamente para a luz, pois luzes fortes (inclusive a do sol) podem prejudicar a visão.

### Musicalizar e brincar

Esta seção de musicalização instiga as crianças a resgatar as cantigas de roda aprendidas (mesmo que não saibam cantá-las sem ajuda) por meio de um disparador interessante: sombras.

A ideia é muito simples! Recorte formas que se remetam ao conteúdo de algumas cantigas; sugerimos: borboleta, cobra, flor e casinha. Recorte detalhes internos, com estilete (longe da presença infantil), criando formas vazadas. Para incrementar, com um perfurador de papel, faça furos no olho da cobra e nas asas da borboleta.

Utilize novamente uma fonte de luz artificial (lanterna, abajur ou retroprojektor) e um anteparo (parede ou tecido) para criar sombras das formas recortadas (borboleta, cobra, flor e casinha). Quando a sombra for projetada, convide as crianças a cantar sobre o personagem em foco enquanto você o movimentar. Deixe que as crianças lembrem o nome da cantiga ou comecem a cantarolar. Você pode motivá-las com algo como: "Qual música fala sobre uma borboletinha?"; "Quem a conhece?"; "Como essa música começa?".

Indicamos o trabalho com as seguintes cantigas: *Borboletinha*, *A cobra não tem pé*, *Onde está a margarida?* e *Fui morar numa casinha*.

Algumas crianças vão se interessar por tocar nas sombras, imitar os personagens das músicas ou, ainda, pegar os recortes. Permita a interação e a manipulação desses materiais criando suas próprias sombras.



## 1, 2, 3 e já

Nesta seção, o foco é a experimentação das características dos objetos (forma, tamanho, cor, textura etc.).

Retome os materiais utilizados na seção *Recepção: momento de muita atenção* e amplie o repertório, procurando selecionar materiais opacos, transparentes, com texturas vazadas (fitas de tecido de diferentes espessuras, pedaços de renda, penas, colares de contas, garrafinhas com água colorida, pedaços de tule, formas recortadas em tecidos com transparência, como *voil*, entre outros).

Preferencialmente, alterne a fonte de luz; se utilizou lanternas, desta vez, utilize o retroprojetor ou o abajur. Antes de ligar a fonte de luz, entregue às crianças os materiais para experimentação. Instigue a turma a observar e a perceber as características, como tamanho (São iguais?), cor (Quais objetos são da mesma cor?), transparência (É possível enxergar através deles?) e texturas (Quais são lisos, macios, ásperos?). Permita a livre exploração; depois, proponha a experimentação desses materiais e dos selecionados anteriormente diante da fonte de luz.

Durante as experimentações, solicite às crianças que façam diferentes agrupamentos com os objetos, como: todas as fitas, todas as garrafinhas com água, todos os colares; ou somente os objetos amarelos, vermelhos etc. Proponha também a seleção, por comparação, de objetos grandes ou pequenos. Lembre-se de deixar as crianças livres para criar hipóteses e realizar novas descobertas.

Organize a turma para que, enquanto algumas crianças brincam de criar sombras, outras brinquem de pegá-las e tocá-las. Sua mediação será essencial para evitar conflitos. Guarde os objetos de experimentação para serem reutilizados em outros momentos.

## Meleca na mão é pura diversão

O foco desta seção é o manuseio e a experimentação de suportes transparentes por meio de diferentes riscantes, bem como a leitura de imagens.

### **Materiais**

Folhas de acetato (transparência) ou plásticos transparentes de alta gramatura; canetinhas permanentes; giz de cera; canetas esferográficas; tesoura; fita adesiva colorida; retroprojetor (se possível).



Retroprojetor usado para brincadeira de exploração de materiais



### Como fazer

Reúna todas as folhas transparentes (cada criança deve ter a sua) e nomeie-as com canetinha permanente. Com os suportes transparentes prontos e os riscantes selecionados, entregue-os às crianças.

### Orientações para a brincadeira

Incentive as crianças a tocar o suporte, olhar através dele e comprovar a sua transparência. Em sequências didáticas anteriores, foi utilizado um material similar, talvez a turma se recorde dessa experiência.

Permita aos pequenos testar e experimentar os riscantes que quiserem no suporte. Logo eles perceberão que alguns imprimem marcas mais evidentes; outros nem tanto. Depois da produção pronta, incentive os pequenos a olhar através do plástico, bem como em seu verso, testando novamente a transparência do material.

Caso algumas crianças tenham desenhado somente em uma parte do suporte, recorte o desenho, lembrando-se de manter a identificação de seus nomes. Orientamos não utilizar a tesoura na presença dos pequenos.

Os recortes serão usados em outro dia. Convide as crianças para se sentarem confortavelmente no chão. Enquanto usa o retroprojetor para apresentar o desenho da criança, evidenciando quem é o autor, as cores e os materiais utilizados, pergunte à criança sobre o desenho e incentive-a a falar sobre sua produção. Valorize a fala infantil e incentive as demais crianças a escutar o colega e a observar as imagens projetadas.

Caso você não tenha conseguido o retroprojetor, utilize lanternas. Elas não projetarão as imagens, mas evidenciarão a transparência do suporte e as cores dos desenhos.

### Espelho, espelho meu

Esta seção resgata uma brincadeira tradicional e divertida: criar sombras com as mãos. Para isso, utilize como referência imagens que apresentem diferentes posicionamentos de mãos que criam sombras de animais (como no quadro ao lado, e também facilmente encontradas na internet).

Fixe essas imagens no espelho (ou próximo a ele), na altura do alcance visual dos pequenos. Em seguida, ajude-os a posicionar as mãos conforme mostram as imagens. Possivelmente, as crianças menores



Sugestões de posicionamentos de mãos para a brincadeira com sombras



não conseguirão posicionar as mãos como mostram as figuras, mas permita a elas tentar. O mais importante é que movimentem as mãos e inventem posições, criando diferentes e divertidas imagens.

Depois de as crianças terem brincado em frente ao espelho, diminua as luzes da sala e utilize uma fonte de luz artificial (abajur ou lanterna) para demonstrar às crianças como criar sombras, conforme as imagens de referência (fixadas no espelho).

Provavelmente, a tradicional brincadeira de criar sombras com as mãos fez parte da infância de alguns familiares das crianças da sala, que podem ser convidados à creche a fim de apresentar a elas outras sombras criadas com as mãos ou até mesmo uma história de sombras com o intuito de resgatar e ampliar essa brincadeira.

### Pirlimpimpim, conte para mim

Esta seção vai apresentar aos pequenos a arte milenar do teatro de sombras. Antes da brincadeira, diga a eles que escutarão uma história contada de uma maneira diferente.

A história sugerida para figurar o teatro de sombras é *Três porquinhos*, amplamente trabalhada na sequência didática anterior. Construa fantoches (porquinhos, lobo e casas), lembrando de recortá-los com bastante cuidado, pois serão os detalhes dos recortes que trarão maior animação para as peças. Faça recortes internos com estilete (longe da presença infantil) nas ilustrações, criando olhos para os personagens e detalhes em suas vestimentas. Se quiser ainda mais detalhes, coloque pedaços de celofane colorido nas partes vazadas, atrás dos fantoches. Em seguida, fixe palitos de churrasco sem ponta atrás dos brinquedos.

Já para a construção do teatro de sombras, utilize uma caixa de papelão. Recorte as abas da tampa da caixa e também uma parte do fundo. Em seguida, cole no fundo da caixa uma folha grande de papel de seda branco. Enfeite a caixa como preferir.

Para a realização do teatro, escureça a sala e utilize uma fonte de luz artificial atrás da caixa, iluminando a "tela branca" feita com papel. Os fantoches devem ser posicionados entre a luz e a "tela".

Convide as crianças para se sentarem confortavelmente em frente ao teatro e conte a história *Três porquinhos*. Posicione os fantoches e vá movimentando-os conforme o desenvolvimento do enredo.

Ao término do teatro, permita às crianças que manipulem os fantoches e recontem a história à maneira delas.

### Você sabia?

O teatro de sombras é uma arte difundida há mais de 5 mil anos em países como a China e a Índia. A técnica consiste em utilizar bonecos entre uma fonte de luz e um anteparo (tela ou tecido), criando sombras.

A origem do teatro de sombras é relacionada com uma lenda chinesa de que um imperador, muito triste com a morte de sua bailarina favorita, mandou chamar o mago do império e ordenou a ele que trouxesse sua bailarina do "Reino das Sombras"; caso isso não ocorresse, o mago seria morto.

Desesperado, o mago confeccionou a silhueta de uma bailarina usando uma pele de peixe macia. Quando finalizou o trabalho, estendeu, no jardim do palácio, uma cortina branca que deixasse transparecer a luz do sol. Houve, então, uma apresentação para o imperador e a sua corte.

O rei ficou encantado ao ver a sombra da bailarina aparecer na cortina e movimentar-se suavemente ao som de uma flauta. Assim, o mago salvou sua vida e inventou o teatro de sombras.



Teatro de sombras feito com caixa de papelão





Laura Menezes Jordão  
2 anos e 9 meses

## Relaxar e aproveitar, é só começar

Esta seção vai abordar o relaxamento por meio de massagem e do uso de uma bolinha de tênis ou de borracha como potencializadora de sensações relaxantes. Providencie uma bolinha para cada dupla da sala.

Logo após uma seção de teatro ou de outra brincadeira com sombras, aproveite o ambiente escurecido e coloque músicas calmas e bem baixinhas, apropriadas para o relaxamento.

Incentive o silêncio para escutar a música. Em seguida, lembre às crianças como é a respiração pausada e repita o procedimento várias vezes, orientando-as a puxar o ar (cheirando a florzinha) e a soltá-lo (assoprando como o lobo mau).

Depois da respiração, peça que formem duplas, auxiliando-as nessa tarefa. Explique que uma das crianças da dupla deve deitar-se, confortavelmente, em um colchonete. Oriente-as a fechar os olhos, sem forçá-los, e escutar a música.

Entregue aos pequenos que não estão deitados uma bolinha (de tênis ou de borracha), explicando-lhes que devem passá-la sobre as costas do colega, fazendo movimentos de ir (até a nuca) e vir (até a lombar). Demonstre o movimento para cada criança. Oriente-as a percorrer a bolinha também pelas pernas e pelos braços dos colegas. Ao final, elas devem deixar as bolinhas de lado e fazer um delicioso cafunê em seus colegas. Feito isso, está na hora de a dupla trocar de papéis.

Quando a sessão de massagem acabar, oriente as crianças que estavam deitadas a sentar calmamente. Finalize a proposta sugerindo à dupla um gostoso abraço.



A sugestão de tempo para a realização da Sequência didática 7 é de aproximadamente **1 mês e meia**. Lembre-se, no entanto, de que é importante considerar que as crianças possuem ritmos diferentes e devem ser respeitadas em seus processos únicos de aprendizagem e de desenvolvimento. As propostas realizadas nesta sequência podem e devem ser realizadas mais de uma vez, ao longo de todo o ano. Guie-se, primordialmente, pelas reações de interesse dos pequenos!

## Sequência didática 7 – Água: *xuê, xuá*, não deixe a brincadeira “acabá”!

A última sequência didática deste item aborda a água. Antes de apresentar as propostas, é importante explicar o motivo do trabalho com esse elemento, além de dar dicas de como encaminhá-lo diante da crise hídrica que nosso planeta enfrenta.

Algumas seções vão propor a observação da água, outras vão oportunizar o contato das mãozinhas dos pequenos com a água e haverá aquelas em que eles se molham por inteiro. Dessa maneira, é importante a leitura de toda a sequência didática para, então, organizar seu planejamento conforme as condições climáticas de sua região.

O contato dos pequenos com a água é, muitas vezes, restrito a situações de higiene, como tomar banho, lavar as mãos e escovar os dentes. Nesses momentos, as crianças vibram, divertem-se, querem molhar a si e os colegas. A reação da maioria dos adultos, no entanto, é de censura, porém, esse discurso é quase inútil, pois, diariamente, uma ou outra criança transgredir essas orientações.

Por que as crianças gostam tanto de mexer com água? Para responder à questão, pense em sua própria infância. As brincadeiras com água fazem parte de suas lembranças?



Banho de mangueira; encher e esvaziar recipientes de água; tomar banho de chuva e de balde, bacia ou de tanque; criar rios, cavando pequenas valas na terra e enchendo-as de água; criar barquinhos; nadar em rios etc. são alguns exemplos de brincadeiras infantis com água responsáveis por muita diversão e aprendizagens na infância de anos atrás.

Entre os motivos que levaram à suspensão dessas brincadeiras estão a falta de espaço e de liberdade, na atualidade, das crianças para brincar e a crise da falta de água que a sociedade está enfrentando.

No entanto, longe dessa compreensão, para as crianças pequenas, o contato com a água é fonte de prazer e diversão. Quando observamos as reações infantis e somos testemunhas dos pedidos diários para brincar com água, fica claro que tal necessidade gera muita aprendizagem.

Mas como aliar diversão à conscientização do desperdício? E, ainda, como propor um trabalho com água se ela estiver faltando em sua região?

O primeiro passo para responder a essas questões e para que esta sequência didática tenha sucesso é repensar o consumo de água na creche.

Converse com os seus colegas de instituição e juntos pensem se estas ações de desperdício de água ocorrem onde vocês trabalham:

- Torneiras ficam pingando.
- Louças e alimentos são lavados enquanto as torneiras ficam escorrendo.
- Calçadas são lavadas com mangueiras.
- Torneiras ficam abertas enquanto as crianças escovam os dentes e/ou ensaboam as mãos.
- Existem vazamentos nas descargas.
- Os lençóis são lavados diariamente.
- Os banhos são demorados.
- As plantas são regadas a qualquer horário e com mangueiras.

Diminuir o desperdício de água na creche, bem como conscientizar os familiares das crianças sobre a importância de mudar atitudes e costumes, gera economia de água para uso planejado e consciente com as crianças.

Pode-se criar um informativo, destinado às famílias, sobre as ações que a creche está realizando para diminuir o consumo de água, bem como com dicas para a redução ocorrer também em casa. Convide a turma para ilustrar esse informativo.

No decorrer desta sequência, trataremos de mais dicas para o consumo consciente de água e dos cuidados com as crianças antes, durante e depois do trabalho com a água.



### Você sabia?

"Um banho de 15 minutos exige 105 litros de água. Cada vez que você lava as mãos com a torneira aberta o tempo todo, são gastos 7 litros de água. [...] Para escovar os dentes é necessário apenas um copo de água, mas as pessoas que não fecham a torneira durante a escovação gastam 10 litros."

SANEPAR. Disponível em:  
<<http://site.sanepar.com.br/informacoes/economia>>. Acesso em: 27 nov. 2017.





Cantinho do banho

Confira, a seguir, dicas para diminuir o consumo de água na rotina da creche:

- Orientar as crianças para que fechem a torneira durante a escovação de dentes. [...]
- Os banhos, quando tomados de modo autônomo pelas próprias crianças ou cuidados pelo educador, especialmente no caso das crianças menores, devem ser planejados: não precisam ser tão rápidos, desde que se feche a torneira enquanto se ensaboa, permitindo, assim, um maior tempo da criança em contato com a espuma.
- Talheres, pratos e outros utensílios utilizados pelas crianças durante as refeições podem ficar de molho dentro da pia antes de serem lavados. Esse procedimento prepara uma higienização mais rápida e, portanto, mais econômica. Fechar a torneira enquanto se ensaboa a louça ajuda a economizar cerca de 100 litros de água em uma única lavagem.
- A máquina de lavar roupas deve ser ligada apenas com a carga máxima, evitando o excesso de sabão, que aumenta o número de enxágues.
- O uso de baldes em vez de mangueira para lavar o chão e os brinquedos de espaços externos também ajuda a economizar água.
- As plantas dos jardins e as dos vasos que decoram os espaços internos da instituição não devem ser regadas nas horas quentes do dia, pois a água evapora antes mesmo de atingir as raízes, o que obrigará que se regue novamente em outro momento.
- E, em todos os casos, cuidar dos vazamentos é fundamental. Uma torneira pingando consome 46 litros de água por dia, o que resulta, em um mês, em 1.380 litros. Multiplique esse valor pelo número de torneiras em sua creche e descubra quanta água pode ser desperdiçada.

MARANHÃO, Damaris. Água com moderação é questão de educação.

*Avisa lá*, São Paulo, nº 19, 2004.

Bem-vindos a esta aventura molhada!

### *Recepção: momentos de muita atenção*

A recepção desta seção didática será organizada por meio do Cantinho do banho.

O objetivo é oportunizar às crianças brincadeiras envolvendo a higiene, o autocuidado e a autonomia, a construção da imagem positiva de si, a valorização e o respeito à diversidade, por meio de simulações de banho em bonecos ou em si próprio.



Para compor esse cantinho, serão necessárias banheiras de plástico ou bacias; bonecas e bonecos; esponjas de banho (novas); embalagens vazias e higienizadas de xampu e cremes para cabelo e toalhas de banho. Caso consiga disponibilizar um chuveiro (sem funcionar ou antigo) e uma cortininha de plástico ou material similar, fixe-os na parede, simulando o espaço de um banheiro.

Nesse momento, a brincadeira não precisa oferecer o contato com a água. No entanto, incentive os pequenos a imaginar a água saindo do chuveiro e a imitar o barulho que ela faz; proceda da mesma maneira com as banheiras e os bonecos.

Demonstre como lavar os cabelos, o rosto e o corpo; foque as diferentes partes do corpo dos pequenos e/ou dos bonecos, valorizando e respeitando a diversidade das características pessoais. Mostre à turma a(s) toalha(s) de banho, incentivando as crianças a se secarem e a enxugar os bonecos.

Faça comentários que valorizem a economia de água: "Que tal fechar o chuveiro para se ensaboar? Precisamos economizar água!"; "Não podemos demorar muito no banho!".

Esta seção sugere ainda construir um **móble com garrafas e água** que possibilita às crianças realizar interações lúdicas e desenvolver noções de peso, de espaço e de cores.

#### **Materiais**

Garrafas pequenas de PET; água; corante de cores variadas (ou tinta guache); elástico de tecido; cola quente; fita adesiva colorida para decorar; ganchos para suporte de móble.

#### **Como fazer**

Cada garrafinha deve ser preenchida com água em diferentes níveis. Pingue algumas gotas de corante (uma única cor em cada garrafinha) na água, feche a garrafa e misture. Vede bem as garrafas com algumas gotas de cola quente em suas tampas.

Se desejar, decore as garrafas com fita adesiva colorida. Escolha um local da sala para pendurá-las e, então, fixe os ganchos. Meça a distância do gancho até a altura em que as crianças consigam ter acesso ao brinquedo e, então, corte os pedaços de elástico (todos do mesmo tamanho).

Organize as garrafas de acordo com a quantidade de água nelas; primeiro, pendure a garrafa com menos água; siga com a outra com um pouco mais de água; e assim sucessivamente. Pendure-as com elásticos, que devem ser amarrados nos ganchos e



Móble com garrafas e água colorida





*Théo Paspissil Jacinto*  
2 anos e 1 mês

nos gargalos das garrafas. O peso da água fará com que os elásticos cedam, ficando alguns mais baixos do que os outros.

#### **Orientações para a brincadeira**

Apresente a novidade para as crianças e incentive-as a explorar o brinquedo, fazendo-o balançar, subir, descer etc. Permita às crianças fazer diferentes explorações, incentivando-as com comentários como: "Olhem como a garrafa vermelha está pesada, ela tem bastante água"; "A garrafa cor-de-rosa está bem levinha, ela tem pouca água".

### Musicalizar e brincar

Nesta seção vamos trabalhar com a exploração sonora de um chocalho-d'água, se possível, ao ritmo da canção *Qual é a da água?*, de Badi Assad. O áudio dessa canção está disponível no site da cantora. Disponível em: <<http://badiassad.com/pt/infantil/#10>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

O chocalho-d'água é composto apenas de uma garrafa de PET pequena, com um pouco de água dentro (menos do que a metade). No entanto, cada criança deve ter o seu chocalho, por isso se programe com antecedência para arrecadar as garrafas.

Leve as garrafas prontas (bem fechadas) para a sala e entregue-as para as crianças, propondo-lhes que explorem diferentes sons com o brinquedo (chacoalhando-as, batendo-as e rolando-as no chão). Em seguida, demonstre como segurar a garrafa na vertical, bem no meio; esta será a posição que utilizaremos para acompanhar a música.

Apresente o áudio da canção *Qual é a da água?*, de Badi Assad. Na primeira audição, permita aos pequenos brincar livremente, movimentando o corpo individualmente, em dupla ou em grupo. O importante, nesse momento, é o conhecimento e a aproximação das crianças com a canção, seu ritmo e sua cadência.

Depois, retome o trabalho com o chocalho, solicitando a cada criança que pegue seu brinquedo. Então, mostre a canção novamente, mas, desta vez, combine com as crianças que elas só devem chacoalhar o brinquedo (com a garrafa na vertical) quando ouvirem o seguinte trecho da música: *Qual é a da água? Xuá... Xuá...* Provavelmente, elas vão movimentar o brinquedo em outros momentos; nesse caso, faça gestos alusivos à espera ou ao silêncio, para que entendam qual é o momento certo para o acompanhamento musical. Procure empregar um ritmo aos movimentos do chocalho, para que as crianças tentem imitá-lo.

Lembre-se de que a criança só terá atenção para acompanhá-lo na exploração sonora da canção se já tiver brincado bastante com o brinquedo. Se isso não acontecer, ela ainda ficará entretida com as diferentes maneiras de explorar a novidade.



## Qual é a da água?

Qual é a da água?  
Xuá... Xuá...  
Vamos tomar banho  
A água é quente ou ela é fria?  
Vamos tomar banho  
No chuveiro ou na pia?  
Vamos tomar banho  
A água é forte ou é macia?  
Ela é cheia ou é vazia?  
Vai ser lá no tanque ou na bacia?  
Que vamos tomar banho  
A água rola ou ela cai?  
Ela é mãe ou ela é pai?  
Ela vem ou ela vai?  
Vamos tomar banho

ASSAD, Badi. Qual é a da água? In: Badi Assad. Ed Quatro Ventos - Cantos de casa. São Paulo: Laser Disc, 2012. 1 CD. Faixa: 10.

Depois da exploração sonora, que tal convidar as crianças para um passeio no jardim a fim de que utilizem a água de dentro do chocalho para regar as plantas? Ajude as crianças a abrir a tampa das garrafas e diga-lhes quais plantas regar, assim não haverá o risco de todas regarem a mesma planta. Lembre-se de avisar a pessoa da creche que é responsável pela atividade que algumas plantas (ou todas) já receberam água.

## Estica, dobra e puxa

De que maneira as crianças de sua sala de referência lavam as mãos? Elas realmente lavam ou apenas molham as mãos?

Mexer com água é sempre uma grande brincadeira para as crianças. Por esse motivo, a higienização pode não ocorrer da maneira adequada. Sendo assim, "mãos à água"!

### **Materiais**

Recipiente plástico; água; sabonete líquido; toalha descartável; tinta guache; papéis de alta gramatura.

### **Orientações para a brincadeira**

Comece a brincadeira realizando vários movimentos com as mãos: abrir, fechar, unir as duas mãos, bater palmas, escondê-las, levantá-las, abaixá-las, alongá-las, entre outros.

Qual é a da água?  
Xuá... Xuá...  
Vamos tomar banho  
A água é clara ou ela é suja?  
Vamos tomar banho  
Ela limpa ou enferruja?  
Vamos tomar banho  
A água é boba ou ela tem graça?  
Ela é vapor ou é fumaça?  
Vai ser no quintal ou lá na praça?  
Que vamos tomar banho  
A água é doce ou é salgada?  
Ela se lança ou é lançada?  
Vai ser lá na rua ou na calçada?  
Que vamos tomar banho...

## Sinal de alerta

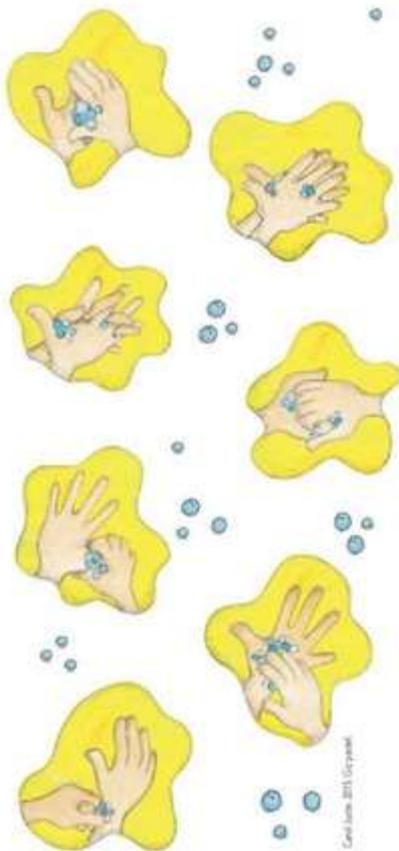
Antes de desenvolver qualquer brincadeira com água, é preciso pensar nestas questões:

- Todas as crianças podem brincar com água? Como está a saúde delas? Mantenha sempre o diálogo com os familiares e respeite as orientações e decisões deles.
- Antes das brincadeiras, sirva água aos pequenos, assim diminuirá o desejo deles de provar a água da brincadeira.
- Certifique-se de que as crianças estão vestindo roupas e calçados leves e confortáveis.
- Confira se o chão do local em que a brincadeira será realizada não é escorregadio; se for, escolha outro.
- Preveja o tempo de troca de roupas e possíveis banhos após as brincadeiras.
- Nunca deixe as crianças sozinhas na presença de água (nem em qualquer outra situação).
- Evite o desperdício de água, planejando, com antecedência, a reutilização da água disponibilizada nas brincadeiras.



Explique às crianças que usamos muito as mãos e, por essa razão, é preciso lavá-las; caso contrário, poderemos ficar doentes. Assim, é importante lavar as mãos várias vezes ao dia: depois de limpar o nariz, de ir ao banheiro, antes das refeições, depois de brincar etc.

Leve um recipiente plástico com água para a sala a fim de simular como lavar as mãos corretamente. Peça às crianças que sentem confortavelmente para visualizar a encenação. Para lavar as mãos, devemos sempre usar água corrente; portanto, se houver possibilidade, transfira essa proposta para um local onde haja torneira e pia.



Passo a passo para a lavagem de mãos

Confira, ao lado, a sequência ideal para lavar as mãos de forma eficiente. No momento em que estiver fazendo a demonstração, peça às crianças que o imitem (mesmo sem água). Lembre-se de que a indicação da Vigilância Sanitária é sabonete líquido e toalhas descartáveis.

Depois da observação, convide os pequenos para uma pintura com tinta guache. Disponibilize papéis e recipientes com várias cores de tinta guache; deixe as crianças escolherem as cores.

Incentive-as a “lambuzar” as mãos na tinta e a pintar toda a folha. Que tal criar um combinado com a turma? Você colocará uma música para tocar e toda vez que a música parar, deve-se trocar a cor da tinta que estão usando. Para a proposta, a turma poderá ser dividida em pequenos grupos.

Prepare, antecipadamente, uma seleção de músicas com diferentes ritmos e andamentos. Priorize músicas dançantes e alegres, mas selecione também canções suaves e calmas. O objetivo da proposta é oportunizar às crianças diferentes movimentos corporais enquanto estão pintando. Dessa maneira, não espere que as crianças pintem sentadas, quietinhas; o objetivo é que produzam marcas no papel de acordo com os movimentos que estiverem realizando.

Depois da pintura dançante, peça-lhes que “abanem” as mãos para a tinta secar. Com a tinta seca, o desafio é levar as crianças em pequenos grupos para lavar as mãos. Relembre-as de como proceder (lavar palmas, dorso, entre dedos, articulações – meio dos dedinhos, polegares e punhos) até a mão ficar limpinha!

Em outro momento, explore com os pequenos diferentes movimentos relacionados à água, como a imitação de nadar, surfar, mergulhar, tomar banho, pescar, etc. O importante é que as crianças se movimentem e encenem situações, brincando com o corpo.

No intuito de ampliar o repertório de brincadeiras com água, no espaço externo, confira muitas outras possibilidades de explorações.



**Banho de bonecos:** que tal transferir o Cantinho do banho para a área externa? As crianças costumam gostar muito de dar banho "de verdade" em bonecos e quem sabe até brincar de escovar os dentes deles. Priorize brinquedos que representem a diversidade.

**Brincadeiras com bexigas e água:** bexigas coloridas e cheias de água são diversão garantida para as crianças manipularem, jogarem e pisarem. Quando os balões estourarem, a água que vai escorrer refrescará os pequenos em um dia quente. Lembre-se de que os vestígios de borracha das bexigas estouradas devem ser rapidamente recolhidos, para evitar o risco de serem engolidos.

**Banho de piscina:** piscinas e vários recipientes plásticos são sinônimos de diversão. As crianças apreciam derramar água sobre o próprio corpo e experimentar o seu efeito. Disponibilize os recipientes atendendo à quantidade de crianças da sala.

**Painel maluco:** fixe, em um painel ou em uma cerca de madeira, diferentes recipientes (garrafas de PET sem o fundo ou com o fundo furado, conduítes, canos de PVC, embalagens de xampu ou de creme de cabelo com o fundo recortado, vasos para plantas com o fundo furado etc.). Prenda os objetos de modo planejado para que a água que as crianças vão colocar dentro dos recipientes escorra de um recipiente para outro. Para fixá-los, utilize elásticos de tecido, braçadeiras ou parafusos (desde que fiquem bem presos e sem pontas aparentes). Embaixo do painel, coloque um recipiente grande (da largura do painel) com água, pode ser uma bacia ou caixa plástica. A ideia é que a criança pegue a água do recipiente maior, com uma canequinha ou outra vasilha, e coloque em uma das embalagens fixadas no painel, observando o líquido escoar por entre os objetos até chegar ao recipiente maior. O brinquedo deve estar ao alcance infantil.

**Bolinha de sabão:** dificilmente as crianças enjoam de brincar com bolinha de sabão. Desta vez, utilize diferentes instrumentos (garrafa de PET cortada, funil, canudinhos de plástico unidos, bambolês etc.) para desafiá-las a fazer e a estourar as bolinhas sabão.

**Esculturas na areia molhada:** no parque ou na caixa de areia, disponibilize um pouco de água para as crianças esculpirem diferentes formas na areia molhada. As texturas da areia molhada e seca vão trazer novas e diferentes sensações aos pequenos.

**Lavanderia:** que tal criar um cantinho na área externa da sala? Sugerimos o Cantinho da lavanderia. Para construí-lo, você vai precisar de um pequeno varal (ao alcance infantil); prendedores de roupa; duas bacias com água (uma para lavar e outra para enxaguar); roupas de boneca e boneco; meias infantis; tecidos e sabonete líquido neutro. A proposta é que as crianças lavem as roupinhas, as meias e os tecidos



Arquiteta Ana Maria

Painel para brincadeira com água



Fragrança

Instrumento feito com canudinhos de plástico para brincar de bolinha de sabão





Laura Munhoz Jordão  
2 anos e 7 meses

com o sabonete líquido em uma bacia e, depois, enxáguem na outra bacia. Em seguida, ensine as crianças a pendurar as roupas, os tecidos e as meias no varal utilizando os prendedores. Você pode dar instruções simples aos pequenos enquanto eles penduram as roupas: "Vamos pendurar as meias iguais, uma pertinho da outra? Para pendurar os tecidos azuis, vamos usar apenas um grampo, OK?". Explique para a turma que as roupas precisam secar para, então, serem recolhidas.

Nessas brincadeiras, as crianças vivenciam sensações diversas por meio da água, da espuma, das texturas dos diferentes materiais, bem como trabalham com conceitos de cores, quantidade, de causa e efeito, entre muitos outros, todos de uma maneira divertida e prazerosa.

Converse com seus colegas e, juntos, elenquem quais outras atividades com água podem ser desenvolvidas no espaço externo da sala de referência.

### *Purlimpimpim, conte para mim*

Esta seção vai possibilitar a construção de um **álbum de imagens** sobre os animais que vivem na água.

#### **Materiais**

Folhas de papel colorido de alta gramatura (do tamanho A4); imagens de revistas; tesoura; cola; perfurador de papel; fita de tecido; canetinhas.

#### **Como fazer**

Selecione, em revistas, dez imagens grandes de animais que vivem na água (do rio, do lago, do mar e até na água do aquário). Você pode fazer essa busca com as crianças; para isso, faça uma seleção prévia de revistas que apresentem tais imagens e que sejam próprias para o manuseio infantil.

Recorte as imagens selecionadas e cole-as em papéis de alta gramatura. Cada imagem deve ser colada em uma folha (o verso das folhas não deverá ser utilizado). Crie uma capa para esse álbum, perfure todas as páginas na lateral esquerda e una-as com a fita de tecido.

#### **Orientações para a brincadeira**

Apresente o álbum aos pequenos em clima de alegria, incentivando-os a falar o que sabem sobre os animais retratados. Conte algumas características desses animais: onde moram (ressalte as diferenças entre os habitats), de que se alimentam, como é o revestimento de seus corpos, como se locomovem etc.

Que tal criarem um enredo coletivo para esse álbum? Decidam o que será escrito em cada página. Acolha e valorize todas as hipóteses infantis. Depois da decisão, seja o escriba das crianças, registrando o que foi acordado, em letra legível e em caixa-alta.



Por fim, peça às crianças que "assinem" o nome delas na capa do álbum, como autores. As crianças mais velhas podem grafar letras e sinais gráficos, as menores devem ser incentivadas a fazer uma marca qualquer que represente o seu nome, o importante é que elas se sintam protagonistas dessa proposta.

Retome o trabalho com a apreciação do álbum inúmeras vezes, propondo brincadeiras, como imitação dos animais do álbum e adivinhações (você fala as características de um animal do álbum, sem mostrar a imagem, e as crianças tentam descobrir qual é).

Depois da apreciação do álbum, convide as crianças para preparar uma jarra de **água aromatizada**. Confira o que será necessário.

#### **Ingredientes**

Água mineral ou filtrada; abacaxi cortado em rodelas; 1 maço pequeno de hortelã. Os ingredientes podem ser substituídos por frutas e ervas mais acessíveis em sua região. Lembre-se sempre de verificar se os ingredientes são apropriados para crianças pequenas e se nenhuma delas tem alergia ou intolerância a eles.

#### **Como fazer**

Higienize, antecipadamente, todos os ingredientes. Leve esses ingredientes e uma jarra para a sala. Solicite o auxílio das crianças para colocar os ingredientes dentro da jarra (é importante que todas as crianças tenham higienizado as mãos). Enquanto as crianças colocam os ingredientes dentro da jarra, incentive-as a observar as cores e as formas dos alimentos, bem como a sentir suas texturas e seus aromas.

Em seguida, despeje a água filtrada na jarra sobre os ingredientes. Deixe a mistura descansando, em média, 30 minutos (de preferência, na geladeira). Explique aos pequenos que vocês experimentarão essa receita após uma brincadeira, história ou outra proposta da rotina.

#### **Orientações para a brincadeira**

No momento de servir a água aromatizada aos pequenos, entregue um copo para cada um e, primeiro, sirva um pouco de água "normal" e, depois, um pouco da água aromatizada. Incentive as crianças a perceber as diferenças entre os dois líquidos e a expressar suas opiniões sobre a água aromatizada. Evite falar que a água "normal" não tem gosto, pois se sabe que, dependendo da composição (minerais, cloro etc.), o sabor é alterado.



Água aromatizada de abacaxi



Depois dessa experimentação, convide as crianças para participar da confecção de um cartaz com um texto coletivo. A ideia é que os pequenos ditem ao professor, que atuará como escriba, o passo a passo de como a água aromatizada foi preparada. Convide as crianças para ilustrar o cartaz.

As crianças maiores de 3 anos podem ser incentivadas a ilustrar cópias do texto coletivo e a representar as quantidades dos ingredientes usados na receita (quantas folhas de hortelã e quantas rodela de abacaxi), por meio de desenhos, notação numérica e/ou registros não convencionais, como risquinhos ou bolinhas.

Que tal enviar cópias para os familiares das crianças, para que a água aromatizada possa também ser preparada em casa? A ideia é demonstrar às crianças a função comunicativa do texto e sugerir aos familiares uma receita saudável que pode substituir refrigerantes e sucos industrializados. Lembre-se de que os familiares das crianças menores também podem e devem receber cópias da receita da água aromatizada.

## Meleca na mão é pura diversão

Em um dia de calor, proponha às crianças uma pintura diferente, no ambiente externo da creche: a **pintura-d'água**.



Criança brincando com pintura-d'água

### **Materiais**

Recipientes com água (pequenas vasilhas); pincel com cerdas largas; rolinhos para pintura.

### **Como fazer**

Encha os recipientes de água e coloque os pincéis e rolinhos de pintura dentro. Demonstre às crianças como esses instrumentos molhados deixam marcas no chão, na parede, em uma cerca ou banco de madeira.

### **Orientações para a brincadeira**

Cada criança deve ter um pincel ou rolinho para pintura. Incentive a turma a criar marcas com os instrumentos molhados e a testar espaços diversos. A exploração das crianças em várias superfícies (parede, chão, bancos etc.) favorece diferentes posturas corporais, exigindo o desenvolvimento de diferentes habilidades infantis.



É preciso combinar com os pequenos onde podem e onde não podem molhar, mas é importante oferecer liberdade para que explorem muitas superfícies e texturas para testarem como a água é absorvida (de maneira lenta, rápida, espalhada, contida etc.). A turma vai se divertir quando perceber que as marcas somem conforme a água seca e vai apreciar repetir essa brincadeira inúmeras vezes. Explique para as crianças que a água secou e por isso o desenho sumiu.

Observe como as crianças se comportam em relação à experimentação com a pintura-d'água: Elas perceberam que a água secou? Tentaram refazer as mesmas pinturas? Exploraram apenas o chão ou outras superfícies?

Que tal fotografar essa experiência para documentar o envolvimento dos pequenos na proposta?

Em um outro dia, apresente às crianças uma técnica artística que também utiliza água: a **aquarela**.

### **Materiais**

Tinta aquarela atóxica (encontrada a preços bem acessíveis em papelerias e lojas de brinquedo) ou lápis de cor aquarelável; pincéis; pote para água; imagem de reprodução de obra de arte com a técnica aquarela (sugerimos *Amanhecer depois do naufrágio*, de Joseph Turner, disponível em sites especializados na internet).

### **Como fazer**

Primeiramente, as crianças devem conhecer um pouco sobre a obra e sua técnica de pintura (conforme as orientações abaixo). Após isso, prepare e disponibilize os materiais necessários em mesinhas ou no chão. Se não houver material suficiente para toda a turma, organize esta proposta em pequenos grupos.

### **Orientações para a brincadeira**

Apresente a obra de Joseph Turner às crianças, conversem sobre o que ela retrata (sugestão: mar, areia, nascer do sol, nuvens e cachorro), as manchas de cor, a luz (perceptível no céu e nas diferenças de cor do mar) etc. Deixe as crianças expressarem suas opiniões e impressões. Pergunte a elas quem já foi à praia (provavelmente, todas responderão que sim, mesmo aquelas que não sabem o que é praia; isto é normal, não as censure), o que podemos ver na praia, como é o mar etc. Faça mais perguntas



TURNER, Joseph. *Amanhecer depois do naufrágio*. 1841. 1 aquarela, grafite e giz vermelho sobre papel, color. Instituto de Arte Courtauld, Londres.



referentes à obra: "Quem será que o cachorro está esperando?"; "Essa imagem está representando o dia ou a noite?"; "Onde está o mar? E a luz do sol?".

Em seguida, explique às crianças que essa pintura foi feita usando um tipo de tinta e água. Convide a turma para desenhar de maneira similar. Proponha às crianças que pintem um suporte (folha ou tela, tecido etc.) utilizando o lápis de cor aquarelável ou a tinta aquarela. Nas duas situações, será necessário demonstrar como umedecer o pincel com água e passá-lo direto na tinta ou sobre os desenhos feitos com o lápis. Cuide para que não derrubem o recipiente de água sobre o suporte.

Incentive os pequenos a criar diferentes marcas utilizando cores variadas e observando o aparecimento das manchas de cor. Deixe os suportes secarem, para evitar que a pintura escorra.

Que tal organizar uma exposição com as obras das crianças? Contextualize a exposição, incluindo a obra apreciada (*Amanhecer depois do naufrágio*, de Joseph Turner) e, se possível, fotos das crianças no momento da experimentação.

## 1, 2, 3 e já

Esta seção apresenta o trabalho com alguns conceitos de raciocínio lógico, exigindo dos pequenos o desenvolvimento de habilidades para a resolução de situações-problema.

Todas as propostas sugeridas aqui devem ser desenvolvidas na área externa da sala de referência, pois possibilitarão o contato livre das crianças com a água. Selecione um espaço em que o piso não seja escorregadio, para evitar acidentes.

Caso alguma criança esteja resfriada ou em processo de recuperação de alguma doença, converse com os familiares para saber se ela pode brincar com água. Se não puder, será necessário oportunizar outra brincadeira para essa criança, a qual deverá ficar sob a orientação de um professor.

A primeira brincadeira propõe o desafio de **encher/esvaziar**.

### **Materiais**

Recipientes de diferentes tamanhos e formatos (potes plásticos, funis, vasos de plantas perfurados, garrafas de PET, canecas e copos plásticos, peneiras etc.); esponjas; dois baldes; água.

### **Como fazer**

Disponibilize os objetos selecionados próximo a uma torneira, na área externa da sala.



### Orientações para a brincadeira

A brincadeira começa por lançar às crianças o desafio de encher um dos baldes utilizando os recipientes menores. Possibilite que sintam o peso do balde vazio. Depois, oriente-as a se dirigirem individualmente à torneira, portando um recipiente para pegar a água. Controle a torneira, abrindo-a e fechando-a para evitar desperdícios.

Caso as crianças escolham os objetos vazados (funil, peneira, vaso de plantas perfurado embaixo etc.), problematize a situação e auxilie-as na solução do impasse. Quando o balde estiver com água pela metade, peça às crianças que tentem erguê-lo, testando o seu peso.

Quando o balde estiver cheio, desafie as crianças a erguê-lo novamente, para que percebam a diferença entre os pesos do balde vazio, com água pela metade e totalmente cheio. Leve o balde (e solicite aos pequenos que levem os recipientes) até o local selecionado para a brincadeira.

Posicione o balde cheio a cerca de dois metros de distância do balde vazio. Desafie as crianças a passar a água do balde cheio para o balde vazio. Observe como as crianças resolvem o desafio de encher/esvaziar: como utilizam os recipientes ou as esponjas; se descartam os recipientes vazados quando percebem que a água escapa deles; se enchem o recipiente ou o levam com pouca água; como caminham levando os recipientes (com cuidado para não derrubar a água ou andam rápido, com pressa para encher o balde); como pegam a água do balde quando ele está quase vazio. A observação atenta vai revelar muito sobre como as crianças se relacionam com problemas e como desenvolvem estratégias para solucioná-los.

Permita que os pequenos possam realmente explorar os objetos e a água, investigando como ela respinga, como escorre, o barulho que faz etc. Somente com calma e tempo de exploração, as crianças vão desenvolver/consolidar noções como: cheio/vazio; pesado/leve; dentro/ fora; longe/perto.

Para terminar essa divertida brincadeira, convide as crianças a retirar novamente a água do balde; agora, para regar as plantas da creche.



*Rosa Simam Franco*

*2 anos e 7 meses*

Em outro dia, proponha mais uma experimentação no espaço externo da sala de referência, a brincadeira **flutua ou afunda?**.

### Materiais

Recipiente grande com água (piscinas de plástico ou bacias); objetos para experimentação (chaves, rolhas, colher de metal, sabonetes, pedras grandes, brinquedos, frutas, verduras, potes com tampa etc.).



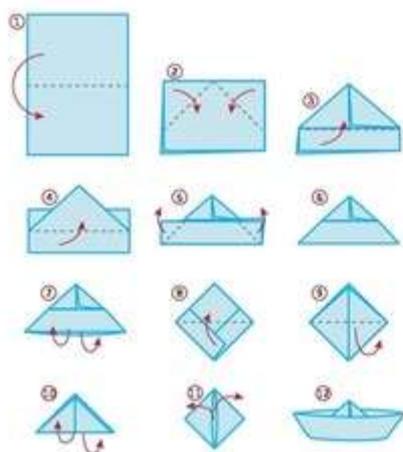
### Orientações para a brincadeira

Possivelmente, as crianças da sala não sabem o significado das palavras "flutuar" e "afundar". Será preciso que elas testem as propriedades dos objetos e relacionem a explicação sobre esses conceitos com as experimentações que realizarão. Esta proposta não pretende explicar às crianças conceitos complexos sobre densidade, massa ou volume; ao contrário, oportuniza a possibilidade de provar e comprovar fenômenos da natureza. Por isso, uma boa explicação é dizer que os objetos que flutuam/boiam ficam "em cima" da água, enquanto os objetos que afundam ficam no fundo, "embaixo" da água. No entanto, as crianças só compreenderão esses conceitos na prática, manipulando os materiais.

Prepare, antecipadamente, um recipiente grande com água, que possibilite às crianças ficar em seu entorno, observando e manipulando os objetos. Selecione um dos objetos e pergunte às crianças o que elas acham que vai acontecer se colocá-lo na água: Vai flutuar ou afundar? É imprescindível que você relate aos pequenos o que está acontecendo: "Olha, esta pedra pesada afundou, ela ficou no fundo da piscina. O que será que vai acontecer com esta pedra menor?".

É importante ter uma grande variedade e quantidade de material a ser testado, para que toda a turma possa participar da brincadeira com tranquilidade.

Desafie as crianças a testar os objetos de diferentes maneiras, por exemplo: um pote com tampa pode ser testado sem a tampa e sem nada em seu interior; sem a tampa e com algum objeto dentro; com a tampa e sem nada dentro; com a tampa e com objetos ou água dentro etc. Instigue as crianças a pensar sobre o que vai acontecer e a comparar as características dos objetos que flutuam e afundam.



Passo a passo da dobradura de papel em formato de barco

Depois dessa brincadeira, guarde a água da piscina/bacia, pois ela será usada no dia seguinte. Para guardá-la, será necessário vedar a piscina/bacia com uma lona plástica, protegendo-a de insetos e outros animais. Caso a água não seja utilizada no dia seguinte, ela deve ser reutilizada para outro fim que não seja o contato infantil.

Em outro dia de sol, convide as crianças para fazer barquinhos de papel, a fim de testarem se flutuam ou afundam. Para tanto, entregue um pedaço de papel às crianças para que elas possam personalizar seus barquinhos com giz de cera ou canetinha hidrocor. Em seguida, construa (conforme sugerido no passo a passo), ao lado de cada criança, o barquinho de papel, por meio de dobradura.



Lembre-se de identificar as dobraduras escrevendo o nome dos pequenos. Por fim, convide-os a experimentar seus barquinhos na água. Você pode incentivar as crianças a assoprar os barquinhos para que eles se movimentem.

Que tal cantarem a canção *A canoa virou*, da cultura popular, enquanto observam os barquinhos na água? Lembre-se de explicar aos pequenos que canoa é um pequeno barco, mas que não tem cobertura.

Se quiser incrementar esta proposta, construa outros modelos de barquinhos para as crianças fazerem novas descobertas. Nesse caso, não precisa ser um brinquedo para cada criança, poucos exemplares são suficientes para a turma experimentar, aprender e se divertir.

Veja, ao lado, duas sugestões para outros modelos de barquinhos: feitos com gelo (utilizando um copinho plástico descartável e um canudinho) e com esponja (nova) de louça.

Depois das brincadeiras, a água da piscina/bacia poderá ser utilizada para lavar calçadas ou regar as plantas da creche.

### Espelho, espelho meu

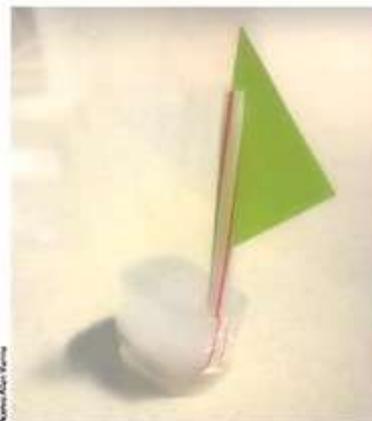
Esta seção traz novidades divertidas para serem trabalhadas em frente ao espelho: peças de formas e cores diferentes que grudam no espelho! Essa mesma proposta foi sugerida para o trabalho com os bebês, a diferença aqui está na interação mais intencional e autônoma das crianças, bem como na exploração das formas definidas recortadas no celofane.

Providencie celofanes coloridos e recorte diferentes e grandes formas neles: triângulos, quadrados, retângulos, círculos, corações etc. Coloque todas essas "peças" em uma cesta ou caixinha e um borrifador com água próximo do espelho.

Sugerimos que esta brincadeira seja realizada com pequenos grupos de crianças, em forma de rodízio, para que todas tenham a oportunidade de participar. Convide as crianças para se sentarem perto do espelho. Ensine-as a borrifar um pouco de água no espelho e colocar as peças de celofane sobre ele. A umidade faz com que o celofane grude na superfície e ganhe mobilidade, permitindo a criação de figuras e sobreposições. Demonstre como o celofane desliza no espelho; faça isso deixando as formas coloridas posicionadas na frente do rostinho dos pequenos, para que eles possam enxergar tudo de uma cor só!

Separe um pano para secar o espelho, caso as crianças borrifem muita água, bem como para secar o chão, caso a água escorra. Fique atento para que o chão não fique escorregadio. Ao término da exploração, retire o celofane do espelho.

Essa proposta só deve ser realizada de maneira dirigida, com a mediação atenta de um professor.



Artes e Mús. Tema



Princípios

Barquinhos feitos com gelo e esponja de louça



Princípios

Criança brincando no espelho com celofane e água



## Relaxar e aproveitar, é só começar

O tema desta sequência didática (água), por si só, costuma ser muito relaxante. É muito provável, por exemplo, que, depois de um banho de piscina, os pequenos queiram deitar e tirar uma sonequinha.

Além do contato com a água, observar e escutar o som que ela produz em diferentes situações também costuma relaxar bastante. Então, em um dia de chuva, convide as crianças para se acomodarem confortavelmente e observar a chuva caindo em uma janela de vidro, para escutar o barulho dos pingos em contato com o telhado, plantas, chão etc.

Antecipadamente, faça uma busca na internet por áudios que apresentem sons das ondas do mar. Antes da audição, sugira às crianças que sentem sobre colchonetes e realizem alguns exercícios de relaxamento. Explique que as ações demonstradas (como os exemplos a seguir) devem ser imitadas.

- Fechar os olhos com força e, depois, abri-los por três vezes.
- Piscar os olhos suavemente por várias vezes seguidas.
- Erguer a sobrancelha o máximo que conseguir, soltando-a rapidamente.
- Enrugar o nariz e soltar por três vezes.
- Abrir e fechar a boca, como um grande tubarão, por três vezes.
- Virar o pescoço para um lado e mandar três beijos para o colega; virar o pescoço para o outro lado e piscar, por três vezes, para outro colega, usando os dois olhos.
- Fingir que está amassando uma massinha de modelar, abrindo e fechando a mão com bastante força.
- Amassar a massinha de modelar de faz de conta com os dedos dos pés, esticando-os e flexionando-os.
- Imaginar que os pés são pincéis e que vão pintar um colorido desenho, fazendo movimentos circulares e de vai e vem, mexendo-os para os lados, para cima e para baixo.
- Limpar os "pincéis" (pés) que estão sujos de tinta passando as mãos por sua extensão, massageando-os.
- Espreguiçar e bocejar várias vezes.

Depois da seção inicial de relaxamento, que pode ser ampliada, reduzida ou adaptada, peça aos pequenos que escutem, deitados, o som das ondas do mar. Incentive o silêncio para que imaginem as ondas molhando suas pernas, seus braços... Converse sobre a cor da água, sua temperatura, a areia da praia, a chuva que está caindo, bem como sobre animais que vivem no mar; a ideia é a criação de um cenário mental rico em detalhes suaves e relaxantes. Em razão da concentração infantil, o momento deve ser breve, mas rico em oportunidades de recolhimento, descanso e diminuição da força muscular e rigidez infantil.

### Você sabia?

Brincadeiras que envolvem relaxamento desenvolvem a noção de consciência corporal, a oxigenação por meio da respiração pausada e correta, a concentração e a atenção, proporcionando sensações de calma e descanso.



CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO - BNCC	ONDE ENCONTRAR? BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES
O eu, o outro e o nós	Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 3.2.
	Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.	Todas as propostas das seções <i>Espelho</i> , <i>espelho meu</i> e <i>Relaxar e aproveitar</i> , <i>é só começar</i> ; construção de brinquedo de puxar; móbile/balança; exploração sensorial no jardim; classificação de elementos naturais; estruturação do chão com materiais refletivos; brincadeira com lenços e vento; pipas de sacolas plásticas; avião de papel; propostas que focam autonomia e cuidados com nariz; exploração com sombras do próprio corpo e luzes solar e artificial; exploração com retroprojektor; cantinho do banho; higienização das mãos; celofane no espelho.
	Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 3.2.
	Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 3.2.
	Habituar-se a práticas de cuidado com o corpo, desenvolvendo noções de bem-estar.	Interações de rotina: uso do banheiro, higiene das mãos e rosto – aprender a limpar seu próprio nariz, vestir-se e despir-se conforme o tempo; todas as propostas da seção <i>Relaxar e aproveitar</i> , <i>é só começar</i> ; Cantinho do banho.
	Respeitar regras básicas de convívio social nas interações e brincadeiras.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 3.2.
	Valorizar a diversidade ao participar de situações de convívio com diferenças.	Interações de rotina; brincadeiras no espelho; Cantinho do banho; banho de bonecos.
	Resolver conflitos nas interações e brincadeiras, com a orientação de um adulto.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas nas sequências didáticas do item 3.2.
Corpo, gestos e movimentos	Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.	Interações de rotina; brincadeiras com argila; leitura da obra de Mestre Vitalino; resgate de parlendas; canção <i>Suíte dos Quatro Elementos/Abertura</i> , do Grupo Amaranto; brincadeiras com bexigas; sino dos ventos; canção <i>O ar (O vento)</i> , de Chico Buarque e Vinícius de Moraes; bolinhas de sabão; brincadeira com lenços e vento; pipas de sacolas plásticas; avião de papel; canção <i>Quem tem medo do lobo mau?</i> , da cultura popular; propostas que focam autonomia e cuidados com nariz; brincadeira com leque; exploração com sombras do próprio corpo e luzes solar e artificial; cantigas da cultura popular; teatro de sombras; exploração com retroprojektor; Cantinho do banho; canção <i>Qual é a da água?</i> , de Badi Assad; brincadeiras de imitação; Cantinho da lavanderia; banho em bonecos; higienização das mãos; celofane no espelho.
	Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.	Canções <i>Suíte dos Quatro Elementos/Abertura</i> , do Grupo Amaranto; <i>O ar (O vento)</i> , de Chico Buarque e Vinícius de Moraes; <i>Quem tem medo do lobo mau?</i> , da cultura popular; <i>Qual é a da água?</i> , de Badi Assad; cantigas da cultura popular; construção de brinquedo de puxar; imitação de sons de animais e floresta; brincadeiras com bexigas; brincadeiras com secador; pintura com sapatos de plástico-bolha; brincadeira com espuma; bolinhas de sabão; brincadeira com lenços e vento; pipas de sacolas plásticas; avião de papel; corrida de avião de papel; brincadeiras com lanternas e objetos variados; exploração com sombras do próprio corpo e luzes solar e artificial; brincadeira de imitação/sombra; imitação dos movimentos relacionados à água; brincadeira com bexigas e água; bolinha de sabão com canudos de plástico unidos.
	Fazer uso de suas possibilidades corporais, ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.	Brincar livre; cantinhos: trânsito, fazenda, banho e lavanderia; tinta da terra; argila; construção de brinquedo de puxar; brincadeiras com parlendas; móbile/balança; exploração sensorial no jardim; horta; construção e exploração de objetos sonoros (xilofone, pratos musicais, chocalho-d'água, flauta de canudinhos); todas as canções trabalhadas nas sequências didáticas; estruturação do chão com materiais refletivos; brincadeiras de imitação; brincadeiras com bexigas; brincadeiras com secador; pintura com sapatos de plástico-bolha; brincadeira com espuma; bolinhas de sabão; brincadeira com lenços e vento; pipas de sacolas plásticas; avião de papel; corrida de avião de papel; dramatizações; brincadeiras com lanternas e objetos variados; exploração com sombras do próprio corpo e luzes solar e artificial; brincadeira de imitação/sombra; imitação dos movimentos relacionados à água; brincadeira com bexigas e água; bolinha de sabão com canudos de plástico unidos; propostas de relaxamento.



CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO - BNCC	ONDE ENCONTRAR? BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES
Corpo, gestos e movimentos	Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.	Interações de rotina: higiene, alimentação, vestir-se e despir-se; Cantinho do banho; banho de bonecos; propostas no espelho com foco na autonomia e cuidados com o nariz; brincadeiras com a higienização das mãos; todas as propostas da seção <i>Relaxar e aproveitar, é só começar</i> .
	Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc.	Cantinhos: trânsito e fazenda; construção de personagens com prendedor de roupa; construção de brinquedo de puxar; móbile/balança; exploração sensorial no jardim; estruturação do chão com materiais refletivos; brincadeiras de imitação; brincadeiras com bexigas; brincadeiras com secador; pintura com sapatos de plástico-bolha; brincadeira com espuma; bolinhas de sabão; brincadeira com lenços e vento; pipas de sacolas plásticas; avião de papel; corrida de avião de papel; alongamentos; brincadeiras com lanternas e objetos variados; exploração com sombras do próprio corpo e luzes solar e artificial; brincadeira de imitação/sombra; brincadeiras com retroprojeto; imitação dos movimentos relacionados à água; brincadeira com bexigas e água; bolinha de sabão com canudos de plástico unidos; propostas de relaxamento.
	Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.	Tinta da terra; argila; ilustrações de cartazes e outros textos; desenho com giz de quadro (sombra de corpos); desenho com riscantes variados (sombra de objetos); desenho no acetato; pintura com guache; folhear diferentes livros, revistas e álbuns; pintura-d'água; aquarela.
Traços, sons, cores e formas	Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.	Canções <i>Suíte dos Quatro Elementos/Abertura, O ar (O vento), Qual é a da água?</i> ; cantigas da cultura popular; construção de objetos sonoros (xilofone, pratos musicais, chocalho-d'água, flauta de canudinhos).
	Utilizar diferentes materiais, suportes e procedimentos para grafar, explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes.	Tinta da terra; argila; ilustrações de cartazes e outros textos; desenho com giz de quadro (sombra de corpos); desenho com riscantes variados (sombra de objetos); desenho no acetato; pintura com guache; esculturas na areia molhada; pintura-d'água; aquarela.
	Expressar-se por meio de linguagens como a do desenho, da música, do movimento corporal, do teatro.	Tinta da terra; argila; ilustrações de cartazes e outros textos; desenho com giz de quadro (sombra de corpos); desenho com riscantes variados (sombra de objetos); desenho no acetato; pintura com guache; pintura-d'água; aquarela; canções <i>Suíte dos Quatro Elementos/Abertura, O ar (O vento), Qual é a da água?</i> ; cantigas da cultura popular; dramatização do conto <i>Três porquinhos</i> ; brincadeiras com o teatro de sombras; brincadeiras de imitação; propostas com alongamento e relaxamento; brincadeiras com mãos e sombras; demais brincadeiras e interações propostas nas sequências didáticas.
	Utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	Canções <i>Suíte dos Quatro Elementos/Abertura, O ar (O vento), Qual é a da água?</i> ; cantigas da cultura popular; parlenda <i>Cadê o toucinho que estava aqui?</i> ; resgate de parlendas; propostas das seções <i>Musicalizar e brincar</i> .
	Imitar e criar movimentos próprios, em danças, cenas de teatro, narrativas e músicas.	Canções <i>Suíte dos Quatro Elementos/Abertura, O ar (O vento), Qual é a da água?</i> ; cantigas da cultura popular; parlenda <i>Cadê o toucinho que estava aqui?</i> ; resgate de parlendas; propostas da seção <i>Musicalizar e brincar</i> ; dramatização do conto <i>Três porquinhos</i> ; brincadeiras com o teatro de sombras; brincadeiras de imitação; brincadeiras com mãos e sombras; imitação dos personagens porquinho e lobo, usando os focinhos construídos.
Oralidade e escrita	Interações de rotina; leitura da obra de Mestre Vitalino; exploração sensorial no jardim; construção do livro de coletâneas de parlendas; horta; estruturação do chão com materiais refletivos; conto <i>Três porquinhos</i> ; propostas que focam autonomia e cuidados com nariz; brincadeiras de imitação; projeção de desenho feito no acetato; teatro de sombras; higienização das mãos; banho de bonecos; construção de álbum de animais aquáticos; preparação da receita de água aromatizada; leitura da obra <i>Amanhecer depois do naufrágio</i> , de Joseph Turner; brincadeira flutua/afunda; brincadeiras nos cantinhos: trânsito, fazenda, banho e lavanderia.	



CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO - BNCC	ONDE ENCONTRAR? BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES
Oralidade e escrita	Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e alterações em cantigas de roda e textos poéticos.	Canções <i>Suíte dos Quatro Elementos/Abertura, O ar (O vento), Qual é a da água?</i> , cantigas da cultura popular; parlendas.
	Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).	Seção <i>Pirlimpimpim, conte para mim</i> ; construções de cartazes, texto coletivo, álbum.
	Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.	Seção <i>Pirlimpimpim, conte para mim</i> , foco para o conto <i>Três porquinhos</i> .
	Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.	Interações de rotina; seção <i>Pirlimpimpim, conte para mim</i> ; leitura da obra de Mestre Vitalino; leitura da obra <i>Amanhecer depois do naufrágio</i> , de Joseph Turner; brincadeiras com teatro de sombra; brincadeiras nos cantinhos.
	Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.	Interações de rotina e todas as brincadeiras e propostas sugeridas na seção <i>Pirlimpimpim, conte para mim</i> .
	Manusear diferentes portadores textuais, demonstrando reconhecer seus usos sociais e suas características gráficas.	Cartazes; parlenda, letra da canção, receita da água aromatizada; seção <i>Pirlimpimpim, conte para mim</i> ; leituras de obras de arte; livros de contos e outros gêneros textuais; construção do livro de coletâneas de parlendas em parceria com as famílias.
	Ampliar o contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala, cardápios, notícias etc.).	Cartazes; parlenda, letra da canção, receita da água aromatizada; seção <i>Pirlimpimpim, conte para mim</i> ; leituras de obras de arte; livros de contos e outros gêneros textuais; cantigas de roda; construção do livro de coletâneas de parlendas em parceria com as famílias.
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	Manusear diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos.	Tinta da terra; argila; canetinhas; giz de cera; giz de quadro; tinta guache; pintura-d'água; aquarela; lápis aquarelável; canetas esferográficas; pincel; rolo de pintura; acetato; plástico bolha; folhas de papel; caixas; papel laminado; CDs etc.
	Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (sonoridade, textura, peso, tamanho, posição no espaço).	Cantinhos do trânsito e fazenda; tinta da terra; argila; construção de brinquedo de puxar; móvel/balança; exploração sensorial no jardim; classificação de elementos naturais; horta; construção de objetos sonoros (xilofone, pratos musicais, chocalho d'água, flauta de canudinhos); estruturação do chão com materiais refletivos; brincadeiras com bexigas; brincadeiras com secador; sino dos ventos; pintura com sapatos de plástico bolha; brincadeira com espuma; bolhas de sabão; brincadeira com lenços e vento; pipas de sacolas plásticas; avião de papel; corrida de avião de papel; leque; brincadeiras com lanternas e objetos variados; exploração com sombras do próprio corpo e luzes solar e artificial; brincadeiras com retroprojetor; móveis com garrafas e água colorida; banho de bonecos; brincadeira com bexigas e água; banho de piscina; painel maluco; bolinha de sabão com canudos de plástico unidos; escultura na areia molhada; preparação da receita da água aromatizada; pintura d'água; aquarela; brincadeira de encher e esvaziar recipientes com água; flutua ou afunda; confecção de barquinhos com papel, gelo e esponja; celofane no espelho.
	Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).	Exploração sensorial no jardim; horta; brincadeiras com secador; sino dos ventos; canção <i>O ar (O vento)</i> ; bolhas de sabão; brincadeira com lenços e vento; cata-vento; pipas de sacolas plásticas; avião de papel; corrida de avião de papel; leque; som dos ventos; exploração com sombras do próprio corpo e luzes solar; observação da chuva (seção <i>Relaxar e aproveitar: é só começar</i> ; conversa sobre as diferentes apresentações da água (chuva).



CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO - BNCC	ONDE ENCONTRAR? BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.	Exploração sensorial no jardim; horta; reutilização da água usada em diferentes brincadeiras para regar as plantas.
	Identificar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois).	Cantinhos do trânsito e fazenda; tinta da terra; argila; construção de brinquedo de puxar; móvel/balança; exploração sensorial no jardim; horta; construção de objetos sonoros (xilofone, pretos musicais, chocalho d'água, flauta de canudinhos); estruturação do chão com materiais refletivos; brincadeiras com bexigas; brincadeiras com secador; pintura com sapatos de plástico bolha; brincadeira com espuma; bolhas de sabão; brincadeira com lenços e vento; pipas de sacolas plásticas; avião de papel; corrida de avião de papel; brincadeiras com lanternas e objetos variados; exploração com sombras do próprio corpo e luzes solar e artificial; brincadeiras com retroprojeter; higienização das mãos; móveis com garrafas e água colorida; banho de bonecos; brincadeira com bexigas e água; banho de piscina; painel maluco; bolinha de sabão com canudos de plástico unidos; escultura na areia molhada; preparação da receita da água aromatizada; pintura d'água; brincadeira de encher e esvaziar recipientes com água; flutua ou afunda; confecção de barquinhos com papel, gelo e esponja; celofane no espelho.
	Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).	Argila; construção de brinquedo de puxar; móvel/balança; exploração sensorial no jardim; classificação de elementos naturais; horta; brincadeiras com bexigas; brincadeiras com secador; corrida de avião de papel; brincadeiras com lanternas e objetos variados; exploração com sombras do próprio corpo e luzes solar e artificial; brincadeiras com retroprojeter; móveis com garrafas e água colorida; chocalho d'água; brincadeira com bexigas e água; escultura na areia molhada; brincadeira de encher e esvaziar recipientes com água; flutua ou afunda; confecção de barquinhos com papel, gelo e esponja; celofane no espelho.
	Analisar situações-problema do cotidiano, levantando hipóteses, dados e possibilidades de solução.	Todas as propostas da seção 1, 2, 3 e já; confecção de objetos sonoros; cantinhos do trânsito e fazenda; tinta da terra; argila; construção de brinquedo de puxar; votação para escolha das parlendas para coletânea; móvel/balança; exploração sensorial no jardim; classificação de elementos; brincadeiras com secador; pintura com sapatos de plástico bolha; brincadeira com espuma; bolhas de sabão; brincadeira com lenços e vento; cata-vento; pipas de sacolas plásticas; avião de papel; corrida de avião de papel; representação de quantidades (desenhos, risquinhos, bolinhas na história <i>Três porquinhos</i> ); brincadeiras com lanternas e objetos variados; exploração com sombras do próprio corpo e luzes solar e artificial; brincadeiras de imitação; brincadeiras com retroprojeter; brincadeiras com mãos e sombras; brincadeira com bexigas e água; painel maluco; escultura na areia molhada; preparação da receita da água aromatizada; pintura d'água; brincadeira de encher e esvaziar recipientes com água; flutua ou afunda; confecção de barquinhos com papel, gelo e esponja; celofane no espelho.
	Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).	Construção de brinquedo de puxar; tinta da terra; argila; móvel/balança; exploração sensorial no jardim; horta; construção e manipulação de objetos sonoros; brincadeiras com secador; pintura com sapatos de plástico bolha; bolhas de sabão; brincadeira com espuma; brincadeira com lenços e vento; cata-vento; pipas de sacolas plásticas; avião de papel; corrida de avião de papel; cata-vento; leque; brincadeiras com cantigas, canções e parlendas; brincadeiras com lanternas e objetos variados; exploração com sombras do próprio corpo e luzes solar e artificial; brincadeiras de imitação; preparação da receita da água aromatizada; contação de histórias.
	Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.	Interações e brincadeiras de rotina; argila; votação para escolha das parlendas para coletânea; preparação da receita da água aromatizada; contagem dos personagens da história <i>Três porquinhos</i> .
	Registrar com números a quantidade de crianças (meninas e meninos, presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas, livros etc.).	Representação de quantidades dos personagens da história <i>Três porquinhos</i> ; representação de quantidades dos ingredientes usados na receita (quantas folhas de hortelã e quantas rodela de abacaxi).



# Referências



## CAPÍTULO 1

### 1.1

BRASIL. Constituição (1988). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 5 out. 1988.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). Emenda Constitucional nº 53, de 19 de dezembro de 2006. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 2006a.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 12 nov. 2009a.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 27 set. 1990.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1966. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996a.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2001a.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 fev. 2006b.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer nº 22, de 17 de dezembro de 1998. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 mar. 1999a.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 4, de 16 fev. 2000. Parecer normativo sobre as Diretrizes Operacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 6 jul. 2001b.

\_\_\_\_\_. Parecer nº 20, de 11 de novembro de 2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 dez. 2009b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. TV Escola/Salto para o futuro. *Avaliação no ciclo de alfabetização: mitos e fatos*, Brasília, ano XXIII, nov. 2012. (Boletim 9).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros nacionais de infraestrutura para instituições de Educação Infantil*. Brasília, 2006c.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil*. Brasília, 2006d. v. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação*. Brasília, 2006e.

\_\_\_\_\_. *Práticas cotidianas na Educação Infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares*. Brasília, 2009c.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. *Formação continuada à distância de professores para o atendimento educacional especializado*. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenadoria de Educação Infantil. *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*, Brasília, 2009d.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação de Educação Infantil. *Política Nacional de Educação Infantil*. Brasília, 1994a.

\_\_\_\_\_. *Propostas pedagógicas e currículo em Educação Infantil*. Brasília, 1996b.

\_\_\_\_\_. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília, 1998a. v. 1-3.

\_\_\_\_\_. *Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de Educação Infantil*. Brasília, 1998b.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 1, de 7 de abril de 1999. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 13 abr. 1999b.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 18 dez. 2009e.

CORSARO, W. A. *A sociologia da infância*. Tradução de Lia Gabriel Regius Reis. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GIUSSANI, L. *O senso religioso*. Tradução de P. A. Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.



- O COMEÇO da vida – infância negada. Direção de Estela Renner. Série. Disponível em: <<http://o.comecodavida.com.br/infancia-negada-ep-04>>. Acesso em: 23 set. 2017.
- OLIVEIRA, Z. de M. R. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- OLIVEIRA, Z. de M. R. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, 1., 2010, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2010b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7153-2-1-curriculo-educacao-infantil-zilma-moraes/file>>. Acesso em 9 jan. 2018.
- PINTO, G. C. A mente do bebê. *Mente e Cérebro*, São Paulo, v. 3, p. 71, 2006.
- ZOIA, A.; PERIPOLLI, J. O. Infância indígena e outras infâncias. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 9-24, jul./dez. 2010.
- 1.2**
- ALENCAR, M. TV atrapalha a linguagem verbal das crianças. *Revista Viva Saúde*. 24 nov. 2014. Disponível em: <<http://revistavivasauade.uol.com.br/clinica-geral/tv-atrapalha-a-linguagem-verbal-das-criancas/3633/#>>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- BATTAGLIA, L. As principais etapas do desenvolvimento cerebral, psíquico, cognitivo e social desde a vida fetal até os 5 anos. *Mente e Cérebro*, São Paulo, v. 1, 2006. (Coleção A mente do bebê).
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenadoria de Educação Infantil. *Crêches para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*, Brasília, 2009.
- CASTRO, V. Aos teus pés. Intérprete: Grupo Cria. In: Grupo Cria. Brasil. Disponível em: <<https://soundcloud.com/grupocria>>. Acesso em: 27 set. 2017.
- CYPEL, S. (Org.). *Fundamentos do desenvolvimento infantil: da gestação aos 3 anos*. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2011.
- CRECHE: Sete respostas para as dúvidas mais comuns sobre a chupeta. *Nova Escola*, São Paulo: Abril, p. 49, maio 2010.
- FELIPE, J. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. da S. *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 27-37.
- JACOB, S. H. *Estimulando a mente de seu bebê*. Tradução de Norberto de Paula Lima. São Paulo: Madras, 2002.
- KAIL, R. V. *A criança*. Tradução de Cláudia Santana Martins. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- LA TAILLE, Y. de (Org.). *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- LIEURY, A. *Coleção Experimentos Essenciais de Psicologia*. São Paulo: Duetto Editorial, 2010.
- MENTE E CÉREBRO. Série especial da revista *A mente do bebê*. v. 1, 2, 3 e 4. São Paulo: Segmento, 2006.
- MONROE, C. Dossiê chupeta: chega de dúvidas. *Nova Escola*, São Paulo: Abril, n. 232, p. 48-49, maio 2010.
- MOYLES, J. et al. *Fundamentos da Educação Infantil: enfrentando o desafio*. Tradução de Maria Adriana Verissimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- O COMEÇO da vida. Disponível em: <<http://o.comecodavida.com.br/>>. Acesso em: 24 set. 2017.
- PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Tradução de Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- PINTO, G. C. A mente do bebê. *Mente e Cérebro*, São Paulo, v. 3, p. 71, 2006.
- RONCA, P. A. C.; TERZI, C. do A. *O pensamento parece uma coisa à toa...: caminhos que ligam o pensar ao conhecimento*. 5. ed. São Paulo: Instituto Esplan, 2001.
- SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVRO. *O primeiro ano de seu bebê: mês a mês*. Tradução de Caroline Caires Coelho. São Paulo: CMS, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Como estimular a inteligência do seu filho*. Tradução de Ana Beatriz Manier. Rio de Janeiro: Reader's Digest, 2006.
- UNICEF. *Convenção sobre os Direitos das Crianças*. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10127.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10127.htm)>. Acesso em: 28 out. 2014.
- UNICEF/WHO. *Diarreias: why children are still dying and what can be done*. 2009. Disponível em: <[https://www.unicef.org/media/files/Final\\_Diarrhoea\\_Report\\_October\\_2009\\_final.pdf](https://www.unicef.org/media/files/Final_Diarrhoea_Report_October_2009_final.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2017.
- VALERO, C. *O bebê de 0 a 3 anos*. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2009.
- WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.



### 1.3

BARBOSA, M. C. S. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. Tempo e cotidiano – tempos para viver a infância. *Leitura: teoria e prática*. Campinas, v. 31, n. 61, p. 213-222, nov. 2013.

BARBOSA, M. C. S.; FOCHI, P. S. Os bebês no berçário: ideias-chave. In: FLORES, M. L. R.; ALBUQUERQUE, S. S. de (Org.). *Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 57-68.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. *Projetos pedagógicos na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BOCCIA, P. *Acabe com o meu dodói*. In: Guia do Bebê. São Paulo: Abril, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Rede Nacional Primeira Infância. Organização Mundial para Educação Pré-escolar. *Deixa eu falar*. Brasília, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros nacionais de qualidade para a Educação Infantil*. Brasília, 2006. v. 1 e 2.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenadoria de Educação Infantil. *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. Brasília, 2009.

CARVALHO, S. P. de; KLISYS, A.; AUGUSTO, S. (Org.). *Bem-vindo, mundo!: criança, cultura e formação de educadores*. São Paulo: Peirópolis, 2006.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. da S. (Org.). *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

EYER, D. W.; GONZALEZ-MENA, J. *O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche: um currículo de educação e cuidados baseados em relações qualificadas*. Porto Alegre: AMGH, 2014.

FERREIRA, A. B. de H. *Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FORNERO, L. I. A organização dos espaços na educação infantil. In: Zabalza, Miguel. *Qualidade na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREIRE, M. *A paixão de conhecer o mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FÜLLGRAF, J.; WIGGERS, V. *Projetos e práticas pedagógicas: na creche e na pré-escola*. Brasília: Liber Livro, 2014.

GANDINI, L. Conectando-se por meio dos espaços de cuidado e de aprendizagem. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação*. Porto Alegre: Penso, 2016.

HORN, M. da G. *Brincar e interagir nos espaços da escola infantil*. Porto Alegre: Penso, 2017.

HOYUELOS, A. Os tempos da infância. In: FLORES, M. L. R.; ALBUQUERQUE, S. S. de (Org.). *Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 39-56.

KLAUS, M. H.; KLAUS, P. H. *Seu surpreendente recém-nascido*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PANIAGUA, G.; PALACIOS, J. *Educação Infantil: resposta educativa à diversidade*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RIZZO, G. *Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

ZABALZA, M. A. *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

### 1.4

BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. *Manual de Educação Infantil: 0-3 anos – uma abordagem reflexiva*. Tradução de Rosana Severino Di Leone e Alba Olmi. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BORBA, Â. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília, 2007. p. 33-46.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Terceira versão. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Rede Nacional Primeira Infância. Organização Mundial para Educação Pré-escolar. *Deixa eu falar*. Brasília, 2011.

BROCK, A. et al. *Brincar: aprendizagem para a vida*. Porto Alegre: Penso, 2011.

CARNEIRO, M. A. B.; DODGE, J. J. *A descoberta do brincar*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

DIA do índio: vídeos revelam a infância e o brincar na comunidade indígena Panará. *Território do brincar na mídia*. Disponível em: <<http://territoriodobrincar.com.br/territorio-do-brincar-na-midia/dia-do-indio-videos-revelam-a-infancia-e-o-brincar-na-comunidade-indigena-panara/>>. Acesso em: 21 dez. 2017.



GOBBATO, C. Para além da sala do berçário. *Revista Pátio – Educação Infantil*, Porto Alegre, ano XI, n. 35, p. 12-15, abr./jun. 2013.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*. Porto Alegre: Grupo A, 2006.

FORTUNA, T.; SILVA, N. S. Concepções sobre o brincar dos bebês. *Revista Pátio – Educação Infantil*. Porto Alegre, ano XI, n. 35, p. 4-7, abr./jun. 2013.

MEIRELLES, R. *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MOYLES, J. *Só brincar? O papel do brincar na Educação Infantil*. Tradução de: Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

O FETO aprende. *Superinteressante*. 31 out. 2016. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/feto-aprende-437572.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

PIAGET, J. *Seis estudos da psicologia*. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

SILVA JÚNIOR, H.; BENTO, M. A. S.; CARVALHO, S. P. (Coord.). *Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT; Instituto Avisa lá – Formação Continuada de Educadores, 2012.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. *Saúde de crianças e adolescentes na era digital*. Manual de orientação, n. 1, 2016.

TARJA branca: a revolução que faltava. *Espaço Itaú de Cinema*. Disponível em: <<http://www.itaucinemas.com.br/filme/tarja-branca>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

## 1.5

AINSCOW, M. Garantir que cada aluno é importante: a melhora da equidade dentro dos sistemas de educação. In: GAIRÍN, J.; ANTÚNEZ, S. (Ed.). *Organizações educativas ao serviço da sociedade*. Madrid: Wolters Kluwer, 2008. p. 261-282.

ALVAREZ, L. O ritmo de si. *Educação*, São Paulo, n. 6, p. 39-43, jul. 2013.

BRASIL. Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer n.º 20, de 11 de novembro de 2009. Revisão das diretrizes curriculares nacionais para a

Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 dez. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. *Formação continuada à distância de professores para o atendimento educacional especializado*. Brasília, 2007a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial*. Brasília, 2007b.

CARVALHO, R. E. *Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva*. Porto Alegre: Mediação, 2000.

GUIA DO BEBÊ. São Paulo: Símbolo, p. 9-10, 2007.

LOPES, A. D. Bebês: o novo manual de instruções. *Veja*, São Paulo, n. 41, p. 140, out. 2009.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência verbal*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ORTIZ, C.; CARVALHO, M. T. V. de. *Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação*. São Paulo: Blucher, 2013.

PANIAGUA, G.; PALACIOS, J. *Educação Infantil: resposta educativa à diversidade*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PINTO, A.; CACHEL, J. G. *Educação infantil: grupo 1: livro de Vivências*. Curitiba: Positivo, 2015.

WEBER, L. *Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites*. Curitiba: Juruá, 2005.

## 1.6

BONOMI, A. O relacionamento entre educadores e pais. In: BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. *Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva*. Tradução de Rosana Severino Di Leoni e Alba Olmi. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 161-172.

BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. *Manual de Educação Infantil: 0-3 anos – uma abordagem reflexiva*. Tradução de Rosana Severino Di Leone e Alba Olmi. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 27 set. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n.º 2, de 28 de abril de 2008. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento



da Educação Básica do Campo. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 29 abr. 2008.

IBGE. *Censo 2010: País tem declínio de fecundidade e migração e aumentos na escolarização, ocupação e posse de bens duráveis*. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/14123-asi-censo-2010-pais-tem-declinio-de-fecundidade-e-migracao-e-aumentos-na-escolarizacao-ocupacao-e-posse-de-bens-duraveis.html>> Acesso em: 07 out. 2017.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ORTIZ, C. Entre adaptar-se e ser acolhido. *Revista Avisalá*, ed. 2 jan. 2000. Disponível em: <<http://avisala.org.br/index.php/assunto/jeitos-de-cuidar/entre-adaptar-se-e-ser-acolhido/>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

PANIAGUA, G.; PALACIOS, J. *Educação Infantil: resposta educativa à diversidade*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTANA, V. C.; OLIVEIRA, D. C.; MEIRA, T. A. V. Novos arranjos familiares: uma breve análise. *EFDportes.com*, Buenos Aires, ano 17, n. 177, fev. 2013.

SILVA, A. P. S.; PASUCH, J. Orientações curriculares para a educação infantil do campo. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6675-orientacoescurriculares&category\\_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6675-orientacoescurriculares&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 21 dez. 2017

WEBER, L. *Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites*. Curitiba: Juruá, 2005.

## 1.7

ALTIMIR, D. *¿Cómo escuchar a la infancia?* Barcelona: Octaedro, 2010.

BARBOSA, M. C. S.; FERNANDES, S. Uma ferramenta para educar-se e educar de outro modo. *Revista Pátio*, ano X, n. 30, p. 8-11, jan./fev./mar. 2012. Disponível em: <<http://loja.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/6243/uma-ferramenta-para-educar-se-e-educar-de-outro-modo.aspx>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

BARROS, M. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006.

BONDIOLLI, A. *O projeto pedagógico da creche e sua avaliação: a qualidade negociada*. Campinas: Autores Associados, 2004.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução n.º 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 18 dez. 2009a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Práticas cotidianas na Educação Infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares*. Brasília, 2009b. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat\\_seb\\_praticas\\_cotidianas.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf)>. Acesso em: 21 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenadoria de Educação Infantil. *Referencial curricular nacional para a Educação Infantil*. Brasília, 1998. v. 1-3.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. Documentação pedagógica: uma prática para a reflexão e para a democracia. In: \_\_\_\_\_. *Qualidade na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 189-207.

DEHEIMZELUM, M. (Ed.). *Por um triz: arte e cultura – atividades e projetos educativos*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FERREIRA, A. B. de H. *Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FOCHI, P. S. *"Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?": documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva*. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

\_\_\_\_\_. Planejar para tornar visível a intenção educativa. *Revista Pátio*, ano XIII, n. 45, out./nov./dez. 2015. Disponível em: <<http://loja.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/12083/planejar-para-tornar-visivel-a-intencao-educativa.aspx>>. Acesso em: 2 out. 2017.

HOFFMANN, J. *Avaliação na Pré-Escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança*. 16. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

JUNQUEIRA FILHO, G. de A. Conversando, lendo e escrevendo com as crianças na educação infantil. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Org.). *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 135-152.

LIMA, Elvira Souza. *Avaliação na escola*. São Paulo: Sobraquinho 107, 2006.



- LOPES, A. C. T. L. *Educação Infantil e registro de práticas*. São Paulo: Cortez, 2009.
- MENTGES, M. J.; TROIS, L. P. *Diretrizes da educação infantil*. Porto Alegre: Centro Marista de Comunicação, 2015.
- MORETTO, V. P. *Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- OSTETTO, L. E. (Org.). *Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- OSTETTO, L. E. (Org.). *Encontros e encantamentos na Educação Infantil*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- RINALDI, C. *Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender*, tradução de Vania Cury. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- SANS, P. de T. C. *Pedagogia do desenho infantil*. 3. ed. Campinas: Alínea, 2009.
- WARSCHAUER, C. *A roda e o registro*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- ZERO, P. *Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo*. Tradução de Thaís Helena Bonini. São Paulo: Phorte, 2014.
- 1.8**
- ARDOS, A.; SZANTO-FEDER, A. O que é autonomia na primeira infância. In: FALK, J. (Org.). *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011.
- BARBOSA, M. C. S. *As especificidades da ação pedagógica com os bebês*. ago. 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6670-asespecificidades-daacao pedagogica&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6670-asespecificidades-daacao pedagogica&Itemid=30192)>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução n.º 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 18 dez. 2009.
- EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Penso, 2016.
- FALK, J. (Org.). *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Araraquara: Junqueira e Marin, 2011.
- FOCHI, P. S. "Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?": documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- FOCHI, P. S. et al. A pedagogia dos detalhes para o trabalho com bebês na creche a partir dos pressupostos de Lóczy. *Olhares*, Guarulhos, v. 5, n. 1, p. 35-49, maio 2017. Disponível em: <<http://www.olhares.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/640/236>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- GALEANO, E. *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- RINALDI, C. Documentação e avaliação: qual a relação? In: REGGIO CHILDREN; PROJECT ZERO. *Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo*. Tradução de Thaís Helena Bonini. São Paulo: Phorte, 2014.
- TRISTÃO, F. C. D. Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 6, n. 9, p. 1-14, jan. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/9360>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- 1.9**
- ALVAREZ, L. O ritmo de si. *Educação*, São Paulo, n.º 6, p. 39-43, jul. 2013.
- BAPTISTA, M. C. *A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância*. Brasília, 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6790-alinguagemescrita&category\\_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6790-alinguagemescrita&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 15 out. 2017.
- BARBOSA, M. C. S. *Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Terceira versão. Brasília, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer n.º 20, de 11 de novembro de 2009. Revisão das diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 dez. 2009a.
- \_\_\_\_\_. Resolução n.º 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 18 dez. 2009b.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



*Práticas cotidianas na Educação Infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares.* Brasília, 2009c. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat\\_seb\\_praticas\\_cotidianas.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf)>. Acesso em: 21 dez. 2017.

BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. *Manual de Educação Infantil: 0-3 anos – uma abordagem reflexiva.* Tradução de Rosana Severino Di Leone e Alba Olmi. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.* Porto Alegre: Penso, 2016.

FALK, J. *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy.* Araraquara: Junqueira e Marin, 2011.

FILGUEIRAS, I. Linguagem corporal no currículo da educação infantil. *Revista Pátio*, ano XV, n. 50, p. 8-11, jan./mar. 2017.

FOCHI, P. S. A didática dos campos de experiência. *Revista Pátio*, ano XIV, n. 49, p. 4-7, out./dez. 2016. Disponível em: <<https://loja.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/12859/a-didatica-dos-campos-de-experiencia.aspx>>. Acesso em: 15 out. 2017.

GARCIA, E. G. *Prazer em ler.* São Paulo: Instituto C&A, 2006.

HOLM, A. M. *Baby-art: os primeiros passos com a arte.* São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

MONTEIRO, P. *As crianças e o conhecimento matemático: experiências de exploração e ampliação de conceitos e relações matemáticas.* ago. 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6669-ascricanaseoconhecimentomatematico&category\\_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6669-ascricanaseoconhecimentomatematico&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 22 dez. 2017.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos.* 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PAGANO, A. Como o olhar dos adultos sustenta as aprendizagens das crianças. In: GARCIA, J.; PAGANO, A.; JUNQUEIRA FILHO, G. A. *Educação Infantil em Reggio Emilia: reflexões para compor um diálogo.* Curitiba: UTP, 2017. p. 17-45.

RICHTER, S. R. S.; BARBOSA, M. C. S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. *Educação (UFES)*, Santa Maria, p. 85-96, maio 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/reveducao/article/view/1605>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

SIMIÃO, L. P.; BUSS-SIMÃO, M. Desafios e possibilidades dos campos de experiência educativa. *Revista Pátio*, ano XIV, n. 49, p. 8-11, out./dez. 2016.

VEIGA, I. P. A. V. *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível.* Campinas: Papirus, 2005.

## CAPÍTULO 2

### 2.1

AMERICANO, M.; NALINI, D. A criança e a Arte: busca e encontro. *Avista lá*, São Paulo, n. 23, 2013.

BAGNO, M. *Festa no meu jardim.* Curitiba: Positivo, 2011.

CAVE, S.; FERTLEMAN, C. *Brincadeiras criativas para bebês inteligentes.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

ELIAS, J. *Lua no brejo com novas trovas.* Porto Alegre: Projeto, 2007.

### 2.2

BATLLORI, J.; ESCANDELL, V. *150 jogos para a estimulação infantil – atividades para ajudar no desenvolvimento de crianças de 0 a 3 anos.* Tradução de Flávia Delgado. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

BLANCHET, S. *Grands Peintres.* Neuilly-sur Seine: Prisma Presse, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Unicef. *Brinquedos e brincadeiras de creches.* Brasília, 2012.

BRITO, T. A. de. *Música na educação infantil.* São Paulo: Peirópolis, 2003.

BROCK, A. et al. *Brincar: aprendizagem para a vida.* Porto Alegre: Penso, 2011.

BURKE, L. *Pequenos cientistas: corpo.* São Paulo: Publifolhinha, 2012.

CAPARELLI, S. *111 poemas para crianças.* Porto Alegre: L&PM, 2011.

CAVE, S.; FERTLEMAN, C. *Brincadeiras criativas para bebês inteligentes.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

CICERONE, P. E. Em ritmo musical. *A mente do bebê*, São Paulo, v. 3, 2006.

FARTHING, S. (Ed.). *501 grandes artistas.* Rio de Janeiro: Sextante, 2009.



- FERREIRA, A. B. de H. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.
- GOFFIN, J. *Ah! Bélgica*: Rmn, 2008.
- GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*. Tradução de Marlon Xavier. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- HOLM, A. M. *Baby-art: os primeiros passos com a arte*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.
- LALAU; LAURABEATRIZ. *Bem-te-vi e outras poesias*. São Paulo: Companhia das Letrinhas; Itaú, 2010.
- LUGAR de bebê é fora do berço. *Nova Escola*. ed. 271, abr. 2014. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/8291/lugar-de-bebe-e-fora-do-berco>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- MACEDO, M. da S. *Dicionário de rimas da língua portuguesa*. Brasil. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2004.
- MAJEM, T.; ÔDNA, P. *Descobrir brincando*. Campinas: Autores Associados, 2010.
- MUSEU NAÍF. *Arte e artistas*. Disponível em: <<http://www.museunaif.com/artenaiif/>>. Acesso em: 22 dez. 2015.
- NA PRACINHA. *Hora de brincar! estímulos para bebês de 10 meses*. Disponível em: <<https://napracinha.com.br/2015/11/hora-de-brincar-estimulos-para-bebes-de/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- OLFATO: o sentido da vida. *Superinteressante*. 31 out. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/olfato-o-sentido-da-vida/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- ORTIZ, C.; CARVALHO, M. T. V. de. *Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação*. São Paulo: Blucher, 2013.
- PALAVRA CANTADA. *Rádio Palavra Cantada*. Disponível em: <<http://palavracantada.com.br/radio/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- PASTORAL DA CRIANÇA. *Alimentação dos bebês não amamentados ao peito*. 29 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.pastoraldacrianca.org.br/pt/outrosassuntos/3254-alimentacao-dos-bebes-nao-amamentados-ao-peito>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- PORTAL UMAMI. *Alimentos umami*. Disponível em: <<http://www.portalumami.com.br/alimentos-umami/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. *Os fazeres na educação infantil*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOMAURO, B. O que tem dentro deste cesto? *Nova Escola*, São Paulo, n. 265, p. 60-62, set. 2013.

## CAPÍTULO 3

### 3.1

- AGULHAM, C. C.; NOVO, A. A. *Práticas de artes visuais para crianças de 0-5 anos*. Curitiba: Pró-Infantil, 2009.
- ALVES, R. *Educação dos sentidos e mais*. Campinas: Verus, 2011.
- AMERICANO, M.; NALINI, D. A criança e a Arte: busca e encontro. *Avisa lá*, São Paulo, n. 23, 2013.
- BATLLORI, J.; ESCANDELL, V. *150 jogos para a estimulação infantil – atividades para ajudar no desenvolvimento de crianças de 0 a 3 anos*. Tradução de Flávia Delgado. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 20, de 11 de novembro de 2009. Revisão das diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 dez. 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil*. encarte 1. Brasília, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Unicef. *Brinquedos e brincadeiras de creches*. Brasília, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Terceira versão. Brasília, 2017.
- BROCK, A. et al. *Brincar: aprendizagem para a vida*. Porto Alegre: Penso, 2011.
- CAPPARELLI, S. *111 poemas para crianças*. Porto Alegre: L&PM, 2011.



CAVE, S.; FERTLEMAN, C. *Brincadeiras criativas para bebês inteligentes*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

DUARTE, M. *O livro das invenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOLM, A. M. *Baby-art: os primeiros passos com a arte*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

JUNQUEIRA FILHO, G. Conversando, lendo e escrevendo com as crianças na educação infantil. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Org.). *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

KLISYS, A. et al. *Brinca ciência*. Santo André: Prefeitura Municipal, 2012.

LALAU; LAURABEATRIZ. *Olho por olho*. Barueri: Amariys, 2013.

LOUREIRO, M.; TATT, A. *Festas e danças brasileiras*. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

ORTIZ, C.; CARVALHO, M. T. V. de. *Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação*. São Paulo: Blucher, 2013.

SWEENEY, S. (Ed.). *Ilusões de óptica incríveis*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2012.

TRISTÃO, F. C. D. Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. *Zero-a-seis*, Florianópolis, v. 6, n. 9, p. 1-14, 2004.

### 3.2

ATAIDE, G. *A psicanálise dos contos de fadas*. 31 jan. 2009. Disponível em: <<http://glauberataide.blogspot.com.br/2009/01/psicanalise-dos-contos-de-fadas.html>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

AYRES, C. *Vida dos grandes artistas*. São Paulo: Claro Enigma, 2013.

BATLLORI, J.; ESCANDELL, V. *150 jogos para a estimulação infantil – atividades para ajudar no desenvolvimento de crianças de 0 a 3 anos*. Tradução de Flávia Delgado. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Unicef. *Brinquedos e brincadeiras de creches*. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Terceira versão. Brasília, 2017.

BURKE, L. *Pequenos cientistas: água*. São Paulo: Publifolhinha, 2012.

CAVE, S.; FERTLEMAN, C. *Brincadeiras criativas para bebês inteligentes*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

CHALLONER, J. *Som e luz*. Baueri: Girassol, 2012.

COMO prevenir afogamentos. ONG Criança Segura. Disponível em: <<http://criancasegura.org.br/categoria-dica/area-risco/afogamento/>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

CORTEZ, C. Entre as sombras e as luzes: um contraste que diverte e ensina. *Avisa lá*, São Paulo, n. 22, 2005.

COSTA, L. Cabeça nas nuvens e pés no chão. *Avisa lá*, São Paulo, n. 42, 2010.

FALK, J. *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Araraquara: Junqueira e Marin, 2011.

FARTHING, S. (Ed). *501 grandes artistas*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

FRAUENDORF, R. Brincar com água e aprender na ação. *Avisa lá*, São Paulo, n. 19, 2004.

GURGEL, T. Brincando com regras. *Nova Escola*, São Paulo, dez. 2006. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1257/brincando-com-regras>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

HOLM, A. M. *Baby-art: os primeiros passos com a arte*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

KINDERSLEY, D. *Arte para crianças*. São Paulo: Publifolha, 2010.

MARANHÃO, D. Água com moderação é questão de educação. *Avisa lá*, São Paulo, n. 19, 2004.

ORTIZ, C.; CARVALHO, M. T. V. de. *Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação*. São Paulo: Blucher, 2013.

PIORSKI, G. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

REGGIO CHILDREN. *Una città, tanti bambini: memorie di una storie presente*. Reggio Emilia, 2014.



ISBN 978854672057-6



9 788546 720576